

MIGUEL ÂNGELO MONTAGNER

***A TEORIA DA PRÁTICA DE BOURDIEU E A SOCIOLOGIA
DA SAÚDE: REVISITANDO AS ACTES DE LA RECHERCHE
EN SCIENCES SOCIALES***

CAMPINAS

2003

MIGUEL ÂNGELO MONTAGNER

***A TEORIA DA PRÁTICA DE BOURDIEU E A SOCIOLOGIA
DA SAÚDE: REVISITANDO AS ACTES DE LA RECHERCHE
EN SCIENCES SOCIALES***

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre
em Saúde Coletiva.*

Orientador: Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes.

CAMPINAS

2003

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

M76t

Montagner, Miguel Ângelo.

A Teoria da prática de Bourdieu e a sociologia da saúde: revisitando as *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* / Miguel Ângelo Montagner. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Everardo Duarte Nunes

Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. *Sociologia médica. 2. Ciências sociais. 3. *Teoria de campo.
I. Everardo Duarte Nunes. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Orientador: Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes.
Membros:
Profa Dra Solange L' Abatte
Prof. Dr. Nelson Filici de Barros

Curso de pós-graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da
Universidade Estadual de Campinas.

Data: 25/02/2003

Dedico este trabalho

*À Inez, companheira nos pequenos e grandes
momentos da vida,*

A meu filho, oásis de pura alegria e amor,

e

*Aquele que me concedeu a crença de que era possível, o
talento necessário, a força para realizá-lo e a
felicidade de concluí-lo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço

Ao meus familiares, pela paciência e amor,

Ao professor Everardo Duarte Nunes, por ter acreditado, aberto um caminho e me ajudado firmemente a trilhá-lo,

À Ecilda Nunes, pela atenção, carinho e aconchego, além da minúcia de leitura durante a construção desse trabalho,

Ao amigo Lucas, companheiro de trajetória e lutas, primeiro a ler e incentivar o esboço inicial desse projeto,

Ao professor Arnoni Prado, por acolher meus questionamentos com amizade e sensibilidade,

Aos companheiros do GESS e do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Unicamp, por compartilharem os momentos de dúvida.

*Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus
e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a
terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar
semente ao semeador e pão ao que come,
Assim será a palavra que sair da minha boca: não
voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e
prosperará naquilo para que a designei.*

Isaías 55:10

	PÁG.
RESUMO.....	<i>xxv</i>
ABSTRACT.....	<i>xxix</i>
INTRODUÇÃO.....	33
CAPÍTULO I – A SOCIOLOGIA MÉDICA FRANCESA.....	47
Introdução.....	49
Uma conjunção de saberes: A Medicina Social.....	49
As revoluções e seus ideólogos.....	51
Da idéia de Progresso à idéia de Saúde.....	52
A emergência da sociologia médica na Europa.....	62
Um campo específico – a sociologia médica francesa.....	69
CAPÍTULO II – GENEALOGIA DA TEORIA DE PRÁXIS.....	75
Introdução.....	77
Etimologia do conceito de habitus.....	78
As dimensões do habitus.....	81
A Dimensão Categorical.....	85
A Dimensão Disposicional.....	87
A Dimensão Distribucional.....	89
A Dimensão Econômica.....	91
O conceito de campo.....	93

CAPÍTULO III – MEDICINA EM ACTES.....	105
Introdução.....	107
A Medicina nas obras de Pierre Bordieu.....	108
O primeiro balanço – Revue Française de Sociologie – 1973.....	114
Porque a <i>Actes de la recherche en sciences sociales</i>	120
Os intelectuais de <i>Actes</i>	131
A revista <i>Actes</i> como vontade e representação.....	136
Saúde e Medicina nas <i>Actes</i>	143
Análise dos conteúdos temáticos.....	146
A Temática do Corpo.....	151
Análise teórico-conceitual.....	160
Utilizações do instrumental de Bordieu no Brasil.....	178
CONCLUSÕES – AS IMPLICAÇÕES DA PRAXIOLOGIA.....	193
Introdução.....	195
A teoria e seu alcance.....	196
Três lógicas centrais da teoria de práxis.....	203
Em busca de uma Sociologia do Corpo.....	206
Em busca de uma Sociologia das Representações Sociais.....	211
Em busca de uma Teoria da Distinção.....	216
Os Estilos de Vida como expressão do Habitus.....	220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	227
ANEXOS.....	237

LISTA DE TABELAS

	<i>PÁG.</i>
Tabela 1: Distribuição percentual dos conteúdos temáticos dos artigos da <i>Revue Française de Sociologie</i> , 1960-1973.....	118
Tabela 2: Temas dos trabalhos, classificados segundo a revista e período de publicação, distribuídos por categoria.....	147
Tabela 3: Distribuição dos conceitos presentes nos artigos de sociologia da saúde da <i>Actes de la recherche en sciences sociales</i>	224

LISTA DE FIGURAS

	<i>PÁG.</i>
Figura 1. Capa, Sumário e Editorial da Actes número 1 e Editorial da número 100.....	137

LISTA DE QUADROS

	PÁG.
Quadro 1. Primórdios da sociologia médica na Europa.....	66
Quadro 2. Formas do vocábulo de acordo com o sentido, em diversas línguas.....	79
Quadro 3. Difusão das Revistas Francesas de Sociologia nas Bibliotecas Universitárias em 1999.....	126
Quadro 4. Artigos em conjunto de Bourdieu e pesquisadores, 1975-2001.....	132
Quadro 5. Número de artigos por autores, período de publicação e artigos em conjunto.....	133
Quadro 6. Artigos de sociologia da saúde, distribuídos por década de publicação.....	144
Quadro 7. Artigos da revista <i>Actes de la recherche</i> , distribuídos em quantidade por ano/artigos de sociologia de saúde por ano, período de 1975 – 2001.....	144
Quadro 8. As Fontes da Dinâmica do Habitus.....	201
Quadro 9. <i>Habitus</i> como um contínuo entre o indivíduo e a sociedade.....	205





RESUMO

O objetivo principal desse trabalho é analisar a utilização do instrumental teórico da praxiologia de Pierre Bourdieu dentro da sociologia médica ou da saúde, principalmente no campo acadêmico francês e, indiretamente, no campo da sociologia médica no Brasil.

Após descrevermos a tradição de pensamento social francês, sobretudo aquela relacionada à saúde, e traçarmos as principais linhas relacionadas à medicina social, procuramos situar e mostrar a importância de Pierre Bourdieu dentro dessa tradição, delineando as características principais da sua teoria da prática ou praxiologia.

Como instrumento heurístico, selecionamos um conjunto de artigos referentes à sociologia médica ou sociologia da saúde, publicados entre 1975 – 2001 na revista **Actes de la recherche en sciences sociales**. Assumimos esta revista como veículo de difusão do modo de pensamento relacional de Bourdieu, pois foi lançada no campo francês como expressão do grupo de pesquisadores reunidos em torno daquele autor e afinados com a sua proposta de pesquisa científica, no momento de consagração dessa vanguarda intelectual.

Através da metodologia fornecida pelo próprio autor, onde a genealogia dos conceitos de **habitus e campo** ocupa um lugar central, realizamos uma classificação temática e conceitual dos artigos selecionados, como maneira de apreender a conformação do campo da saúde francês e as mudanças ocorridas no tratamento do objeto saúde naquele período histórico. Da confrontação entre o campo da sociologia da saúde francês e o material contido nesse conjunto de artigos selecionados, esperamos obter indicações seguras sobre a configuração que assume a teoria de Bourdieu quando toma como objeto a saúde, a doença e a medicina, e quando aplicada por pesquisadores alinhados à sua visão teórica.

Por fim, procuramos projetar as problemáticas internas da teoria da práxis nos espaços sociais onde essas práticas ocorrem, extraindo dessas discussões possibilidades de aplicação do referencial de Bourdieu na área médica, tanto no campo francês como no espaço social brasileiro, como forma de enriquecer e incentivar a busca de novos caminhos que possam resolver os graves problemas ligados à saúde na sociedade.

Palavras-chave: Bourdieu, campo, *habitus*, sociologia médica, teoria da prática, praxiologia, sociologia da saúde, estilo de vida, representações sociais.



ABSTRACT

The objective of this thesis is to analyze the use of Pierre Bourdieu's theory of praxiology in the area of medical sociology or health, specifically in the French academic field and, indirectly, in the field of medical sociology in Brazil.

Following a description of the tradition of French social thought in relation to the field of health as well an outline of principal research endeavors related to social medicine, our intent in this study is to situate and to point to the importance of the work of Pierre Bourdieu within that tradition and to describe the main characteristics of his theory of praxiology.

As an heuristic instrument, we selected a number of articles dealing with medical sociology or the sociology of health published in the *Actes de la recherche en sciences sociales* from the years 1975 to 2000. We take it as given that this journal is viewed by specialists in the field as being the major instrument in the presentation and development of the relational thought of Bourdieu; over the course of those years, it functioned as the principal vehicle for transmission of his ideas by research groups who identified themselves with his approach and contributed to the recognition of that intellectual vanguard.

In this study, we made use of Bourdieu's methodology in which the notions *habitus* and *field* hold a central place, in order to propose a thematic and conceptual classification of the articles that were selected. This procedure enabled us to understand not only development of the field of health but also the different changes in the treatment of the issue of health in France during the period covered in this study. Based on the comparison of the field of the sociology of health in France with the ideas and themes found in the articles examined, we confirm Bourdieu's theories with respect to health, illness and medicine when they are applied by those researches who work within his theoretical foundation.

In this study, we also attempt to project the internal problems of the theory of praxis in the social spaces where those practices occur and extract from those debates possible applications of Bourdieu's theory to the medical area in both France and Brazil for the purpose of encouraging the search for new ways and means that may contribute to solving serious health-related problems faced by society.

Keywords: Bourdieu, field, habitus, medical sociology, praxiology, medicine, health.



INTRODUÇÃO

Na sociologia contemporânea, a ausência de grandes paradigmas parece ser uma característica constante e, ao mesmo tempo, um dado comum, presente nas atividades de pesquisa e nos discursos sobre essa prática social que é a pesquisa sociológica.

Os esforços empreendidos pelos pais fundadores, traduzidos em grandes teorias de caráter eminentemente global, passaram por revisões contínuas desde seu aparecimento, bem como por tentativas posteriores de elaboração de novas teorias complexas e completas. Esse processo de *balcanização* da sociologia, uma feliz expressão de Robert Merton, retomada por José Machado Pais¹, expressa uma variedade de métodos e redescobertas de teorias e conceitos que nunca estiveram encobertos, senão para aqueles que insistem em se fechar em tribos isoladas, com suas próprias tradições conceituais. Teríamos, nós sociólogos, abandonado as pretensões de cientificismo de nossa disciplina, presentes em Durkheim e descritas inúmeras vezes com o rótulo de positivistas?

O grande paradoxo a ser apontado é o de que as novas ordens sociais surgem das cinzas das velhas ordens, onde o método sociológico parecia dar sentido e coerência às explicações do mundo social. Com a fragmentação das sociedades e, por que não dizer, a instauração do pesadelo durkheimiano, a anomia, quando menos no campo da sociologia, senão em toda a sociedade, vê-se uma retomada dos estudos que giram em torno dos sujeitos sociais. No entanto, essa retomada, que aponta justamente para o individual, o singular, a tudo que escapa à ordem, só pode definir-se ao delimitar claramente onde se situa a ordem e como ela atua para massificar e homogeneizar os sujeitos.

Nesse contexto, a retomada da sociologia de suas raízes durkheimianas pode ser vista como uma tentativa de reconstrução do campo e de implementação de um novo paradigma. Esse parece ser o esforço dessa disciplina nas últimas décadas, quando uma clara inflexão teórica se fez sentir.

A falência e o desencantamento com os rumos sociais, o tornar-se complexo da sociedade, o refluxo das grandes utopias, conforme defende, entre muitos outros, Habermas, levaram a sociologia a enveredar por novos caminhos, em busca dos sujeitos históricos e sociais.

¹ Das regras do método, aos métodos desregrados. *Tempo Social*, Rev. Sociol. USP, 8(1), maio de 1996.

Não por acaso, quando comenta os anos setenta e ao introduzir a obra de Bourdieu no Brasil, Sérgio Miceli afirma que “*nos últimos anos o estudo da **ideologia** e da **cultura** passou a constituir um dos objetos cruciais das ciências humanas*”.² Se assim era nos anos setenta, muito mais presentes se tornaram os estudos centrados no que poderíamos chamar de sistemas simbólicos.

Michel Foucault afirmou que, a partir dos movimentos de contracultura, na década de setenta, o papel do intelectual passou de universal, portador da verdade e da justiça, a específico, ligado a setores e espaços sociais determinados no qual esse intelectual se insere. Assim, estabeleceu-se uma nova ligação entre a teoria e a prática, aproximando o pesquisador das lutas e enfrentamentos cotidianos, dos quais ele faz parte.³

Apreender essa inflexão do papel dos intelectuais significa realizar um aprofundamento analítico dentro dessa temática atual e, ao mesmo tempo, situar-se dentro do campo sociológico. Se nenhum outro objetivo for atingido, ao menos se justifica assim o interesse pela seleção, dentre os autores contemporâneos, de um grande autor de nossa época, cuja abordagem do mundo social é extremamente frutífera e já se tornou clássica, para uma análise temática, como é o presente trabalho, onde focamos nossa atenção para a teoria da práxis, desenvolvida por Pierre Bourdieu.

A praxiologia é um modo de conhecimento que quer ultrapassar as dicotomias presentes na sociologia, baseadas em pares de opostos já clássicos: objetivismo/subjetivismo, estrutura/indivíduo, materialismo/idealismo e outros. Para atingir essa nova forma de apreensão do mundo social, é forçoso criar uma teoria da prática, baseada em um novo modo de conhecimento, que:

*“(...) tem por objeto não somente o sistema de relações objetivas que constrói o modo de conhecimento objetivista, mas as relações **dialéticas** entre essas estruturas objetivas e as **disposições** estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, quer dizer o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização do interior: esse conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, isto é, uma interrogação*

² Miceli, Sérgio. “A Força do Sentido”, introdução a *Economia das Trocas Simbólicas*, Pierre Bourdieu, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1998.

³ Ver *Microfísica do Poder*, p. 8 e 9. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

*sobre as condições de possibilidade e, desse modo, sobre os limites do ponto de vista objetivo e objetivante que explica as práticas a partir de fora, como fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador se situando no movimento mesmo de sua efetivação”.*⁴

Seus trabalhos teóricos assumem o caráter de uma metateoria, tomando ares, nesse final do século XX, de um novo paradigma, motivo a mais que justifica o interesse por seu estudo. Seguir a gênese e desenvolvimento dos seus conceitos principais, o de *habitus* e de campo, é uma forma privilegiada, dentre muitas, de compreender seus pressupostos teóricos e o caminho trilhado em suas pesquisas.

Apesar de sua difusão e reconhecimento, a *teoria da prática* parece ter tido dificuldades em ser apreendida no campo acadêmico. Interessou-me, a certa altura de minha formação intelectual, entender os motivos dessa teoria e desse modo de fazer sociologia não ter penetrado com a profundidade e força de que é capaz, no campo da sociologia médica. Parecia haver uma lacuna de estudos e de abordagens sob essa ótica reflexiva de análise, o que justifica, por si só, o interesse por uma análise apurada das contribuições de Pierre Bourdieu ao campo da sociologia da saúde.

Um segundo motivo é de ordem pessoal. A familiaridade e o interesse progressivo pela obra de Bourdieu podem ser plenamente justificados por “afinidades eletivas” entre meus interesses intelectuais e os objetos de estudo absorvidos pelas suas pesquisas. Essas afinidades são, quero crer, uma afinidade entre meu próprio *habitus* e do autor eleito como objeto último de compreensão. Confesso aqui a minha absoluta empatia com uma afirmação, resguardando as devidas diferenças, como essa:

*“Estou num universo no qual não deveria estar. Não me surpreenderia se tivesse sido eliminado umas quarenta vezes. (...) Aqui, no Collège de France, pessoas de minha categoria deve ter havido talvez 1 % em duzentos anos”.*⁵

⁴ Bourdieu, Pierre. *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*. Genève: Droz, 1972. p. 163.

⁵ Bourdieu, Pierre. « Le bon plaisir », France-Culture, 23 de junho de 1990. Apud Dosse, François. *História do Estruturalismo*, vol 2, p. 87.

Como concorda François Dosse, responsável pela citação, não se trata de uma afirmação gratuita, mas uma frase condizente com um autor oriundo dos estratos mais baixos da população: para ele essa origem valeria a classificação de Bourdieu como “um miraculado”.

Para perseguirmos a compreensão da construção teórica de Pierre Bourdieu, partimos da hipótese de que o autor faz parte das estruturas sociais e, mais especificamente, do campo científico, e que dentro dele possui uma posição de destaque e, portanto, sua obra deve refletir seu tempo. Entendê-la é compreender, mesmo indiretamente, essas estruturas objetivas da sociedade e como a nossa subjetividade relaciona-se com elas.

O percurso desse trabalho seguiu uma lógica própria. Antes de realizarmos uma análise da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, através, sobretudo, dos artigos publicados sobre a sociologia da saúde, assumimos como fundamental realizarmos um esboço, ainda que imperfeito, tanto do campo da sociologia médica francesa quanto das discussões referentes às ciências sociais aplicadas à saúde no Brasil, onde elas assumem um espaço significativo e encontram-se associadas a outras disciplinas e saberes em um campo chamado de Saúde Coletiva.

No capítulo de abertura, nos embrenharemos no pensamento social francês, buscando as origens da tradição sociológica francesa, retomando o tênue fio que atravessa o final do século XIX e, após um período de esquecimento no entre-guerras, reaparece como a moderna sociologia. Dentro desse quadro, o esforço será o de acompanhar as ligações entre essa sociologia renascente e o pensamento social na área da saúde, elucidando as relações entre a moderna sociologia e a moderna sociologia médica.

O esboço da emergência da sociologia médica na França realiza-se nesse primeiro capítulo, onde retomamos algumas idéias da Medicina Social, sobretudo sua ligação com o conceito de progresso, uma das idéias principais do iluminismo.

Para isso, realizaremos uma imersão parcial na tradição do pensamento em saúde na França, sobretudo na tradição das preocupações dos intelectuais quanto ao campo da saúde, uma prática social de controle e melhoramento das condições de vida das populações. Em seguida, centraremos esforços no momento da emergência da sociologia do pós-guerra, especialmente o campo da sociologia da saúde francês.

A partir dessa abertura e justificativa do tema, faremos uma pequena digressão no segundo capítulo, cujo objetivo central é uma análise dos conceitos principais da obra sociológica de Pierre Bourdieu, em especial os conceitos de *habitus* e de *campo*, sobretudo em suas atribuições temáticas dentro do instrumental do autor. Iniciamos abordando de forma “convencional” a obra do autor, tentando explicá-la a partir de suas grandes temáticas internas e acompanhando os seus grandes comentaristas e divulgadores.

Através de uma leitura dirigida de algumas obras, selecionadas segundo o critério da pertinência em relação à dinâmica da construção desses conceitos temáticos, centramos primeiramente a análise na relação entre o *habitus* e os diferentes objetos de estudo, inúmeros na trajetória intelectual do autor.

O fulcro foi o de apreender a dinâmica interna de seus conceitos a partir das exigências teóricas demandadas pelos objetos de estudo e as possíveis mudanças correlatas, levadas a efeito pelo autor, na complexidade progressiva do conceito de *habitus*.

Em seguida, baseados nessa análise do conceito de *habitus*, discute-se o conceito de *campo* em sua formulação dentro da trajetória do autor e de sua obra. Nessa altura, traçaremos um pequeno paralelo entre o conceito de *campo* e o conceito de *comunidade científica* de Thomas Kuhn, pensando elucidar melhor a maneira como a noção de campo difere de outras abordagens.

Por fim, terminamos esse segundo capítulo realizando um balanço geral desses conceitos, com o escopo de sistematizar uma visão crítica e projetá-la na busca que se fará, a partir desse momento, das aplicações teóricas onde esses conceitos surgem sistematicamente em sua forma operatória.

No terceiro capítulo, dentro do contexto da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, vislumbramos nesse espaço de divulgação os trabalhos teóricos pertencentes ao mundo da medicina.

Assim, o objetivo no capítulo terceiro é de, após vislumbrar em grandes termos a medicina na França e o nascimento do campo do conhecimento conhecido por sociologia da saúde ou medicina, e ensaiar hipóteses sobre a teoria da práxis, aprofundar a análise da revista editada por Pierre Bourdieu em conjunto com seu grupo de pesquisadores no Centro de Sociologia Européia.

Como forma de compreensão das possibilidades objetivas do campo intelectual francês e da inserção de Pierre Bourdieu nesse espaço de lutas e conflitos, tomamos, como espaço de extravasamento do capital simbólico do autor, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales*.

Escolhemos como objeto empírico um grupo de artigos selecionados dentre todos os publicados na *Actes de la recherche en sciences sociales*, no período de 1975 – 2001. Essa seleção foi realizada separando-se aqueles referentes ao tema da saúde, em sentido amplo: adoecimento, doença, epidemias, saúde, médicos, medicina, longevidade, morte, hospital, sistemas de saúde e previdência e outros.

Justifica-se a escolha da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* como o meio de difusão do **habitus científico** de um grupo, caracterizado por suas obras em comum e por suas publicações em um mesmo veículo. Além disso, delineou-se um pequeno histórico do surgimento da revista como forma de situá-la, mesmo que açodadamente, no campo intelectual francês.

Esse movimento significa então, dentre outras coisas:

- Como se estabelece uma instância de consagração em uma revista de forte influência no campo da sociologia;
- Qual é o *habitus* desse grupo específico;
- Como se instaura uma ortodoxia que se iniciou herética e passa a tomar posse da herança do capital simbólico acumulado no campo;
- Como essa vanguarda influencia outros pesquisadores, sobretudo aqueles que atuam fora dos grandes centros internacionais de pesquisa, como os intelectuais brasileiros.

Essas análises são as que realizaremos quando imersos no contexto do aparecimento da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, pois a par com o aparecimento da revista consolidou-se uma nova forma de apresentação e de divulgação de trabalhos científicos. Esse novo *estilo* da revista, entendido como a expressão do *habitus* do grupo, é mostrado e relacionado com as idéias que presidiram o lançamento desse novo veículo dentro do campo intelectual francês.

Em seguida, estabeleceu-se uma categorização dos conteúdos temáticos dos artigos previamente selecionados, cujos objetos de estudo envolviam a temática da saúde. Essa separação temática buscou discutir a modificação de interesses de pesquisa e as tendências mais atuais de trabalho, em contraponto ao período dos anos 60 até o início dos anos 70.

Por esse motivo, esperamos concluir essas discussões analisando, no capítulo final, o instrumental teórico de Bourdieu em aplicação no campo da saúde, como forma de resgatarmos um leque de possibilidades práticas com base nos trabalhos desse autor, tentando estabelecer um panorama da influência de sua teoria na área, principalmente através do reflexo de seu arsenal teórico nas obras daqueles articulistas da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, cujos trabalhos inseriram-se nos temas da saúde em geral.

Nesse capítulo conclusivo, em sua primeira parte, projetaremos a utilização do instrumental teórico de Bourdieu na análise de sua produção na área da sociologia da medicina - quando houve - e nos trabalhos de seus colaboradores na revista *Actes*.

Esboçaremos, então, algumas conclusões a respeito dos conceitos e da temática dos artigos da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, tendo em mente entender as mudanças ocorridas no período que vai do fim da década de setenta até o ano 2001, e as mudanças do campo intelectual, aí compreendida a sociologia médica.

Assim, a abordagem passa a ser diferente: a retomada dos textos do autor passa por um crivo lógico e conseqüente de leitura. Saímos então em busca dos grandes temas, da projeção das problemáticas internas à teoria da práxis de Bourdieu sobre todas as áreas sociais, tendo um olho fixo em sua lógica interna e outro fixo em direção ao campo da sociologia da saúde.

Dessa interlocução entre o que pede a leitura interna da obra - com suas exigências quanto ao objeto de estudo tanto como às temáticas abordadas - e o que o campo intelectual oferecia como possibilidades objetivas, no momento da trajetória do autor e de seu grupo de pesquisas, obteremos algumas possibilidades teóricas a serem verificadas no decorrer desse trabalho.

Ensaaiaremos, assim, um cotejo entre as possibilidades abertas por uma *teoria da práxis*, principalmente em relação à variedade e qualidade dos objetos de estudo, a serem construídos, e o que efetivamente foi realizado pelo autor e seu grupo.

Por fim, aprofundamos a análise dos principais *conceitos* utilizados no escopo dos artigos publicados sobre o tema da saúde, relacionando teoricamente esses conceitos com as possibilidades que se abriram à praxiologia em sua aplicação empírica, aliada à sua projeção para universos intelectuais diversificados, como o brasileiro. Além disso, perceberemos como essa categorização interna dos artigos escolhidos - realizada no capítulo centrado na análise do material empírico - preenche ou não as necessidades teóricas levantadas no segundo capítulo, dedicado a extorquir as problemáticas teóricas da praxiologia de Bourdieu, vislumbradas, então, a partir do campo da saúde e, especificamente, da sociologia da saúde.

Após a análise do campo francês, o caso brasileiro é discutido, quando utilizamos alguns exemplares de trabalho na linha de pesquisa de Pierre Bourdieu para estabelecermos um contraponto em relação à sociologia da saúde francesa. Na segunda parte desse capítulo conclusivo, abordaremos o espaço da sociologia da saúde no Brasil e encetaremos uma breve discussão sobre esse assunto, focalizando esses trabalhos que utilizaram o instrumental da teoria da prática de Bourdieu.

Para tanto, esboçamos uma pequena discussão teórica, em torno do nascimento de um campo reconhecido como “Saúde Coletiva”, com suas características únicas e suas disputas internas, onde se confere um grande papel às ciências sociais e à sociologia.

Longe de esgotarmos essa temática, candente e extremamente atual, nos limitamos a apontar algumas das últimas discussões dentro dessa área, deixando o aprofundamento do assunto aos pesquisadores que se debruçaram especialmente sobre esse tema.

A metodologia a ser aplicada é a que nos fornece o próprio Bourdieu e que pode ser melhor compreendida na figura da *ressurreição*. Ler um autor é ressuscitá-lo e o que se busca sempre, ao retomarmos uma tradição teórica, mesmo recente como a desse

autor, é realizar uma historicização de fato, que dê conta de todas as variações do pensamento criador. Essa análise reflexiva é apontada por Bourdieu como:

*“Um imenso esforço que é necessário para construir o universo social de **relações objetivas** em relação às quais o escritor teve que se definir para se construir e que não se reduzem necessariamente àquelas que registra a historiografia, a saber, as **interações reais**, com escritores e artistas realmente encontrados (...)”*⁶

Basta substituir escritor por pesquisador e temos a chave metodológica dos esforços da teoria sociológica de Bourdieu. Buscamos nesse trabalho realizar esse imenso esforço, ainda mais por que estamos às voltas com um grande autor da sociologia moderna, desaguadouro de uma rica tradição de pensamento e em si mesmo profundamente original. Se não atingirmos a completa ressurreição do autor original e de sua obra, esperamos, ao menos, iluminar partes de seu pensamento e contribuir para a utilização responsável de seus conceitos.

Nosso objetivo é realizar e deixar disponível uma obra com alto poder explicativo nas sociedades contemporâneas, realizando o que o autor chama de atualização:

*“Assim, a atualização – entendida como o fato de tornar presente, atual – que realiza a historicização estrutural é uma verdadeira reativação: ela contribui para assegurar ao texto e ao seu autor uma forma de trans-historicidade que, ao contrário da desrealização associada à eternização pelo comentário acadêmico, tem por efeito de torná-los atuantes e eficientes, e disponíveis, e caso necessário, por novos usos, aqueles notadamente que opera o auctor, capaz de ressuscitar na prática um *modus operandi* prático, para produzir um *opus operatum* inovador”.*⁷

Assim, a metodologia de Bourdieu, capaz de realizar essa atualização é um método sui generis, intrinsicamente ligado à prática científica. Para ele, “*o cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo <coisa teóricas>*”

⁶ Bourdieu, Pierre. Post-Scriptum : Comment lire un auteur ? In : *Méditations Pascaliennes*. Paris : Seuil, 1997. p. 102

⁷ Idem, p. 104

*muito importantes a respeito de objetos ditos <empíricos> muito precisos, freqüentemente menores na aparência, e até um pouco irrisórios”.*⁸

Esse método de ensino e de difusão da arte sociológica consiste em um processo, onde:

*“Nesse processo, os preceito abstratos, tais como aqueles que se encontram, por exemplo, em **Le Métier de sociologue** – é preciso construir o objeto; é preciso pôr em causa os objetos pré-construídos – ainda que tenham a faculdade de despertar a atenção e de pôr de sobreaviso, não prestam grande ajuda”.*⁹

Mas qual o método para isso? Contrariamente a outros autores, e nisso reside uma grande dificuldade de absorção do referencial da praxiologia, Bourdieu se recusa a criar deliberadamente uma escola, agrupada em torno de conceito explícitos e canônicos. Seu objetivo é o de ensinar praticamente, ao lado de uma “espécie de guia ou treinador”, um *modus operandi* que se traduz em um *habitus* de pesquisador:

“O ensino de um ofício ou, para dizer como Durkheim, de uma <arte>, entendido como <prática pura sem teoria>, exige uma pedagogia que não é de forma alguma a que convém ao ensino de saberes”.

Ainda para Bourdieu, a forma de apreender esse *habitus* de pesquisador é observando “o modo como esse *habitus científico* – é bem esse o nome -, <reage> perante opções práticas – um tipo de amostragem, um questionário, etc”¹⁰

Se não há outra maneira, durante todo esse trabalho, ao mesmo tempo em que se desvendará um conjunto teórico chamado de teoria da prática, realizado por Pierre Bourdieu e o grupo de pesquisadores aglutinado em torno desses procedimentos científicos, espero ter construído, através da observação da maneira como o autor construiu seus objetos e como operou frente aos diversos questionamentos de sua pesquisa, um *habitus científico* de pesquisador, capaz de compreender, através de sua afinidade eletiva com o *habitus científico* daquele autor e seu grupo, grande parte da construção teórica

⁸ *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989. Pág. 20.

⁹ *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989. Ver especialmente o capítulo II, Introdução a uma sociologia reflexiva, onde o autor explicita sua visão do ofício de sociólogo.

¹⁰ Idem, p. 22

realizada, sobretudo na área médica. Espero assim, ter criado uma maneira de me relacionar com meu objeto, descrito como:

*“O **habitus** científico é uma regra feita homem ou, melhor, um **modus operandi** científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter essas norma em sua origem: é esta espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada”.¹¹*

Esperamos, ao final deste trabalho, termos obtido êxito nessa tarefa e termos transmitido a riqueza do pensamento, da prática acadêmica e da atuação social desse grande autor.

¹¹ Ibidem, p. 23



CAPÍTULO I ***A SOCIOLOGIA MÉDICA***

“O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência e ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política”.

Michel Foucault

Introdução

Buscar as origens de uma disciplina no tempo, dentro de uma sociedade como a francesa, possuidora de uma vasta tradição intelectual e uma grande diversidade de pensadores, pode se tornar uma tarefa infundável.

Nesse caso, faz-se necessário estabelecer sérias restrições ao alcance da análise. Limitar-nos-emos, então, a estabelecer as idéias centrais do pensamento social que desaguarão na sociologia contemporânea e se tornarão, dentro dela, um *corpus* bem delimitado de conhecimento.

Uma conjunção de saberes: A Medicina Social

Encampando a tese de Michel Foucault, a medicina social é um resultado, dentre tantos outros, do desenvolvimento de técnicas, maneiras e saberes cujo objeto é o mundo social. Essa tecnologia aplicada às sociedades almejou, e alcançou, o controle dos indivíduos através de técnicas de mensuração, de esquadrinhamento do espaço social e de individualização da vigilância.

Para tanto, foram necessários alguns séculos, onde esse arsenal de controle foi se decantando e se depositando, tomando forma e assumindo o aspecto do grande Leviatã de Hobbes. Se o Estado absoluto aterrorizava os indivíduos através da imagem da ditadura da mediocridade das massas, por outro lado esse arsenal técnico desenvolvia-se sem ser orquestrado conscientemente por algum maestro onisciente.

Esse desenvolvimento, brilhantemente descrito por Foucault, tomou inúmeros aspectos e abrangeu quase todo o espaço social. No entanto, focaremos nosso olhar sobre o que se convencionou chamar de Medicina Social.

Do ponto de vista moderno, a Medicina Social aparece ao pesquisador da área da Saúde como o paraíso perdido, no qual a primazia do social era indiscutível. Quando os grandes problemas e questões por que passavam as sociedades estavam enraizados nas novas formas que tomaram as nações e assolavam o sono dos administradores, políticos e dirigentes, a medicina foi instrumentalizada como uma técnica a serviço da resolução dos dilemas sociais. Se, posteriormente, essa técnica ganhou autonomia e legitimidade muito além do escopo dos problemas sociais, essa é uma outra história.

O desenvolvimento da idéia e da aplicação da Medicina Social à sociedade seguiu várias direções e rumos, sempre se adaptando às condições políticas, sociais e econômicas de cada país onde ela toma corpo.

O primeiro lugar onde tomou corpo e traduziu-se em uma política formal, ou, nos termos de Foucault, a medicina social transforma-se em um *dispositivo*¹, foi na Alemanha dos meados do século XVIII. Batizado de *Medizinichepolizei*, polícia médica, por W. T. Rau em 1764, como a forma acabada de uma política de saúde estatal, aplicável tanto aos médicos e suas escolas quanto à população como um todo.

Criou-se uma burocracia de funcionários, geralmente médicos, responsáveis pela administração dos saberes sobre a saúde e de sua centralização nas mãos do Estado.

Esse primeiro grande modelo desembocaria depois, na Inglaterra do século XIX, em um controle mais fino presente na legislação desenvolvida na famosa *Lei dos Pobres*. Esse terceiro momento pressupunha a união de uma assistência social, que incluía a intervenção médica, com um controle sobre os trabalhadores assalariados.

Esse caráter de dominação entre classes acentua-se quando o aspecto autoritário dos cuidados médicos transforma-se em sistemas de *health service* ou de *health officers*, a partir de 1875 e que buscavam uma ampliação do controle social iniciado com a *Lei dos Pobres*. Além das tarefas de atender o pobre em termos individuais, o Estado inglês impôs-se a missão de controlar, coletivamente e em massa, a população, através de intervenções geograficamente estratégicas e do registro sistemático dos dados de saúde.

Por fim, voltamos ao segundo modelo de desenvolvimento da Medicina Social, representado pela *medicina urbana*, na França da segunda metade do século XVIII. Os objetivos dessa medicina urbana são resumidos por Foucault² em três grandes pontos, a saber:

- Análise das regiões insalubres do espaço urbano, com acúmulo de sujeira, pessoas e perigos;
- Controle do ar e da água, tidos como fonte de miasmas e doenças;

¹ Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*. 7ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 244.

² Idem.

- Controle da distribuição e frequência das fontes necessárias à vida nas cidades.

Além disso, Foucault ressalta que a importância dessa Medicina Social, urbana, é colocar em contato as ciências médicas e outras que se desenvolviam no período (física, química). Dessa conjunção nasceu a chamada medicina científica, resultado da instrumentalização e inserção do saber médico no discurso científico da época.

A profunda relação entre a medicina e o ambiente social na França da segunda metade do século XVIII fica evidenciada pelas relações entre os ideólogos da Revolução Francesa e os movimentos de controle médico da população: uma decisão de primeira hora da Assembléia Constituinte, 1790-1791, foi a criação, nos departamentos e principais cidades francesas, de comitês de salubridade.

Desses três modelos de medicina - polícia médica, medicina urbana e medicina da força de trabalho - aprofundaremos somente as origens da medicina urbana. Aqui seria fundamental explicitarmos as ligações entre as disciplinas e discursos presentes na sociedade francesa, as condições sociais reinantes e as afinidades entre as diversas modalidades de discursos, que acabaram por consolidar, como um sistema, as idéias referentes à saúde e à doença. Isso será buscado no próximo item.

As revoluções e seus ideólogos

De qualquer maneira que se olhe os primórdios do pensamento social em medicina ou as primeiras iniciativas nesse campo, duas constatações aparecem.

Primeira, não há um claro fio condutor das elaborações do que seria chamada medicina social, estando esse conhecimento entrelaçado com outras idéias e técnicas de conhecimento do mundo social.

Segunda, a história de sua origem confunde-se com a das ciências sociais e a da medicina, mantendo uma relação estreita com ambas em sua origem.

O ponto de partida para qualquer análise deve ser, sem dúvida, os grandes acontecimentos representados pela Revolução Francesa e a Revolução Industrial, eventos globais que impulsionaram uma série de mudanças na maneira de se pensar as sociedades como um todo. Eventos de estatutos diferentes, político e econômico, estabelecem nas sociedades a idéia de ruptura com a ordem estabelecida e de mudanças sociais. As condições de surgimento de uma ciência do social não serão aprofundadas, tendo sido objeto de inúmeras análises dentro da tradição sociológica. Buscaremos tão somente traçar algumas linhas de raciocínio que confluirão para estabelecer uma área de práticas entendida como medicina social.

Apresentar as ciências como fruto dessas grandes mudanças sociais já é um lugar comum na história das idéias. Qual a especificidade, no entanto, da medicina social, prática engajada no cotidiano dos cidadãos franceses? Quais eram seus objetivos? Seguiremos um veio histórico sobre a concepção de progresso e de como essa noção imbricava uma atuação sobre os indivíduos no espaço público, como forma de desenvolver as sociedades.

Da idéia de Progresso à idéia de Saúde

Do caldo cultural e das grandes mudanças sociais ocorridas ou em vias de ocorrer durante o século XVIII e XIX, nasce uma comunhão forte de conceitos em torno da idéia de progresso.

No século XVIII, a idéia de progresso apresentava-se como uma entidade revolucionária, profundamente enraizada no pensamento político. A concepção de que as sociedades evoluem, desenvolvem-se e, portanto, mudam, estava na raiz das lutas dos grupos sociais.

O conceito de progresso, nos moldes modernos – secular, sistemático e natural - aparece pela primeira vez de forma conseqüente e elaborada na obra de Turgot. A sua conferência pronunciada na Sorbonne, *A Philosophical Review of the Successive Advances of the Human Mind*, coloca o progresso humano em termos de uma linha contínua de avanços e desenvolvimentos para toda a humanidade, que deságua nas sociedades mais modernas daquela época. Ou seja, a história passa a ser uma história

universal do gênero humano, onde as diversas sociedades encontram-se em etapas diferentes do processo de desenvolvimento e de progresso. As diferenças dos povos podem, então, ser medidas em relação a um padrão universal e, logicamente, europeu.

Esse é o ponto inicial no pensamento dos filósofos da revolução que encamparam essa idéia fundamental que era o pano de fundo do período.

A idéia de progresso surgiu no rastro das alterações geradas pela dupla revolução por que passaram as sociedades européias. No entanto, o próprio conceito é um solo comum onde vicejam práticas e crenças diversas que se alternam dentro das sociedades. Uma boa abordagem dessa temática, mesmo longe de ser definitiva, é a de Robert Nisbet.³ Quando tematiza a crença do progresso nos séculos XVIII e XIX, ressalta mudanças nessa concepção quando passamos de um século ao outro. No século XVIII, o conceito de progresso significava um pressuposto da liberdade humana, um meio para se atingir a igualdade entre os indivíduos, a emancipação do ser humano, dos povos e das nações.

Nesse período, outro famoso filósofo a discorrer sobre essa questão da evolução das sociedades é Condorcet, que toma conhecimento das teorias de Turgot e o saúda como o descobridor da “lei do progresso” das sociedades humanas. Quando analisa as sociedades humanas, suas desigualdades de avanço e progresso, estabelece dez períodos evolutivos, situando-se claramente na nona dessas etapas e no limiar da última fase da história humana. Após o recente advento da Revolução da qual participara como girondino - e seria morto por isso, Condorcet acreditava que o derradeiro passo tinha sido dado. Nesse trabalho, há diversos trechos representativos do progresso como liberdade e a descrição das etapas vitais do desenvolvimento social.

Quando pergunta retoricamente “*se existem sobre o globo países cuja natureza tenha condenado os habitantes à jamais apreciar da liberdade, a nunca exercer sua razão?*”, a resposta não poderia ser outra senão que o fim das desigualdades será o resultado do aperfeiçoamento da arte social, baseada no progresso dos princípios de conduta e da prática moral. Logo, se a sociedade não é perfeita, nada impediria seu

³ Nisbet, Robert. *História da Idéia de Progresso*. Brasília: UNB, 1985.

aprimoramento e as desigualdades humanas seriam meros acidentes no percurso na linha evolutiva dos povos. Ele afirma:

*“Todas essas causas do aperfeiçoamento da espécie humana, todos esse meios que o asseguram, devem, por sua natureza, exercer uma ação sempre ativa, e adquirir uma extensão sempre crescente”.*⁴

Portanto, a evolução humana estava amalgamada profundamente à idéia do controle sobre a natureza e do aperfeiçoamento humano, controle indefinido e passível de ser realizado ao infinito. Essa ligação entre biologia humana e evolução será um tema recorrente também nos pensadores do século seguinte, tema a ser reforçado fortemente com o aparecimento da teoria da evolução de Darwin. Esse raciocínio é exemplarmente exposto na passagem seguinte, onde se ressalta o papel da medicina:

“O aperfeiçoamento ou a degeneração orgânica das raças nos vegetais, nos animais, pode ser observada como uma das leis gerais da natureza.

*Esta lei se estende à espécie humana, e pessoa não duvidará com certeza que o progresso na **medicina conservadora**, o uso de alimentos e de moradias mais sãos, uma maneira de viver que desenvolveria as forças pelo exercício, sem as destruir pelo excesso; que enfim, a destruição das duas causas mais ativas da degradação, a miséria e a riqueza muito grande, não devem prolongar para os homens a duração da vida comum, lhes assegurar uma saúde mais constante, uma constituição mais robusta. Sente-se que os progressos da **medicina preservadora**, tornados mais eficazes pelos progressos da razão e da ordem social, devem fazer desaparecer com o tempo as doenças transmissíveis e contagiosas, e aquelas doenças gerais que devem sua origem ao clima, aos alimentos, à natureza dos trabalhos. Não seria difícil provar que esta esperança deve se estender à quase todas as outras doenças, às quais é provável que saberemos um dia reconhecer as causas ocultas [grifos meus]”.*⁵

⁴ Condorcet. *Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de L'esprit Humain*. Paris : Editions Sociales, 1971.p. 281.

⁵ Idem.p 281-282.

Ora, se durante o século XVIII a idéia de progresso apontava para a liberdade, após a Revolução Francesa, na passagem de um século a outro, a idéia de progresso absorve um forte componente relacionado ao mundo real. O progresso torna-se uma fonte de poder e de controle.

Ao mesmo tempo, essa passagem corresponde à transformação da filosofia do século anterior em ideologia no século XIX: se os filósofos deram o tom da Revolução, os ideólogos darão o ritmo das práticas sociais e da atuação na sociedade e no poder estatal.

A própria medicina estabeleceu uma forte ligação com essa visão de mundo, através de inúmeros ideólogos, que não eram os filósofos da Revolução Francesa, mas que terminaram por participar dos movimentos políticos daquela época. Como exemplo, no começo da Revolução estava presente no grupo dos intelectuais um médico como Cabanis, que passou a criticar Napoleão posteriormente ao golpe de 18 de Brumário. Esse mesmo grupo de intelectuais passa a participar da esquerda liberal e, em 1830, eles triunfarão e assentar-se-ão no poder.

Como aponta Faoro, o ideólogo do período era aquele *“que examina a base da idéia, com ênfase sobre a análise, a partir dos sentidos, com escrupulosa medição sobre os passos ulteriores, sem se perder no intelectualismo, nem nas posteriores intuições românticas”*.⁶ Dessa maneira, as ciências humanas ganham uma dimensão menos utópica, ligadas à realidade social e podem, então, retomar pensadores como Lamarck e, na antropologia médica, Cabanis, Bichat e Pinel.

Esses ideólogos são a raiz do novo papel do intelectual na sociedade pós-revolucionária e deles surgirão diversos caminhos novos de análise, centrados no novo homem burguês. Essa ciência será chamada de ciência de idéias, contrapondo-se à metafísica e à psicologia. Buscará o progresso do conhecimento através de experiências com o mundo real, com o homem concreto.

Quando descrevem esses novos atores sociais, Cuin e Gresle acentuam o fato de que a ideologia busca centrar-se no estudo do homem, mas *“não pretende isolar-se das outras ciências, especialmente das biológicas e naturais”*.

⁶ Faoro, Raimundo. Aqui Revolução era (e é) outra coisa. In: *A Revolução Francesa: 1789-1989*. IstoÉ/Senhor, São Paulo: Ed Três, 1989.

E mais:

*“Mas a ambição dos ideólogos, a exemplo de Condorcet, em quem se inspiram, é saber para agir, repensar a política a partir do conhecimento. Seus esforços para desenvolver métodos rigorosos e manter um ceticismo crítico diante das idéias e dos valores melhor estabelecidos se evidenciam à luz de seus trabalhos, que tratam da epistemologia e da filosofia das ciências (Destutt de Tracy), da medicina (Cabanis), do estudo do oriente (Volney) ou ainda da história, com Daunou, organizador dos Arquivos de França no início do século XIX. Sob muitos aspectos, foram eles os verdadeiros fundadores das ciências humanas, pelo menos na França.”*⁷

No entanto, durante o século XIX, o conceito de progresso transforma-se: de libertário passa a controlador. Como controle foi grandemente difundido e estava arraigado profundamente na visão de mundo da época. As idéias científicas eram popularizadas e a ciência representava os avanços da humanidade. Como bem exemplifica Hobsbawm, um advogado bem instruído tinha condições de compreender a teoria da evolução de Darwin sem problemas. Em seus termos:

“Nunca mais seria tão simples para o senso comum, que sabia que o mundo triunfante do progresso liberal capitalista era o melhor dos mundos possíveis, mobilizar o universo para confirmar seus próprios preconceitos”.⁸

Portanto, o progresso como controle engendrou uma série de métodos e técnicas novas que se destinavam a solver os novos problemas. No campo do social, um potente aparelho de observação é colocado em prática e desenvolve-se ubiqüamente.

Há uma conjunção inédita entre *“interesses estatais de controle social, de preocupações humanísticas e higienísticas de ajuda às populações mais deserdadas e uma busca científica de aplicação aos fatos humanos dos métodos matemáticos testados nas ciências da natureza”*.⁹

Durante todo esse século XIX, há uma busca contínua do conhecimento do espaço social como meio para a ação humana. Essa impregnação das idéias pelas

⁷ Cuin, Charles-Henry e Gresle, François. *História da Sociologia*. São Paulo: Ensaio, 1994.

⁸ Hobsbawm, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 278.

⁹ Berthelot, Jean-Michel. *La Construction de la Sociologie*. Paris : PUF, 1991. p. 9.

mudanças sociais e essa tomada de posição frente ao conhecimento do mundo é o substrato que marca os primórdios da chamada medicina social, que jogará um papel relevante durante todo século XIX, até o advento da teoria de Louis Pasteur sobre o germe e as mudanças que essa teoria causou na ciência médica, levando ao paroxismo a idéia de unicausalidade das doenças e abandonando as causas de origem social.

Diversos autores trabalharam no campo da medicina com olhos para o mundo social. Um dos mais conhecidos e que cunhou o nome **Medicina Social** foi o médico Jules Guérin (1801-1886). Diretor da Gazette Médicale de Paris desde 1828, publicação médica das mais importantes à sua época, esse médico tomou parte ativa nos acontecimentos da Revolução de 1848 na França e participou da configuração de poder que se seguiu a esse movimento.

Guérin publica nessa revista um texto dedicado “*aos médicos da França*”, onde exorta seus companheiros a estabelecer uma “*fraternidade de médicos*” atuantes na Assembléia Constituinte de 1848, com o fim de resolver “*o grande problema do melhoramento das classes inferiores*” através de uma nova técnica baseada no conhecimento:

“Em lugar de aplicações vacilantes e isoladas agrupadas em títulos como polícia médica, higiene pública ou medicina legal, chegou a hora de reunir estes fatos dispersos, regularizá-los em um todo e levá-los à sua significação mais elevada, sob o nome, mais apropriado para suas funções, de medicina social”.

Para uma análise desse tema com mais vagar, conferir o livro *Sociologia da Saúde* de Everardo Duarte Nunes, especialmente o capítulo intitulado “A Idéia de uma medicina social na França: Jules Guérin e um texto de 1848”, onde esse assunto é trabalhado em detalhes.

O que importa perceber é a profunda comunhão entre o papel dos novos intelectuais em vista do conhecimento como poder e controle, mesmo quando o propósito, como nesse caso, é justificado em termos de progresso em vista de melhores condições sociais.

Como esse, há muitos exemplos de atuação social dos médicos na França, durante esse período. Outro autor, freqüentemente citado, é Villermé, com seu *Tableau de l'état physique et moral des ouvriers employés dans les manufactures de coton, de laine et de soie*, de 1840. Esse estudo, realizado através de métodos estatísticos e com dados recolhidos através de informantes espalhados por toda a França, inaugura a conjunção entre métodos “quantitativos” e métodos “qualitativos”, sendo esses últimos baseados na observação aguda dos fenômenos no próprio local.¹⁰

Uma linha paralela de abordagem dos problemas sociais da sociedade do início do século XIX é a seguida pelos físicos sociais, tradição iniciada com Saint-Simon. Este autor, como os ideólogos, prega a criação de uma ciência do homem baseada na observação e discussão de fatos, portanto uma ciência positiva.

Esse veio será longamente explorado por um seu discípulo brilhante, Auguste Comte, que a partir de janeiro de 1829 retomará as conferências que serão divulgadas sob o nome de Curso de Filosofia Positiva, no período de 1830 a 1842. Nesse Curso, aparecerá pela primeira vez o termo **sociologia**, sendo que as últimas dez conferências tratariam da chamada “física social”.

As grandes analogias entre o biológico e o social, entre o mundo do organismo físico e o da sociedade não vão cessar de se estabelecer com grande força até o século seguinte. No entanto, com o advento da teoria do germe de Pasteur, a medicina ganha um grande e racional objeto de estudos sobre o qual se debruçar, afastando-se das características eminentemente sociais da etiologia da doença. Estabelece, assim, um corpo de conhecimentos mais claro e manipulável, ao contrário da medicina social, recém criada.

Restou à nascente sociologia um outro caminho, que seria aquele de estabelecer grandes paralelos entre a sociedade e a biologia, sobretudo a fisiologia. Essas analogias foram grandemente facilitadas pela influência de uma variante do positivismo que se enraizou na Inglaterra e retornou à sociedade francesa sob a forma de darwinismo social. A partir de 1870, é muito difundida a obra de Spencer na França, sobretudo através do filósofo Alfred Espinas.

¹⁰ Berthelot, Jean-Michel. *La construction de la Sociologie*. Paris : PUF, 199. p.12.

Herbert Spencer conheceu Comte e sua filosofia positiva, mas partiu de uma teoria biológica cujas bases estavam em Lamarck para construir um liberalismo radical, onde, dentro das sociedades, vence o mais apto dentro da seleção natural. Seu modelo organicista justifica ainda muitas explicações liberais sobre o mundo social e está profundamente entranhada no senso comum das sociedades capitalistas modernas.

No entanto, e apesar disso, a obra de Spencer contribuiu para o desenvolvimento de uma sociologia dita científica e moderna, como afirmam Cuin e Gresle, no seguinte trecho:

*“Em suma, Spencer não foi só o propagandista do laissez-faire em matéria social e política, nem o profeta de um darwinismo social para o qual sem dúvida contribui. Foi também um dos primeiros a assentar as bases de uma sociologia científica, que dotou de instrumentos de pesquisa e de uma epistemologia sólidas e principalmente de um modelo de explicação – o organicismo – que iria se revelar muito fecundo no quadro de uma renovação das teorias positivistas”.*¹¹

Assim, o panorama no qual surge a moderna sociologia durkheimiana é dominado pelos paradigmas positivista e organicista. Ambos transparecem em inúmeras obras de inúmeros autores e de inúmeras formas. No entanto, estabelecem, para usar uma metáfora biológica, um caldo de cultura onde florescerá a ciência social no final do século XIX.

O nascimento e o desenvolvimento da tradição durkheimiana não será objeto de análise nesse trabalho, por estar em um patamar de profundidade além de nosso escopo. No entanto, devemos fazer algumas considerações de largo espectro como forma de situar a passagem da medicina social pelo filtro sociológico desse autor e de sua tradição de pensamento.

No período que vai de 1870 até a primeira Guerra Mundial, havia uma variedade de intelectuais atuando na explicação do mundo social, e todos buscaram estabelecer vínculos duradouros dentro da sociedade. No entanto, os paradigmas explicativos que permaneciam fora do âmbito universitário, em vias de consolidação - pois este era um projeto republicano – só estavam suportados pela legitimidade dada pela erudição daqueles que defendiam seus princípios.

¹¹ Cuin, Charles-Henry e Gresle, François. *História da Sociologia*. São Paulo: Ensaio, 1994.

Durkheim, porém, pertencia ao paradigma em ascensão, cuja legitimidade estava centrada nos valores da cientificidade e da pesquisa universitária.¹²

Assim, Durkheim teve a tarefa de marcar firmemente as fronteiras e delimitar claramente o objeto da sociologia. Para tanto, e apesar da utilização freqüente de analogias biológicas em suas obras, teve que se afastar claramente da chamada física social de Comte e estabelecer o mundo social como uma entidade além do individual e do orgânico. Ao romper com o biologismo, estabelece um distanciamento claro com os estudos na área da medicina e da biologia, sobretudo demarcando o limite que separa psicologia e sociologia. Este vínculo só será retomado após a Segunda Guerra Mundial, quando terá esmaecido o paradigma da escola durkheimiana.

O período do entre-guerras permanece como uma continuação do desenvolvimento do paradigma da escola de Durkheim na França: nos anos 20, apesar de sua morte precoce, esse grupo se mantém atuante e com uma atividade editorial significativa. Além disso, em 1924, Mauss funda o Instituto Francês de Sociologia e essa disciplina passa a ser ensinada nos cursos das escolas normais para a formação de professores primários.

O declínio no desenvolvimento da sociologia francesa se deveu, de acordo com Cuin e Gresle, ao desaparecimento do grande fundador da disciplina e, também, às condições sociais adversas que tornaram a legitimidade original do trabalho sociológico, centrado em torno dos ideais republicanos e laicos, obsoleta.¹³ Em outras palavras, a sociologia deixara de ser necessária como instrumento de controle social ou, ao menos, deixou de ser vista dessa maneira pelo poder estatal.

O momento era o da discussão em torno da política e, aos olhos da geração de intelectuais franceses de 1930, a escola de Durkheim representava a “filosofia oficial” do regime francês. Ao final da segunda guerra, o paradigma desse autor estava em completo desuso.

¹² Ortiz, Renato. Durkheim: arquiteto e herói fundador. Mimeo. p. 18.

¹³ Cuin, Charles-Henry e Gresle, François. *História da Sociologia*. São Paulo: Ensaio, 1994. p.167-168.

Como aponta Alain Chenu, “em 1945, a sociologia francesa estava em baixa: nenhuma revista marcante, um punhado de postos universitários localizados na órbita da filosofia, praticamente nenhuma pesquisa coletiva organizada (...)”.¹⁴

A partir daí, a sociologia irá desenvolver-se e espalhar-se de forma notável, conseguindo um alto grau de institucionalização no panorama francês e subdividindo-se em várias áreas de conhecimento. Uma dessas áreas é a da sociologia médica, a ser delineada a seguir. No entanto, cabe-nos ainda uma última tarefa antes disso: explicitar os motivos da escolha da teoria de Bourdieu dentre todas as que floresceram nesse reavivamento disciplinar da moderna sociologia.

Sendo ainda considerada uma ciência menor, desprezada pelas disciplinas enraizadas há muito tempo no campo acadêmico, sua legitimidade científica estava por construir.

Sendo o introdutor do paradigma estrutural na sociologia e fazendo parte do sucesso estruturalista, Bourdieu utilizou-se desse impulso legitimador. Essa retomada da força hegemônica da sociologia, durante os anos 60, representou - de acordo com Dosse - um *segundo alento dos durkheimianos*. E mais:

*“A chegada de Pierre Bourdieu ao campo da sociologia vai devolver brilho e ânimo à ambição durkheimiana, por seus desígnios teóricos, sua vontade hegemônica e sua própria problematização da instituição sociológica”.*¹⁵

Passados quarenta anos e após a morte do autor, a fortuna crítica dessa obra monumental aponta para um sucesso extraordinário e faz com que o panorama da sociologia, tanto na França quanto no campo mundial, não possa ignorar seu aporte teórico e a forma renovada de seu método científico. Basta aqui uma afirmação, dentre muitas outras, como exemplo da relevância de seus trabalhos: “*O seu estruturalismo foi um enriquecimento extraordinário, é a grande obra sociológica contemporânea*”.¹⁶

¹⁴ Chenu, Alain. Une institution sans intention : La sociologie en France depuis l’après-guerre. *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 141-142, mars 2002, p. 46-61.

¹⁵ Dosse, François. *História do Estruturalismo: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias*. Vol II. Campinas : Unicamp, 1990. p. 85.

¹⁶ Ansart, Pierre. Apud: Dosse, François. *História do Estruturalismo*.p. 85.

Dada a relevância da obra de Bourdieu, escolhemos essa abordagem por julgarmos extremamente enriquecedor aplicar ao campo da saúde uma teoria cuja aplicação em inúmeros objetos gerou resultados extremamente densos e instigantes, pressupondo que o mesmo deveria ocorrer no caso da sociologia médica.

Essa busca será feita através da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, após termos esboçados a estrutura institucional do campo científico e o espaço social na qual ela se inseriu.

Por ora, retomamos e acompanhamos a gênese do campo da sociologia médica francesa, origem correlata à da sociologia mãe, mas que apresenta algumas especificidades.

A emergência da sociologia médica na Europa

É justamente no pós-guerra que veremos ser retomado e lentamente se desenvolver, em quase todos os países ocidentais e seguramente nos países europeus, um ramo das ciências sociais voltado para o estudo dos problemas da saúde, da seguridade social, do atendimento médico e temas afins.

Esse ramo foi chamado de sociologia médica, como forma de diferenciação nominal das antigas medicina social, higiene social e saúde pública. Apesar de manter fortes laços com a tradição de investigações sobre as condições sociais da saúde e da doença, a sociologia médica difere dessa tradição de pensamento.

As condições de aparecimento dessa sociologia são muitas e variadas, de acordo com o país em questão. No entanto, há uma unanimidade entre os autores que trabalham o tema em indicar o período após a segunda guerra mundial como o momento de retomada tanto das ciências sociais quanto da sociologia médica no continente europeu. Um autor como Eric G. Saint¹⁷ chega a apontar o fim da II Grande Guerra Mundial como um marco que inaugura uma nova era - a segunda da moderna medicina, tendo a primeira – centrada na microbiologia – iniciado-se em 1840 e terminado junto com esta guerra:

¹⁷ Saint, Eric G. Changing Sociology and Politics of Medicine. *Med.J.Aust*, January, 1981, (1), p.15-18.

“A Segunda Guerra Mundial serviu como um grande divisor de águas, catalizando as revoluções científica, educacional e sociológica. (...) Os governos de pós-guerra foram forçados, pela opinião pública e pelos próprios grupos profissionais, a responderem a demonstrativa necessidade de mudanças. Foram forçados a proverem, por um lado, um sistema mais igualitário de saúde em sociedades nas quais a memória dos anos de escassez estava vívida, e a proverem, por outro lado, condições nas quais a prática científica da medicina pudesse florescer”.

Esse movimento, de acordo com Steudler, ganha força nos anos sessenta com uma reaproximação entre medicina e ciências sociais e o aumento decisivo no número de pesquisadores engajados no campo.¹⁸ Na apresentação de um dos primeiros livros-texto da área na França, o autor cita dados da Health Information Foundation, do ano de 1961, quando o número de pesquisadores nos EUA chegava a 2000 e o número de projetos de pesquisa a 1000.

Vale a pena estendermo-nos nessa discussão como forma de esclarecer e criar o quadro epistemológico dentro do qual emerge uma sociologia centrada em um objeto específico, demandado pelas mudanças sociais. Steudler aponta que essa afinidade entre os campos é de múltipla origem, mas aparece como um produto de dois principais fatores:

- das pressões inovadoras sobre a prática da medicina, geradas pelo desenvolvimento técnico e organizacional da ciência médica;
- do novo estatuto dos fatores sociais e ambientais na aparição e evolução das doenças, implicando em uma nova reação terapêutica carregada de influências psicológicas e sociais.

Dentro do primeiro aspecto, fica claro, a partir da década de sessenta, que mudanças significativas ocorriam na técnica médica. Com a *concentração dos atendimentos em unidade complexas*, como os hospitais, responsáveis pela pesquisa, pelo ensinamento e pelo cuidado em si, problemas quanto à organização dessa instituição aparecem na pauta do dia. Outro ponto refere-se ao *crescimento dos custos*

¹⁸ Steudler, François. *Sociologie Médicale*, Paris: Armand Colin, 1972.

da saúde, que levam a dilemas orçamentários e discussões políticas quanto aos investimentos a serem realizados. Além disso, há uma *transformação da prática médica* ligada a uma série de alterações no campo, como a inserção de novos grupos sociais no “setting” médico, participando do ato curativo ou de cuidado; especialização das áreas médicas; alteração da relação médico-paciente; maior divulgação e difusão dos conhecimentos médicos; mudanças na hierarquia e status dentre os grupos médicos e outras.

Outras demandas se apresentam no espaço social, questionando, à luz do novo papel da medicina, *o lugar dos médicos enquanto agentes desse processo*, lugar ligado ao corporativismo e à autonomia dos grupos médicos em relação ao Estado e gerenciadores da saúde.

Ainda dentro do tema da transformação da tecnologia médica e da pressão gerada sobre a prática, surgia com força e avançava sobre o lugar onde se geram e se reproduzem os agentes da prática médica, *as escolas de medicina e sua organização do ensino*, o tema da redefinição da formação do profissional da saúde.

Todos esses fatores eram oriundos de um desenvolvimento que pode ser chamado de **interno** à ciência médica e resultado de sua própria dinâmica.

Quanto às características **externas**, duas devem ser elencadas. A primeira decorre do fato de que, ao mesmo tempo em que a medicina mudou internamente, houve e há fatores devidos a uma mudança no próprio perfil epidemiológico das sociedades e na maneira de ver os aspectos psicológicos do adoecimento. De acordo com Steudler¹⁹, as doenças crônicas do pós-guerra e o desenvolvimento das ciências comportamentais (psicanálise, antropologia) levaram a um investimento crescente na busca das origens sociais e mentais das doenças.

A segunda característica resulta da canalização dessas demandas da sociedade via intercessão do Estado, veículo de direcionamento das políticas e da regulamentação do atendimento à saúde. A intervenção estatal foi uma outra grande força a atuar na conformação do campo da saúde, sobretudo no campo da instituição da sociologia da medicina.

¹⁹ Steudler, François. *Sociologie Medicale*, Paris : Armand Colin, 1972.

Tudo o que foi dito apontava para a necessidade e relevância de uma sociologia da medicina, que explicitasse os problemas a serem resolvidos dentro do processo de transformação pelo qual passava a prática do restabelecimento da saúde.

Estas discussões e reflexões surgiram nas sociedades capitalistas após o fim da segunda guerra como uma necessidade de alterar e amenizar a hipertrofia do modelo biomédico, através da alteração curricular dos cursos das faculdades de medicina. Essas demandas foram canalizadas internacionalmente através dos organismos competentes, sobretudo a World Health Organization (WHO). Essas entidades supranacionais exerceram um papel importante na configuração dos modelos de ensino e de pesquisa da área médica, defendendo uma participação maior de profissionais não médicos no campo da saúde. No caso latino-americano, a Organização Pan-Americana de Saúde, desde os anos 50, reuniu profissionais em medicina que propunham reformulações, enfatizando a necessidade da criação de disciplinas específicas para as humanidades dentro das escolas médicas, o que acabou ocorrendo gradativamente.

Essas determinações e propostas eram o resultado dos debates presentes em outros seminários: a Conferência de Colorado Springs (EUA), a de Nancy (França), e em Londres (Inglaterra), realizadas em 1952.

No entanto, na Europa há algumas características gerais concernentes à sociologia médica que podem ser enfeixadas em um conjunto estável de variáveis. O impacto das duas grandes guerras não pode ser minimizado. Especialmente no caso da sociologia, a segunda guerra significou uma pá de cal na antiga tradição sociológica, que não permaneceu consistente. Foi necessário reconstruir as bases teóricas e os quadros intelectuais, destruídos durante esse período. Com esse propósito, Lisbeth Claus realizou um trabalho sobre as origens e o desenvolvimento da sociologia médica na Europa, através de questionários aplicados a um grande número de profissionais atuantes nessa área (646), em conjunto com estudos históricos e analíticos sobre cinco desses países, cujo resultado foi intitulado *The Development of Medical Sociology in Europe*.²⁰

²⁰ Claus, Lisbeth M. The Development of Medical Sociology in Europe. *Soc. Sci. Med*, vol. 17, nº 21, p. 1591-1597, 1983.

As conclusões da autora apontam para a convergência de dois fatores na base do estabelecimento da moderna sociologia médica:

Primeiro, as mudanças sofridas nas tendências da saúde, da medicina e do cuidado médico, sobretudo com a instalação do Welfare State. Concomitante a isso, como um segundo fator, o crescimento e amadurecimento das ciências sociais habilitaram-nas, através de instrumentos metodológicos e quadros teóricos adequados, a reivindicar uma atuação nas sociedades do pós-guerra.

No quadro 1, construído com os dados fornecidos por Claus e completado por dados citados por outros autores, percebemos que o desenvolvimento da sociologia médica foi muito desigual nos países europeus. Muito poucos forneceram algumas condições de crescimento dessa sub-disciplina já nos anos 50. Em sua grande maioria, somente nos anos 70 essas condições apareceram claramente, apesar de um grande número ter surgido já na década anterior.

Quadro 1. Primórdios da sociologia médica na Europa

Meados dos anos 50	Reino Unido, USA
Final dos anos 50	Rep. Fed. da Alemanha (1958)
Início dos anos 60	Polônia, Finlândia
Meados dos anos 60	Bélgica
Metade para o final dos anos 60	França, Áustria (1967)
Anos 70	Maioria dos países europeus Espanha (1976), Hungria (1970)
Anos 80	Demais países

Fonte: Claus, L. ; Lahelma, E. & Riska, E.²¹; e Campos & Miguel²² ; Kullberg, P.²³

²¹ Lahelma, Eero & Riska, Elianne. The development of medical sociology in Finland. *Soc. Sci. Med*, vol. 27, nº 3, p. 223-229, 1988.

²² Campos, Juan e Miguel, Jesús M. de. Editorial Comment. *Soc. Sci. Med*, vol. 16, p. 499-503, 1982.

²³ Kullberg, Patricia. Social visions and social control: the evolution of medical thought in postwar Hungary. *Int J. of Health Services*, vol. 16, nº 3, 1986.

Algumas variáveis sobressaem quando se analisa o nascimento desses campos intelectuais. Apesar de algumas se referirem ao contexto histórico geral europeu e afetarem a disciplina sociológica como um todo, outras se aplicam especificamente à sociologia médica. A seguir, discorreremos sobre esses fatores, ressaltados pela autora, de forma sucinta.

Primeiro, houve nos anos sessenta um investimento estatal maciço nos fundos de pesquisa, especialmente nas ciências sociais, com o objetivo de obter dados que orientassem políticas públicas. No caso da medicina, a organização, no pós-guerra, dos sistemas estatais de saúde e de previdência social, havia gerado altos custos orçamentários que levaram a discussão do modelo nos anos sessenta. Assim, fundos externos foram investidos em pesquisas dentro do campo, como forma de solucionar esses problemas.

Segundo, a expansão e democratização do ensino superior nos países europeus, através do aumento do número de universidades e das vagas.

Terceiro, refere-se ao desenvolvimento da sociologia como uma ciência moderna, apartada de sua tradição clássica, herança dos séculos anteriores, e finada com o impacto da II Grande Guerra. A absorção parcial do modelo americano de pesquisas, mundialmente hegemônico no período, facilitou a especialização dessa disciplina em sub-áreas e facilitou os estudos metodológicos. Isso estimulou o desenvolvimento da sociologia aplicada ao campo médico.

Um **quarto** fator refere-se aos movimentos sociais de contestação, por parte dos estudantes, dentro do clima de inquietação política do período. Novas áreas de atuação dentro da estrutura acadêmica foram buscadas pelos agentes sociais, aí inclusos o ensino e a educação médica. Novas propostas e novos regulamentos são colocados na ordem do dia dentro das escolas médicas, buscando uma humanização e uma melhor prática médica. A introdução de ciências comportamentais no currículo médico parecia então uma forma de *humanizar* a medicina. Esse novo espaço favorecerá o emprego de muitos sociólogos médicos dentro das escolas médicas.

Além disso, a crítica ao sistema de saúde faz-se cada vez mais aguda e demanda respostas sociais urgentes.

Em **quinto** e último lugar, a profissionalização alcançada internamente ao campo da sociologia médica estimulou sua legitimação social e sua existência como um espaço autônomo de conhecimento.

Esse impulso na abordagem das questões de saúde sob o prisma das ciências humanas, especialmente as sociais, representou uma retomada das origens européias da medicina social. As raízes desse tipo de sociologia encontram-se no século XIX na maioria dos países europeus. Apesar do declínio da medicina social quando ascendeu e ganhou força o paradigma biomédico, na virada para o século XX, a medicina social deixou suas marcas na sociologia médica moderna.

Por outro lado, alguns fatores trabalharam no sentido de conter a autonomização dessa subdisciplina em território europeu.

Primeiro: a rígida estrutura universitária européia, fruto da tradição e sedimentação disciplinar ao longo dos séculos. Isso gera dificuldades na institucionalização da própria sociologia, costumeiramente partilhando o espaço com outras disciplinas de humanidades, quanto mais de uma subdisciplina ligada à saúde. Uma segunda dificuldade é a própria maneira como as carreiras universitárias desenvolvem-se, ligadas a relações corporativas e francamente determinadas pela estrutura acadêmica. Essa peculiaridade dificulta a criação de novos postos e áreas de estudo.

Segundo: a imagem externa de extremo criticismo e politicismo cria um rótulo radical que impede a absorção da disciplina em espaços mais conservadores.

Terceiro: como um derivativo da estrutura acadêmica antiga, o poder das disciplinas - há muito arraigadas nesse universo - competem em áreas fronteiriças, como a medicina social, saúde pública, demografia médica e geografia, o que impede a realização de alianças profundas da sociologia com a área médica, monopolizada por essas disciplinas.

Quarto: a ausência fundamental de teorias ligadas ao *mainstream* sociológico, que pudessem dar apoio e manter o diálogo com essa área específica de conhecimento, exceção inexplicável se tivermos em vista o fato de que outras linhas

teóricas desenvolveram-se dentro das ciências sociais - sociologia do trabalho, da família, da religião e outras.

Essas características referem-se à sociologia médica européia em geral, devendo os casos nacionais específicos ser aprofundados com estudos em separado. Alguns desses exemplos serão citados fugazmente, quando se fizer adequado. Nosso interesse é o caso francês, a ser particularizado, pois nele reside nosso foco principal de interesse.

Um campo específico – a sociologia médica francesa

No caso da França, quase tudo o que foi discutido antes pode ser encontrado, de forma mais ou menos intensa, ressaltados alguns fatores históricos e sociais que levaram à conformação diferenciada de alguns aspectos da sociologia médica francesa.

Um **primeiro** diz respeito às relações entre sociologia e sociologia médica.

O crescimento e o desenvolvimento da sociologia como disciplina mãe ganhou novo ímpeto a partir do pós-guerra. No entanto, como descreve Herzlich ²⁴, se nos EUA Talcott Parsons exerceu um papel marcante na profissionalização e teorização da área, os sociólogos franceses mais conhecidos não tomaram a medicina como um objeto de estudo próprio e relevante.

Um **segundo** fator diferencial da sociologia médica francesa é que, ao contrário de outros países europeus, o fantasma dos dilemas da reconstrução do atendimento das populações doentes do pós-guerra pareceu ter sido exorcizado pela sociedade francesa. Nas palavras de Herzlich:

“Nosso sistema de saúde pareceu ser uma síntese harmoniosa caracterizada pela coexistência de práticas médicas privadas (a chamada medicina liberal) com reembolso pela seguridade social. Supostamente, a sociedade francesa chegou a um equilíbrio; a escolha livre do paciente de seu médico entrou em acordo com a garantia financeira do direito do cuidado médico”.

²⁴ Herzlich, Claudine. Sociology of health and illness in France, retrospectively and prospectively. *Soc. Sci. Med.* Vol. 20, nº 2, p. 121-122, 1985.

No entanto, essa aparente solução ideal nos cuidados médicos oferecidos à população francesa não foi um privilégio dessa sociedade. Apesar da afirmação da autora referir-se à especificidade francesa, na verdade o principal movimento que logrou implantar departamentos acadêmicos e de ensino – os programas de medicina preventiva – também não conseguiu os mesmos resultados na Europa em geral. Ao contrário da América Latina, sob a forte influência dos organismos internacionais e seu poder de financiamento, as estruturas acadêmicas dos países europeus ocidentais tinham longa tradição institucional e os sistemas nacionais de saúde tinham sido ou estavam sendo implementados, o que impediu a influência dos movimentos preventivistas.

Mesmo assim, o papel de ponta de lança dos primeiros profissionais que decidiram participar do ensino das chamadas humanidades nas escolas médicas, como ocorreu em alguns países da América Latina, não teve, na Europa e em especial na França, a força necessária para ultrapassar as resistências da corporação profissional e penetrar nos ambientes das escolas médicas francesas.

De qualquer forma, como nos demonstrou Steudler²⁵, o retorno do problema do financiamento da assistência médica retornou inexorável, a partir dos anos 60. O aumento dos custos e os problemas enfrentados no sistema de hospitais públicos levaram a iniciativas do Estado no campo da saúde, com o interesse de conhecer a área e implementar políticas públicas adequadas. Steudler concorda com Herzlich quanto ao início do sistema de saúde francês: na visão deste autor, o primeiro papel estatal no campo da saúde na França – o de guardião - foi no sentido de prover o atendimento de saúde à população e também o desenvolvimento da própria medicina. Nesse objetivo, eram considerados os interesses dos grupos profissionais que atuavam em saúde e as demandas sociais. Essa política pôde manter-se durante o período de ouro do Welfare State, comum crescimento expressivo da saúde desde 1950, devido ao crescimento da economia e do esforço governamental de Charles De Gaulle em desenvolver as pesquisas na área.

²⁵ Steudler, François. The State and Health in France. *Soc. Sci. Med.* Vol. 22, nº 2, p. 211-221, 1986.

Porém, ela começa a entrar em crise no final da década de sessenta, quando, sintomaticamente, começam a ser investidos recursos em pesquisas econômicas e sociológicas, que tomam o setor como objeto de estudo. Como aponta o autor, o total de impostos pagos pelos franceses, resultado da soma de taxas normais mais a contribuição à seguridade social – chamados de “*prélèvements obligatoires*” – chegou a tomar 32,8% do PIB (GDP) francês em 1959. Em 1973, atingia 35,7% e, em 1980, chegou a 41,6%. Esse aumento contínuo, além do crescimento da economia, levou à crise do Welfare State no início dos anos 70.

Dessa maneira, os interesses corporativistas dos profissionais de saúde e dos beneficiários desse sistema foram suplantados pelo modelo economicista que entra em vigor nesse período. Nos termos de Steudler²⁶, o papel estatal passa de *guardião* a *força guia*, frente às novas necessidades econômicas e sociais.

A entrada em cena do Estado francês e desse novo papel coincide com o momento de crescimento e maturação da sociologia na França. Até então uma disciplina marginal, a institucionalização da sociologia dá-se no confronto com disciplinas extremamente enraizadas no contexto acadêmico francês, como a filosofia, a história e outras.

Esse é o motivo que leva Herzlich a afirmar que a iniciativa desse novo Estado, através da criação da DGRST – Delegação Geral para a Pesquisa Científica e Tecnológica, uma agência sob as ordens do primeiro ministro da França, foi extremamente bem recebida e abriu, dentre muitos outros, um novo campo de estudos, legítimo e claramente definido: o da sociologia médica ou sociologia da saúde. Nos termos da autora:

*“Estes projetos tinham a intenção de ajudar a entender o sistema de saúde e otimizar o seu funcionamento. Este sistema não podia mais ser deixado somente nas mãos dos médicos, pois suas contradições estavam se tornando visíveis”.*²⁷

²⁶ Steudler, François. The State and Health in France. *Soc. Sci. Med.* Vol. 22, nº 2, 1986. p. 217.

²⁷ Herzlich, Claudine. Sociology of health and illness in France, retrospectively and prospectively. *Soc. Sci. Med.* Vol. 20, nº 2, 1985. p. 121.

Com essa abertura, pesquisas sobre o campo da saúde começam a ser publicadas sistematicamente, versando sobre políticas hospitalares, evolução da seguridade social, imagens sociais da saúde e da doença, saúde mental, pessoas deficientes físicas, organização hospitalar e acesso aos serviços de saúde, entre outras.

No entanto, a despeito do impulso tomado pelas pesquisas nesse período, os pesquisadores não conseguiram furar o bloqueio da corporação médica, ainda muito unida enquanto grupo profissional. Ao contrário da maioria dos países europeus, onde a sociologia penetra nas escolas médicas através e para o ensino, a sociologia da saúde francesa fica restrita a uma atuação externa ao campo médico. Seus conteúdos não estão claramente definidos nos currículos médicos e não aparecem como temas nos livros publicados para o ensino.

Ao mesmo tempo, a sociologia médica está longe de ser claramente aceita no seio da disciplina mãe e a reprodução de pesquisadores e especialistas na subárea encontra-se fracamente institucionalizada. Como afirma a autora, os pesquisadores desse campo têm sérias dificuldades em criar uma identidade profissional claramente reconhecível, através de seu trabalho.

Essa situação específica do campo traz desvantagens quanto ao acesso ao objeto de estudo, monopolizado pelos profissionais da saúde. Por um lado, o bloqueio relativo ao acesso direto aos temas centrais de seu tipo de estudo, como ao sistema de saúde, ao espaço médico, aos profissionais e outros diminui a legitimação de sua própria prática de pesquisador e restringe os financiamentos públicos à sua pesquisa. Ainda, não atende demandas sociais ao realizar pesquisas chamadas de “aplicadas”, que possam equacionar e ajudar a prática médica.

Um primeiro balanço sobre essa produção inicial, será realizado em 1973 pela *Revue Française de Sociologie*, quando a sociologia médica inicia um processo de plena institucionalização e de desenvolvimento da produção científica.

Esse primeiro balanço será feito no início dos anos 70 e nesse panorama surgirá, dentre outras, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, sobre a qual nos debruçaremos com mais intensidade no capítulo terceiro, como forma de ali encontrarmos um indicador do panorama da sociologia médica na França.

Mas, antes de realizarmos essa inserção nos documentos empíricos – os artigos da *Actes de la recherche en sciences sociales* - faz-se necessário o aprofundamento da análise sobre a *teoria da práxis* de Bourdieu e de seus conceitos basilares, pois esta teoria, ao mesmo tempo em que representa o material de estudo, também é a base metodológica sobre a qual nos apoiaremos para construirmos nosso trabalho. Isso acontece no capítulo a seguir.



CAPÍTULO II ***GENEALOGIA DA TEORIA*** ***DE PRÁXIS***

*O **habitus** científico é uma regra feita homem ou, melhor, um **modus operandi** científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter essas normas na sua origem: é esta espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada.*

Pierre Bourdieu, O poder simbólico.

Introdução

Neste capítulo, vamos tratar de aspectos fundamentais da construção teórica e conceitual da sociologia desenvolvida por Pierre Bourdieu. Um ponto inicial da leitura das obras do autor refere-se à ruptura necessária com as construções sociais do senso comum, eivadas do que Bourdieu chama de “sociologia espontânea”. Podemos tomar como fio inicial dessa ruptura a própria linguagem utilizada pelos sociólogos, sempre compartilhada com os sujeitos sociais que constroem explicações sobre a realidade que os cerca, ainda que marcadas pela superficialidade.

Assim, uma primeira abordagem e ruptura a ser realizada, antes de empreendermos uma leitura e análise pormenorizada da obra de Bourdieu, deve ser quanto à origem etimológica dos principais conceitos que esse autor utiliza.

Essa abordagem inicial justifica-se metodologicamente pela proposta do próprio autor, primeiro a incitar uma ruptura radical com nossa familiaridade com os conceitos e a realidade social, como ela se nos apresenta. Se os fatos sociais são conquistados através e contra o saber imediato, é primordial questionarmos nosso *habitus* que preside, enquanto interiorização dos princípios da teoria do conhecimento sociológico¹, essa ruptura inaugural.

Romper com as prenoções, formadas no uso comum e rotineiro das definições e que são ao cabo uma sedimentação social, requer uma retomada das palavras dentro do contexto de seu uso social.

É isso que coloca em jogo o autor, quando afirma:

*“Na verdade, à medida que a linguagem ordinária e certos usos eruditos das palavras ordinárias constituem o principal veículo das representações comuns da sociedade, é sem dúvida uma crítica lógica e lexical da linguagem comum que aparece como o preâmbulo mais indispensável à elaboração controlada das noções científicas”.*²

Além disso, especificamente os conceitos sobre os quais a obra de Bourdieu se constrói, aqueles de **habitus** e **campo**, são termos largamente utilizados em suas acepções comuns. O termo campo é muitas vezes utilizado como indicação de um espaço indeterminado dentro do qual se movem os agentes ou atua alguma instituição. Por sua vez,

¹ Bourdieu, Pierre. *Le métier de sociologue*. Paris : Mouton, 1968.

² Idem, *Le métier de sociologue*, p. 36.

habitus é um conceito freqüentemente compreendido como costume ou hábito, o que não corresponde perfeitamente às idéias do autor quando se utiliza dessa noção.

Uma forma inicial de realizarmos essa ruptura é buscarmos uma etimologia dos termos, sem pretendemos, no entanto, esgotar esse veio rico e infindável da análise filológica.

Etimologia do conceito de *habitus*

Quanto ao termo *habitus*, sua origem reside em um verbo, *habeo*: ter, ter em sua posse, possuir, ocupar.³ Por isso, esse verbo, em sua vertente que exprime uma ação repetida ou freqüente, uma iteração, vertente chamada de freqüentativa, significa habitar, residir, morar. Em sua vertente de particípio, ou seja, das formas nominais que tomam o verbo, assume vários significados:

- Estado - de um corpo ou coisa, constituição.
- Aspecto, aparência.
- Disposição de espírito, caráter.
- Veste, traje.

Essa primeira aproximação, dentro do léxico comum, não faz jus à complexidade da origem e do desenvolvimento histórico do conceito. Uma constatação é necessária para desfazer o uso inadequado do termo dentro da sociologia: desde suas origens, o conceito de hábito sofreu uma inserção paralela na linguagem filosófica e erudita, com um sentido diferente do usado na linguagem comum. Essa ruptura inicial, oriunda das primeiras traduções do grego, estabeleceu uma tradição de uso "técnico" dessa palavra na filosofia, que se apartou do uso comum, mas de forma incompleta e conflituosa.

Além disso, dentro de cada cultura específica, esse conceito sofreu variações tanto no campo erudito quanto do uso comum da palavra, até chegar ao Brasil e ao nosso contexto.

³ Ferreira, Antonio Gomes. *Dicionário de Latim Português*. Porto: Porto Editora, 1997. Ver *habeo*, *habito* e *habitus*.

No quadro a seguir, estão listadas as diversas formas que o vocábulo tomou, de acordo com a língua e seu uso, historicamente construído:

Quadro 2. Formas do vocábulo de acordo com o sentido, em diversas línguas.

<i>IDIOMAS</i>	<i>COSTUME</i>	<i>DISPOSIÇÃO</i>
GREGO	ETHIKÉ	ÊTHOS/HEXIS
LATIM	CONSUETUDO	HABITUS
FRANCÊS	HABITUDE	DISPOSITION/ ATITUDE
INGLÊS	HABIT/CUSTOM	HABIT
ALEMÃO	GEWOHNHEIT	FERTIGKEIT
ESPAÑHOL	HABITUDO/HÁBITO	<i>HABITUS</i>
PORTUGUÊS	HÁBITO	<i>HABITUS</i>

A herança do termo vem das traduções da obra de Aristóteles, o primeiro pensador a utilizar o termo dentro da linguagem filosófica, em consonância com as obras de Platão, mas de uma maneira mais complexa e específica. Ele concordava com Platão quanto à relevância do hábito na educação - e, portanto, nos termos de Bourdieu, na reprodução social - e isso se traduz em citações como a seguinte:

*“Daí a importância, assinalada por Platão, de termos sido habituados adequadamente, desde a infância, a gostar e desgostar das coisa certas; esta é a verdadeira educação”.*⁴

No entanto, Aristóteles diferencia dentro do conceito um outro sentido - mais sutil - mas de extrema importância nas suas obras: a idéia de uma capacidade, habilidade, disposição. Pode-se definir esse sentido da palavra hábito como *“uma disposição para estar bem ou mal disposto para com alguma coisa; e, por ex., a saúde é um hábito, porque é uma disposição assim feita [grifos meus]”*.⁵

⁴ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Livro II, 3. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 140.

⁵ Citado por Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970. Esse é um ponto ao qual retornaremos ao longo da tese, explorando essa relação.

Esse sentido da palavra traduz-se no conceito de **excelência**, que pode ser **intelectual** ou **moral**. A segunda, excelência moral, é conformada pela repetição (hábito) continuada que vai de encontro à natureza do indivíduo, as suas disposições e emoções inatas. Dessa forma, a excelência moral é um resultado do costume ou hábito e traduz-se numa capacidade ativa incorporada ao caráter do indivíduo. Nessa conotação, o hábito transforma-se em *habitus*.

Se pensarmos em termos aristotélicos:

*“(...); quanto à excelência moral, ela é produto do hábito [ethiké], razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação, da palavra hábito [êthos]”.*⁶

Pode-se observar, a partir desse trecho, dois pontos relevantes. Em primeiro lugar, em sua origem grega os termos diferenciavam-se claramente (ethiké/hábito, êthos/disposição) e assim permaneceram na tradução realizada para o latim da obra de Aristóteles.

Um segundo ponto diz respeito à dificuldade encontrada pelos tradutores para o português em diferenciar claramente esses conceitos, pois não há vocábulos específicos para cada um desses sentidos do termo original, tanto que, no trecho citado acima, há uma dificuldade linguística que impossibilita ao tradutor de realizar essa diferenciação através dos vocábulos, sendo então obrigado a indicar as diferenças através do uso de colchetes. Se fosse sociólogo, teria utilizado “habitus” no primeiro caso e “hábito, costume” no segundo.

O primeiro e grande tradutor da obra aristotélica foi Boécio, no século VI, cuja tradução fixou o termo *habitus* como o equivalente ao grego hexis. Redescoberta a cultura grega, esse conceito foi continuamente utilizado dentro da filosofia ocidental.

Por outro lado, esse uso específico dentro da filosofia foi reintroduzido, a partir do século XIX, dentro da sociologia, por diversos autores, que não seguiram explicitamente a tradição filosófica.

Em resumo, temos três tradições de utilização do conceito, que remontam às suas origens gregas e, posteriormente, latinas.

⁶ Aristóteles, idem. Livro II, 1. p. 137. Os colchetes correspondem à nota do tradutor brasileiro.

Primeira - A tradição da linguagem cotidiana, cuja utilização dos termos acaba por sedimentar ou alterar seus significados, além de apresentar um sério risco de duplo sentido ou confusão semântica, por parte do cientista social ou por quem estuda seus trabalhos apresentados através dessa linguagem cotidiana.

Segunda - A tradição erudita – principalmente filosófica - que tende a reservar os usos técnicos dos termos e a buscar a diferenciação em relação à linguagem ordinária, através de movimentos de descolamento da tradição etimológica e invenção de novos usos para palavras abandonadas ou através de empréstimos artificiais. Muitas vezes essa tradição acaba por forjar novos termos ou vocábulos, pretendendo isolá-los de qualquer tipo de uso ordinário ou contaminado.

Terceira - a tradição sociológica, em cujas raízes, apesar de mais recentes, estão presentes conceitos tomados tanto da linguagem comum quanto da filosofia. Max Weber (*ethos*) e Marcel Mauss (*hexis*), dentre outros, são exemplos de sociólogos que utilizaram o termo hábito em suas obras. Essas duas abordagens serão comentadas adequadamente no decorrer desse trabalho.

Percebe-se claramente uma persistência da dicotomia e diferenciação entre os dois termos, indicando um uso restrito e específico. No entanto, em português não há um termo diferente para cada uso.

Essa utilização será abordada a seguir, quando discutiremos mais profundamente as definições do conceito.

As dimensões do *habitus*

Buscar a origem e a data do aparecimento do conceito parece ser a maneira usual de realizar um estudo de uma temática específica. No entanto, no caso particular do conceito de *habitus*, esse procedimento não é adequado.

A presença do conceito no corpus teórico do autor remonta aos seus primeiros trabalhos de antropologia social, como os de análise da sociedade Cabila ou das populações camponesas do interior da França, onde Bourdieu utilizou-se do conceito de *hexis corporal*⁷. Esse conceito foi definido da seguinte maneira:

*“(...) a **hexis** é o mito realizado, **incorporado**, tornado disposição permanente, maneira durável de se postar, de falar, e, assim, de **sentir** e **pensar**; é assim que toda a moral da honra se encontra ao mesmo tempo **simbolizada e realizada na hexis corporal**”. [grifos do autor]*

Percebe-se claramente que esse conceito é extremamente próximo do conceito de *habitus*, plenamente desenvolvido posteriormente. Essa primeira aproximação sofreria alterações posteriores e enriquecimentos devidos a pesquisas diversas. Outros trabalhos, como sobre a prática da fotografia -*Un art Moyen* -, não fazem uso desta noção diretamente e utilizam-se de outros conceitos. Sobretudo, a maior dificuldade para uma análise cronológica é o fato apontado por Louis Pinto, quando comenta a obra de Bourdieu: a formulação teórica ocorre num momento posterior aos trabalhos de pesquisa, estes sim privilegiados por Bourdieu como o momento principal da prática científica.

O próprio Bourdieu afirma que “*diferente da teoria teórica (...) a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e de ação só revelado no trabalho empírico em que se realiza*”.⁸

Assim, aceitaremos, como tese inicial, a descrição de Bourdieu, quando declara que em seus primeiros trabalhos estava em suspenso uma busca por uma alternativa teórica entre o objetivismo e o subjetivismo. O conceito estava definido por sua ausência e por sua necessidade e apresentava-se como uma negatividade.

Nesses trabalhos iniciais, Bourdieu realiza a crítica a ambas as correntes, sem, no entanto, apresentar uma “solução” para as questões levantadas. Curiosamente, Bourdieu afirma posteriormente que essa presença pela ausência pode ser explicada por seu *habitus* de pesquisador, base da intuição das condições do campo nessa época. Quando discorre sobre as primeiras aplicações do conceito, o autor afirma:

⁷ *Esquisse d'une Théorie de la Pratique: précédé de trois études d'ethnologie Kabyle*. Genebra: Droz, 1972, p. 193.

⁸ A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Difel, 1989. p. 58-59.

*“... eram, com efeito, o produto não de um cálculo teórico semelhante ao que acabo de fazer mediante uma balizagem sistemática do espaço teórico, mas sim de uma estratégia prática do **habitus** científico, espécie de sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional num espaço”.⁹*

Se não podemos estudar a genealogia do conceito de *habitus* a partir de sua cronologia de aparecimento em publicações, devemos buscar uma alternativa que se refira ao próprio conteúdo do conceito.

Aceitaremos, então, a proposta do próprio autor e tentaremos analisar a progressão e o desenvolvimento do conceito paralelamente a escolha dos objetos estudados nas pesquisas levadas a cabo por Bourdieu.

Em resumo, defende-se a tese de que os objetos de estudo são eles próprios frutos de uma escolha e uma construção; nos termos de Bourdieu, uma estratégia individual visando um fim que está de maneira inconsciente (ou quase consciente) presente na subjetividade do próprio pesquisador.

Essa estratégia sofre a influência do momento histórico e do estado do campo no qual o cientista se insere. Logo, os objetos de estudo tendem a responder às necessidades e perguntas teóricas do autor e, dessa maneira, os objetos devem demandar uma determinada construção teórica. Se estivermos certos, o conceito de *habitus* deve ter surgido em decorrência dos objetos de estudo e sofrido alterações pelo mesmo motivo.

Como forma de explanação didática, podemos assumir as distinções propostas por Louis Pinto, investigador ligado ao grupo de pesquisas de Bourdieu.

Quando analisa o conceito de *habitus*, defende a tese da pertinência teórica desse conceito em relação aos trabalhos práticos de pesquisa desenvolvidos pelo autor e propõe a distinção desse conceito em quatro dimensões:

⁹ Bourdieu, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 62.

“As diferentes dimensões – disposicional, distribucional, econômica e categorial – que se deveriam distinguir para fins de exposição, de modo a explicar aspectos determinados do objeto de conhecimento, se acham, é claro, estreitamente associadas no trabalho empírico”.¹⁰

Embora essa distinção seja eminentemente teórica e, na prática de pesquisa, seja impossível discernir entre os diversos aspectos do conceito, ela tem a virtude de tornar mais inteligíveis o alcance e a utilização desse instrumento de análise.

Uma dimensão do conceito de *habitus*, a **categorial**, é aquela referente às categorias de apreensão e classificação do mundo, modo de ordenação lógica através da qual os indivíduos atuam sem plena consciência de seus atos, enquanto resultado de categorias presentes a priori, e sem as quais não existiriam as práticas. Essas categorias, entendidas por Bourdieu como esquemas generalizáveis que podem ser aplicados a diferentes situações objetivas, estão presentes e são o fundamento do conceito de *habitus*.

Outra dimensão do conceito de *habitus*, a **disposicional**, atém-se ao problema que se colocou para Bourdieu em suas primeiras pesquisas: qual a relação do indivíduo com a sociedade - centrado em seu ponto de vista enquanto agente social - e como se dá essa interação. A temática dessas pesquisas é a adequação do indivíduo à sociedade na qual ele vive e quais os mediadores entre esse mundo objetivo e o próprio mundo subjetivo do indivíduo. Essa disposição do agente deve ser entendida como um senso prático, oriunda de uma relação dóxica com as estruturas objetivas do mundo social e que se traduz por ações coerentes com esse mundo.

A dimensão **distribucional**, um terceiro aspecto do conceito, diz respeito às relações dos indivíduos entre si e em sociedade. Para além do papel mediador do *habitus* dentro do indivíduo, o *habitus* é o resultado de uma dominação objetiva traduzida na interiorização das desigualdades sociais.

Essas desigualdades sociais são retraduzidas em desigualdades culturais entre indivíduos e grupos: o *habitus* é o resultado da socialização diferenciada presente na sociedade, dividida em classes, grupos ou estamentos hierarquizados. Ao tratar, em suas pesquisas, do mundo cultural, Bourdieu acrescenta à sua teoria a idéia de hierarquia e

¹⁰ Pinto, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 38-41.

distribuição dos modos de apropriação da cultura, interiorizados nos indivíduos de acordo com sua posição social.

Por fim, o aspecto geral de uma teoria dos bens simbólicos é explicitado na dimensão **econômica** do *habitus*. Essa dimensão surge como resultado de um alto grau de generalização dos resultados dos trabalhos de pesquisa empreendidos pelo autor e como uma tentativa de elaborar uma teoria que explicasse justamente os aspectos não diretamente objetivos e inteligíveis da prática, como a arte e a religião, de forma a submetê-los à teoria mais ampla das trocas simbólicas. Assim, partindo dessa esquematização inicial, uma análise sobre textos específicos de Bourdieu será realizada com o propósito de elucidar cada uma dessas dimensões e, ao mesmo tempo, apreender em sua gênese a relação entre o objeto de estudo e as formulações teóricas do autor.

A dimensão categorial

Como forma de aprofundarmos o estudo das categorias utilizadas pelos indivíduos e a forma como Bourdieu trata essa temática, analisaremos um texto que foi escrito como uma introdução, mas que apresenta a característica de explicitar claramente a posição teórica desse autor e sua postura dentro do campo acadêmico.¹¹

A dimensão do conceito de *habitus* que podemos considerar como **categorial** é aquela herdeira da tradição sociológica de Durkheim e Mauss. Em seus estudos de etnologia das sociedades australianas, Durkheim propõe “*um novo caminho a ser trilhado*”¹², o do estudo do funcionamento das operações de entendimento e dos conceitos sob a ótica da sociologia. Para tanto, parte da conclusão extraída desses trabalhos, a de que “*as primeiras categorias lógicas foram categorias sociais; as primeiras classes de coisas foram classes de homens nas quais as coisas foram integradas*”.

¹¹ Estruturas, *Habitus* e Prática. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. Esse texto foi originalmente publicado como um posfácio à obra de Erwin Panofsky, *Architecture Gothique et Pensée Scolastique*, editada na França, Paris: Minuit, em 1967.

¹² Algumas Formas Primitivas de Classificação. In: *Durkheim*, Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1984. p. 203 e 198, respectivamente.

Parece ser justamente esse o caminho percorrido por Bourdieu, quando traça um paralelo entre as sociedades modernas, providas de um sistema escolar e dos quais os indivíduos recebem os esquemas que organizam os seus pensamentos, e as sociedades “primitivas”, com as quais lidaram Durkheim e Mauss. Comparando as funções dos mitos e dos rituais nessas últimas com a função da escolarização em nossas sociedades, ambas parecem preencher a necessidade de gerar “formas de classificação” anteriores à própria prática.

Essas “formas primitivas de classificação” nada mais seriam que os esquemas fundamentais que presidem o *habitus*, inculcados pela escola e gerador de práticas. Na definição de Bourdieu, a cultura inculcada pela escola não é somente um código (sobretudo de linguagem) comum, mas significa:

“(…), um conjunto de esquemas fundamentais, previamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares. Este habitus poderia ser definido, por analogia com a gramática generativa de Noam Chomsky, como o sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e as ações, característicos de uma cultura, e somente esses”.¹³

Ao estender a análise a toda a sociedade, Bourdieu utiliza o conceito escolástico e restrito de *habitus* de uma forma geral e escapa à dicotomia que opõe estruturalismo e fenomenologia.

Através dessa inculcação de base, os *habitus* individuais podem ser atualizados e alterados, de acordo com o espaço social no qual eles estão inseridos. Esta “*atualização concreta que se dá na lógica de uma prática particular*”, nos termos do autor, é a responsável pelas homologias e pelo caráter sistemático e duradouro das práticas. Obedecendo a um princípio gerador comum, a lógica de uma criação artística ou da livre escolha individual obedece a uma espécie de objetivo teleológico, desconhecido do agente no momento da ação prática e que se revelará nos resultados de sua ação.

¹³ “Estruturas, *Habitus* e Prática”. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 349.

A dimensão disposicional

À primeira vista, essa dimensão do conceito de *habitus* confunde-se com o aspecto anterior, **categorial**, pois não parece haver diferença entre categorias lógicas de apreensão do mundo e suas conseqüências, a saber, a interpretação do mundo em si mesma, realizada pelos indivíduos.

Parece uma continuidade conservar, como base, as categorias inerentes às práticas e a partir delas extrair as práticas reais dos agentes. No entanto, apesar da prática estar informada pelas formas objetivas de classificação oriundas da sociedade e interiorizadas, a disposição do indivíduo comporta um espaço de livre escolha e de atualização dessas categorias de base.

Esta diferença sutil é que permite diferenciar essas duas dimensões, **categorial** e **disposicional**, do *habitus*. Em seus primeiros estudos, sobre a Argélia, Bourdieu utiliza seus conhecimentos de antropologia estrutural em pesquisas sobre a cultura argelina e as práticas dos indivíduos, relacionadas com mudanças econômicas e políticas de grande monta. Tratando-se de uma sociedade colonizada e, em muitos sentidos, semelhante à sociedade australiana estudada por Durkheim e Mauss, as analogias entre essas duas sociedades são constantes nesses estudos da sociedade Cabila realizados por Bourdieu.¹⁴

A relação entre esse mundo subjetivo, resultado da interiorização das categorias de percepção, regras morais e estéticas, e o mundo objetivo, representado pela ordem social e econômica, é o cerne das análises nesses trabalhos.

Quando discute o senso de honra, fundamento social da sociedade Cabila, Bourdieu aproxima-o de um código de conduta que se apresenta, a posteriori, como um ritual. No entanto, no momento da ocorrência das práticas, há um largo espaço de escolhas pertencentes ao indivíduo e somente a ele.

Em suma, as formas primitivas de classificação estão para o mito como as práticas concretas estão para os ritos, ainda que nas sociedades modernas o comportamento dos indivíduos não chegue a se cristalizar em seqüências estereotipadas e pré-definidas, como no ritual.

¹⁴ *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*: précédé de trois études d'ethnologie Kabyle. Genebra: Droz, 1972.

Nos termos de Bourdieu, “(...) *toda relação de honra (...) é (...) o resultado de uma escolha e expressão de uma estratégia*”. Assim, todas as escolhas e estratégias estão embasadas no conhecimento prévio das regras e normas sociais, reunidas em uma gramática, incorporada em uma ética da honra. Essa ética, “*sistema de valores de honra é mais aplicado que pensado e a gramática da honra pode embasar os atos sem necessariamente ser formulada explicitamente*”.¹⁵

Dessa forma, o autor consegue analisar o sentimento de honra, atitude pessoal que é socialmente vivida e demonstrada, sem reduzir o agente quer a um reproduzidor de estruturas do qual ele é um suporte, quer à figura de um agente social plenamente livre em suas escolhas e subjetivamente descolada das estruturas sociais da qual faz parte.

Esse sentimento de honra é um misto de estratégias pessoais e obediência a um sistema de valores, em suma:

*“(....) a disposição cultivada, o **habitus** que permite a cada agente de engendrar, a partir de um pequeno número de princípios implícitos, todas as condutas conformes às regras da lógica do desafio e da resposta, e somente estas, graça a um número de invenções que não exigiria em nada o desenrolar estereotipado de um ritual”*.¹⁶

Fica patente que essa disposição cultivada está em permanente relação com o mundo social e está sujeita a injunções objetivas de toda ordem, incluindo as advindas da esfera econômica. Nesse caso, as demandas da lógica econômica são retraduzidas, na ordem subjetiva pessoal, para a lógica simbólica da honra.

A sociedade Cabila esforça-se em recusar a realidade social em mudança sob a égide do interesse econômico e a dissimula através da manutenção de relações de honra. O resultado dessa estratégia é uma busca da maximização do lucro econômico através da busca da maximização do lucro simbólico.

Essas estratégias estão presentes dentro de sociedades estratificadas e sujeitas a relações de dominação entre indivíduo/indivíduo, indivíduos/grupos ou grupos/indivíduos. Essa problemática é discutida a seguir.

¹⁵ Idem, *Le sens de L'Honneur*, p. 31 e 41, respectivamente.

¹⁶ *Esquisse d'une Théorie de la Pratique: précédé de trois études d'ethnologie Kabyle*. Genebra: Droz, 1972. p. 31.

A dimensão distribucional

O aspecto distribucional, pensado em termos de ordem social e organização da sociedade, pressupõe uma dominação e uma hierarquização dos grupos sociais. Quando analisa a dominação, Bourdieu incorpora de forma conseqüente a ótica marxista, de crítica às sociedades capitalistas divididas em classes, bem como a teoria weberiana das formas de estratificação social. Apreender os mecanismos que operam no mundo social de forma a engendrar *habitus* diferenciados de acordo com uma ética de grupo significa desvendar os aparelhos e instrumentos de dominação e seu modo de funcionamento.

Dessa forma, o estudo da instituição escolar francesa - *Les Héritiers*, a prática fotográfica - *Un art Moyen* - ou o acesso aos museus de arte - *L'amour de l'art* - são caminhos privilegiados de elucidar a gênese das disposições presentes nos *habitus*.

Esse programa poderia ser resumido na pergunta:

“É suficiente constatar e deplorar a desigual representação das diferentes classes sociais no ensino superior para estarmos desobrigados, de uma vez por todas, das desigualdades diante da Escola?”.¹⁷

Constatar a distribuição do acesso à escola, aos museus ou a uma prática como a fotografia, de forma objetivista, não significa descrever todo o problema e tampouco apontar caminhos para resolvê-lo. Significa também esquecer que a definição essencial de um bem simbólico não é simplesmente a sua posse ou o seu acesso, mas, sobretudo, a maneira pela qual cada indivíduo apropria-se dos objetos culturais. Em suma, o valor simbólico é o resultado de um ato (ou processo) simbólico.

Os bens culturais só existem como tal enquanto existirem indivíduos capazes de decifrá-los como bens culturais. Ter a posse do código de acesso é o mesmo que possuir um conhecimento adquirido e construído sobre o objeto de arte em si. Esses esquemas de pensamento dão ao objeto seu significado dentro de uma cultura específica, e são o resultado da interiorização de um *habitus* específico, *habitus* cultivado e referente a cada grupo social. A relação entre as classes sociais e a cultura - obras de arte, a prática

¹⁷ Bourdieu, Pierre e Passeron, Jean Claude. *Les Héritiers*. Paris: Minuit, 1964, p. 11.

fotográfica - é o resultado dessa distribuição desigual dos meios de **apropriação** dessa cultura, presente no *habitus* de cada camada social.

No entanto, nem tudo estaria determinado se as instituições culturais não exercessem o papel de legitimação desse *habitus* cultivado, sob a máscara da neutralidade e do livre acesso universal aos bens simbólicos. Essa legitimação tem o efeito de redobrar a dominação e seus modos de violência simbólica, exercendo a seu modo a função de reprodutora das desigualdades sociais.

O sistema escolar, através de sua ideologia do “Carisma” ou do “Dom” pessoal, retraduz no campo simbólico os privilégios daqueles que possuem um *habitus* cultivado, privilégio oriundo do meio familiar.

A transformação de um privilégio pessoal devido ao ambiente familiar em carisma é o modo de operação do sistema de ensino que vela a realidade dessa disposição distanciada e “superior” em relação aos bens culturais. Para as classes desfavorecidas, o acesso à escola significa um processo de “aculturação” e de absorção de novos esquemas de classificação do mundo social, dependente de um esforço de adesão e de atualização de seu *habitus* familiar.

Os museus, por seu turno, legitimam sua existência sendo objetivamente democráticos e abertos à visitação pública, não excluindo o acesso às obras de arte. No entanto, esse acesso é um privilégio, na França, de uma classe que possui o *habitus* cultivado para usufruir desses bens culturais. Nesse caso, a ideologia presente é aquela dos curadores de museu, dos historiadores da arte e afins: a obra em si seria um poderoso instrumento para além das franquias sociais, e por si mesma, capaz de suscitar uma relação direta e educativa com os espíritos tocados pelos dons naturais da percepção, ou seja, dons artísticos. Essa é a base do que Bourdieu chama de *mística da salvação*.¹⁸ Essa ideologia que faz esquecer, aos olhos dos profissionais do campo artístico e dos especialistas em história da arte - visitantes especiais, tanto quanto dos responsáveis pelas exposições, todos em geral não afeitos à esforços educativos – destinados aos não iniciados - para tornar esses bens mais acessíveis, que as necessidades culturais e a posse dos esquemas de interpretação dos objetos artísticos são o resultado da escolarização diferenciada.

¹⁸ Bourdieu, Pierre; Darbel, Alain e Schnapper, D. *L'amour de l'art*. Paris : Minuit, 1969, p. 13-17.

Por último, na ausência de instituições encarregadas de legitimar uma arte ou um bem cultural, como no caso da prática fotográfica, onde o acesso aos meios técnicos de realização das obras está largamente disponível, os valores culturais remetem-se aos valores grupais ou de classe e “*é assim que a fotografia fornece uma ocasião privilegiada de observar a lógica da busca da diferença pela diferença, (...)*”.¹⁹

Enraizada nos valores de grupo, que nos termos de Bourdieu “*podem se transmitir e se perpetuar sem que haja necessidade de encorajar ou se remeter à ordem social*”, a prática fotográfica é o resultado da busca de uma distinção de classe, dentro de um conjunto geral de valores para toda a sociedade, que hierarquiza a prática segundo os grupos sociais e segundo o valor simbólico dessa “arte menor” dentro do panorama institucionalizado das “grandes artes”.

Nesse estudo, Bourdieu utiliza o conceito de *ethos* de classe, como um conjunto de valores que, mesmo sem chegar a uma explicação sistemática, tende a organizar a “*conduta de vida de uma classe social*”.²⁰

A ordem **distributiva**, e isto é essencial, deve ser considerada quando são analisados objetos culturais, aparentemente sujeitos somente à lógica do próprio sujeito criador e dessa maneira não redutível à análise sociológica, sob pena de perder-se a relação do artista com seu meio cultural, do qual ele e suas obras são também expressão.

A dimensão econômica

A dimensão propriamente **econômica** do *habitus* é a parte mais complexa, elaborada e polêmica do conceito. A acusação de reducionismo, sustentada sobre o argumento da aplicação mecânica dos conceitos da economia ao universo dos símbolos, é uma constante, mas também uma forma desavisada de abordar a teoria dos campos de Bourdieu.

¹⁹ Bourdieu, Pierre e Boltanski, Luc; Castel, Robert e Chamboredon, Jean Claude. *Un Art Moyen*. Paris : Minuit, 1965, p. 73.

²⁰ Bourdieu, Pierre e Boltanski, Luc; Castel, Robert e Chamboredon, Jean Claude. *Un Art Moyen*. Paris : Minuit, 1965, p. 138.

No entanto, através de uma leitura mais rigorosa, percebe-se que a aplicação de conceitos como capital, lucro, ganho e outros refletem uma tentativa de sistematizar teoricamente um grande conjunto de dados empíricos, resultado do acúmulo teórico obtido através de pesquisas realizadas pelo autor.

Essa generalização teórica ocorreu no rastro da incorporação, no corpo teórico do autor, da sociologia da religião de Weber. A teoria dos campos pressupõe claramente uma autonomia relativa entre eles, mas, por outro lado, a relação entre os diferentes campos pressupõe alguma forma de conversão dos valores que neles se disputam. Se, no campo estritamente econômico, a idéia de capital refere-se à riqueza material, a mesma idéia transposta para um campo torna-se específica, adquirindo uma outra lógica que não a lógica da economia.

Portanto, o efeito final dessa utilização dos conceitos da economia, em outros termos, alcança justamente o efeito oposto àquele do qual acusam Bourdieu: a teoria econômica torna-se um reducionismo da teoria mais geral da teoria dos campos, sendo então um caso específico de uma sistematização mais geral.

Esse resultado é assim descrito pelo autor:

“A teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho), evitando assim todas as espécies de reducionismo, a começar pelo economicismo, que nada mais conhece além do interesse material e a busca da maximização do lucro monetário”.²¹

Colocadas as condições de interdependência e de autonomia relativa entre os campos, expressas na teoria geral dos campos, cabe-nos perguntar que papel exerce o *habitus* nessa teoria e qual a relação entre ele e o conceito de campo: isso será tratado em seguida.

²¹ Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 69.

O conceito de campo

Assim, de ambos, o conceito de campo é de origem menos complexa, malgrado sua profundidade em termos teóricos e seu aparecimento “tardio” no *corpus* teórico do autor.

Bourdieu já havia estudado o campo intelectual de forma estrita, quando escrevera *Champ Intellectuel et Projet Créateur*, artigo publicado em 1966 na revista *Les Temps modernes*. De fato, neste trabalho o foco está na relação entre o criador, a obra e o campo no qual ele estava inserido: a idéia é entender as relações de força que se estabelecem entre essas instâncias e de que maneira elas interferem na produção de um artefato cultural. Assim, as relações entre os diversos campos - intelectual, político e outros – não são longamente analisadas e não se pode sistematizar uma teoria geral dos campos.²²

Mas afirma que uma “*primeira elaboração rigorosa da noção saiu de uma leitura do capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft* consagrado à sociologia religiosa*”, de Weber, cujo resultado foi publicado em *Archives européennes de sociologie*, XII, 1, 1971.²³ Nesse trabalho, Bourdieu deslança definitivamente uma teoria dos campos, e começa a propor conceitos como interesse, capital simbólico, poder simbólico, dentre outros.²⁴ O objetivo é entender como o carisma se rotiniza através de grupos de interesse, dispostos a legitimar, reproduzir, interpretar e acumular o poder simbólico, através de estratégias diversas.

Essa discussão inicial trazia, em germe, muitas das proposições posteriores de Bourdieu, enriquecidas com os resultados das pesquisas realizadas nos diversos universos simbólicos dentro da sociedade. Apesar de discorrerem sobre o campo científico e religioso, já no início dos anos 70, um conjunto sistematizado de propriedades gerais dos campos só foi definido posteriormente, em *Questions de Sociologie*, de 1980, e posteriormente no livro *As Regras da Arte*, em 1992.

²² Bourdieu, Pierre. *Champ intellectuel et projet créateur*. *Les Temps Modernes*, n° 246, 1966.

²³ Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 66.

²⁴ Bourdieu, Pierre. *Une interprétation de la sociologie de la religion selon Max Weber*. *Archives Européennes de Sociologie*, XII, número 1, 1971.

Do ponto de vista linguístico, **campo** têm origem no latim **campus**, que em termos etimológicos significa planície, terreno plano, campina, terreno para plantio ou exercícios. Em sua origem, uma área geográfica delimitada que não comporta elementos que barrem a passagem ou impeçam o livre trânsito das pessoas.²⁵ Em seus usos atuais, o termo campo é encontrado vastamente em associação com outros adjetivos que o delimitam e/ou qualificam, gerando um grande número de termos associados ao verbete.

Na teoria de Bourdieu, o conceito de campo não é o mais tematizado, nem o mais bem definido. Ele parece assumir um lugar de consenso enquanto idéia assimilável doxicamente, como um dado imediato da realidade, de onde advém seu vasto uso na sociologia e afins. No entanto, quanto ao seu modo de funcionamento e suas características como conceito, não é tematizado devidamente.

A melhor definição de campo parece ser a que se segue, fornecida pelo autor:

*“Espaços estruturados de posições (ou postos) cujas propriedades dependem de sua posição nesses espaços e que podem ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”.*²⁶

Essas posições sociais representam um olhar sincrônico sobre uma trajetória diacrônica. Os agentes percorrem uma trajetória social, desde sua socialização primária até os cumes das carreiras de nível superior, em busca do acúmulo de capital, seja ele econômico, simbólico, artístico ou outro. Ao congelarmos o momento dessa trajetória no espaço, conseguimos apanhar o espaço social de forma estruturada em torno de posições.

Cada campo responde por um tipo de capital específico e de prêmios distintos, responsáveis pela atração e entrada dos pretendentes aos raros capitais que aí se disputam. O direito de entrada é a aceitação do jogo e a incorporação desse jogo sob a forma de *habitus*, mesmo que a estratégia individual do agente seja de subversão do campo e não a de sua conservação.

²⁵ Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

²⁶ Bourdieu, Pierre. *Questions de Sociologie*. Paris: Minuit, 1980.

Colocada nesses termos, a teoria dos campos aponta para uma diversificação relativamente autônoma do mundo social em dimensões fragmentadas, onde cada uma delas é perpassada por valores simbólicos diferenciados e especializados.

Cada segmento ou mercado de bens simbólicos é regido pela mesma lógica global que preside o funcionamento dos campos, mas com diferenças regionais que fazem toda a diferença.

Bourdieu mantém a idéia de uma “*determinação em última instância do capital econômico*”, ou melhor, de uma proeminência desse capital. Mas ressalta claramente que o mundo econômico é um caso particular da teoria geral dos campos, e que esse capital é tão mais eficiente quanto mais ele permanece dissimulado e retraduzido para o campo do simbólico, onde se realiza o grande trabalho de dominação.

Essa relação entre os diversos campos é de ordem complexa e cria a dificuldade de explicar como se convertem os capitais de um campo a outro, e mais, qual a conversibilidade desses capitais.

Essa discussão, embora fundamental, será deixada para um outro momento da análise, a partir do capítulo seguinte, quando discutiremos a teoria geral dos campos de Bourdieu e, em suma, o que vem a ser a sua teoria da práxis.

Seria frutífero buscar no caso concreto das Ciências Sociais um exemplo do funcionamento do campo intelectual e dos *habitus* dos pesquisadores que aí atuam, entendendo, na descrição realizada pelo autor, como operam seus conceitos.

Afirmar, em coro, que as Ciências Sociais sofrem de uma síndrome de legitimidade por conta de sua fragmentação não explica a existência desse campo do saber e sua reprodução social, a despeito das inúmeras críticas que sofrem as suas bases epistemológicas.

Se tomarmos a definição estrita de Ciência presente na filosofia kantiana, a ausência de um consenso significa que determinados saberes encontram-se na pré-história da ciência:

*“Quando se torna igualmente impossível aos diversos colaboradores porem-se de acordo sobre a maneira como o objetivo comum deve ser perseguido: então se pode estar sempre convicto de que um tal estudo acha-se ainda bem longe de ter tomado o caminho seguro de uma ciência, constituindo-se antes um simples tatear; (...)”.*²⁷

Não só a obra kantiana influenciou fortemente a concepção moderna e racional de ciência, como está fortemente presente nas definições atuais da mesma.

Se tomarmos a obra de Thomas Kuhn, surgida em 1962, veremos claramente uma reelaboração das mesmas idéias. Na obra desse autor, a pré-história da ciência é concebida como um período pré-paradigmático, onde *“diversas escolas competem pelo domínio de um campo de estudos determinado”*.

Esse período é substituído por outro, pós-paradigmático, quando *“começa então um tipo mais eficiente de prática científica”* que é *“esotérica e orientada para a resolução de quebra-cabeças”*.²⁸ Essa passagem ocorre através de revoluções científicas que alteram o paradigma vigente.

Se toda ciência está situada no tempo pela presença de uma concepção central cristalizada em torno de uma definição de seu objeto, partilhada por todos aqueles que participam de sua elaboração, concepção que Kuhn traduz por paradigma, então esse paradigma será o que, por sua vez, define uma ciência.

Esse raciocínio circular só seria possível se a comunidade científica fosse totalmente autônoma e independente dentro das sociedades, podendo escolher seus paradigmas livremente e de forma consensual.

Mas sabemos que esta postura é ingênua e impraticável, pois a prática científica acontece em um espaço social de conflitos.

O que significa, então, para os intelectuais que pensam o social, essa ausência de consenso ou essa crise de identidade?

Se aceitarmos a tese kantiana, deveríamos abandonar a pretensão de constituir um objeto legítimo e aceitarmos nossas limitações ontológicas. Uma outra possível abordagem seria tentar entender a definição do que seria **o consenso entre os pesquisadores de uma determinada área de conhecimentos.**

²⁷ Kant, Immanuel. Prefácio à Segunda Edição. In: *Crítica da Razão Pura*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 35.

²⁸ Kuhn, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 222-223.

Essa idéia de **comunidade científica** é crucial em Kuhn, e é onde encontramos o paradigma modelando a conduta dos agentes e as mudanças periódicas deste paradigma, fruto de revoluções.

Kuhn introduziu a idéia de revolução, causada pelo acúmulo de exceções científicas e desvios não explicados pelo paradigma dominante, acúmulo que gera um período de crise. Nesse nível, é possível vislumbrar uma queda e substituição do paradigma dominante por outro, cujo modelo explicativo abarca e soluciona o montante das exceções e dos problemas.

No entanto, esse movimento só pode ser entendido pelo ponto de vista das lutas entre cientistas concretos em momentos concretos da ciência: a noção de paradigma é, portanto, política e está umbilicalmente ligada à idéia de poder. Ultrapassa os limites tão preciosos à auto-imagem científica da verdade como o fim último e o árbitro da legitimidade.

Dessa forma, a idéia de paradigma traduz o consenso entre os pesquisadores em termos de hegemonia dentro do espaço científico. Hegemonia obtida através do poder, além dos méritos científicos do próprio paradigma.

Como afirma George Ritzer²⁹, o próprio conceito proposto por Kuhn ultrapassa em muito seu objetivo inicial e chega a englobar quase tudo o que se relaciona a uma dada comunidade científica: crenças, valores, técnicas, práticas.

O próprio Kuhn admite a vastidão e a elasticidade de seu conceito, que outros pesquisadores constatarem aparecer em mais de 22 sentidos diferentes.³⁰

Posteriormente, na segunda edição de sua obra, já em 1970, com a intenção de responder às críticas a sua teoria e de restringir sua definição, Kuhn propõe uma nova definição, igualando paradigma a modelo. Em seus termos:

*“Soluções concretas de quebra-cabeças os quais, quando empregados como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como uma base para a solução dos remanescentes quebra-cabeças da ciência normal”.*³¹

²⁹ Ritzer, George. Sociology: a multiple paradigm science. *The American Sociologist*, vol. 10(3),p. 156-167,1975.

³⁰ Masterman, citado por Kuhn em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, p. 226.

³¹ Kuhn, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 218.

Agarrando-se à definição mais estrita de paradigma, com o intuito de se defender das críticas de irracionalidade e subjetividade dos critérios de definição do objeto científico, o autor escapa de algumas dessas críticas, mas corre o risco de negar os seus princípios.

Ele constata que todas as maneiras de definir paradigma poderiam ser resumidas em duas: a primeira, renomeada “matriz disciplinar”, cuja definição englobaria toda a constelação de crenças, valores, técnicas, teorias, enunciados, valores, visões de mundo dos pesquisadores de uma dada comunidade - portanto de emprego geral e amplo; e a segunda definição, citada anteriormente.

Ao optar por um critério mais objetivo, sem questionar o seu conceito de comunidade científica, entendido como um lócus de consenso em torno de um paradigma, entendido como um modelo, Kuhn deixa de considerar aspectos importantes. Justamente, o mais instigante e polêmico de sua teoria é a idéia de conflito e lutas entre pesquisadores e o papel do político nesses confrontos: a não definição precisa desses elementos – realizada sistematicamente, por exemplo, em Bourdieu – poderia ser um desenvolvimento frutífero de suas propostas.

Portanto, se a comunidade científica é lugar de lutas, podemos conceber o consenso entre os pesquisadores como uma possibilidade de hegemonia de um paradigma, mas não como um pressuposto básico para a existência e a legitimidade da própria ciência (ou disciplina).

Se nas ciências naturais os paradigmas são estáveis e com uma maior margem de verificação empírica, podendo atuar como modelos globais, nas ciências humanas eles tendem a funcionar como paradigmas segmentares e conviverem no mesmo espaço.³²

Essa constatação vai ao encontro da afirmação de Masterman, autora que propõe a diferenciação entre ciências que conseguem um consenso entre os pesquisadores em torno de um único paradigma e aquelas chamadas de *multiparadigmáticas*, as quais não

³² Essa definição é tomada como ponto de partida para a análise de Ritzer, e será aqui aceita, em termos gerais, como uma característica das ciências sociais.

apresentam a proeminência de nenhum modelo que identifique toda a comunidade de cientistas³³.

Assim, a proposta de uma ciência multiparadigmática aponta para essa especificidade das ciências do homem, através do modelo de ciência tradicional: o multiparadigma traduz para os termos da análise de Kuhn as características do modelo kantiano. O multiparadigma aceita um caráter daquele que o modelo kantiano concede às ciências não naturais. Abre um leque de análises que pode abarcar todas as sub-áreas do espaço científico e não somente as ciências chamadas duras. Portanto, ao estudarmos as ciências sociais podemos buscar suas estruturas oficiais e suas características políticas, em resumo, suas dinâmicas concorrenciais.

Além disso, podemos tratar do **consenso entre os pesquisadores** - que é uma das facetas do paradigma - de forma segmentada, traduzido em *corpus* de conhecimentos e saberes parciais, referidos a realidades também parciais e dependentes das estruturas de poder. A base desse consenso pode ser encontrada, dentro das propostas teóricas de Bourdieu, no conceito de *habitus* científico, tematizado no conceito específico de *illusio*.

Ao discorrer sobre o campo científico, Bourdieu realiza uma crítica ao conceito de paradigma de Kuhn, ao mesmo tempo em que absorve algumas características dessa idéia. Trataremos desse paralelismo entre *illusio*/paradigma como forma de elucidar o que Bourdieu entende por campo.

O conceito de campo pressupõe uma autonomia, historicamente dada e constituída, resultante, portanto, de uma dinâmica própria e interna a esse campo.

Como resultado desse processo, estabelece-se um conjunto de normas, regras, esquemas de percepção e de classificação específicos a esse campo relativamente autônomo. Esse código específico é chamado por Bourdieu de *illusio*, código de normas e de expressão que é imposto a cada indivíduo que ingressa no campo e:

*“(....) funciona como um sistema historicamente situado e datado de esquemas de percepção, de apreciação e de expressão que definem as condições sociais de possibilidade e da produção e da circulação das obras culturais(....)”.*³⁴

³³ Masterman, M. A natureza de um paradigma. In: Lakatos, I. e Musgrove, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979.

³⁴ Bourdieu, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 304.

Na relação entre os *habitus* individuais preexistentes à entrada em um campo específico e esse campo específico é que reside a característica principal que define a dimensão **econômica** do *habitus*.

A *illusio* existe como um estado de objetivação de um campo, em suas estruturas sociais e, ao mesmo tempo, materiais, a saber: documentos, instrumentos, meios de produção, livros, bibliotecas. Por outro lado, essa *illusio* está presente em estado incorporado nos indivíduos, nas estruturas mentais e nas disposições que constituem os *habitus* (saberes, técnicas, habilidades).

Essa dupla presença decorre de um investimento, no sentido libidinal de Freud, de um potencial de interesse já presente em um determinado tipo de *habitus* que predispõe os indivíduos a se lançarem no jogo de estratégias proposto por um determinado campo, e, assim, a assumir e incorporar sua *illusio*.

Essa parcela incorporada pode ser entendida como uma parcela própria do *habitus* que se refere a um campo específico, ou, em outros termos, uma **especialização do *habitus***, devida à teoria dos campos e restrita a cada um deles. Nesse sentido, a *illusio* pode ser percebida como o resultado de um processo social específico:

“O habitus primeiro produzido pela educação de classe e o habitus secundário inculcado pela educação escolar contribuem, com pesos diferentes no caso das ciências sociais e das ciências da natureza, para determinar uma adesão pré-reflexiva aos pressupostos tácitos do campo(....)”.³⁵

Essa especialização é resultado da tomada de posse de uma herança cultural restrita a um campo relativamente autônomo, e significa aceitar e incorporar a *illusio* desse campo.

Portanto, *illusio* é um conceito que possui todas as características do conceito que Kuhn chama inicialmente de paradigma. Para sermos mais exatos, *illusio* seria um conceito correlato de “matriz disciplinar”, utilizado por Kuhn na segunda edição de sua obra. Esse conceito reproduz essas propriedades na materialidade de um *habitus* incorporado e, muitas vezes, pré-reflexivo. Assim, podemos afirmar que, ao falarmos sobre

³⁵ Bourdieu, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 2/3, 1976.

paradigmas, tratamos de valores, crenças, técnicas presentes de forma desigual no espaço científico e, sobretudo, internalizados de uma forma individual ou de grupo. Aqui, a referência principal é a subjetividade.

Por sua vez, o conceito de campo, resultado da conjunção de um conjunto de estruturas objetivas e de relações entre posições científicas estabelecidas, é inicialmente um espaço exterior aos indivíduos.

A estrutura de um campo em um determinado momento representa o resultado da relação de força entre os agentes, localizados em suas posições dentro do campo (que resultam da distribuição do capital em jogo) e as instituições engajadas na luta. Aqui, a referência é a objetividade.

O mediador entre o campo e o indivíduo é o **habitus**, princípio gerador de práticas que comporta uma criatividade estratégica, flexível, adaptada ao senso do jogo, ou, mais especificamente, ao senso prático.

Em suma, o que distingue o campo científico de uma **comunidade científica** (grupo indiferenciado entendido como um sujeito, com um grupo de normas e valores comuns – paradigma) é justamente a luta pela definição da legitimidade dessas normas e valores em comum, luta que termina por definir o que é ou não científico e pela construção constante de paradigmas.

Essa diferença sutil é toda a diferença, apesar das semelhanças apontadas, neste capítulo, entre campo/comunidade e *illusio*/paradigma ou matriz disciplinar.

* * * * *

Na introdução desse capítulo, indicamos como intenção inicial analisar o conceito de *habitus* e o conceito de campo em seus diversos aspectos. Um segundo objetivo era o de relacionar essas definições com os objetos de pesquisa e daí extrairmos a especificidade de cada uma dessas dimensões.

Essa primeira aproximação será mais explorada no decorrer do capítulo sobre as implicações teóricas da teoria da práxis, onde buscaremos reintegrar esses diversos aspectos no quadro da teoria ampla e geral de Bourdieu, ao mesmo tempo em que

procuraremos situar a teoria de Bourdieu à luz das estruturas sociais (relacionais) na qual ele estava inserido.

Cumpra destacar que a teoria, na conceituação desse autor, só tem sentido se apresentar um conteúdo heurístico e funcionar como um balizamento da prática de pesquisa. Parte-se do mundo social aos conceitos e retorna-se à teoria para elucidar o mundo social. Esse retorno à teoria corresponde a um patamar maior de generalização que não corresponde ao caso particular e que o transcende.

Esse modo de pensamento relacional, herança e influência de sua formação profissional sob influência do estruturalismo - do qual não está totalmente isento - é uma reapropriação desse método com uma outra perspectiva. Utiliza-se do método comparativo como forma de apreender as “estruturas de relações objetivas” presentes nos diversos campos sociais para, a partir disso, explicitar as propriedades gerais desses diversos campos na forma de invariáveis do mundo social.

Essa perspectiva científica é descrita pelo autor nos seguintes termos:

*“As transferências metódicas de modelos baseados na hipótese que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos, ao invés de funcionarem como simples metáforas orientadas por intenções retóricas de persuasão, têm uma eficácia heurística eminente, isto é, a que toda a tradição epistemológica reconhece à analogia”.*³⁶

Assim, evidencia-se que, ao tomar diferentes temas como objetos de pesquisa, Bourdieu atualiza e enriquece seus conceitos - e, no nosso caso, especificamente o conceito de *habitus* - de acordo com os resultados obtidos em seus trabalhos empíricos.

Constata-se assim a tese de que seus conceitos são uma função de seus objetos de estudo, mais do que isso, estes conceitos retratam uma busca a priori inscrita em seu *habitus* científico e, porque não dizer, *habitus* único de sujeito histórico.

³⁶ Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 67.

Essa perspectiva é a que Louis Pinto chama de “pragmatista”:

*“A teoria só tem valor na medida em que funcione, que suscite hipóteses, transposições racionais, um programa de pesquisas, questões; justamente porque a teoria existe antes de tudo **em ato**, uma formulação explícita não é nem urgente nem absolutamente indispensável, comportando talvez um risco de deformação”.*³⁷

Por fim, evidencia-se que a reiteração cronológica de pesquisas foi um efeito buscado estrategicamente por Bourdieu, com o objetivo de *“levar a um nível de generalidade e de formalização mais elevado os princípios teóricos envolvidos no estudo empírico de universos diferentes e as leis invariantes de estrutura e da história dos diferentes campos”*.³⁸

Em suma, esse é ponto diferencial do conceito de *habitus* quando se trata da passagem das primeiras formulações à economia das trocas simbólicas, transição representada pela introdução do conceito de campo e das noções como interesse, capital, lucro, investimento e outras.

Essa teoria em ato é a premissa epistemológica de uma ciência humana e preside a prática de pesquisa de todo cientista social, incluindo obviamente Pierre Bourdieu. A diferença fundamental é que, para esse autor, a condição de construção de uma verdadeira ciência passa pela análise e objetivação dessa premissa epistemológica, colocando sob controle e explicitando as condições sociais de qualquer pesquisa no mundo social.

Nessa busca de uma ciência livre, liberta de suas próprias condições históricas e objetivas de produção científica, em suma, além de suas categorias socialmente determinadas que se refletem na prática de fato do sociólogo, o que Bourdieu busca é uma verdadeira ciência unificada e que siga um caminho seguro, no pleno sentido kantiano.

³⁷ Idem, p. 93.

³⁸ Ibidem, p. 67.



CAPÍTULO III

MEDICINA EM ACTES

“O discurso da ciência só parece desencantador àqueles que possuem uma visão encantada do mundo social”.

Pierre Bourdieu, Présentation, Actes n° 1.

Introdução

O objetivo deste capítulo é o de, após vislumbrar em grandes termos a medicina social na França e o nascimento do campo do conhecimento conhecido por sociologia médica ou da saúde, aprofundar a análise da revista editada por Pierre Bourdieu em conjunto com seu grupo de pesquisadores no Centro de Sociologia Européia.

Realizamos, previamente, uma análise da presença do tema da medicina nas obras de Bourdieu, seja de forma direta – como objeto de análise - ou indireta.

Depois, a fim de entendermos a constituição de um campo específico, resultado do questionamento dos aspectos sociais na medicina e saúde, buscamos os levantamentos sobre o “estado da arte” da sociologia médica francesa.

Nesse sentido, a principal referência é o número especial da *Revue Française de Sociologie*, publicado em 1973 e que se tornou um marco histórico do primeiro esforço de sistematizar esse campo da sociologia ligado à saúde e doença.

Justifica-se aqui a escolha da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* como o meio de difusão do **habitus científico** de um grupo, caracterizado por suas obras em comum e por suas publicações em um mesmo veículo. Para isso, delineou-se um pequeno histórico do surgimento da revista como meio de situá-la, mesmo que de forma incompleta, no campo intelectual francês.

Em seguida, estabeleceu-se uma categorização dos conteúdos temáticos dos artigos previamente selecionados, cujos objetos de pesquisa envolviam a temática da saúde. Essa separação temática buscou discutir a modificação de interesses de pesquisa e as tendências mais atuais de estudo, em contraponto ao período dos anos 60 até o início dos anos 70.

Por fim, aprofundamos a seleção dos principais conceitos utilizados no âmbito dos artigos publicados sobre o tema da saúde, como forma de discutir teoricamente as possibilidades que se abrem à praxiologia em sua aplicação empírica.

Procuramos, após a realização dessa análise, no decorrer do capítulo, através da projeção desta problemática para o universo intelectual brasileiro, especificamente o da sociologia da saúde/médica, estabelecer um contraponto com o campo francês, através de uma pequena amostra de alguns trabalhos brasileiros relevantes que seguiram a abordagem na linha de Bourdieu em sua aplicação à temática da saúde.

A Medicina nas obras de Pierre Bourdieu

A rigor, não há estudos expressamente e especificamente realizados por Bourdieu sobre a saúde e a prática médica.

No início de sua carreira, nos anos cinquentas, Bourdieu estava próximo da corrente filosófica ligada a uma reflexão epistemológica, voltada para a história da filosofia e das ciências. Nessa época, “*Bourdieu pensa então num primeiro trabalho de pesquisa sobre a fenomenologia da vida afetiva, o que lhe teria permitido aplicar a reflexão filosófica a um **domínio concreto, científico: a biologia***” [grifos meus].¹

Ao voltar-se para a etnologia, abandona essa pretensão e toma a Argélia como objeto de estudo, publicando, em 1961, *Sociologie de l'Algérie*.

Quais os motivos que impediram a emergência dessa temática na obra de Bourdieu, sabendo-se de sua importância nas sociedades modernas? Além disso, realizando uma leitura interna de seus trabalhos, o que parecia indicar logicamente essa aplicação? Trataremos da primeira questão a seguir e, posteriormente, da segunda.

Uma das raras exceções apresenta-se quando Bourdieu toma como objeto de estudo o ensino superior francês e coordena uma pesquisa sobre estudantes de direito, ciências, letras, farmácia e medicina. Essa pesquisa culmina com a publicação do livro *Les héritiers*, centrado sobre a temática dos alunos da área de humanas, e onde os dados sobre os estudantes de medicina servem somente como parâmetro de comparação, como um modelo de estudante tradicional e em vias de transformação, deixando de ser aquele grupo que fornecia o estilo da vida estudantil.

¹ Dosse, François. *História do Estruturalismo*. Vol II. Campinas : Unicamp, 1993-1994, p. 88.

Tocando no tema da tradição, Bourdieu afirma:

*“As faculdades como aquelas de direito ou de medicina, talvez por terem se mantido as mais burguesas, ou por introduzirem a grupos mais tradicionais, constituem atualmente o último refúgio dos rituais de corporação”.*²

Esse livro sobre a educação, *Les Héritiers*, teve como base um conjunto de dados recolhidos entre 1961 e 1964, no *Centre de Sociologie Européenne*, no grupo de *Sociologie de l’Education*. Esse aparato de dados foi trabalhado e publicado, inicialmente, por Bourdieu e Jean-Claude Passeron no livro *Les étudiants et leurs études*. No entanto, nesse material publicado não constavam justamente os dados relativos aos estudantes de medicina, pois, em nota de rodapé, os autores afirmavam que, para efeito daquele livro, “o estudo, atualmente em fase de depuração, sobre 1500 estudantes de medicina, forneceu os elementos de comparação”.³

Esse estudo em fase de depuração não foi apresentado naquele momento e parecia ter-se desvanecido. Porém, em um dos seus trabalhos mais tardios, Pierre Bourdieu retomou o tema do campo científico e nesse momento voltou a utilizar, entre outros, os dados anteriormente trabalhados no âmbito do CNRS francês. Nessa obra, *Homo Academicus*, o autor toma o mundo acadêmico como objeto e realiza uma fina e profunda análise das entretelas do poder intelectual.

No segundo capítulo, intitulado “Conflito entre Faculdades” e dedicado a estabelecer as diferenças entre as disciplinas, tanto diferenças de posição no campo científico quanto diferenças de poder no mundo político e social, o autor volta a discorrer sobre as faculdades de direito e de medicina.

O interessante nessa retomada é a demonstração de um grau substantivo de conhecimento sobre a área médica e de acompanhamento dos temas de interesse nesse campo, por parte de Bourdieu. O autor demonstra ter lido com fineza os trabalhos de Foucault, citando, comentando e concordando com a tese daquele autor sobre a genealogia da clínica:

² Bourdieu, Pierre e Passeron, Jean Claude. *Les Héritiers*. Paris:Minuit, 1964, p. 53.

³ Bourdieu, Pierre e Passeron, Jean Claude. *Les étudiants et leurs études*. Paris:Mouton, 1964, p. 9.

*“A genealogia do conceito de clínica que estabeleceu Michel Foucault traz a luz essa dupla dimensão, técnica e social, da competência médica; ela descreve a instituição progressiva da necessidade social que funda a importância social dos professores de medicina e distingue sua arte de todas as competências técnicas que não conferem nenhuma autoridade social particular (como aquela de engenheiro)”.*⁴

Bourdieu coloca em relevo a prática médica e apresenta algumas proposições a respeito da posição no campo científico das faculdades de medicina. Dada a relevância desse trecho, tentaremos ensaiar uma transcrição fiel de suas posições.

Utilizando uma distinção de Kant, relativa ao “conflito de faculdades”, Bourdieu faz algumas colocações sobre as relações entre as faculdades de medicina, direito e teologia, contrapondo-as às outras inseridas no pólo dominado, politicamente, do campo científico.

Para o autor, a medicina é uma arte, ou melhor, uma arte social. Sendo uma arte, portanto tradicionalmente transmitida, apresenta-se muito mais como uma prática, suportada por uma ciência ligada de forma intrínseca à pesquisa – a ciência biológica.

Assim, a medicina é uma prática socialmente legitimada e profundamente imbricada no campo de poder. A medicina retém uma alta capacidade de intervenção na sociedade, o que é na verdade um poder socialmente investido. Esse campo do poder pervaza todos os campos sociais e interfere diretamente na posição que a medicina ocupa no campo científico: a legitimidade dessa arte é muito menos científica que estatutária. Essa legitimidade, ligada às posições estratégicas e de força dentro do campo acadêmico, possível graças aos poderes socialmente investidos (ligados ao poder político e de Estado), estabelece uma oposição com outras faculdades e disciplinas, sobretudo aquelas ligadas às ciências humanas.

Por sua vez, as faculdades de letras, de ciências humanas, de filosofia e outras possuem em alto grau a legitimidade científica e o status a ela relativo. Essas faculdades possuem maior autonomia em relação ao campo do poder, tendendo a manter uma posição de oposição e questionamento em vista do poder, tanto econômico quanto político.

⁴ Bourdieu, Pierre. *Homo academicus*, Paris : Minuit, 1984. p. 89.

Ocupam, dessa maneira, um pólo oposto às faculdades de medicina e direito, estas pertencentes a um pólo próximo às linhas de força do poder.

Essa oposição é explicitada por Bourdieu na seguinte passagem:

*“Seria necessário também evocar aquilo que opõe a pesquisa científica, pensamento livre que não conhece outro limite que ela mesma, não somente a uma disciplina normativa como o direito mas ainda a esta arte cientificamente garantida que é a medicina, encarregada de colocar a ciência em prática, e assim de impor uma ordem, a ordem dos médicos, isto é, uma moral, um modo e um modelo de vida, como se viu a propósito do aborto, ao nome de uma autoridade que não é somente aquela da ciência, mas aquela dos **capacitados, notáveis** predispostos por sua posição e suas disposições a definir o que é bom e o que é certo (sabemos a intensidade particular da participação dos professores de medicina nos organismos públicos, nas comissões e, mais geralmente, na política, e as funções de avaliação junto aos governos e organismos internacionais que cumprem os juristas, notadamente os especialistas de direito internacional, de direito comercial ou de direito público”.*⁵

Mas essas posições não se mantêm por si mesmas sem que se possa objetivar, de algum modo, os motivos estruturais para a manutenção de um alto grau de reprodução dentro dos quadros intelectuais mais ligados ao campo do poder e menos relacionados ao campo da cientificidade. Essas invariáveis melhor guardadas estão ligadas às origens sociais dos membros desses grupos: o alto grau de hereditariedade biológica do capital social necessário para ter o direito legítimo de participar do campo das faculdades dominantes em termos estatutários dentro do campo acadêmico é um dado estatístico já conhecido. Essas invariáveis tomam a forma de uma lógica de seleção, responsável pela determinação daqueles que são dignos de entrar no grupo:

“O que se revela através da lógica do recrutamento dos membros, é também o direito de entrada melhor escondido, e talvez o mais categoricamente exigido: o nepotismo não é somente uma estratégia de reprodução destinada à conservar na linhagem a posseção de uma posição rara; é uma maneira de conservar alguma coisa mais

⁵ Bourdieu, Pierre. *Homo academicus*, Paris : Minuit, 1984. p. 74.

*essencial, que funda a própria existência do grupo, isto é, a adesão ao arbitrário cultural que está no fundamento mesmo do grupo, a **illusio** primordial sem a qual não existiria mais jogo nem aposta.”*⁶

Definitivamente, essa participação na *illusio* de um campo é o resultado da incorporação, no *habitus*, de valores sociais através da origem sócio-econômica e de classe. Esse espírito de corpo, muito característico das profissões tradicionais e possuidoras de um alto grau de capital social, somente pode ser obtido dentro dos círculos familiares e extra-escolares, “*sob a forma de disposições duráveis que são constitutivas de um ethos, de uma hexis corporal, de um modo de expressão e de pensamento e de todos os imponderáveis eminentemente corporais que chamamos de ‘espírito’*”.⁷

Mas não só na relação da medicina com outras faculdades e disciplinas se exprime a oposição entre capitais sociais e científicos diferenciados. No interior da própria medicina instauram-se distinções relativas àqueles que possuem com mais propriedade e nitidez um *habitus* específico e outros menos legítimos e com menor poder social. Os defensores de uma medicina essencialmente clínica, prática, cuja arte repousa em uma tradição antiga e estreitamente ligada a um modo de vida e a uma ética específica, pertencem ao grupo mais representativo da medicina. É essa arte médica que Bourdieu descreve como:

“Um aprendizado inteiramente tradicional, quase artesanal, que se faz pouco a pouco, exigindo menos conhecimentos teóricos que um investimento de toda a pessoa em uma relação de submissão ao médico titular ou ao interno e, através deles, à instituição e à ‘arte médica’”.

Essa oposição interna ao campo médico encontra nos profissionais novos da área, sem uma tradição familiar e capital social, uma vanguarda que se assenta sobre os princípios da ciência e extrai sua justificativa da força legitimadora dos progressos terapêuticos obtidos a partir das ciências de base.

⁶ Idem, p. 80.

⁷ Ibidem, p. 81.

Essa oposição, entre vanguarda e *status quo*, entre ortodoxos e heréticos, representa uma homologia encontrável em inúmeros outros campos sociais. Nesse caso, ela se constitui em dois pontos de vista divergentes e em luta pelo capital científico e social em disputa no campo médico. Nos termos de Bourdieu:

*“Princípio de duas concepções completamente diferentes da prática médica, a primeira, que confere o primado à relação clínica entre o doente e o médico, ao famoso **colóquio singular**, base de toda a defesa da medicina **liberal**, a segunda, que privilegia a análise de laboratório e a pesquisa fundamental, essa oposição se complica a partir do fato que arte e ciência mudam de sentido e de valor de acordo com o papel que elas preenchem, de direção ou de submissão”.*⁸

Os fundamentalistas, partidários de uma medicina moderna e liberada de prestar um serviço técnico aplicado de fato e além da medicina clínica, são oriundos de famílias menos antigas e tradicionais, possuíam uma representação maior de grupos sociais minoritários, como os judeus, e tendiam a posicionar-se mais à esquerda no campo político.

Por fim, Bourdieu arrisca afirmar que os fundamentalistas possuem o futuro, com o respaldo da legitimidade da ciência como força motriz desse grupo social dentro do campo médico.

De qualquer maneira, Bourdieu acaba por concordar com Kant quando esse autor afirma que as faculdades de direito e de medicina, além da de teologia, são as mais controladas pelo poder do estado, pois proporcionam “a influência mais forte e mais durável sobre o povo”, além de serem as menos autônomas em relação ao poder temporal. Segundo a citação de Kant, apontada por Bourdieu, *são as faculdades encarregadas de formar e controlar os usos práticos e os usuários ordinários do saber: padres, juízes e médicos; essas faculdades dominantes na ordem política têm por função formar agentes de execução capazes de aplicar sem discutir nem questionar, nos limites das leis de uma ordem social determinada, as técnicas e as receitas de uma ciência que elas não pretendem nem produzir nem transformar.*

⁸ Bourdieu, Pierre. *Homo academicus*, Paris : Minuit, 1984, p. 85.

Em resumo, esse ponto é o mais longe em que se insere Pierre Bourdieu dentro da temática estritamente médica e mostra-nos uma percepção apurada, por parte do autor, das discussões e dilemas atualmente em curso na prática médica. Só nos resta lamentar a interrupção dessa discussão, pois ficamos novamente sem um trabalho específico e mais extenso sobre a saúde. Mas em uma das poucas passagens em que trata diretamente da prática médica e da doença, o autor afirma:

*“Não existe índice mais claro da ruptura com a tradição camponesa do que todos aqueles comportamentos nos quais se exprime uma atitude completamente nova em relação à doença: pode-se imaginar uma negação mais total da moral da honra do que essa complacência consigo próprio e com seu próprio corpo que a “civilização” incentivou?”.*⁹

Isso não impede que seus trabalhos e a fecundidade e capacidade explicativa de seus conceitos, não possam e não tenham sido aplicados ao campo médico, de maneira sistemática e consistente. Antes de comentarmos esses trabalhos, trataremos de sacudir a árvore teórica do autor e verificarmos os frutos, maduros ou não, que virão abaixo e ficarão ao nosso alcance.

O primeiro balanço – Revue Française de Sociologie – 1973

O campo da chamada sociologia médica inicia sua expansão, como se viu anteriormente, durante os anos sessenta, gerando uma diversidade de trabalhos centrados nos temas da saúde.

No início da década de setenta torna-se patente o grande número de publicações e a renovação dos trabalhos. Nesse sentido, o interesse pela temática da saúde transforma-se em uma revisão e uma mensuração da produção realizada na década anterior e no início da década de oitenta. Com o objetivo de realizar um balanço dessas publicações, a *Revue Française de Sociologie* publica um número especial em 1973, dedicado ao campo da saúde. O objetivo era traçar uma análise conjuntural das pesquisas francesas em curso ou finalizadas no período de 1960-1973, traduzidas em relatórios de pesquisa e livros (1960-

⁹ Citado por Luc Boltanski em *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1989, como um texto do livro *Le déracinement*, p. 215, de Pierre Bourdieu e A. Sayad, sobre a Argélia.

1973), teses de sociologia ou medicina e artigos de revista em língua francesa (1968-1973). O resultado final apareceu sob a forma de um guia bibliográfico, onde são listadas todas essas obras de maneira sistemática e através de uma classificação criada para esse fim.

Sendo a primeira bibliografia dessa espécie, criada sob os auspícios do CNRS - *Centre National de la Recherche Scientifique* - cujo diretor, Jacques Maître, assina a apresentação do trabalho, esse balanço representa um marco decisivo na constituição do próprio campo.

Na apresentação dessa edição da revista, a justificativa da publicação de um número especial traduz-se na afirmação de que o desenvolvimento da sociologia da saúde ocorria há poucos anos, e que:

“(...) assim, esta disciplina não está ainda provida de instrumentos de trabalho – coleções, tratados, revistas especializadas, bibliografias – comparáveis àquelas que existem em algumas disciplinas especializadas”.¹⁰

Essa constatação demonstra a pouca sedimentação da área e o momento pelo qual passava o campo, carente de instituições e instrumentos de trabalho. Na introdução da revista, Jacques Maître indica, através de uma nota de rodapé, que uma mesa redonda internacional estava em projeto para reunir, em janeiro de 1975, pesquisadores franceses da área e pesquisadores de outros países, com o fim de favorecer a interação no campo. É curioso ressaltar que o ano de 1975 é justamente o ano do lançamento da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* dentro do campo sociológico.

Essa digressão é necessária para justificar o fato de se tomar, neste trabalho, esse número especial da revista como um ponto central em torno do qual desenvolveremos uma parte de nossas análises. Algumas características depõem a favor dessa utilização:

- Trata-se de uma revista tradicional, de prestígio e reconhecimento dentro da área sociológica;
- Realiza um levantamento nacional dos trabalhos e explicita o momento pelo qual passava a sociologia da saúde;

¹⁰ Maître, Jacques. *Revue française de Sociologie*, 14, 1973. Présentation : Guide Bibliographique en Sociologie Médicale, Publications en Langue Française. p. 137.

- Faz uma classificação conjuntural dos temas de pesquisa e aponta os encaminhamentos futuros;
- Reafirma a diferenciação dentro do campo de um ramo novo da sociologia.

Contas feitas, o resultado é um olhar panorâmico sobre a sociologia médica francesa no instante em que ela está se constituindo e ganha autonomia. Assim, a discussão das temáticas aparece como uma maneira de situar o chamado “estado da arte” e discutir as condições de estudo do campo.

Discorrendo sobre a catalogação realizada, Jacques Maître ressalta algumas características dos resultados, agrupados em torno de algumas categorias, que serão aqui explicitadas. O objetivo é traçar uma linha comparativa entre as conclusões desse autor, à época, e os resultados de nossa análise posterior sobre a classificação que fizemos na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*.

Primeiro, a gênese social dos estados patológicos: pouco numerosos, esses estudos aparecem em geral centralizados proporcionalmente em fenômenos psiquiátricos. Os resultados apontam um interesse de estudo sobre processos sociais com relevo para a situação de classe, ligada às condições de vida e trabalho.

Segundo, as categorias de doentes: entendidas através das classificações médicas dos tipos de problemas de saúde; são muito raros os estudos nessa área.

Terceiro, o sistema de saúde: responsável por quase metade dos trabalhos analisados, onde a análise do hospital assume um papel preponderante, ao contrário da seguridade social e da medicina liberal, trabalhos muito raros. Outro ponto de apoio e fonte desse tipo de pesquisa é a análise do corpo médico e suas relações com a sociedade, relações representadas pelas estratégias e lutas de grupos detentores de poder dentro do Estado. Ainda nessa categoria, as políticas de saúde são apontadas como um veio rico de pesquisas para a área.

Quarto, as terapias e representações “tradicionais”: realizadas através da antropologia (etnologia) aplicada a populações camponesas ou povos sem escrita.

Quinto, as imagens sociais da saúde, da doença e da medicina: esses estudos permitem estender às populações urbanas as análises etnológicas. Essa linha não estava consolidada ainda e seus resultados eram raramente encontrados e atualmente são conhecidos como estudos sobre as representações sociais da doença e da saúde, fato que nos ocupará mais profundamente no desenvolvimento de nosso trabalho.

Um outro reparo deve ser feito, quanto aos temas ligados à relação ao corpo: esse assunto “*constitui um tema que continua uma tradição ininterrupta através da qual a sociologia francesa se relaciona às taxionomias e às técnicas do corpo*”.¹¹ A exploração da continuidade ou não dessa tradição será realizada em outro ponto desse trabalho, através de artigos apresentados na revista *Actes de la recherche en sciences sociales* sobre o tema do corpo e também através dos trabalhos do próprio Bourdieu sobre esse objeto de estudo.

Sexto, o autor constata que os estudos da biogênese de situações sociais, realizados através da análise das categorias das doenças e pesquisas sobre os custos sociais do adoecimento, aparecem como um contraponto aos estudos da origem social das doenças e podem representar um imperialismo do biológico baseado no desenvolvimento das técnicas da biologia molecular. Para melhor esclarecer a aglutinação em torno dessas categorias e conseguirmos uma melhor visualização desses resultados, realizamos uma quantificação percentual dos dados, conforme a Tabela 1, a seguir:

¹¹ Maître, Jacques. Introduction : La conjuncture de la recherche française em sociologie médicale. *Revue française de Sociologie*, 14, 1973, p. 6.

Tabela 1. Distribuição percentual dos conteúdos temáticos dos artigos da Revue Française de Sociologie, 1960-1973.

Temas	PERÍODO 1960-1973
	<i>Revue</i>
A – GENERALIDADES	2,4
B – HISTORIA SOCIAL DA MEDICINA	4,4
C – TENDENCIA ATUAL DA MEDICINA/INOVAÇÃO	14,7
<i>Generalidades</i>	2,5
<i>Psiquiatria Social</i>	8,3
<i>Psiquiatria Social da criança</i>	1,6
<i>Psicanálise</i>	1,7
<i>Informática médica</i>	0,6
D – ESTUDO PSICO-SOCIOLÓGICO DA INSTITUIÇÃO	32,2
Generalidades	0,5
O médico	15,1
<i>Estrutura da profissão. Estatuto. Papel</i>	4,3
<i>Formação profissional. Ensino universitário e pós-universitário.</i>	4,2
<i>Informação.</i>	
<i>Economia da profissão.</i>	2,0
<i>Deontologia</i>	1,2
<i>Demografia do corpo médico</i>	3,3
As enfermeiras e auxiliares médicos	4,4
As estruturas hospitalares	12,1
<i>Generalidades</i>	2,1
<i>O Hospital público e privado</i>	3,8
<i>O hospital psiquiátrico</i>	2,5
<i>Reforma do hospital</i>	1,0
<i>Economia do hospital</i>	1,0
<i>Relações humanas no hospital</i>	1,6
E - MEDICINA E SOCIEDADE	46,3
Generalidades	2,0
Economia e planificação da saúde	15,6
<i>Necessidades e Consumo</i>	7,1
<i>Custo da saúde</i>	2,3
<i>Política de saúde</i>	1,8
<i>Seguridade social</i>	1,4
Representação social da medicina e da doença	2,5
Estudo psico-sociológico da relação corpo médico/sociedade e médico-paciente	5,0
Problemas sociais	6,8
<i>Álcool</i>	1,3
<i>Droga</i>	1,3
<i>Suicídio</i>	-
<i>Contracepção/Aborto</i>	1,3
Epidemiologia. Demografia sanitária	3,2
Patologia da velhice	2,3
Patologia da infância e da adolescência. Medicina escolar.	2,4
Patologia dos imigrantes.	4,3
Medicina do trabalho. Doenças profissionais.	2,0
TOTAL	100%

A quantificação numérica teve como base a lista bibliográfica dos textos publicada no mesmo número daquela revista.

Os resultados são dispostos em termos percentuais e buscam dar uma visão global dos trabalhos, conforme Tabela 3. Por fim, os editores deixam claro que a classificação foi construída segundo critérios de comodidade de busca e não a partir de considerações teóricas.

Para efeito de nossa análise, os resultados encontrados, longe de serem definitivos, servem justamente como base de apoio para considerações teóricas de caráter geral.

Com o contraponto a ser realizado posteriormente, entre essa revista e a *Actes de la recherche en sciences sociales*, esperamos obter resultados que esclareçam nosso ponto de vista.

Como se observa na Tabela 3, a grande concentração de trabalhos localiza-se nas relações entre Medicina e Sociedade, com cerca de 46,3% do total dos estudos. Essa preocupação com temas econômicos e de planejamento, apontados pelo item *Economia e planificação da saúde* (15,6%), é resultado do investimento e preocupação do estado francês com a escalada dos custos e gastos com saúde. Boa parte das pesquisas foi estimulada, como já vimos, pela criação de grupos de investigadores financiados com recursos públicos, com o fito de explicar, entender e aplicar melhores práticas na área da saúde. Dentro dessa temática, vemos que as *Necessidades e Consumo* de bens de saúde ocupam o primeiro lugar (7,1%), seguido por estudos de *Custos de saúde e Políticas de saúde* (2,3 e 1,8%). Além disso, a temática dos Problemas Sociais aparece com relevância, pois em conjunto situa-se no segundo posto dentre os estudos de Medicina e Sociedade (6,8%): temas como alcoolismo, drogas, suicídios e contracepção adentravam a ordem do dia e representavam uma escalada desse tipo de questão social.

Um segundo eixo classificatório é aquele referente aos estudos das Instituições (32,2%), sobretudo pelo viés sociológico e também psicológico. Essa temática aparece centrada sobre a figura do médico (15,1%) e explora o papel desse profissional dentro das práticas em saúde, percorrendo sua formação, seu estatuto, as características da profissão e outros temas afins. Cabe dizer que esse tipo de estudo é clássico dentro da sociologia da

saúde, tendo sido muito abordado na sociologia médica norte-americana, cuja influência se exerceu também na origem da sociologia médica francesa. As enfermeiras e auxiliares médicos concorrem com 4,4% das pesquisas sobre as instituições de saúde, sendo pouco estudados, ao contrário do tema das Estruturas Hospitalares (12,1%), cuja presença indica o direcionamento estatal e público dos investimentos em pesquisas, a cargo de grupos ligados ao aparelho de Estado, como vimos anteriormente.

Essa quantificação e análise dos temas indicam os caminhos iniciais da sociologia médica francesa e apresentam-nos uma fotografia de um momento que se refere aos anos 60 e início dos anos 70. Buscaremos uma continuidade através da análise dos temas encontrados na *Actes de la recherche en sciences sociales*, publicação que aparece justamente no período seguinte, de 1975-2001. Essa busca será feita com a intenção de elencar as possíveis mudanças de temáticas e novas propostas de pesquisa, sobretudo sob a ótica da teoria da prática de Bourdieu.

Porque a *Actes de la recherche en sciences sociales*

O objetivo geral, ao tomar como material empírico o conjunto de artigos de um determinado período de publicação de uma revista, no caso, de sua fundação até o ano 2001, é o de utilizar esse material como documentos, a partir dos quais espera-se apreender dados que consolidem as hipóteses deste trabalho.

O periódico científico preenche algumas funções específicas dentro de um campo acadêmico, sendo que alguns autores, como Subramanyan¹², apontam três características específicas:

- Registro público do conhecimento, pois qualquer indivíduo pode oferecer à apreciação um trabalho para publicação, e, também, pode obter publicação;
- Disseminação da informação, colocando a informação à disposição do leitor, pois, se ela não for publicada, não existe;

¹² Subramanyan, K. *apud* Gomes, Sonia Pedrozo & Santos, Maria Aparecida de Lourdes Castro. Avaliação de um periódico na área de medicina tropical. *Ciência da Informação*, Brasília, vol. 30, nº 2, p. 91-100, maio/ago. 2001.

- Função social, isto é, ele atribui prestígio e reconhecimento tanto aos autores, quanto aos editores do periódico, aos *referees* e, inclusive, aos seus assinantes.

Sem dúvida, é o terceiro ponto o que concorre com mais força pela grande disputa em torno da obtenção de uma publicação em uma revista de renome. Ou seja, a acumulação de capital simbólico se realiza, dentro da comunidade acadêmica, cada vez mais em torno da produção e publicação de artigos.

No entanto, somente com a indexação do periódico em bases internacionais pode-se considerá-lo prestigioso e representativo dentro do campo científico. Se considerarmos, então, que *apenas 5% da produção científica dos países periféricos está presente nas grandes bases de dados internacionais* ¹³, podemos perceber o alto grau de disputa e conflito envolvido na criação de uma nova revista dentro de um campo que já possui órgãos de publicação tradicionais.

Além disso, a língua utilizada nas bases de dados internacionais é oficialmente o inglês e os códigos de tratamento desses dados baseiam-se nessa língua. Desse modo, os mecanismos de manipulação e recuperação dessas informações já embutem, no produto final, características específicas das ciências dominantes. Nos termos de Sayão:

“O acesso a estas bases nos deixa sempre a um passo de importação de problemas científicos e tecnológicos estranhos e, muitas vezes, irrelevantes para a nossa realidade terceiro-mundista, que pode estender nosso esforço de pesquisa para limites irrealis e indesejáveis”. ¹⁴

Por fim, a hegemonia da ciência dos países desenvolvidos mantém-se através de outros meios além daquele da codificação das bases de dados científicos. Ela se mantém, também, pela exclusão e não aceitação de trabalhos, pois:

¹³ Gaillard, Jacques. *Apud* Sayão, Luís Fernando. Bases de dados: a metáfora da memória científica. *Ciência da Informação*, vol. 25, nº 3, 1996.

¹⁴ Sayão, Luís Fernando. *Idem*, p. 3.

*“A argumentação sobre a qualidade dos trabalhos, sobre os critérios, ou a falta deles, adotados pelos referees das revistas, sobre o caráter regional dessas publicações são ciclicamente utilizados como barreiras para a incorporação desses saberes nas memórias eletrônicas”.*¹⁵

Essa discussão realizada aqui quanto à posição dominada das ciências dos países em desenvolvimento vale, *mutatis mutandis*, também para a sociologia francesa. Apesar de pertencer ao primeiro mundo, no panorama intelectual francês ela pertencia ao pólo dominado das ciências humanas e necessitava um esforço de divulgação, disseminação e, até mesmo, vulgarização das ciências sociais.

Seguramente, eram essas as dificuldades que Bourdieu tinha em mente quando imaginou o projeto de lançamento de uma nova revista no panorama francês. Quando discorre sobre o campo científico, o autor afirma:

*“Além das instâncias especificamente encarregadas da consagração (academias, prêmios, etc), ela [a ordem científica] compreende também os instrumentos de difusão, e em particular as revistas científicas que, pela seleção que elas operam em função dos critérios dominantes, consagram as produções conforme os princípios da ciência oficial, oferecendo assim continuamente o exemplo daquilo que merece o nome de ciência, e exercem uma censura de fato sobre as produções heréticas, seja as rejeitando expressamente, seja desencorajando puramente a intenção de publicação pela definição do publicável que elas propõem”.*¹⁶

Dessa maneira, Bourdieu toca em um tema guardado a sete chaves e muito caro à comunidade científica. Mesmo não contestando a intenção íntegra dos *referees* ao emitirem suas avaliações, resta um outro fator que joga um papel fundamental nesse processo seletivo das revistas científicas.

Esse fator pode ser entendido como uma decorrência do *habitus científico* do pesquisador, que estabelece afinidades eletivas entre seu trabalho a ser publicado e os lugares possíveis de publicação.

¹⁵ Ibidem, p. 3.

¹⁶ Bourdieu, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, juin 1976, n° 2/3, p. 96.

Para apoiar seu ponto de vista, Bourdieu remete-nos a um artigo de Diane Crane, que estudou a avaliação dos trabalhos apresentados para publicação em revistas científicas norte-americanas. De acordo com ela, a inserção científica de um pesquisador afeta sua carreira, sobretudo através da influência dessa localização estrutural na avaliação de seus trabalhos.¹⁷ Ela empresta, para definir esse trabalho editorial, o termo “porteiros da ciência”, criado por Alfred de Grazia, para caracterizar uma função responsável *por selecionar a informação que é permitida de circular universalmente entre os membros da disciplina*.¹⁸

Como conclusão de suas análises de três diferentes revistas americanas, a autora aponta fortemente para o fato de que a avaliação sofre influência de fatores extracientíficos: o principal deles é uma disposição para aceitar e melhor avaliar os artigos que apresentam uma afinidade maior com a própria maneira dos editores de apresentarem seus trabalhos e a forma como eles são desenvolvidos:

“(....) Como resultado do treinamento acadêmico, editores respondem a certos aspectos da metodologia, orientação teórica e modo de expressão nos textos daqueles que receberam treinamento similar; (....)”.¹⁹

Essa tendência detectada por Crane é prontamente assumida por Bourdieu como uma consequência da influência do campo científico e, mais ainda, uma interiorização de um *habitus*, responsável, por sua vez, por uma escolha dos possíveis lugares de publicação determinada pela posição do cientista na estrutura do campo:

“Tudo inclina a pensar que a auto-eliminação, evidentemente menos perceptível, é ao menos tão importante que a eliminação expressa (sem falar no efeito que produz a imposição de uma norma do publicável)”.²⁰

¹⁷ Crane, Diana. The Gatekeepers of Science: Some Factors Affecting the Selection of Articles for Scientific Journals. *The American Sociologist*, vol. 2, nº 4, p. 195-201, 1967.

¹⁸ Alfred de Grazia. *Apud* Crane, Diana, *idem*. p. 195.

¹⁹ Crane, Diana. The Gatekeepers of Science: Some Factors Affecting the Selection of Articles for Scientific Journals. *The American Sociologist*, vol. 2, nº 4, 1967, p. 200.

²⁰ Bourdieu, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, juin 1976, nº 2/3, p. 96.

Esses desdobramentos, muito provavelmente, fizeram parte das análises que levaram Bourdieu a imaginar a necessidade de uma publicação regular, onde seriam contemplados para publicação aqueles trabalhos em conformidade com o *ethos* científico de seu grupo e portadores de sinais do mesmo *habitus* profissional que o seu, como uma estratégia de consagração desses pesquisadores.

A estratégia de fundação da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* tem diversas nuances, mas, em geral, concorda-se em um ponto: o momento era o da autonomização, dentro do campo intelectual, de uma “escola de pensamento” cujos veículos de legitimação não eram mais suficientes para divulgar as obras e trabalhos em curso.

Esta escola de pensamento, vanguarda em busca de legitimação, tinha como epígono Pierre Bourdieu, cuja carreira, baseada em inúmeros trabalhos, estava em vias de coroamento. Sua perspectiva sociológica havia influenciado fortemente o campo das ciências sociais e inúmeros pesquisadores, tanto na França quanto no exterior, realizavam pesquisas seguindo as trilhas abertas por suas obras iniciais.

Por essa razão, cabe nesse momento traçarmos um paralelo entre a trajetória de Bourdieu e a trajetória do grupo que gravitava ao seu redor no momento do lançamento da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Partindo do pressuposto de que esse grupo de pesquisadores possuía um *habitus* comum, ao traçarmos uma breve biografia daquele autor estaremos delineando também um *habitus* de todo o grupo.

Nascido em Béarn, interior da França, filho de um modesto caseiro, Bourdieu realizou um curso preparatório de filosofia e conseguiu ingressar em uma das mais prestigiosas escolas francesas, a Escola Normal Superior. Dessa forma, atinge o reconhecimento acadêmico e inicia sua carreira escolhendo um posto de assistente na

Universidade de Argel, em 1957.

É quando se faz etnólogo e sociólogo da Argélia e da realidade cabila. São escritos nessa época, *Sociologie de l'Algérie*, *Travail et travailleurs en Algérie* e, ainda, *La maison kabyle ou le monde renversé*.²¹

²¹ Verificar bibliografia geral, no final.

Tendo voltado a lecionar na França a partir de 1961, primeiro na Sorbonne e, em seguida, na universidade de Lille, Bourdieu conseguiu ser nomeado diretor de estudos na *Ecole pratique de hautes études*, subordinada ao Centre de Sociologie Européenne - CSE, cuja direção estava a cargo de Raymond Aron.

Essa inserção pode ser entendida como o resultado de sua estratégia de subversão dentro das instituições acadêmicas: o desprestígio das novas ciências humanas - dentre elas a sociologia - tem a contrapartida de uma maior mobilidade e autonomia dentro do campo. Transitar entre áreas afins, como antropologia, etnologia, filosofia é um privilégio obtido ao custo de um retardamento na satisfação das ambições intelectuais de consagração. Foi essa a trajetória desse autor: filósofo, etnólogo e sociólogo.

Durante esse período, Bourdieu trabalhou sob a supervisão de Raymond Aron, que o tomou como um discípulo de grande futuro e com o qual dividiu diversos cargos diretivos.

Tendo passado a voga e a popularidade estruturalista, e após maio de 1968, chega o momento em que Bourdieu lança sua revista que busca fugir do paradigma estruturalista e resgatar os agentes nas teorias sobre o universo social.

Como afirmaria Bourdieu, espaço de agrupamento e divulgação de sua perspectiva teórica, estrutura estruturada, essa revista funcionará como uma estrutura estruturante dentro do campo acadêmico francês e, posteriormente, no campo acadêmico mundial.

A revista *Actes de la recherche en sciences sociales* é uma das últimas revistas de prestígio a ser lançada na França, em 1975, seguindo um movimento de criação de novos veículos iniciado nos anos 60, como por exemplo: *Sociologie du travail* – 1959; *Revue française de sociologie*, os *Archives européennes de sociologie*, *Communications* e *Études rurales* em 1960.²²

²² Chenu, Alain. Une Institution sans intention : La sociologie en France depuis l'après-guerre. *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 141-142, mars 2002, p. 46-61.

Após esse período, as revistas que surgiram no cenário acadêmico francês não lograram o mesmo êxito e crescimento, pois dentre as revistas presentes nas bibliotecas universitárias – o que é um índice de sucesso – nenhuma foi criada após 1975.

Note-se ainda que a única que trata da temática da saúde, **Sciences sociales et santé**, criada em 1982, está localizada no rol daquelas presentes somente em 20% das bibliotecas pesquisadas, atrás, por ordem de difusão, de outras duas revistas de sociologia. Dessa forma, ela não figura sequer dentre as mais requisitadas e não possui um número de abonos, por parte das bibliotecas universitárias, representativo.

Assim, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, apesar de recente, conheceu um grande sucesso e sua difusão atinge o domínio internacional.

O Quadro 3 mostra essa penetração, ao analisar a presença da revista nas instituições de ensino superior, através da frequência da assinatura da revista nas bibliotecas universitárias francesas:

Quadro 3. Difusão das revistas francesas de sociologia na bibliotecas universitárias em 1999.

Título	Bibliotecas	Ano de criação
Revue française de sociologie	309	1960
<i>Actes de la recherche en sciences sociales</i>	286	1975
Sociologie du travail	264	1959
Études rurales	203	1960
Cahiers internationaux de sociologie	195	1946
L'Année sociologique (3e série)	164	1949
Espaces et sociétés	131	1970
Archives de sociologie des religions	105	1955

Fonte : Alain Chenu. Une Institution sans intention : La sociologie en France depuis l'après-guerre.

Actes de la recherche en sciences sociales, nº 141-142, mars 2002, p. 46-61.

Miceli discorre com propriedade sobre esse momento de início dessa publicação – ao chegar à França em 1974 – quando se sentia que algo estava no ar e por acontecer, *o sentimento de que estávamos presenciando a fabricação de uma perspectiva inovadora e desafiante do mundo social contemporâneo*.²³

Os estudantes, auxiliares, pesquisadores e mais os colaboradores estrangeiros diretamente ligados a Bourdieu - como Michel Pollack e Victor Karady - estavam mobilizados na confecção de uma nova revista. Os objetivos de Bourdieu e seu grupo são descritos por Miceli:

“Afirmar um rosto teórico original para o ofício de sociólogo, lançar as bases de alianças com cientistas sociais estrangeiros considerados pares (Williams, Ginzburg, Schorkse, Goffman etc.) e testar os graus de universalização dos achados e dos conceitos derivados dos seus experimentos de investigação”.²⁴

Tudo confluía para o êxito daquela publicação. As condições de acumulação primitiva de capital simbólico tinham sido bem aproveitadas por Bourdieu e sobre esse montante ele havia acrescentado muito de seu, oriundo de sua capacidade intelectual.

Em suma:

“dispunha de recursos públicos para tocar projetos de pesquisa de certa envergadura, contava com o apoio gerencial de entidades de fomento, havia mobilizado o necessário para lançar sua própria revista (...)”.²⁵

Todo esse esforço estava embalado em um novo formato de revista, em uma nova proposta de tratar o objeto das pesquisas e uma inovadora maneira de apresentar seus resultados.

²³ Miceli, Sérgio. Uma revolução simbólica. Folha de São Paulo, 27 de janeiro de 2002.

²⁴ Idem.

²⁵ Miceli, Sérgio. Uma revolução simbólica. Folha de São Paulo, 27 de janeiro de 2002.

A interrogação sobre o grau de sucesso dessa empreitada é uma questão difícil, cuja resposta toca nas estratégias de inserção da revista criada por Pierre Bourdieu dentro do campo intelectual francês e na sua forma de caracterização.

Esse esforço servirá como uma comprovação da representatividade da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* quanto à tradução do pensamento e da metodologia de Bourdieu dentro do campo intelectual e, como consequência, da representatividade dos artigos de sociologia da saúde em relação ao campo da sociologia.

A despeito das inúmeras possibilidades e das limitações, trataremos de algumas características elementares que compõem a revista e algumas propriedades serão buscadas como forma de caracterizar os intelectuais responsáveis pelo seu funcionamento.

- Regularidades estatísticas : colaboradores habituais que publicaram na revista e o número de vezes que isso ocorreu.
- Relação direta, através de colaboração em artigos, com o diretor e fundador da revista.
- Utilização do estilo da revista, a ser caracterizado durante a análise.
- Textos sobre a publicação, tanto de Pierre Bourdieu (livros, entrevista, editoriais) quanto de colaboradores no período, além de comentadores da obra do autor.

Essa busca de um conjunto de propriedades comuns que definam um tipo de grupo de intelectuais, e por que não dizer, um tipo ideal de grupo, no sentido weberiano, pode ser traduzida pela busca de um estilo. Estilo – *Style* - pode ser entendido como “*um princípio gerador de julgamentos políticos, de gostos em matéria cinematográfica, vestimentária – que é claramente identificável e que dá uma forte previsibilidade aos comportamentos*”.²⁶

²⁶ Pinto, Louis. Les Affinités Electives : Les amis du Nouvel Observateur comme "Groupe Ouvert", *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 36-37, février-mars, 1981. p. 105

Essa definição conceitual encontra-se no trabalho realizado por Louis Pinto, um autor alinhado à perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, quando se propõe, justamente, a estudar a formação da empresa jornalística que publica o *Nouvel Observateur*.

Nessa publicação, um outro grupo de intelectuais franceses construiu um conjunto de traços em comum - estilos de vida, gostos e maneiras - que os tornam um grupo aberto, de acordo com a definição do articulista. Um grupo aberto é:

“caracterizado pela coexistência de indivíduos classificáveis de acordo com princípios diferentes – jornalistas, escritores, universitários de diferentes disciplinas, homens da política – o pertencimento não pode ser deduzido nem de um critério nem de uma série de critérios. A coesão do grupo não têm outro fundamento que a afinidade global das relações entre « amigos » ou « cúmplices » para retomar os termos autóctones: se os indivíduos não têm todos as mesmas propriedades, eles possuem suficientes propriedades em comum para que as diferenças possam ser, senão negligenciadas, ao menos provisoriamente suspendidas...”

Esse conjunto de propriedades em comum, passíveis de análise por métodos adequados a cada caso, constitui um núcleo em torno do qual gravitam simpatizantes, colaboradores, amigos, próximos e outros.

Portanto, a coesão interna desse grupo aberto é o resultado objetivado das características sociais de seus membros. Em termos de Bourdieu, essas afinidades são o fruto da homologia entre o mundo social/estruturas objetivas e as práticas representadas pela condensação em um grupo. No caso de Louis Pinto em seu artigo, essas afinidades são estudadas em relação ao *Nouvel Observateur*.

Alguns fatores externos são abordados como condições estruturais de fundo no caso da emergência desse “Novo” Observador. Sem aprofundar muito as análises, o autor aponta para uma mudança essencial ao campo intelectual francês que se reflete na composição destes “familiares” que são a base do grupo aberto.

Nesse momento, há uma consagração intelectual e institucional de intelectuais cuja trajetória não segue, na tradição francesa, os caminhos até então legítimos de acumulação de capital científico.²⁷ Se estes novos caminhos são possíveis, algo teria mudado nas condições estruturais da sociedade, sobretudo no campo cultural. Algumas pistas são fornecidas pelo autor:

- Um novo paradigma científico ligado ao crescimento das ciências humanas, portador de um modelo de objeto científico expandido em torno das realidades cotidianas e do “mundo vivido”;
- Conjuntura política de distensão, com o esvaziamento das energias utópicas e uma despolitização geral;
- O crescimento do público intelectual que leva a um aumento da demanda de bens culturais a meio caminho entre o científico e os grandes debates sociais presentes na agenda da sociedade;

Essas mudanças levam os intelectuais do período a entrarem em instituições cujos critérios de seleção não são mais tão rígidos, como o CNRS e a *École pratique des hautes études*, arriscando uma menor legitimidade acadêmica em troca de uma maior autonomia intelectual.

Essa mudança nas relações entre as instituições acadêmicas e o campo intelectual rompe com uma tradição e altera as relações de força e de legitimidade entre as disciplinas, abrindo espaço para as ciências humanas, dentre elas a sociologia.

O sentido desse movimento talvez seja apanhado na feliz expressão de Sérgio Miceli, “*contravenção intelectual*”. Contravenção contra uma imagem e um modo de fazer ciência, antigo e arcaico, inscrito nas estratégias de conservação do campo intelectual. Pode-se dizer que as estratégias desses intelectuais foram as de subversão, que arriscam uma acumulação de capital ao preço de uma dilatação do tempo necessário à consagração, quando ela acontece. Citando um exemplo - os outros são Foucault e Bourdieu - Miceli constata:

²⁷ No caso francês, três signos de excelência: origem na Escola Normal, o exame de agregação, degrau necessário para tornar-se professor do ensino secundário - Liceu - e de algumas faculdades, e a tese de estado.

*“Por não possuir o requisito institucional mínimo, Barthes tem que apostar todas as fichas na excelência da prosa literária, quer dizer, no manejo dessa voz autoral que sabe anunciar com precisão, elegância e surpresa”.*²⁸

Se tudo isso é válido para o caso daquele periódico, analisado no período de 1975-1977, podemos aceitar que uma análise da revista *Actes* contemple essas categorias e técnicas de análise, sobretudo por que o período em questão é o mesmo no qual a revista *Actes* é fundada. No entanto, nossos objetivos atêm-se ao conteúdo temático e conceitual dos artigos selecionados (referentes à saúde). Esses artigos representam nosso material empírico de pesquisa e a discussão sobre a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* importa enquanto veículo de divulgação dos trabalhos da área da saúde. Portanto, basta caracterizar a existência de uma regularidade nas publicações através de laços objetivos de trabalho em comum, sem aprofundarmos aqui o estudo sobre a revista.

Os intelectuais da *Actes*

Para tanto, a metodologia aplicada será a que nos forneceu o próprio autor, Pierre Bourdieu, ao estudar os campos simbólicos - *As regras da arte* - e o próprio campo acadêmico - *Homo Academicus*²⁹.

Nesses trabalhos, Bourdieu busca estabelecer a posição ocupada pelos agentes dentro do campo de produção cultural e as propriedades relacionais desse campo, como forma de delimitar o espaço social no qual se insere o projeto criador. Além disso, busca entender as estratégias individuais e de grupo que possam iluminar as práticas e o sentido das ações individuais. Por último, a própria inserção do campo dentro da teoria geral dos campos, ou seja, qual a posição ocupada por esse campo relativamente autônomo em relação aos outros (econômico, jurídico, literário, político). Não realizaremos plenamente essa análise, no que se refere ao grupo que girou em torno da aplicação das hipóteses de

²⁸ Miceli, Sérgio. A condição do trabalho intelectual. In: *Sete ensaios sobre o Collège de France*, Afrânio Mendes Catani e Paulo H. Martinez (org.), São Paulo: Cortez, 2001.p. 113 e 114.

²⁹ Ver, ainda, o artigo *Le champ scientifique*, *Actes de la recherche en sciences sociales*, junho de 1976, nº 2/3.

trabalho presentes nas teorias de Bourdieu sobre o mundo social e que publicava preferencialmente na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Esboçaremos somente uma ligação clara e suficiente entre esses pesquisadores, como fundamento da nossa busca posterior sobre como esse grupo vislumbrou a área da saúde em seus trabalhos.

Um indicador que nos parece confiável é o relativo às publicações assinadas por Bourdieu em conjunto com outros pesquisadores de seu grupo. No quadro a seguir, encontram-se listados os intelectuais que publicaram trabalhos em conjunto com Pierre Bourdieu, quantas vezes isso aconteceu e em que período. O período de pesquisa abrange 1975 a 2001 e a lista de autores em ordem alfabética encontra-se no Anexo III.

Quadro 4. Artigos em conjunto de Bourdieu e outros pesquisadores, 1975-2001.

Autor	Nº de artigos total	Nº de artigos em conjunto	Período
BOLTANSKI Luc	18	8	1975-1976
SAINT-MARTIN Monique de	13	6	1975-1990
BOUHEDJA Salah	2	2	1990
GIVRY Claire	2	2	1990
CHRISTIN Rosine	4	2	1990
BOUVERESSE Jacques	2	1	2000
CHAMPAGNE Patrick	16	1	1992
CHRISTIN Olivier	7	1	2000
WILL Pierre-Etienne	2	1	2000
WACQUANT Loïc	17	1	1998

Fonte: <http://www.ehess.fr/centres/cse/index.html>. Acessado em: 25/04/2001.

Essas colaborações acontecem no tempo, portanto é uma prática dos colaboradores que pertencem à revista e dividem uma visão de mundo em comum, ou melhor, como se trata de agentes envolvidos na prática científica, de uma *illusio* comum. Esse núcleo de práticas conjuntas é o resultado da cristalização do *habitus* de um grupo.

Aqui entra um efeito de grupo e uma coesão interna explicáveis em termos de homologias dos *habitus* científicos dos pesquisadores envolvidos nas publicações da revista. Como explicitar essas afinidades de eleição do grupo? Esse esforço será encetado a seguir.

Um outro conjunto de dados pode ser aqui utilizado como forma de contrapor as colaborações entre os autores e Bourdieu com os trabalhos individuais. Esses dados são apresentados no quadro 5.

Quadro 5. Número de artigos por autores, período de publicação e artigos em conjunto

AUTOR	Número de artigos	Período das publicações	Publicações em conjunto
BOURDIEU Pierre	82	1975-2001	23
BOLTANSKI Luc	18	1975-1984	9
KARADY Victor	18	1978-1998	8
PINTO Louis	17	1975-2000	-
WACQUANT Loïc J.D.	17	1986-1999	2
CHAMPAGNE Patrick	16	1975-2000	1
LENOIR Remi	15	1976-2000	2
CHARLE Christophe	14	1975-2000	-
SAINT MARTIN Monique de	13	1975-1990	7
BALAZS Gabrielle	10	1979-1996	7
FAGUER Jean-Pierre	10	1979-2000	8
POLLAK Michael	10	1976-1987	2
MERLLIÉ Dominique	9	1975-1990	2
SAYAD Abdelmalek	9	1975-1999	1
SUAUD Charles	9	1975-1997	3
WINKIN Yves	8	1984-1999	1
CHRISTIN Olivier	7	1988-2000	1
DELSAUT Yvette	7	1975-1988	2
HEINICH Nathalie	7	1979-1985	-
VERDÈS-LEROUX Jeannine	7	1975-1981	-
VERNIER Bernard	7	1977-1998	-
FABIANI Jean-Louis	6	1977-1988	1

GRIGNON Claude	6	1975-1977	1
VILLETTE Michel	6	1975-1992	-
CHAMBOREDON Jean-Claude	5	1975-1977	1
DEZALAY Yves	5	1989-1998	3
JURT Joseph	5	1989-1999	-
LABOV William	5	1977-1993	-
LARDINOIS Roland	5	1985-2000	-
MARESCA Sylvain	5	1980-1989	1
MUEL-DREYFUS Francine	5	1975-1986	1
PINELL Patrice	5	1978-1986	2
STARK David	5	1984-1990	-
VARI Stéphane	5	1987-1991	-
BOURGOIS Philippe	4	1992-1998	-
CHRISTIN Rosine	4	1990-1991	2
DARNTON Robert	4	1976-1989	-
ENCREVÉ Pierre	4	1983-1988	1
LEBARON Frédéric	4	1997-1999	-
MAUGER Gérard	4	1983-2001	2
PIALOUX Michel	4	1979-1996	2
VERGER Annie	4	1976-1991	-
ALLO Eliane	3	1984-1986	
BOLLACK Jean	3	1975-1976	1
BONVIN François	3	1979-2000	1
CALHOUN Craig	3	1989-1992	1
FOURNIER Marcel	3	1988-1996	2
GARCIA Afranio Jr	3	1986-1998	-
GHEORGHIU Mihai Dinu	3	1984-1993	-
GOFFMAN Erving	3	1977-1993	-
GOLLAC Michel	3	1996-2000	3
GUILLEMIN Alain	3	1982-1984	-
KEMÉNY István	3	1978-1980	2
LEITE LOPES José Sergio	3	1989-1994	3
PONTON Rémy	3	1975-1985	-
ROUSSEAU André	3	1982-1982	-
SCHERRER Jutta	3	1988-1990	-
SCHILTZ Marie-Ange	3	1984-1998	2
SCHORSKE Carl E	3	1979-1993	-
SOULIÉ Charles	3	1995-1997	-
THIESSE Anne-Marie	3	1980-1999	1
ZARCA Bernard	3	1979-1986	-
BONELLI Laurent	2	1979-2001	-
BOUHEDJA Salah	2	1990-1990	2

BOUVERESSE Jacques	2	1977-2000	1
BOZON Michel	2	1999-1999	1
BRIAN Éric	2	1988-2001	1
BROCHIER Christophe	2	1992-2001	-
BRUBAKER Rogers	2	1993-1993	-
BURAWOY Michael	2	1988-1989	-
CASTEL Robert	2	1978-1983	-
CASTELNUOVO Enrico	2	1976-1981	1
CHAPOULIE Jean-Michel	2	1979-1981	-
COLLOVALD Annie	2	1988-2001	-
DARNTON Robert	2	1985-1993	-
DIRKX Paul	2	1996-1999	-
DUMONT Martine	2	1982-1984	-
ELIAS Norbert	2	1976-1985	-
FASSIN Éric	2	1998-1998	-
FAURE Jean-Michel	2	1994-1994	-
FORNEL Michel de	2	1983-1983	1
FOSSÉ-POLIAK Claude	2	1983-1998	-
GARRIGOU Alain	2	1988-1995	-
GARTH Bryant	2	1998-1998	-
GERNET Jacques	2	1993-1997	-
GINGRAS Yves	2	1988-1995	1
GIVRY Claire	2	1990-1990	1
GODECHOT Olivier	2	1999-2000	-
HAHN Alois	2	1986-1994	1
HEILBRON Johan	2	1987-1988	1
HENRY Odile	2	1992-2000	-
HOBBSAWM Eric	2	1978-1993	-
KARABEL Jérôme	2	1991-2000	1
KOVÁCS András	2	1985-1985	1
LEWIN Moshe	2	1976-1982	-
LOUREIRO Maria Rita	2	1995-1998	-
MARIN Louis	2	1975-1979	-
MARTINS-RODRIGUES Arakcy	2	1986-1988	1
MOLLIER Jean-Yves	2	1999-1999	1
MOTTEZ Bernard	2	1975-1975	-
NIANE Boubacar	2	1991-1992	-
OOMS Herman	2	1989-1989	-
PENEFF Jean	2	1982-1995	-
PINÇON Michel	2	1985-1986	-
PINTO Josiane	2	1980-2000	-
PRIEUR Annick	2	1996-1998	1

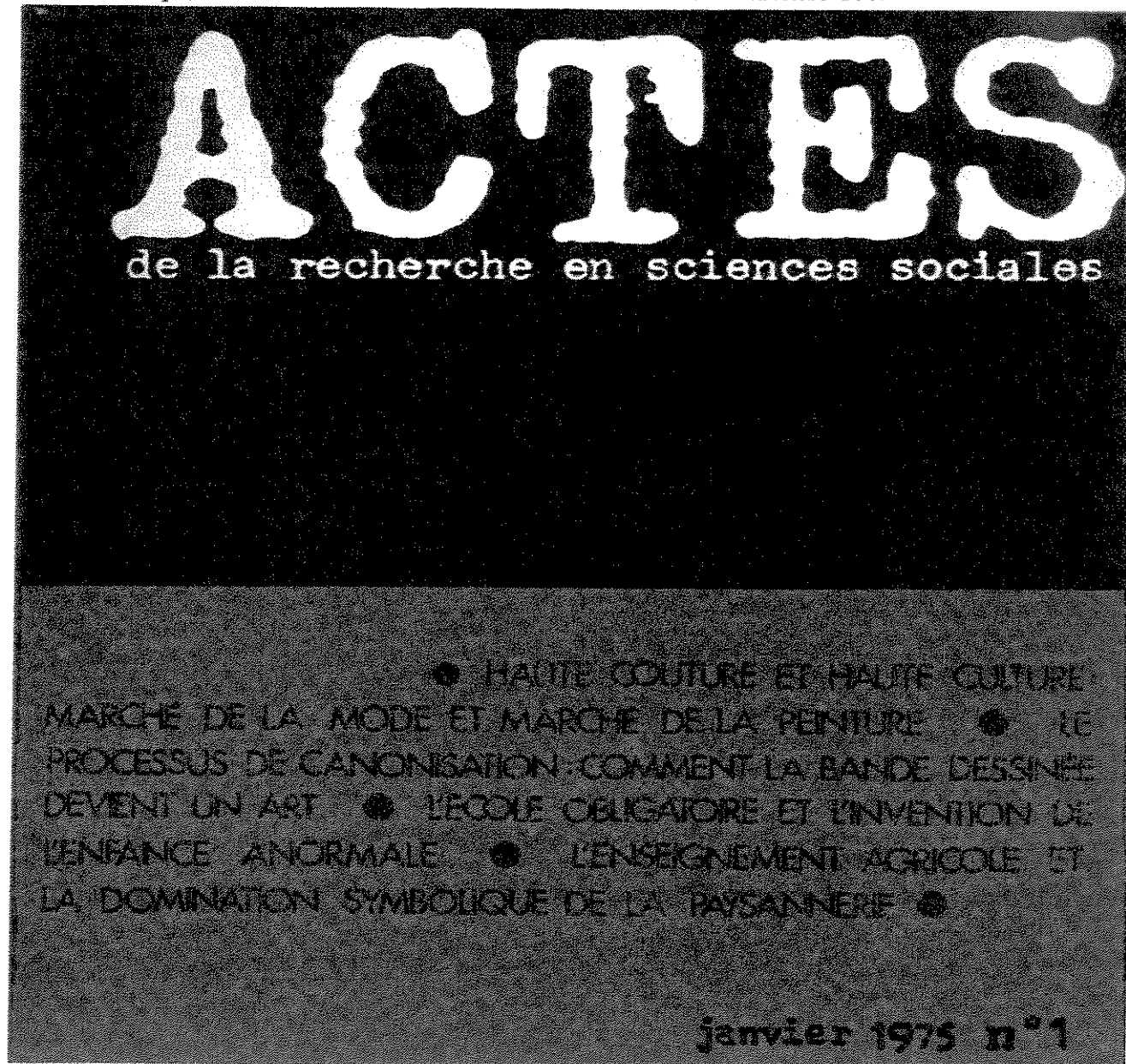
REBOUL Claude	2	1977-1981	-
SAPIRO Gisèle	2	1996-1996	-
TAVARÈS Jean	2	1980-1981	-
WASER Anne-Marie	2	1989-1992	-
WILL Pierre-Etienne	2	2000-2000	1
ZAFIROPOULOS Markos	2	1978-1982	2
Total de artigos	475		

Como se observa no quadro acima, a grande maioria dos pesquisadores publicaram poucos artigos na revista. No quadro acima não constam os pesquisadores que contribuíram com somente um artigo pois a lista seria infidável. Nosso objetivo foi mostrar que dos artigos escritos a duas mãos com Pierre Bourdieu, a maioria foi realizada por pesquisadores aninhados no *grupo aberto* da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, cuja contribuição individual cresce à medida que estão mais perto do núcleo desse grupo aberto ou mais afinados com a perspectiva científica de Bourdieu. Para caracterizar esse *grupo aberto*, realizamos uma análise do *estilo da revista*, como forma de apreender o *habitus* desse grupo que transparece através da quantidade de publicações mostrada acima. Isso será discutido a seguir.

A revista *Actes* como vontade e representação

Primeiramente, podemos buscar os símbolos formais e explícitos de representação do grupo. Nada melhor que acolhermos os raros editoriais da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* como os porta-vozes das representações do grupo sobre a prática científica. O texto inaugural é reproduzido a seguir.

Figura 1. Capa, sumário e editorial da Actes número 1 e editorial número 100.



présentation	2
méthode scientifique et hiérarchie sociale des objets :	4
Pierre BOURDIEU avec Yvette DELSAUT le couturier et sa griffe : contribution à une théorie de la magie	7
Luc BOLTANSKI la constitution du champ de la bande dessinée	37
étude comparée des modes de domination :	60
Francine MUEL l'école obligatoire et l'invention de l'enfance anormale	60
Claude GRIGNON l'enseignement agricole et la domination symbolique de la paysannerie	75
Bernard MOTTEZ réflexions sur quelques limites structurelles de la propagande et de la lutte antialcoolique à l'armée	98
english summaries	102

On trouvera ici, côte à côte, des textes qui diffèrent très profondément dans leur style et leurs fonctions : textes "achevés" bien sûr, tels que les appellent les revues académiques, mais aussi notes brèves, compte-rendus d'exposés oraux, textes de travail, tels que projets et mémoires intermédiaires de recherche, où se voient mieux les intentions théoriques, les procédures empiriques de vérification et les données sur lesquelles s'appuie l'analyse. La volonté de donner accès à l'atelier lui-même, qui ne connaît d'autres règles que celles de la méthode, et de livrer les archives d'un travail en train de se faire implique l'abandon des formalismes les plus évidemment rituels : alignement à droite de la typographie, rhétorique du discours suivi, articles et numéros de longueur uniforme, et, plus généralement, tout ce qui conduit à la standardisation et à la "normalisation" des produits de la recherche. Ne reconnaître aucun autre impératif que ceux qu'imposent la rigueur de la démonstration, et, secondairement, la recherche de sa lisibilité, c'est s'affranchir des censures, des artifices et des perversions qu'engendre le souci de se conformer aux convenances et au bon ton du champ universitaire : rhétorique de la prudence ou de la fausse précision, appareil et apparat des discours de célébration qui ne sont jamais qu'auto-célébration, gaspillage ostentatoire des signes d'appartenance aux groupes les plus sélectifs et les plus sélects de l'univers intellectuel.

En renonçant à mettre des formes et parfois à mettre en forme, on rend aussi possible la recherche d'un mode d'expression réellement adapté aux exigences d'une science qui, prenant pour objet les formes et les formalismes sociaux, doit reproduire dans l'exposition de ses résultats l'opération de désacralisation qui a permis de les atteindre. On rencontre ici ce qui fait sans doute la spécificité de la science sociale : conquis contre les

mécanismes sociaux de dissimulation, ses acquis ne peuvent informer une pratique individuelle ou collective que si leur diffusion parvient à échapper au moins partiellement aux lois qui régissent la circulation de tout discours sur le monde social. Transmettre, en ce cas, c'est livrer, toutes les fois que c'est possible les moyens de refaire, pratiquement et non verbalement, les opérations qui ont rendu possible la conquête de la vérité des pratiques. Devant fournir des instruments de perception et des faits qui ne peuvent être appréhendés qu'au moyen de ces instruments, la science sociale doit non seulement démontrer mais aussi montrer, présenter des enregistrements de l'existence quotidienne, photographies, transcriptions de discours, facsimilés de documents, statistiques, etc., et faire voir, parfois par un simple effet graphique, ce qui s'y cache. On ne donne réellement accès à la connaissance d'objets qui sont le plus souvent investis de toutes les valeurs du sacré qu'à condition de livrer les armes du sacrilège : sauf à croire en la force intrinsèque de l'idée vraie, on ne peut rompre le charme de la croyance qu'en opposant la violence symbolique à la violence symbolique et en mettant, quand il le faut, les armes de la polémique au service des vérités conquises par la polémique de la raison scientifique.

Le discours de la science ne peut paraître désenchanté qu'à ceux qui ont une vision enchantée du monde social. Il se tient aussi éloigné de l'utopisme qui prend ses désirs pour la réalité que du sociologisme qui se complaît dans l'évocation rabat-joie de lois fétichisées. La science sociale se contente de détruire les faux-semblants et les faux-fuyants forgés par une vision religieuse de l'homme dont les religions révélées n'ont pas le monopole.

ÉDITORIAL

côtoyés - maîtres - du présent, ou du passé, et
- maîtres - de l'avenir, avec les - chefs-d'œuvre -
attestant de leur métier : et où s'est affirmée chaque fois,
numéro après numéro, sans manifestes théoriques ni
proclamations méthodologiques, l'analyse complexe d'un
objet rigoureusement construit.

Une entreprise collective, et profondément concertée,
qui a beaucoup exigé de tous ceux qu'elle a mobilisés, à
un moment ou à un autre, dans un effort pour associer le
souci de la rigueur et la volonté permanente d'innover,
par la forme aussi bien que par le contenu : dans la longue
liste de ceux qui ont fait *Actes de la recherche*, il faudrait
faire une place à part à ceux qui ont accordé d'emblée à
cette publication la confiance et l'aide matérielle indis-
pensables, comme Fernand Braudel et Clemens Heller, et
à ceux qui ont assumé les tâches ingrates que suppose la
production toujours recommencée d'une revue, élaboration
et correction des manuscrits, conception et réalisation
de la maquette, composition et montage des textes, etc. Il
faudrait remercier aussi un à un les auteurs qui ont choisi
une revue très éloignée dans sa présentation matérielle et,
bien souvent, dans ses objets, des attentes explicites ou
implicites de l'*homo academicus*.

Mais ce centième numéro appelle moins le bilan que
la réaffirmation d'un projet. Plus que jamais décidés à
ignorer les frontières entre les disciplines, nous travaillerons
aussi à nous arracher aux limitations inhérentes aux
enracinements nationaux : en nous appuyant sur le crédit
que nous avons acquis (et dont témoigne la présence,
dans ce numéro, de quelques-uns des plus grands noms
de la science mondiale) et sur le réseau d'amis et de col-
laborateurs que nous avons constitué (grâce notamment à
notre supplément européen *Liber*), nous nous efforcerons
de nous ouvrir toujours davantage aux recherches
les plus avancées de tous les pays. Cela, sans renoncer à
l'intention initiale de publier les travaux novateurs - et
parfois hérétiques - des jeunes chercheurs encore peu
connus, et qu'il faut faire reconnaître.

Il faudrait encore parler de la « ligne », sans doute un
peu rigoriste, et pourtant très souple, qui oriente les choix
de notre revue. Et qui fait qu'on y a vu parfois l'expres-
sion d'une « école ». Il est effectivement des auteurs qui
ont peu de chances d'apparaître jamais sous la couver-
ture d'*Actes de la recherche*. Exclusive sectaire ou exclu-
sion scientifique ? L'histoire jugera. Mais le recul du temps
permet dès maintenant d'observer qu'il est peu de cher-
cheurs aujourd'hui reconnus qui n'aient associé leur nom,
fût-ce pour un moment, à ce « collège invisible » qui ne
connaît aucun autre principe d'admission qu'une certaine
idée de la science.

Pierre Bourdieu

Nesse texto inaugural, editorial do primeiro número da revista, é feita uma crítica aos mecanismos de celebração e de consagração do mundo intelectual. A estratégia é claramente a da subversão e da negação dos procedimentos normais ou normalizadores da prática científica. Mais, a crítica se faz à forma acabada e tradicional de publicação, de acordo com as convenções do campo intelectual. Essa crítica demora-se sobre as regras implícitas do bom tom, ao *“aparelho e aparato dos discursos de celebração que não são mais que auto-celebração, desperdício ostentatório dos signos de pertencimento aos grupos mais seletivos e mais seletos do universo intelectual”*.³⁰

O objetivo apresenta-se como o de realizar a desconstrução do discurso científico mais convencional e de fornecer os meios de apreensão da produção científica, explicitando os passos intermediários e o aparato de realização das pesquisas. Segundo o autor, isso poderia ser atingido através da demonstração desses instrumentos e dos próprios dados sobre os quais trabalha o pesquisador, apresentados de forma parcial (ainda não acabados) ou como registros brutos (fotos, documentos, estatísticas, etc).

A palavra chave dessa estratégia declarada é dessacralizar o fazer científico, mostrar suas antecâmaras e expor algumas de suas mazelas. Mostrar como refazer as operações e os caminhos da prática de pesquisa. Essa opção apontada é completamente contrária à de se entregar à *tentação do profetismo* que tende a render altos dividendos dentro do campo social, ao preço do rigor científico. Bourdieu resume essa estratégia com a palavra de ordem: *“o discurso da ciência só pode parecer desencantador àqueles que têm uma visão encantada do mundo social”*.³¹

Compreender se essa estratégia de grupo logrou de fato obter seus resultados surge como uma tarefa interessante e a se realizar em uma pesquisa posterior, com um direcionamento de esforços no sentido da análise do campo intelectual francês e de suas publicações. O que nos cabe enfatizar é a proposta surgida naquela conjuntura e que buscava novas formas de tratar o objeto sociológico e, em muitos casos, construir novos objetos e temáticas. Nesses conteúdos centraremos nossa atenção.

³⁰ Bourdieu, Pierre. Presentation. *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 1, janvier, 1975.

³¹ Idem.

Saúde e Medicina nas *Actes*

Após um estudo prévio da revista em termos internos e de suas características e propriedades dentro do campo da sociologia francesa, adaptado aos nossos recursos documentais e de tempo, o interesse voltar-se-á ao estudo da temática da sociologia da saúde, através de uma classificação do material previamente escolhido. Essa classificação será feita em torno da temática de cada artigo, traçando, dessa forma, um panorama daqueles que foram publicados nesse período, dentro da revista.

Foram selecionados artigos que abordassem os temas da sociologia da saúde, termo historicamente construído e que explicita alguns conteúdos mais representativos das relações saúde/sociedade.

Uma definição satisfatória e abrangente, ainda que não definitiva desse termo, é a que se segue:

*“Estamos entendendo como sociologia da saúde um campo de práticas teóricas e aplicadas que toma como referência o estudo do processo saúde-adoecimento-cuidado. Nesse sentido, ela inclui as investigações que pesquisam os processos sociais na determinação da saúde e na organização das práticas de saúde”.*³²

Utilizamos, com essa intenção, alguns descritores para essa busca temática:

- Medicina, médicos, profissão médica, medicina alternativa, práticas médicas, medicalização, enfermagem, terapia, terapêuticas, tratamento;
- Adoecimento, doença, epidemias, epidemiologia, dor, morte, doentes;
- Saúde, saneamento, cuidados médicos.

Imbuídos dessa abordagem inicial, baseada em um conceito de largo espectro, selecionamos um conjunto de artigos apontados no Anexo I, referentes à área da saúde, apresentados por período e quantidade.

³² Nunes, Everardo Duarte. Consulta pessoal ao autor.

No quadro a seguir, explicitamos essa seleção, por períodos decenais.

Quadro 6. Artigos de sociologia da saúde, distribuídos por década de publicação.

ANOS	N. ° DE ARTIGOS.	SELECIONADOS
1975-1979	136	4
1980-1989	312	20
1990-1999	312	16
2000-2001	64	-
TOTAIS	824	40

Fonte: <http://www.ehess.fr/centres/cse/index.html>. Acessado: 25/04/2001.

Uma outra maneira de representar a dispersão desse material é através dos anos de aparecimento e o número de artigos em cada um deles, como no quadro a seguir. O total de artigos é de 824 e, dentre estes, somente 40 referiam-se à sociologia da saúde.

Quadro 7. Artigos da revista Actes, distribuídos em quantidade por ano/artigos de sociologia de saúde por ano, período de 1975 – 2001.

Ano	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
197_						38/1	26	22	21/1	29/2
198_	26	22	21/3	25	40/3	36/5	42/2	27/6	38/1	35
199_	32	28	23	29	44/8	28/2	36	21	33	38/6
200_	44	20								

Fonte: <http://www.ehess.fr/centres/cse/index.html>. Acessado: 25/04/2001.

Como, então, entender a dispersão desses artigos na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*?

Podemos, como forma de análise, fazer um pequeno paralelo com outra revista, a *Revue Française de Sociologie*, que publicou um balanço em 1973 sobre a sociologia médica.

No período de 1975-1985, Louis Pinto constata que a sociologia dos “intelectuais”, definida como a análise da prática criadora ou reprodutora de bens simbólicos, representou cerca de 10% dos artigos publicados na *Actes*. Ao mesmo tempo, Pinto compara essa produção com o período de 1960-1980 na *Revue Française de Sociologie*, onde foram publicados em torno de 1% dos artigos com essa temática.³³

No nosso caso específico, importa perceber que no período de 1975-1985 a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* publicou, de acordo com o Quadro 6, exatamente 15 artigos, em um total de 306, referentes à sociologia da saúde. Isso representa 4,9 em termos percentuais e atinge quase a metade da produção sobre um tema muito trabalhado por Pierre Bourdieu e sua escola que é o tema da sociologia do campo intelectual, que como vimos atingiu 10% dos artigos publicados no mesmo período na *Actes*.

Se tal acontece, podemos aceitar a tese de que a revista rompe com a hierarquização dos objetos de estudo, dando margem para a análise de campos não tradicionais dentro da sociologia, pois a área da saúde é tradicionalmente periférica em relação à chamada grande sociologia.

Esse resultado específico deve ser considerado como um forte indicador da mudança no tratamento dos objetos sociológicos, mas não pode ser tomado como um fato definitivo. Caberia, aqui, um estudo detalhado e comparativo entre as revistas sociológicas (ou de ciências humanas) francesas quanto à temática da sociologia da saúde, algo impossível de ser realizado com as condições materiais e de tempo de que dispomos no momento. Podemos afirmar, no entanto, que a quantidade de artigos focando o objeto da saúde, ou da medicina social, aumentou significativamente dentro desse periódico.

³³ O autor nos remete a seu artigo “Une science des intellectuels est-elle possible?” *Revue de Synthèse* (4):345, oct./dec. 1996.

De qualquer maneira, podemos buscar, durante a análise do material selecionado, uma comparação que nos elucide se houve ou não uma mudança de tratamento da sociologia da saúde, tanto quanto aos temas quanto aos objetos de estudo. Isso será feito a seguir.

Análise dos conteúdos temáticos

Os artigos em questão foram classificados de acordo com as mesmas categorias utilizadas pela *Revue Française de Sociologie*, no seu número especial onde se realiza um primeiro balanço do campo da saúde na França.

Os artigos foram classificados em mais de uma temática com o objetivo de alcançar maior representatividade. Sendo somente 40 em número, abrir a possibilidade de categorização múltipla, onde cada artigo pôde ser incluído em mais de uma temática, sem descaracterizar cada trabalho, foi uma estratégia válida de apontar melhores resultados sobre os temas em estudo. O resultado dessa categorização aparece na tabela a seguir:

Tabela 2. Temas dos trabalhos, classificados segundo a revista e período de publicação, distribuídos por categoria.

Temas	PERÍODO	
	1960-1973	1975-2001
	Revue	Actes
A – GENERALIDADES	2,4	-
B – HISTORIA SOCIAL DA MEDICINA	4,4	15,4
C – TENDENCIA ATUAL DA MEDICINA/INOVAÇÃO	14,7	2,6
Generalidades	2,5	-
Psiquiatria Social	8,3	0,8
<i>Psiquiatria Social da criança</i>	1,6	0,8
Psicanálise	1,7	-
Informática médica	0,6	0,8
D – ESTUDO PSICO-SOCIOLÓGICO DA INSTITUIÇÃO	32,2	18,0
Generalidades	0,5	0,8
O médico	15,1	16,2
Estrutura da profissão. Estatuto. Papel	4,3	6,0
<i>Formação profissional. Ensino universitário e pós-universitário.</i>	4,2	4,3
<i>Informação.</i>		
<i>Economia da profissão.</i>	2,0	0,8
<i>Deontologia</i>	1,2	2,6
<i>Demografia do corpo médico</i>	3,3	2,6
As enfermeiras e auxiliares médicos	4,4	-
As estruturas hospitalares	12,1	0,8
Generalidades	2,1	-
<i>O Hospital público e privado</i>	3,8	0,8
<i>O hospital psiquiátrico</i>	2,5	-
<i>Reforma do hospital</i>	1,0	-
<i>Economia do hospital</i>	1,0	-
<i>Relações humanas no hospital</i>	1,6	-
E – MEDICINA E SOCIEDADE	46,3	64,1
Generalidades	2,0	-
Economia e planificação da saúde	15,6	8,5
<i>Necessidades e Consumo</i>	7,1	-
<i>Custo da saúde</i>	2,3	1,7
<i>Política de saúde</i>	1,8	1,7
<i>Seguridade social</i>	1,4	1,7
Representação social da medicina e da doença	2,5	17,0
Estudo psico-sociológico da relação corpo médico/sociedade e médico-paciente	5,0	15,4
Problemas sociais	6,8	10,3
<i>Álcool</i>	1,3	0,8
<i>Droga</i>	1,3	1,7
<i>Suicídio</i>	-	0,8
<i>Contracepção/Aborto</i>	1,3	1,7
Epidemiologia. Demografia sanitária	3,2	7,7
Patologia da velhice	2,3	2,6
Patologia da infância e da adolescência. Medicina escolar.	2,4	0,8
Patologia dos imigrantes.	4,3	-
Medicina do trabalho. Doenças profissionais.	2,0	1,7
TOTAL	100%	100%

Percebe-se como resultado dessa divisão em temas algumas mudanças de monta quanto aos temas específicos. Discutiremos com mais vagar essas mudanças, a seguir.

Dos cinco grandes temas, a saber, Generalidades, História Social da Medicina, Tendência Atual da Medicina/Inovação, Estudo Psico-sociológico da Instituição e Medicina e Sociedade, nenhum escapou de mudanças quantitativas significativas. No entanto, os motivos devem ser individualizados.

A) **Generalidades:** são artigos e livros clássicos da área, concernentes a seleções de textos publicados, filosofia da medicina e outros. Tanto na primeira enquete quanto na *Actes*, o espaço desses artigos é ambíguo. Eles tratam de temas teóricos e não claramente distinguíveis. Essa temática é de suma relevância, pois é a que apresenta maior desafio de catalogação e, por isso mesmo, aponta para temáticas inovadoras e em potencial. Como exemplos da seleção da *Revue*, podemos citar, entre outros:

➤ *Les usages sociaux du corps* - Luc Boltanski.

➤ *Le normal et le pathologique* - Georges Canguilhem.

B) **História Social da Medicina:** é uma das categorias que mais sofreu aumento na quantidade de publicações, atingindo quase 15 % do total dos artigos da revista *Actes*. Os estudos centrados em momento históricos específicos, sobretudo aqueles em que a medicina protagoniza algum tipo de mudança social, passaram a ser o alvo de trabalhos históricos de resgate na busca pela hegemonia discursiva, política e social dos praticantes da arte médica. Da mesma forma que a reflexividade do mundo social é apanhada no estudo das práticas dos intelectuais, na maneira como eles difundem e defendem sua visão sobre o mundo social, a medicina é apanhada em seus momentos de conflito e de luta pela legitimidade dentro da sociedade. Esse tema é um dos temas chave do grupo que gravita em torno da *Actes*.

C) **Tendência Atual da Medicina/Inovação** - essa categoria deve ser olhada com um cuidado especial, pois os estudos de psicologia ou psiquiatria, de modo geral, não são tomados como temas sociológicos, além da clara divisão do trabalho intelectual entre as duas disciplinas. No caso da *Revue*, interessava incluir esse balanço bibliográfico como forma de mapear o campo da saúde em geral, sem realizar uma distinção profunda entre

disciplinas. Já a *Actes* buscava um aprofundamento em torno de artigos indubitavelmente sociológicos. Talvez isso explique a ausência acentuada de estudos da área chamada *psi* na segunda publicação, com algumas exceções.

D) **Estudo psico-sociológico da instituição:** essa rubrica sofreu uma redução, passando de 32,2 a 18,0% do total dos temas. Isso se deve claramente a uma diminuição substancial dos estudos centrados nas estruturas hospitalares, que passaram de 12,1 %, em 32,2 % do total dos temas, para 0,8% em 18,0%. Quando se trata de estudos sobre as instituições, manteve-se e concentrou-se o interesse pelo médico enquanto agente social atuante na sociedade como um todo. No primeiro levantamento, a quantidade girava em torno de 15,1 em 32,2% e, no segundo, passou a 16,2 em 18,0%. Isso reflete a importância conferida ao agente social dentro das ciências sociais, sobretudo dos anos 70, e ainda, a relevância da formação profissional e da estrutura da profissão médica.

A diminuição do interesse pela instituição hospitalar representa um equacionamento relativo do problema inicial de custos do sistema de saúde francês: depois do esforço inicial de concentração de interesses no hospital - estudos esses financiados pelo governo francês, preocupado com a elevação dos gastos em saúde - chegou-se a um equilíbrio e um esvaziamento desse foco primário. Certamente houve a criação de quadros especializados na gerência desse setor e alheios, em parte, ao mundo acadêmico. Pode-se também aventar a hipótese de que não há inserção, na França, dos sociólogos no âmbito estritamente hospitalar, o que se caracterizaria como uma sociologia *na* saúde. Do fato de serem análises realizadas a partir do âmbito exterior e macro-sociológico (sociologia da saúde), as análises do hospital teriam esgotado seu impulso inicial sem terem logrado a penetração nesse *setting* médico por excelência.

E) **Medicina e Sociedade:** essa temática envolve uma imensidão de temas e, a rigor, todo assunto que envolva a medicina diz respeito às relações entre essa prática e a estrutura social na qual ela está envolvida. No entanto, como grandes tendências, podemos perceber algumas alterações significativas.

A *primeira* concerne a um aumento significativo que envolve uma migração do enfoque em estudos acerca das tendências e inovações tecnológicas, em conjunto com as análises das instituições, para os estudos das relações entre a medicina e a sociedade. Os

valores passam de 46,3% a 64,1%, mudança que vai das condições internas da prática médica para o mundo social. Preocupa-se em entender a prática e o significado dessa prática. Em suma, entra em cena o questionamento sobre um conjunto de saberes milenares e a maneira como ele se justifica enquanto práticas sobre os agentes sociais.

Uma *segunda* alteração, portanto, é a que se refere a um grande incremento do número de estudos sobre as *representações sociais* da medicina e da doença: como se legitimam e se explicam os novos e velhos modelos da medicina e como se alteram, no espaço social, as maneiras como as doenças e também as curas acontecem. Esses estudos ganharam muita força dentro da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, chegando a quase 26,5% daquele total referente a estudos de Medicina e Sociedade. Da mesma forma, os estudos psico-sociológicos da relação corporação médica-sociedade e médico-paciente cresceram substancialmente, chegando a 24,0% do total de 64,1% referentes ao item E - *Medicina e Sociedade*.

Em *terceiro* lugar, os estudos referentes a *Economia e Planificação em Saúde*, cuja representação anterior estava no patamar de 15,6% em 46,3% do total dos estudos de *Medicina e Sociedade*, o que correspondia a 33,7% de todos os temas classificados. No segundo período, *Economia e Planificação em Saúde* passou a somente 8,5 % do total de 64,1% da rubrica *Medicina e Sociedade*, o que correspondia a 13/3%. Isso significa que as demandas por conhecimentos sobre necessidades e consumos médicos, custos de saúde, política de saúde e seguridade social passaram ao largo das preocupações dos pesquisadores da *Actes de la recherche en sciences sociales* e não parecem ter a mesma legitimidade acadêmica de outros temas menos aplicados, como o da representação social. Esse resultado aqui encontrado é claramente comprovado por outros estudos, como por exemplo, o de Marina Serré, *Da economia médica à economia da saúde*, publicado na própria *Actes de la recherche en sciences sociales*. Nesse artigo ela aponta grandes alterações nas políticas públicas de saúde, passando-se de uma economia médica feita por médicos à uma economia da saúde, gerida por economistas inspirados no modelo norte-americano.

Outras temáticas inseridas nesse item permaneceram em patamares parecidos aos primeiros, salvo um ligeiro aumento da Epidemiologia e Demografia Sanitária, que passou de 7% para 12% dentro da categoria *Medicina e Sociedade*.

A Temática do Corpo

Além dos quarenta artigos sobre sociologia da saúde selecionados, dentre os quais alguns tocavam a temática corporal, foram encontrados outros oito, cujo tema maior era a incorporação da forma de utilização desse mesmo corpo como objeto sociológico.

Dentre todos os números da revista, dois são especialmente dedicados ao tema do corpo: o número 14, *Présentation et représentation du corps* e o número 104, *Le commerce des corps*. Nesses dois números dedicados ao corpo, as apresentações e primeiros artigos são de Pierre Bourdieu, o que demonstra uma preocupação explícita desse autor com a sociologia do corpo. A lista é apresentada no Anexo II, com as referências completas.

Esses artigos, envoltos em uma aura indefinida enquanto tema de pesquisa, apresentam-se multifacetados e apontam para uma interface entre diversas disciplinas, o que justifica uma maior atenção sobre esse material e sua separação para uma análise particular, a ser realizada quando tomarmos os artigos em geral.

A seguir, faremos um breve comentário sobre cada um deles, explicitando suas temáticas e seus conteúdos conceituais.

O primeiro número da revista dedicado totalmente à temática corporal foi o número 14, *Présentation et représentation du corps*, publicado em 1977, dois anos após a fundação da revista. Nesse número especial, o próprio Bourdieu, em conjunto com **Monique de Saint Martin**, escreveu um artigo intitulado *Remarques provisoires sur la perception sociale du corps*. Nesse trabalho, valioso por sua riqueza conceitual, os autores retomam temas sobre o corpo já tratados anteriormente por Bourdieu e lançam novas possibilidades teóricas. Esse artigo busca entender o corpo como objeto de investimento - tanto libidinal como econômico - e, ao mesmo tempo, descortinar o “corpo legítimo”, socialmente aceito e socialmente conformado, segundo as injunções de classe, sexo, da divisão social do trabalho, da idade, da classe social. Esse corpo legítimo é traduzido na *hexis* corporal, uma relação durável e generalizada com o corpo “real”.

Esse texto de Bourdieu serve como fecho de uma série de artigos criativos ao lidar com a temática corporal, utilizando novos meios e técnicas que o objeto exige.

Esse número é especialmente inovador por sua larga utilização do recurso visual, através de dois artigos onde há inúmeras fotos como dados empíricos de estudo.

O primeiro, *Les usages sociaux du corps à Bali*, de **Gregory Bateson**, apresentado por **d'Alban Bensa**, representa interessante e instigante artigo, onde os usos sociais do corpo são apresentados através de fotografias, acompanhadas de um pequeno texto explicativo. A idéia é catalogar e expor, como em uma coleção, o repertório das técnicas corporais dos nativos de Bali. Através dessa catalogação, buscou-se mostrar os esquemas de classificação que estão embutidos nessas técnicas e que exprimem o modo de ser, o *estilo*, o *habitus*. Essas fotografias seriam os instrumentos que permitem extrair as regras que presidem o uso do corpo.

O segundo, *La ritualisation de la féminité*, de **Erving Goffman**, mantém a linha de pesquisas centrada na exploração da forma externa e na forma de apresentação corporal e, da mesma maneira que o trabalho anterior, a utilização de imagens é um recurso extremamente adequado. Goffman explicita o que ele entende ser um método válido de utilização dessa técnica e o demonstra. O objetivo do autor é extrair dessas fotografias a maneira pela qual o mundo é *representado*, através das imagens e posturas do corpo, sobretudo o feminino. Ele centra sua atenção sobre três pontos: os *estilos* de comportamento ligado ao *gênero*, como a publicidade apresenta uma visão distorcida e as regras de produção desse artefato de propaganda (hiper-ritualização).

Em 1989, o número 80 da revista dedicou-se novamente à temática dos esportes, com o nome de *L'espace des sports-2*. Nosso interesse fixou-se especialmente no artigo de **Loïc J.D. Wacquant**, *Corps et âme. Notes ethnographiques d'un apprenti-boxeur*. Esse artigo é o resultado de uma observação participante do autor dentro de um ambiente específico de ensino de boxe - uma academia, localizada em um bairro negro norte-americano. O objeto do autor reúne uma série de características remarcáveis: diz respeito à maneira de utilização do *corpo*, envolve a idéia de um conjunto de *representações sociais* sobre a arte do boxe e ainda remete ao *habitus* formado pelo exercício constante e repetitivo de uma *técnica corporal* coletiva e, ao mesmo tempo,

individual. Esse objeto privilegiado é analisado sob três interesses, segundo o autor. Primeiro, obter e divulgar documentos etnográficos sobre um universo estigmatizado, mas mal conhecido realmente; segundo, explicitar os princípios de funcionamento desse campo esportivo e, terceiro, refletir sobre uma prática centrada no corpo como instrumento social.

Em 1990, o tema do gênero, *Masculin/féminin-1*, é o fulcro do número 83 da revista, onde **Françoise Merllié** publica o artigo *Le corps des femmes: l'intérieur et l'extérieur*. Nesse texto, trata-se de notas de leitura sobre dois livros sobre *gênero* centrados sobre: o exterior, mudanças no modo das mulheres se vestirem e interior, musculatura e vísceras femininas. A autora da resenha perfila como ponto forte desses livros o fato de ultrapassarem o domínio do corporal, mas, apesar disso, encaixam-se em uma concepção sobre o feminino sexista, onde os autores condenam implicitamente os movimentos pela igualdade das mulheres.

Em 1994, um segundo número temático sobre o corpo é publicado - 104, dedicado ao aspecto econômico dos usos corporais. Intitulado *Le commerce des corps*, essa revista apresenta vários artigos referentes à sociologia do corpo que serão tratados no momento adequado. Ainda, dentre estes, alguns serão analisados como referidos à sociologia da saúde.

O texto de apresentação do próprio **Bourdieu**, *Le corps et le sacré*, mostra uma vertente inexplorada da sociologia do corpo, a saber, os seus usos “extraordinários”: venda de órgãos, indústria do sangue ou prostituição. O autor indica uma possível interpretação desses fenômenos através da relação entre o corpo e o sagrado, na linha durkheimiana. Dessa maneira, a ritualização do corpo visaria a uma defesa do mesmo contra usos socialmente proibidos e venais.

Após essa abertura, temos um artigo de **Gabrielle Balazs** que se centra na análise de um mercado específico, o da venda do corpo. O artigo *Backstreets. Le marché de la prostitution*, escrito como resenha de um livro, busca explicar o funcionamento da prostituição na Noruega, através de uma série de entrevistas feitas junto aos agentes sociais envolvidos. Toma como objeto o mercado de prostituição e intenta mostrar as relações que se estabelecem pela divisão de trabalho entre os sexos e as representações sociais sobre o tema, ligadas à imagem do masculino e do feminino.

Alguns anos depois, o tema do corpo vem a ser explorado na sua vertente de intersecção com os estudos sobre a sexualidade. No número 128 - *Sur la Sexualité* - da *Actes de la recherche en sciences sociales* de 1999, repete-se a ligação estreita entre a temática corporal e a área médica: a maioria dos artigos é híbrida e incorporada à sociologia da saúde, às vezes como problema social, outras como campo da *medicalização* dentro das sociedades contemporâneas. Como exceção, o artigo conjunto de **Pierre-Olivier de Busscher, Rommel Mendes-Leite e Bruno Proth**, *Lieux de rencontre et backs-rooms*, representa um esforço dos autores no sentido de descrever pormenorizadamente os lugares e comércios onde se realizam as atividades sexuais de um grupo de homossexuais. Por meio dessa descrição, ensaia-se um julgamento de valor sobre como esses lugares funcionam como espaços de regulação de uma determinada forma de homossexualidade. Além disso, procura-se medir os limites dessa regulação

A análise realizada aponta que houve mudanças significativas na abordagem dos temas sociológicos dentro da revista, tanto como proposta de alteração dos objetos sociológicos quanto como temas a serem abordados. Novas áreas de interesse foram abertas, com abordagens metodológicas diversificadas e instigantes. Dentre essas áreas, um espaço significativo foi dedicado à chamada sociologia da saúde ou da medicina, em torno de 5% da quantidade total de artigos.

Isso aconteceu a despeito de uma certa marginalidade da sociologia da saúde frente às prestigiosas linhas de pesquisa do campo intelectual na França.

Um exemplo desse caráter marginal dentro do campo intelectual francês: a obra *Sociologie Contemporaine* pretendeu dar um panorama da sociologia em todas as suas principais facetas, e apontou, em sua segunda parte, os diversos campos em que se divide a sociologia na França, em torno de treze sociologias:

- Rural;
- Urbana;
- Do trabalho;
- Das organizações;
- Do desenvolvimento;

- Política;
- Da família;
- Religiosa;
- Da educação;
- Criminal;
- Cultural e do lazer;
- Do esporte;
- Da informação e da comunicação.

Apesar da extensa lista, dentre esses campos não figura a sociologia médica ou da saúde.³⁴

Durante o período estudado, um único número temático especial, o de número 68, de 1987, foi dedicado a *Épidémies, maladies, médecins*. Surpreendentemente, quando tínhamos analisado grande parte do material empírico, repetiu-se a edição especial dedicada à medicina, sob o número 143, em junho de 2002, intitulado *Médecines, Patients et Politiques de Santé*. Essa edição não pôde ser incluída em nossas análises, pois a classificação e o andamento dos trabalhos estavam muito adiantados quando ocorreu essa publicação. Além disso, dispúnhamos somente dos resumos desses artigos, sobre os quais discorreremos a seguir.

1) La gestion des rendez-vous dans un service médical spécialisé. Organisation et communication en régime de « surcharge cognitive ». (A gestão dos agendamentos em um serviço médico especializado. Organização e comunicação em regime de “sobrecarga cognitiva”).

³⁴ Durand, Jean-Pierre e Weil, Robert (org.). *Sociologie Contemporaine*, Paris :Vigot, 1989.

Aaron V. Cicourel.

O artigo trata das práticas organizacionais e discursivas presentes nos aspectos ordinários e negligenciados da prestação de serviços de saúde, a saber, os problemas da organização do tempo em um serviço médico especializado. Esses problemas estão ligados, segundo o autor, à “sobrecarga cognitiva” devida às experiências pessoais e interpessoais de tensão nos lugares de trabalho, lugares onde a colaboração é difícil e as necessidades das organizações pesam sobre os indivíduos.

- 2) *Comment l'obstétrique est devenue une science. La maternité de l'université de Gottingen, 1751-1830. (Como a obstetrícia se tornou uma ciência: a maternidade da universidade de Gottingen, 1751-1830).*

Jürgen Schlumbohm

O artigo explora, baseado em documentos, o modo como a maternidade citada atingiu seus três objetivos: formar estudantes de medicina, formar parteiras e fornecer um abrigo às parturientes necessitadas, ao mesmo tempo em que esses objetivos sofriam as injunções históricas e dos poderes políticos.

- 1). *L'honneur perdu du généraliste. A honra perdida do generalista.*

Marie Jaisson. (Sem resumo)

- 4) *Paradoxes d'une médicalisation coloniale. La professionnalisation du « médecin indochinois » au XXe siècle. (Paradoxos de uma medicalização colonial: a profissionalização do “médico indochinês” no século vinte).*

Laurence Monnais-Rousselot

O estudo busca traçar a história da profissionalização do médico nativo, traduzir e revelar as realidades inerentes ao contexto de colonização e de manutenção da relação dominante/dominado. Assim, o objetivo é evidenciar a defesa e a prática de uma medicina nacional que seja a síntese de duas tradições, a importada e a nativa.

- 5) *La mort aurait-elle mauvais genre? La structure des spécialités médicales à l'épreuve de la morphologie sociale. (Teria a morte um gênero ruim? A estrutura das especialidades médicas em relação à morfologia social).*

Marie Jaisson

O objetivo desse artigo é explicar as conseqüências da transformação sofrida pelo mundo médico nas últimas décadas. O aumento do número de médicos, o crescimento da participação feminina e outras mudanças afetaram a estrutura das especialidades médicas em relação ao gênero. O esforço do trabalho é o de objetivar estes fenômenos sob o enfoque sociológico, através da análise das mudanças ocorridas.

6) *Une réforme symbolique de la Sécurité sociale. Les médias et « le trou de la Sécu ».* (Uma reforma simbólica da Seguridade Social : a mídia e o “rombo da previdência”).

Julien Duval

O artigo busca explicar como um problema de contabilidade, distante dos objetivos específicos de uma política social e cuja gravidade muitos analistas relativizam, pôde ganhar uma excepcional importância no debate político e social. Uma possível explicação parece ser o papel da mídia na construção de problemas políticos, além da contribuição dos agentes econômicos, aliados ao Estado na hostilidade à Seguridade Social.

7) *De l'économie médicale à l'économie de la santé. Genèse d'une discipline scientifique et transformations de l'action publique.* (Da economia médica à economia da saúde: gênese de uma disciplina científica e transformações da ação pública).

Marina Serré

As políticas de saúde sofreram nas duas últimas décadas profundas transformações, que são analisadas através das relações entre ação pública e produção científica. A passagem da economia médica, dominada pelos médicos, à economia da saúde, dominada pelos economistas e inserida no campo econômico, representa a autonomização de uma disciplina científica e a internacionalização dessa disciplina em torno de um modelo neoclássico de inspiração norte-americana.

8) *La « distance au rôle » en salle d'opération.* A “neutralidade em relação ao papel” na sala de operação.

Erving Goffman .(Sem resumo)

9) *L'homéopathie entre contestation et intégration. La signature scientifique.*(A homeopatia entre contestação e integração: a legitimação científica).

Olivier Faure

Contesta a crença comum que justifica a homeopatia como um método que repousa sobre a eficácia das leis de similitude. Ao contrário, o autor defende que seu sucesso é devido à capacidade de responder às aspirações da sociedade: entre 1910-1930, ela torna-se uma indústria capitalista de medicamentos e aproveita-se do viés contestatório de uma medicina paralela. Assim, este seria um exemplo que mostra que uma doutrina médica elabora-se mais em torno de lógicas ideológicas e financeiras que puramente científicas.

10) *Santé et stigmat. Note sur le danger, l'expérience morale et les sciences sociales de la santé.* (Saúde e estigma: nota sobre o risco, a experiência moral e as ciências sociais da saúde).

Arthur Kleinman. (Sem resumo)

Assim, terminamos essa pequena digressão - que não poderia faltar - sobre o tema da sociologia da saúde na *Actes de la recherche en sciences sociales*. Esses resumos apresentados vêm juntar-se aos temas tratados anteriormente e classificados nas tabelas, de acordo com as temáticas.

Do exposto, podemos constatar uma mudança de temática envolvendo o estudo sistemático das relações entre medicina e sociedade, partindo em geral de fora do ambiente médico. Como já constatou Herzlich, a sociologia médica francesa tomou um caráter de sociologia da medicina e não as características de uma sociologia de atuação interna ao ambiente médico.

As pesquisas relacionadas ao campo francês da saúde, mais os artigos da *Actes de la recherche en sciences sociales* analisados, em geral, apontam que essas pesquisas tomaram o caráter de sociologia da medicina, sendo realizadas a partir de um ponto externo ao campo médico. Essas definições, em geral, giram em torno da clássica colocação de

Straus, realizada em um encontro anual da *American Sociological Society*, em 1955.³⁵ Nesse encontro, o autor relata os resultados de uma enquete levada a cabo pelo *Committee on Medical Sociology*, criado no ano anterior com a finalidade de trocar experiências e informações entre os profissionais da área e assim estabelecer um meio comum de intercâmbio dos então 110 sociólogos que atuavam no campo. É curioso notar que em 1961, segundo a *Health Information Foundation*, havia mais de 1000 projetos e mais de 2000 pesquisadores atuando na economia ou sociologia da saúde.³⁶ Portanto, esse aumento de quase vinte vezes em poucos anos, reflete o empuxo que sofreu essa subdisciplina naquele momento de institucionalização do campo.

Dessa maneira, ao relatar os resultados desse balanço da área, o autor detecta e estabelece uma definição lógica e formal já clássica no campo, entre uma sociologia *da* e outra *na* medicina. Straus define como sociologia *da* medicina aquela referente ao estudo das estruturas organizacionais, relações entre papéis, sistemas de valor, rituais e funções da medicina enquanto sistema de comportamento, estudos esses realizados por profissionais exteriores ao espaço médico. Por outro lado, a sociologia *na* medicina é aquela que une, nas pesquisas ou no ensino, conceitos, técnicas e pessoal oriundos de várias disciplinas. Esses dois tipos seriam incompatíveis, pois a primeira tende a perder objetividade se chegar a se tornar interna ao campo e a segunda pode perder aceitação se insistir em investigar os colegas cuja atuação ocorre tão perto a eles.

Essa tensão constante entre realizar uma sociologia interna ou externa ao campo médico, essa dificuldade constante em objetivar seu campo de estudos através de um afastamento deliberado, muitas vezes mal interpretado como uma crítica gratuita, ou, ao contrário, a necessidade de suprir uma demanda por instrumentos sociológicos aplicados à prática médica, levou a uma permanência dessa discussão entre sociologia *da* ou *na* até os dias atuais.

³⁵ Straus, Robert. "The Development of a Social Science Teaching and Research Program in a Medical Center". O próprio autor retoma e cita essa discussão no artigo consultado para esse trabalho, *The Nature and Status of Medical Sociology*, *American sociological review*, 22, p 200-204, 1957.

³⁶ *Apud* Steudler, François : Le champ de la sociologie Médicale. In : *Sociologie Médicale*, Paris : Armand Colin, 1972.

De acordo com Straus, para o sociólogo *na* medicina, normalmente envolvido no ensino dentro da escola médica, este tipo de atividade leva o sociólogo médico a assumir um papel parecido ao de camaleão, pois “*provê um grande teste para a aplicabilidade dos conteúdos e dos conceitos sociológicos aos processos e problemas da medicina e requer grande flexibilidade e adaptabilidade por parte do sociólogo*”.³⁷

Apesar de inicialmente serem externas ao espaço médico francês e se caracterizarem, em sua maioria, como sociologia *da* medicina, esse novo influxo de pesquisas, iniciado nos anos sessenta, desaguará na década seguinte, quando surgirão trabalhos diversificados e em número crescente, tomando como objeto de estudos essa nova área, recentemente inaugurada.

Essa exterioridade talvez justifique os rumos mais acadêmicos e não aplicados das pesquisas publicadas na revista *Actes de la recherche en sciences sociales* no período estudado, mesmo ressaltando um certo caráter impressionista dos resultados aqui obtidos através dessa comparação entre períodos e revistas diferentes.

A favor dessa comparação, está o fato de que as demandas sociais e políticas que afetam a relativa autonomia do campo da saúde agem em todas as esferas e, sobretudo, afetam a sociedade como um todo.

Análise teórico-conceitual

Assim, esperamos ter esgotado a classificação dos temas da sociologia médica e apresentado um painel fidedigno do material analisado. Encetaremos agora um questionamento teórico centrado no material pesquisado e ensaiaremos algumas conclusões relativas ao material empírico desse trabalho como um todo.

Estamos agora, realizadas as análises das temáticas abordadas na revista *Actes* no período escolhido, prontos a empreender um aprofundamento teórico sobre os artigos da revista. A intenção será descortinar algumas maneiras pelas quais o instrumental teórico do autor foi aplicado empiricamente e qual o panorama aberto por esses caminhos.

³⁷ Straus, Robert. The Nature and Status of Medical Sociology. *American sociological review*. Vol. 22, p.200-204, 1957. p.203.

Os artigos serão discutidos individualmente, extraindo-se os conceitos operatórios fundamentais de cada um e como eles atuam dentro do estudo em si. A seguir, buscaremos traçar um painel dos resultados e uma síntese será esboçada.

O procedimento metodológico utilizado para analisar os artigos foi o de seguir os conceitos internos a cada trabalho, respeitando o que cada autor apresenta como definições do objeto de estudo. Após realizar uma leitura interna, agrupamos esses conceitos em torno daqueles mais representativos e relacionados ao esforço explicativo do grupo de pesquisadores ligados à teoria de Bourdieu.

O conceito mais utilizado e que aparece em muitos artigos é o de *representação social*, seguido muito proximamente do conceito de *campo* e mais esparsamente o de *habitus*.

Um artigo exemplar e no entanto único, a utilizar **todos esses três conceitos** de forma orgânica, é o de **Maria Andréa Loyola**, de 1982, *Cure des corps et cure des âmes. Les rapports entre les médecines et les religions dans la banlieue de Rio (Cura de corpos e cura de almas. As relações entre as medicinas e as religiões nos subúrbios do Rio)*, publicado no número 43 da revista, dedicado a *Ritos e fetiches*. O artigo de **Maria Andréa Loyola** – autora que trabalhou com o grupo de Pierre Bourdieu – representa o resultado de uma pesquisa levada a cabo no Brasil, na baixada fluminense. É um exemplo muito feliz da aplicação dos conceitos de Bourdieu, de forma completa e conseqüente. Transformou-se em livro e apresenta um vasto material fotográfico, além de uma profunda análise.³⁸

Descortina o campo social onde se engalfinham os promotores leigos de saúde, os promotores de curas de almas e os representantes do campo científico, os médicos. Esse amálgama é brilhantemente destrinchado, caracterizando os *habitus* dos agentes e das pessoas que recorrem aos cuidados médicos. Esse trabalho permanece como uma referência na área da sociologia médica.

A autora estuda ao mesmo tempo o campo da medicina, o campo religioso, as classes sociais e as maneiras como essas classes constróem idéias diferenciadas de doença. Para isso, ela aborda a sociedade como um espaço construído de relações sociais. Ela constata que as relações entre a medicina científica e a medicina popular não são fixas, mas, sim, relacionais. O sistema de relações existentes entre essas práticas é marcado pela

³⁸ Loyola, Maria Andréa. *Médicos e Curandeiros: Conflito Social e Saúde*. São Paulo: Difel, 1984.

complementaridade e também pela oposição. Assim, as oposições entre esses dois tipos de medicina retraduzem as oposições entre classes sociais: as representações da doença como do corpo ou do espírito são influenciadas fortemente pelo *habitus*, “corporal” no primeiro caso e “letrado” no segundo.

Por outro lado, o *campo* religioso se entrelaça ao campo médico dentro do espaço social, constituindo um outro tipo de recurso terapêutico, que dá azo a uma relação mais ativa entre a população e o sistema de ofertas da medicina científica, através de estratégias individuais de recusa ao monopólio científico da medicina sobre seus corpos e sobre a *representação* que eles produzem sobre os mesmos.

Esse tipo de trabalho, onde se concentram três categorias de peso e articuladas de forma consistente não é comum entre os textos selecionados. Por exemplo, os conceitos de *campo* e *habitus* raramente aparecem em conjunto: os pesquisadores utilizam-se de uma ou outra categoria alternadamente. Como exemplo desse uso conjunto, além do artigo citado acima, somente mais um caso pode ser apontado: o de **Patrice Pinnel**, publicado em 1995, *L'invention de l'échelle métrique de l'intelligence* (*A invenção da escala métrica de inteligência*). A intenção deste artigo é mostrar que a invenção da escala métrica de inteligência é resultado de um processo social de transformação da sociedade francesa. Desse processo surgiram as condições para que a questão da medida da inteligência seja colocada dentro do *campo* social, pressionando o *campo* científico a solucionar um problema além de sua alçada. Essa solução aparece como invenção de Binet, portador de propriedades particulares adquiridas por sua história pessoal e incorporadas sob a forma de um *habitus*.

Em geral, outros autores também utilizaram conjuntamente os conceitos de **campo** e **representação social**, e, em verdade, essa utilização não representa a maioria dos casos pesquisados.

A despeito disso, podemos citar a seguir aqueles trabalhos que se serviram de ambos os conceitos acima. Um primeiro, de 1978, de **Patrice Pinell** e **Markos Zafiropoulos**, *La médicalisation de l'échec scolaire. De la pédopsychiatrie à la psychanalyse infantile* (*A medicalização do insucesso escolar. Da pedopsiquiatria à psicanálise infantil*).

Nele, os autores trabalham profundamente o conceito de campo, como noção explicativa de base. Procuram explicitar as condições de produção dos discursos sobre as deficiências mentais, sobretudo aqueles que constroem um objeto sob o jugo da psicologia médica. O objetivo é o de construir a história do campo da infância “inadaptada”, que engloba o da deficiência mental. Esse campo é constituído do conjunto de instituições encarregadas de cuidar das crianças “inadaptadas”, em relação estreita com as instituições do aparelho de Estado.

Essa luta ocorre entre agentes, fonte e organizadores de novas *representações* sobre a má adaptação, inscrevendo-a como assunto médico e com bases científicas.

No número 26-27, *Classes d'âge et classes sociales*, aparece um segundo artigo que utiliza os dois conceitos ao mesmo tempo, o de **Remi Lenoir**, publicado em 1979, *L'invention du «troisième âge» et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse* (A invenção da «terceira idade» e a constituição do campo dos agentes de gestão da velhice). A exemplo da invenção da infância, da adolescência e da primeira infância, a invenção da “terceira idade” é o resultado da formação de grupos artificiais que substituem parcialmente a família, dentro do moderno capitalismo.

Esses grupos de gestão da velhice autonomizam-se historicamente com a generalização dos sistemas de aposentadoria e com o aporte do capital dessas caixas de previdência. Esse *campo*, que engloba serviços e a gestão da terceira idade, é representado por instituições especializadas. Essa autonomização legitima-se e gera novas *representações sociais* sobre essa faixa de idade, com a *medicalização* da velhice, tornando-a “patológica” e dentro da esfera da geriatria.

Essa estratégia de *medicalização* surge como prática que visa impor uma nova representação social, cuja estratégia é a de legitimar algum tipo de prática nova ou em vias de institucionalização. Nessa linha de pesquisa referente à medicalização, abrindo aqui um parêntese, surgem dois trabalhos:

- a) *La sexualité à l'épreuve de la médicalisation: le Viagra*, de **Nathalie Bajos** e **Michel Bozon**. (A sexualidade à prova da medicalização: o viagra). Artigo publicado em 1999, revista número 128, Sur la Sexualité.

Assistimos nos últimos decênios à *medicalização* crescente dos comportamentos humanos: pela via dos tratamentos da contracepção, da esterilidade e da menopausa contribuíram largamente para a *medicalização* da vida sexual. Ainda, com a AIDS, o discurso público sobre a epidemia, essencialmente nas mãos dos médicos, legitimou-se e expandiu-se através da saúde pública e da prevenção, sobre os comportamentos da vida cotidiana dos indivíduos. Entender esse processo e observar os efeitos sociais da *medicalização* do desejo, como no caso do Viagra, seria um meio por excelência de conhecer as normas sociais e as relações de *gênero* em relação à sexualidade.

b) *Jeunes agriculteurs et vieux paysans. Crise de la succession et apparition du «troisième âge»*, de **Patrick Champagne**. (*Jovens agricultores e velhos camponeses. Crise de sucessão e aparição da «terceira idade»*).

A análise da *medicalização* da velhice permite entender como a má consciência individual das novas gerações, responsável pela *desclassificação*³⁹ dos mais velhos a favor dos jovens sem lugar, transmuta-se em boa fé social e permite resolver o problema da sucessão familiar.

Aqui surge o tema da *desclassificação*, um conceito utilizado para situar a mobilidade de classes ou grupos sociais. Nesse grupo de estudos, por sua vez, podemos apontar mais dois artigos:

1. No número dedicado a *Classements scolaires et classement social*, 1982, há o artigo *Drogues, déclassement et stratégies de disqualification*, (*Drogas, desclassificação e estratégias de desqualificação*), de **Markos Zafiropoulos** e **Patrice Pinell**.

Este artigo busca descrever as condições nas quais são produzidos os discursos sobre a toxicomania e elaborar um modelo de interpretação sociológica do fenômeno, de forma a subsidiar e orientar a coleta de dados. Trabalha com a idéia de cultura underground, uma nova vanguarda político-social, e da progressiva interdição das drogas, a partir dos anos 60, como uma luta contra a *desclassificação* dessa geração de maio de 68.

³⁹ No original, *déclassement*, *déclasser*: usado no sentido de mudança para uma classe social inferior e também de queda de status social. Em português, apesar do uso comum remeter a outros sentidos pejorativos, o dicionário Aurélio registra como preferencial *deslocar ou tirar de uma classe ou categoria*.

2. No número 56 da revista, *L'antisémitisme*, **Maria M. Kovács** publica em 1985 o artigo sobre um grupo social que está sob perseguição e sob uma estratégia de desqualificação social, *Luttes professionnelles et antisémitisme: chronique de la montée du fascisme dans le corps médical hongrois, 1920-1944*. (*Lutas profissionais e anti-semitismo: crônica da escalada do fascismo no corpo médico húngaro, 1920-1944*). O artigo em forma de crônica da autora mostra o crescimento do fascismo dentro do corpo médico húngaro, através da desclassificação dos médicos judeus e da eliminação de sua prática no mercado.

Fechado o parênteses, voltemos a um terceiro artigo a utilizar os conceitos de campo/representações, o de **Remi Lenoir**, de 1984, *Une bonne cause. Les Assises des retraités et des personnes âgées*. (*Uma boa causa : Os Congressos dos aposentados e das pessoas idosas*). O artigo organiza-se em torno da análise da ocorrência de Congressos nacionais e, durante esses eventos, a criação da categoria de profissionais responsáveis pelo cuidado da terceira idade, que marca a entrada no campo da representação da velhice, de novos agentes especializados no gerenciamento das pessoas idosas – dirigentes de associações de aposentados e responsáveis por serviços especializados.

Um quarto trabalho, deste mesmo ano, *Le succès mondain d'une fausse science: la physiognomonie de Johann Kaspar Lavater* (*O sucesso mundano de uma falsa ciência: a fisiognomonia de Johann Kaspar Lavater*), de **Martine Dumont**, apresenta a idéia de campo e discute os discursos comuns presentes no espaço social.

O interesse da autora gira em torno de descobrir qual a lógica da reinvenção e persistência no tempo desse tipo de “mito-científico”, quais as razões de sua credibilidade e sucesso, ainda que momentâneo. Ao amalgamar ao senso comum da sociedade no período os conhecimentos do *campo científico*, Lavater constrói uma “falsa ciência”. O artigo estuda “*como se constitui, através da sedimentação de crenças míticas, populares, muito antigas e de saberes científicos, esses semi-saberes que guiam a cada época nossas relações com os outros*”. Esses sistemas de *representações sociais* são a base de onde essas falsas ciências retiram sua lógica de naturalização das atitudes face ao outro, tanto dos esquemas de pensamento do senso comum quanto dos esquemas do campo científico.

Em seguida, um quinto e interessante texto, de 1986, *À propos des «médecines naturelles»* (*À propósito das “medicinas naturais”*), de autoria de **Pierre Elzière**, assume o tema da medicina oficial e das medicinas alternativas. O autor estuda o desenvolvimento das chamadas medicinas “doces ou naturais” como forma privilegiada de entender as lutas dentro do *campo* médico, entre os médicos ditos generalistas e aqueles chamados especialistas, voltados para uma medicina “dura”, laboratorial. Ainda, volta o olhar para o papel da imprensa e do estado na divulgação dessas medicinas doces, alterando as *representações* coletivas a respeito dessas novas práticas médicas, mesclando conhecimentos do senso comum e conhecimentos científicos, alterando assim as posições dos grupos dentro do *campo* médico.

Em 1987, um sexto artigo utiliza o binômio *campo/representação*. **Patrice Pinnel** participa do número especial *Épidémies, maladies, médecins*, com o artigo *Fléau moderne et médecine d'avenir: la cancérologie française entre les deux guerres* (*Fragelo moderno e medicina do futuro: a cancerologia francesa no entre-guerras*). A autora busca obter um panorama do *campo* médico na França, partindo da análise do nascimento dos primeiros centros especializados no tratamento do câncer, e delineando as condições sociais que tornaram possível a constituição dessa nova área dentro do campo médico. Parece claro para a autora que a institucionalização de estruturas especializadas é concomitante a um movimento social além do campo médico, ou seja, um movimento político. Ainda, a autora acentua as relações entre os diversos atores sociais, especialmente os implicados nesses movimentos. Em suma, o que está em jogo, tanto dentro quanto fora do campo médico, é a legitimidade das *representações* sobre a medicina e sobre o câncer, que se modificam e adquirem o estatuto de “doença-flagelo”.

Por fim, um sétimo e último artigo utiliza o binômio *campo/representação*, publicado em 1994 sob o nome de *L'information médicale sous contrainte. À propos du «scandale du sang contaminé»* (*A informação médica sob suspeita. À propósito do “escândalo do sangue contaminado”*), por **Patrick Champagne** e **Dominique Marchetti**. Ao analisar o escândalo do sangue contaminado, exaustivamente noticiado na mídia francesa, os autores retraçam as lutas entre o campo jornalístico e os *campos* científico, político e judiciário. As distorções sofridas pela realidade social ao adentrar o campo da mídia são o resultado do próprio funcionamento do campo que impõe uma lógica

econômica de alcance vasto aos temas abordados, a despeito das explicações científicas (mesmo do jornalismo médico) do caso do sangue contaminado. Para tanto, as mídias jogam e manipulam as *representações* comuns presentes na sociedade, explorando, a seu talento, os fantasmas e a negatividade embutidos na idéia de uma epidemia.

Até aqui discutimos os trabalhos que utilizaram a noção de **campo**, **em conjunto com o conceito de representação social** – em número de sete - **ou em par com o conceito de habitus** – em número de dois - perfazendo um total de nove artigos. Percebe-se claramente que a utilização desse conceito impõe ao pesquisador alguma categoria de mediação que possibilite passar de um nível macro-sociológico ao micro-sociológico. Por isso, são raros os casos em que o conceito de campo apresenta uma utilização de forma isolada, sem contraponto com os dois outros conceitos citados até aqui. Essas exceções são apontadas a seguir.

- 1) O de 1975, já no primeiro número da revista, *L'école obligatoire et l'invention de l'enfance anormale*. (A escola obrigatória e a invenção da infância anormal). A autora, **Francine Muel-Dreyfus**, busca mostrar o processo de institucionalização e de constituição de um *corpus* científico. Assim, a constituição de um aparelho de controle simbólico ao fim do século XIX, durante o período em que se constitui um novo *campo* científico, o da infância “inadaptada”, que produz discursos científicos, sociais e políticos e preenche as funções de instituição produtora de sistemas de classificação social, sobretudo dentro do aparelho pedagógico (escolas, institutos, etc).
- 2) O segundo, pertencente ao número 110 da revista, *Musique et musiciens*, de 1995, intitulado *Orphée blessé. L'expérience de la douleur dans le monde professionnel du piano*. (Orfeu ferido : A experiência da dor no mundo profissional do piano). Os autores, **Robert Alford** e **Andras Szantos**, propõem estudar os fatores institucionais e individuais, presentes no *campo* institucional e profissional dos pianistas, que incorpora o mundo dos “virtuosos”, o mundo da pedagogia e o mundo médico. Através desses fatores, o objetivo é entender como eles interferem na experiência da dor e na busca de sua solução.

A conclusão é de que nenhum desses três universos presentes no campo dos profissionais do piano preocupa-se em colocar na ordem do dia o problema da dor, cada um atribuindo as causas a outros universos.

Finalizamos, então, a apresentação dos trabalhos que utilizaram o conceito de campo, quer em conjunto quer isoladamente. Agora buscaremos explicitar outros usos dos conceitos, onde normalmente o emprego da categoria é feito isoladamente e concentra-se em torno de um pólo de análise.

Iniciaremos com a **representação social**.

O primeiro artigo é *Le fantôme du médecin de famille (O fantasma do médico de família)*, de **Francine Muel-Dreyfus**. O objetivo é tentar esclarecer a emergência e ensaiar a compreensão das novas *representações* sobre o médico generalista, surgidas no rastro de uma crise de identidade – tanto social quanto profissional – desse tipo de médico, relacionando algumas características históricas da relação médico-paciente e as mudanças mais recentes.

O segundo, *Croyance populaire et discours savant: «langage du corps» et «communication non verbale»*, de **Yves Winkin**. (*Crença popular e discurso erudito : linguagem corporal e comunicação não verbal*).

Na mesma linha do trabalho sobre os museus de cera, e em consonância com o artigo sobre a fisionomia de Lavater, o estudo da relação entre crença popular e discurso científico permite esclarecer a hipótese do autor de que as crenças populares não são o resultado de discursos científicos caídos em desuso, mas, ao contrário, são as crenças populares que alimentam o discurso científico, através de suas *representações* sociais.

O terceiro, *Raisonnement et diagnostic: le rôle du discours et de la compréhension clinique en médecine (Razão e diagnóstico : o papel do discurso e da compreensão clínica na medicina)*, escrito por **Aaron V. Cicourel**.

O autor intenta mostrar a importância do exame clínico do paciente como forma privilegiada de compreender as *representações* sobre a prática médica, tanto dos profissionais como dos pacientes, dentro do ambiente de tratamento. Dessa maneira, pode-

se inferir o papel devido tanto ao pensamento científico quanto ao senso comum na elaboração de sistemas automatizados de diagnóstico médico e informatizados, como os programas de diagnóstico médico.

Um quarto, de **Ulfried Geuter**, *La professionnalisation de la psychologie sous le nazisme*. (A profissionalização da psicologia durante o nazismo). A questão colocada pelo autor é sobre a *representação* comum entre os psicólogos alemães e americanos, que reza que a psicologia desapareceu durante o nazismo, na Alemanha. Contrariamente a esse ponto de vista, o autor argumenta que a psicologia conseguiu impor seus interesses institucionais e de profissionalização, através de um empreendimento de legitimação baseado na idéia da utilidade e praticidade dessa disciplina, sobretudo sendo utilizada para controle do exército alemão.

Em quinto, apresentamos *L'expérimentation sur l'homme comme pratique et comme représentation*. (A experimentação sobre o homem como prática e como representação). O autor, **François-André Isambert**, ao tematizar os fantasmas do passado que assombram as representações sobre a experimentação médica sobre seres humanos, busca exorcizar os medos quanto a essas práticas. O objetivo declarado é o de esclarecer, através do estudo dessas representações históricas que se mantêm na memória coletiva das sociedades, as práticas, as doutrinas e as instituições que fazem uso, atualmente, dessas experimentações e, mais, qual o estatuto desse tipo de prática médica.

O sexto, de 1994, apresentado no número 104 da revista dedicado à *Le commerce des corps*, escrito por **Victor Karady** e nomeado *Bonnes à tout faire et prostituées dans la Hongrie d'ancien regime* (Domésticas e prostituídas na Hungria do antigo regime), trata de um tema multifacetado, ligado à etnologia da prostituição.

O autor busca tecer um quadro das relações entre o estatuto da empregada doméstica, na Hungria pré-socialista, e a prostituição, através de uma análise profunda das *representações sociais* acerca dessa categoria profissional, baseada em três domínios: as repercussões das homologias entre a composição sócio-profissional e confessional das diversas populações femininas; as relações entre o estatuto de empregada e a prostituição, e por fim, o controle social específico exercido sobre as mulheres e sobre o desvio sexual nos principais grupos religiosos – *ethos* religioso.

O autor conclui que as *representações* sociais apontam para um “amoralismo” atribuído às mulheres das classes populares – principalmente as domésticas, diaristas e as prostitutas – que serve para legitimar a ordem social e a hierarquia estabelecida entre as classes, reforçando a ordem moral vigente e demonstrando a superioridade ética dos dominantes.

O sétimo, do mesmo número da revista, *Le commerce des monstres* (*O comércio de monstros*), de **Robert Bodgan**, explicita a construção social da noção de “monstro”, com o fito de diversão pública e de lucros com a exposição desses seres. Esse termo denota um estado de espírito, um conjunto de práticas, uma maneira de pensar os outros e de apresentá-los, tradicionalmente, sob a forma de uma *representação*. Para o autor, as *representações* são construções fortemente influenciadas pelas instituições sociais que mudam de acordo com as sociedades e as visões de mundo; assim, estudar o cruzamento da sociologia e da história quanto a esse tema pode esclarecer as práticas atuais em matéria de controle sobre os corpos.

O oitavo, também do mesmo número, de **Arthur Kleinman e Robert Desjarlais**, *Ni patients ni victimes. Pour une ethnographie de la violence politique*. (*Nem pacientes nem vítimas. Por uma etnografia da violência política*).

Os autores estão interessados em entender a violência política e a maneira como ela se impõe largamente nas sociedades modernas. Constatam que as *representações* da violência são protagonistas desse processo de controle social das pessoas através do medo, processo comum em sociedades em desorganização social e política. As imagens de mutilação, de destruição, de sofrimento são utilizadas para obter reações de terror e para o domínio mental. Nesse processo, a *medicalização* dos resultados dessa violência política deságua na criação de categorias de doença como a PTSD – sintomas pós-traumáticos, *representação* racional e médica de problemas sociais profundos, traduzida em termos clínicos de saúde pública.

O nono artigo representa um exercício excepcional, pois articula, em um mesmo texto e análise, os conceitos de **representação, habitus e estilos de vida**.

Le sida: savoir ordinaire et insécurité (A AIDS: senso comum e insegurança), onde **Alois Hahn, Rüdiger Jacob e Willy H. Eirmbter** assumem os conceitos opostos de risco – representado pelo dano livremente aceito e evitável pelo indivíduo – e perigo – atribuído ao ambiente e infenso ao controle tanto do indivíduo quanto da coletividade, e a partir desse ponto tematizam a emergência da AIDS como uma doença que se presta às duas interpretações. Aplicando essa dupla conceituação, os autores buscam uma ilustração objetiva do dualismo da AIDS como perigo ou risco e como os agentes sociais introjetam essas *representações* sobre a doença. A forma das práticas sociais varia de acordo com a forma de aceitação da AIDS em cada grupo, através de seu *habitus* e a correspondente expressão desse *habitus*, o *estilo de vida*. Essa análise é realizada através de entrevistas e pesquisas sobre os grupos sociais e os resultados apontam para uma distribuição desigual dos medos e da insegurança no corpo social, a ser levada em conta nas intervenções sobre a doença.

Aqui caberia uma digressão: juntamente com esse artigo, somente outro trabalho, durante o período pesquisado, tocou no tema dos *estilos de vida*, totalizando dois artigos: o de **Philippe Adam**, *Bonheur dans le ghetto ou bonheur domestique. Enquête sur l'évolution des expériences homosexuelles (Felicidade no gueto ou felicidade doméstica. Pesquisa sobre a evolução das experiências homossexuais)*, publicado no número especial dedicado à sexualidade.

O autor pretende discutir a tese de que somente os homossexuais socialmente favorecidos conseguem realizar plenamente sua sexualidade dentro do modelo de comunidade a que pertence, enquanto aqueles pertencentes às classes populares realizam-se dentro de guetos especiais (saunas, bares, etc). Assim, o autor busca renovar esses estudos anteriores e atualizar as mudanças ocorridas a partir dos anos 80.

Através de uma pesquisa quantitativa, ele busca entender os *estilos de vida* desses grupos homossexuais e também a maneira como eles se adaptam à epidemia de AIDS. Fica constatada uma mudança da tendência da “felicidade restrita ao gueto” para uma maior busca de felicidade através da “vida a dois”. Essa mudança parece impelir os homossexuais a atuar mais firmemente na esfera pública e participar de certos movimentos sociais, tomando um caráter político.

O décimo e último artigo é *La femme sans sexualité et l'homme irresponsable*. (A fêmea sem sexualidade e o homem irresponsável). A autora, **Brenda Spencer**, realiza a análise da história do planejamento familiar na Grã-Bretanha, a partir de 1921. Ela constata e questiona a ausência de oferta de planejamento familiar para os homens e debita essa falta às *representações sociais* da sexualidade masculina e feminina, bem como aos objetivos declarados do planejamento familiar. Essas representações estão profundamente ligadas ao *gênero*: no caso dos homens, há uma “sexualização” da questão do controle da natalidade, enquanto, para as mulheres há a “dessexualização” do controle dos nascimentos. Com o advento da AIDS, essa questão tornou-se central, pois, mesmo nesse caso, as *representações* se mantêm e dificultam a prevenção da doença junto aos homens, pois pensa-se que a mulher é “responsável, mas sem sexualidade e o homem é irresponsável”.

Percebe-se que o termo *representações sociais* aparece em muitos trabalhos de forma isolada, sem conexão com os conceitos de Pierre Bourdieu: **ele aparece em cerca de sete artigos em relação com a idéia de campo do autor** e segue coerentemente essa linha de análise, e nos casos restantes apenas servem como uma categoria explicativa, sem uma ligação com a *teoria da práxis*. **O conceito de habitus, por sua vez, segue a mesma trilha: aparece duas vezes em situação relacional com o conceito de campo, trazendo a análise ao nível do grupo social ou do indivíduo**, mas no restante das vezes é utilizado de forma isolada ou parcial, como nos trabalhos a seguir.

O primeiro, *Le paradis perdu* (*O paraíso perdido*), de **Patrice Pinell**, pertence ao número dedicado a *L'illusion biographique*. Nesse artigo, apresenta-se uma entrevista realizada pela autora, na linha de uma história de vida, permitindo expor de maneira direta as relações que ligam as diversas maneiras de consumo de drogas, o *habitus* dos agentes que se situam nesse meio social e as ligações sociais presentes nesse ambiente de consumidores.

O segundo, uma descrição de um estudo etnográfico extenso sobre os cortadores de cana de Bom Jesus da Mata, no Brasil. Nesse texto, *Mourir en silence. La violence ordinaire d'une ville brésilienne* (*Morrer em silêncio. A violência cotidiana de uma cidade brasileira*), pertencente ao número especial da revista sobre o Comércio de

Corpos, de 1994, **Nancy Scheper-Hughes** trata da violência cotidiana, banal e comum, espraiada por todas as esferas da vida social e traduzida nas formas variadas de considerarem seus corpos. As formas físicas de vida, demonstradas na *cultura somática* dos trabalhadores da cana e nos seus *habitus*, traduzidos em sintomas médicos variados. Por fim, a própria forma de morrer, personalizada, com direito a enterro e nome, ou anônima, despojados de partes de seu corpo pelos médicos locais e enterrados em covas sem identificação, traduz as formas sociais que acompanharam suas vidas, dominadas e sem direitos.

Por fim, uma abordagem mais recente e de grande importância surge dentro desse panorama conceitual. A metodologia pertencente aos **estudos de gênero**. Alguns artigos embrenharam-se nesses estudos e realizaram abordagens muito instigantes.

Andrew Scull e **Diane Favreau** trataram de um tema explosivo e complexo, sob o título *Médecine de la folie ou folie de médecins. Controverse à propos de la chirurgie sexuelle au XIXe siècle (Medicina da loucura ou loucura da medicina. Controvérsia à propósito da cirurgia sexual no século XIX)*, no famoso e primeiro número dedicado ao campo da medicina e doença, *Épidémies, maladies, médecins*. Descortinando as formas de tratamento dos problemas mentais no século XIX, especialmente as cirurgias sexuais, os autores mostram como essas modalidades mudam de acordo com modas e vogas além da eficiência propriamente médica. Dessa forma, colocam lado a lado variáveis propriamente científicas e outras, marcadamente sociais e de *gênero*, ligadas ao estatuto dos médicos (sobretudo homens) dentro da sociedade da época.

Justamente no tema da sexualidade, *Sur la Sexualité*, dedicado no número 128 da revista, de 1999, aparecem mais três artigos sobre o tema do gênero.

Um artigo de **Michel Bozon**, *Les significations sociales des actes sexuels*. (As significações sociais dos atos sexuais). Ao lançar o olhar sobre as práticas sexuais, o autor remarca o fato de que a maioria das pesquisas realizadas nesta área centra suas atenções nas propriedades simbólicas desses atos, deixando de assinalar a atividade propriamente dita. Ressaltando a importância de entendermos a ligação entre os atos puramente físicos, cuja variedade é limitada, e as significações dadas a estes atos, o autor discorre sobre a

invisibilidade da sexualidade física e as resistências e negações dos agentes a explicitar suas práticas sexuais.

Assim, o autor conclui que a regulação das experiências sexuais físicas, tal como acontecem, está intimamente ligada à estrutura das relações entre os *gêneros*.

Outro, *Cent ans d'hétérosexualité (Cem anos da heterossexualidade)*, apresentado por **Alain Giami**.

As análises do autor baseiam-se na hipótese de que a noção de heterossexualidade funda-se no movimento de autonomização da função propriamente erótica da sexualidade em contraposição à função reprodutiva. Ainda mais, a normalização dessa função erótica, em torno da heterossexualidade, acaba por colocar em causa a idéia de normalidade sexual, onde entra a discussão sobre a questão do *gênero*. Por conclusão, o autor afirma que a categoria heterossexual, criada com o objetivo de reagrupar e normalizar socialmente a maioria da população, acaba por sucumbir diante da diversidade das condutas sociais.

Por último, *Une construction coloniale de la sexualité . A propos du multipartenariat hétérosexuel caribéen (Uma construção colonial da sexualidade. A propósito da multiparceria heterossexual caribenha)*, de **Michel Giraud**.

Concentrando seus estudos sobre a epidemia de AIDS nos departamentos franceses da América, onde a amplitude desse mal atinge números expressivos, o autor aprofunda a análise sobre a multiparceria heterossexual masculina, característica dessas regiões. Essa categoria herda um conjunto de significados, construídos socialmente e historicamente, significados já existentes na sociedade e que apontam para a questão de *gênero*.

Essa sobredeterminação atinge e sobrepõe-se em camadas dentro do conceito de multiparceria, noção complexa e que envolve muitos níveis de análise. Livrar tais significações e funções dessa construção da categoria é o objetivo do estudo, sobretudo através de um aprofundamento histórico sobre as atitudes dos agentes sociais face à sexualidade, da família e das políticas de prevenção à AIDS na região caribenha. Essa análise busca evitar mal entendidos e intenções moralizantes – em suma, estigmas - por aqueles responsáveis por ações sociais e públicas de intervenção na epidemia.

Essa classificação dos artigos representa uma aproximação dos trabalhos em metodologias variadas e coerentes. No entanto, **muitos dos artigos apresentaram características específicas, tanto na forma quanto nos conceitos utilizados**. Esses artigos “únicos” são descritos a seguir.

No número 47-48, dedicado à *Éducation et philosophie*, **Robert Castel** publicou *De la dangerosité au risque (Do perigo ao risco)*.

O autor propõe uma linha de reflexão sobre a passagem, dentro das estratégias de prevenção nos EUA e na França, do conceito de sujeito ao conceito de uma combinação de fatores de risco, que substituem o sujeito.

O autor aborda as consequências dessa mudança, da “periculosidade” ao “risco”. Cita, dentre elas, as seguintes:

- Inaugura o reinado dos administradores do risco, contra aqueles que enfrentam cotidianamente o risco direto na população;
- Aprofunda a crise da clínica, da relação entre um profissional e seu cliente;
- Acentua a passagem da clínica do sujeito a clínica epidemiológica;
- Propõe a redefinição do mandato médico.

No número 60, *Images “populaires”*, selecionamos *Les musées d'anatomie sur les champs de foire (Os museus de anatomia nos campos de quermesse)*, artigo centrado nos saberes científico e do senso comum.

O objetivo de **Christiane Py** e **Cécile Vidart** é entender como se realiza a circulação da cultura científica, e por onde circulam esses conhecimentos científicos. Uma resposta é a existência, no fim do século XIX e início do XX, de mediadores concretos, como os museus anatômicos de cera, cujo poder de difusão e vulgarização do conhecimento científico era notável.

Incluímos, de forma conseqüente, **cinco artigos que não se enquadram nos conceitos que serviram de base para a nossa análise até aqui**. Considerando-se a originalidade e a contribuição importante para o campo da sociologia da saúde, serão aqui tratados.

Em 1987, surge o número especial *Épidémies, malades, médecins*, dedicado à sociologia médica. Vários trabalhos publicados nesse número especial já foram discutidos, dois outros permanecem intocados.

Em *Les grandes épidémies et la civilisation des mœurs* (*As grandes epidemias e a civilização dos costumes*), de **Johan Goudsblom**, o autor afirma ter traçado um histórico do processo de mudança dos costumes, sob o ponto de vista de Norbert Elias, enfatizando a tese de que a higiene, como causa das doenças, foi uma explicação racional, dada a posteriori, às grandes mudanças nos costumes, realizadas por motivos socialmente definidos, através da “*encarnação de uma norma particular de sensibilidade e de um nível particular de repulsão [aos outros]*”. Por fim, atualmente os progressos da medicina e o terror causado pela AIDS levam o autor a afirmar que a autoridade médica cresceu a ponto de levar os indivíduos a seguir, em suas vidas, os preceitos de higiene definidos pelo saber médico.

Já no artigo *Identité sociale et gestion d'un risque de santé. Les homosexuels face au sida* (*Identidade social e gestão de um risco de saúde. Os homossexuais frente à AIDS*), **Michael Pollak** e **Marie-Ange Schiltz** pousam o olhar sobre a AIDS, que julgam um objeto privilegiado de observação sobre as inter-relações do biológico, do social e do moral, pois essa doença surge como um reviver das grandes epidemias do passado, apresentando seus traços característicos. Uma tese de fundo desse artigo é a que assinala a possível correspondência entre as grandes e repentinas mudanças sociais - com as correspondentes alterações nos modos de vida dos indivíduos – e o surgimento de agentes infecciosos novos e virulentos, responsáveis pelo ataque aos grupos sociais mais fragilizados, pois são aqueles que sofrem ou promovem as maiores transformações.

No número seguinte da revista, *Pouvoirs d'école-I*, **Johan Heilbron** e **Jaap Goudsmit** tratam de um tema muito candente à época e descrevem um conflito dentro do campo científico. No texto *À propos de la découverte du virus du sida. Mécanismes de concurrence et de défense dans un conflit scientifique* (*À propósito da descoberta do vírus da AIDS. Mecanismos de concorrência e de defesa em um conflito científico*), os autores fazem uma análise histórica sobre a descoberta do vírus da AIDS e as controvérsias a esse respeito. A elucidação dos mecanismos de concorrência e de defesa em um conflito entre

instituições científicas e seus pesquisadores mostra o dinamismo precário de um domínio científico de ponta, onde a incerteza e a forte competição induzem a erros e mal entendidos, de acordo com cada modelo de pesquisa adotado pelas instituições.

Em 1988, número 74, *Recherches sur la recherche*, **George Weisz** publicou *Les transformations de l'élite médicale en France* (As transformações da elite médica na França), um tema clássico da sociologia médica, a saber, o estudo dos médicos como um grupo profissional e social privilegiado.

Focando seus esforços sobre a Academia de Medicina francesa, especialmente sobre os membros e sua constelação familiar, através de indicadores de suas posições sociais, o autor esforça-se por reconstituir as condições profissionais e sociais do êxito na carreira médica, apontando, ao mesmo tempo, as características da medicina francesa. Duas perguntas serão feitas.

- Primeira, em que medida a elite médica francesa é uma casta auto-reprodutora ou um grupo aberto, que permita o livre acesso de membros de outros setores sociais.
- Segunda, se esse fechamento ou abertura é o resultado exclusivo das modificações internas à própria elite médica consagrada na Academia Francesa, caracterizada como um grupo social coeso, ou então de outros fatores externos.

Finalizando, naquela edição dedicada ao *Comércio de Corpos*, um artigo sobressaiu por tratar em termos sociológicos e econômicos uma área tabu dentro da medicina, a da aplicação da tecnologia ao tratamento de “mercadorias” obtidas através do corpo humano. **Leon Anderson** e **David A. Snow** tratam da *L'industrie du plasma* (A indústria do plasma), traçando um paralelo entre as condições sociais dos doadores e a docilização dos corpos.

Com o avanço da ciência e da tecnologia, a medicina do sangue tornou-se comum e retirou do sangue humano seu caráter sagrado. Apesar dos benefícios advindos dessas novas técnicas, o sangue tornou-se uma mercadoria dentro das trocas de um mercado imenso, rentável e de tamanho internacional.

Apoiado sobre a coleta em grupos marginais da sociedade, que doam regularmente 70% do sangue comercializado, e que recebem pagamento regular, essa indústria tem regras e procedimentos de cooptação de doadores.

Trazer à luz essas estratégias de obtenção de sangue e qualificar esses doadores é o objetivo desse artigo. Ele mostra, contrariamente à idéia pré-concebida em torno dos sem-teto como perigosos fisicamente e improdutivos, que nessa indústria do plasma os corpos desses marginais são dóceis, produtivos e sofrem uma dominação política e econômica subterrânea.

Tratamos conceitualmente os artigos selecionados e os agrupamos em torno de seus conceitos principais. Uma análise geral dos resultados será apresentada no capítulo conclusivo, onde faremos o contraponto entre as implicações da teóricas da praxiologia e as suas utilizações, mostradas até aqui.

Utilizações do instrumental de Bourdieu no Brasil

Como parte da nossa estratégia de compreender a constituição do conhecimento social da saúde nas *Actes de la recherche en sciences sociales*, realizamos um pequeno inventário das aplicações do referencial da praxiologia no campo da sociologia da saúde no Brasil. Esse esforço foi realizado parcialmente, pois não era o objetivo principal deste trabalho, apesar de elencar os trabalhos mais divulgados – sobretudo aqueles indexados em bases eletrônicas de dados - em uma amostra que servirá de contraponto ao panorama francês. No entanto, esperamos abordar algumas obras significativas na área.

Um primeiro ponto deve ser esclarecido. Quase nenhum dos pesquisadores brasileiros envolvidos de perto com o grupo de pesquisas de Pierre Bourdieu ou com o próprio autor trabalhou diretamente com a temática da sociologia médica. Dessa forma, não se criaram diretamente vínculos que estimulassem um grupo brasileiro atuando nessa área, como resultado ou influência direta de Bourdieu. Podemos citar, dentre os intelectuais que publicaram na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, um grupo de brasileiros indicados pelo próprio autor:

“Penso em todos aqueles que vieram trabalhar comigo, em um ou outro momento, e que se tornaram meus amigos: Sérgio Miceli, Sérgio Leite Lopes, André (sic) Loyola, Lígia Cegaud, Moacir Palmeira, Afrânio Garcia, José Carlos Garcia Durand, Arakcy Martins-Rodrigues e muitos outros, e em todos os meus amigos que estiveram no Brasil.”⁴⁰

Desses, somente uma pesquisadora inseriu-se no campo da saúde diretamente, Maria Andréa Loyola, cujo trabalho já foi comentado apropriadamente no momento das análises dos conteúdos teóricos.

Feitas essas considerações, tomemos como exemplares algumas pesquisas altamente significativas, por sua profundidade e alto grau de coesão interna na utilização da praxiologia de Bourdieu.

A fim de inventariar a produção brasileira, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no banco de dados da Latin American and Caribbean Center on Health Sciences Information, que disponibiliza a base LILACS-SP – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Saúde Pública.⁴¹ Realizamos a pesquisa utilizando como descritores três grupos:

- Habitus (ou) Campo Científico (ou) Bourdieu: foram encontradas 21 referências.
- Saúde (e) coletiva (e) campo: foram encontradas 82 referências.
- Saúde (e) coletiva (e) campo (e) Bourdieu: foram encontradas duas referências.
- Bourdieu: 29 referências, sendo 9 internacionais (MEDLINE).
- Habitus: 13 referências, mais 140 internacionais (MEDLINE) - em sua maioria com outro sentido, o de costume.
- Campo: 7750 referências.

⁴⁰ Bourdieu, Pierre. *O campo econômico: A dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 12.

⁴¹ Biblioteca Virtual em Saúde – BVS. Disponível em < <http://www.bireme.br> > . Acesso em: 20 de setembro de 2002.

- Campo (e) Bourdieu: 12 referências.
- Habitus (e) Bourdieu: 6 referências, mais 4 do MEDLINE.
- Campo (e) Bourdieu (e) Habitus: 2 referências.

Selecionamos os trabalhos pertinentes à sociologia de Pierre Bourdieu e seu instrumental. Estes trabalhos representam uma amostra, seguramente incompleta, mas que possibilita uma consulta aos dados obtidos e ajuda a vislumbrar um panorama geral da presença da *praxiologia* no Brasil.

Percebe-se claramente a raridade de publicações utilizando o referencial teórico de Bourdieu, levando-se em conta o longo período pesquisado – de 1963 à 2002. Certamente, essa base de dados não representa cabalmente o campo da saúde coletiva, deixando de fora as teses de mestrado e doutorado não indexadas, mas, sem dúvida, é denotativa dos trabalhos realizados ou em curso na área, pois traz os trabalhos ligados às revistas tradicionais da área, como *Cadernos de Saúde Pública* e *Revista Brasileira de Enfermagem*.

Assim, propomos realizar um pequeno percurso, salientando alguns trabalhos e discutindo sua maneira de abordar a praxiologia.

Os trabalhos selecionados, cerca de vinte, apresentaram-se agrupados em torno de centros de pesquisa mais que por outro tipo de critério. Isso indica algum grau de aplicação sistemática dentro de grupos de pesquisa, sugerindo uma escolha do referencial de Pierre Bourdieu como teoria de base, por parte de pesquisadores qualificados e aptos a orientar mestrandos e doutorandos dentro dessa temática.

Isso acontece no caso da escola de enfermagem Anna Nery que, a partir de 1998, com uma concentração em torno dos anos de 2000 e 2001, produz uma série de artigos chamados de *cunho histórico-social*, centrados em conceitos de Bourdieu.

Um primeiro trabalho nessa linha parece ter sido o de **Lucia Helena Silva Corrêa Lourenço**, *Mobilidade social na enfermagem: a questão das lutas simbólicas*, uma tese apresentada na Escola de Enfermagem Anna Nery para obtenção do doutorado, em 1998. O objeto é a luta simbólica de um grupo de enfermeiros em busca de mobilidade

profissional e social na carreira, através de um estudo quantitativo e qualitativo que utilizou os conceitos de *campo*, *hábitos* e *capital cultural* de Bourdieu.

Um segundo, *A participação das enfermeiras na implantação das propostas de contracepção do CPAIMC : 1975-1978*, Rev. Bras. Enfermagem; 4(2):187-95, ago. 2000, de **Luciane Marques de Araújo** e **Suely de Souza Batista**, estuda “a participação das enfermeiras como agentes de reprodução da ideologia que norteava as propostas de contracepção do CPAIMC”. Nesse trabalho, o conceito de habitus aparece correlacionado ao de ideologia institucional, através de uma análise dialética.

Um terceiro, *A participação da Irmã Mathilde Nina na construção histórica da ABEn*, publicado na Rev. Bras. Enfermagem; 54(2):261-267, abr.-jun. 2001, por **Maria Regina Marques Bezerra**, também realiza um estudo de cunho histórico e dialético, centrado na difusão da ideologia católica das irmãs de caridade, através de uma personagem carismática e representativa desse tipo de pensamento, no processo histórico da constituição da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

A seguir, podemos apontar um quarto trabalho nessa linha, o de **Gertrudes Teixeira Lopes**, **Nalva Pereira Caldas**, **Tábata Cristina Silva Lima** e **Izabella de Carvalho Martingil**, cujo título é *A vida e a obra de Zaíra Cintra Vidal*, publicado na Rev. Bras. Enfermagem; 54 (2):253-260, abr.-jun. 2001. Esse artigo descreve a trajetória de Zaíra Cintra Vidal, sua inserção na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo e sua participação na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). Esse estudo utiliza os conceitos de *poder simbólico*, *habitus* e *luta simbólica*, através de documentos existentes no Centro de Documentação da EEAN/UFRJ e no Centro de Memória da FENF/UERJ.

O quinto trabalho, uma tese de doutorado apresentada na mesma escola Anna Nery, em 2001, dentro da linha de estudos sócio-históricos, de **Benevina Maria Vilar Teixeira Nuner**, com o nome *As circunstâncias sócio-históricas de criação e implantação do curso de enfermagem da UFPI: 1973-1977*, centra seu foco no processo de criação e implantação do curso de enfermagem na Universidade Federal do Piauí (UFPI), buscando descrever o processo de criação e implantação do curso de enfermagem. A autora declara ter utilizado o conceito de visões sociais do mundo de Michel Lowy; o conceito de *poder*

simbólico de Pierre Bourdieu e as reflexões sobre ideologia da profissão das enfermeiras brasileiras.

Ainda nessa linha, **Jane Márcia Progianti** apresentou à Escola de Enfermagem Anna Nery uma tese de doutorado intitulada *Parteiras, médicos e enfermeiras: a disputada arte de partejar (Rio de Janeiro 1934/1951)*, em 2001. O objetivo é tratar das lutas simbólicas entre parteiras, médicos e enfermeiras dentro do campo da obstetrícia, durante o processo de *medicalização* da sociedade brasileira. A autora esmera-se ao descrever o *habitus* dos envolvidos nessas lutas e as estratégias desses agentes no período inicial da hospitalização da assistência ao parto.

Por fim, em 1999, **Kaneji Shiratori** toma, em sua tese de doutorado, como objeto uma universidade pública situada no Rio de Janeiro, e a consolidação da pós-graduação e pesquisa no âmbito dessa instituição. Com o título *A pós-graduação e pesquisa no universo simbólico de uma universidade pública*, o autor analisa as *representações sociais* dos docentes sobre esse processo e confronta-as com as causas e fatores que engendraram essa consolidação da pós-graduação, dentro do panorama do ensino no Brasil. Para isso, o autor declara ter utilizado elementos da teoria da reprodução de Pierre Bourdieu, em conjunto com uma pesquisa qualitativa.

Esses estudos indicados acima, em torno de **sete**, mostram uma unicidade grande, tanto em termos de temáticas, referentes à análise da emergência de instituições ou à atuação de agentes sociais específicos dentro do campo da enfermagem, quanto em relação aos conceitos e instrumentos teóricos utilizados, como poder simbólico, campo, ideologia de grupos profissionais e representações sociais. Isto sugere um trabalho em torno de um grupo de pesquisadores alinhados na busca de um tema ou conjunto de temas em comum.

Da mesma maneira, outro grupo destaca-se como um núcleo de pesquisa que utiliza o instrumental de Pierre Bourdieu: aquele representado pela *Escola Nacional de Saúde Pública*, ligada à Fiocruz.

Podemos discutir alguns trabalhos, começando com a tese de **Martha Cristina Nunes Moreira**, *Os profissionais de enfermagem e seus emblemas: identidades e distinções na construção de uma cultura profissional*, apresentada à Escola Nacional de

Saúde Pública para obtenção do grau de mestre, em 1996. O objeto é o processo de construção de identidade dos profissionais de enfermagem, através da utilização dos conceitos de *habitus* e *campo*. Toma como matriz de análise as categorias identidade, vocação e competência técnica, para delinear a cultura técnica destes profissionais. Realiza uma genealogia, no sentido de Foucault, da profissão da enfermagem e aí insere os sujeitos em busca da construção de identidade e portadores de *representações* sobre si mesmos e sobre a sua profissão. Essas *representações* derivam de um imaginário oriundo da medicina que encontra-se sobredeterminado por estereótipos de gênero.

Outra tese de mestrado, apresentada à ENSP, tem como objeto a constituição e o desenvolvimento do campo psicanalítico no Brasil, do início do século XX até os anos oitenta. De autoria de **Carlos Fidelis Ponte**, *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*, de 1999, tem como abordagem principal a institucionalização e profissionalização da psicanálise, orientada pela perspectiva da sociologia das profissões e pelos estudos de Bourdieu e Robert Castel. Tematiza a criação das sociedades ligadas à associação Psicanalítica Internacional e as estratégias postas em prática pelos grupos que disputaram seu controle.

Outra tese, apresentada em 1999 à Escola Nacional de Saúde Pública para obtenção do grau de doutor, de **Francisco de Assis Guedes de Vasconcelos**, “*Como nasceram os meus anjos brancos*”: a constituição do campo da nutrição em saúde pública em Pernambuco, utilizou como base analítica os conceitos de *campo* e *habitus científicos*, desenvolvidos por Pierre Bourdieu, e de *comunidade científica e paradigma*, elaborados por Thomas Kuhn. Através do que o autor chama de análise histórico-estrutural, buscou entender o processo de constituição do campo da Nutrição em Saúde Pública em Pernambuco no período 1930-1982. Para isso, traçou a trajetória acadêmica de um de seus epígonos, o cientista Nelson Chaves, como ocorreu o reconhecimento social deste campo e a sua ligação com eventos históricos verificados nos anos 1930/1940 e, finalmente, a sua influência sobre acontecimentos ocorridos nos anos 1970/1982. E, ainda, como um grupo de pesquisadores construiu o paradigma ecológico-humanista da questão nutricional brasileira, contribuindo para a institucionalização do campo da nutrição em Saúde Pública em todo o território nacional.

Além dos **três** exemplos anteriores, dois outros artigos ligados à ENSP serão trabalhados em conjunto, no decorrer desse capítulo, pois tematizam a emergência do campo da saúde coletiva. Serão utilizados como interface introdutória à uma pequena problematização do conceito de campo e das ciências sociais aplicadas à saúde no Brasil.

Ao contrário, os artigos e trabalhos a seguir não possuem características que os aglutinem, mas merecem uma discussão individualizada.

- 1) Uma análise de cunho epidemiológico, de autoria de **Rosa Wanda Diez Garcia**, com o nome de *Práticas e comportamento alimentar no meio urbano: um estudo no centro da cidade de São Paulo*, foi publicada nos Cadernos de Saúde Pública;13(3):455-67, jul.-set. 1997. Esse artigo busca explorar a dimensão da comida no modo de vida urbano, tendo em vista as implicações que este modo de vida tem nos hábitos alimentares e nas representações simbólicas envolvidas. A autora apropriou-se dos conceitos de *representação social* e de *habitus*. Através de uma análise qualitativa, os aspectos simbólicos e as condições concretas do meio urbano, além da abreviação do tempo dedicado à alimentação, foram estudados.
- 2) A autora, **Carla Romilda Laucas**, analisa *O campo médico homeopático do Rio de Janeiro - década de 90*. Esta tese foi apresentada, em 1999, à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, junto ao Instituto de Medicina Social, para obtenção do grau de Mestre. As principais referências teóricas citadas pela autora são as noções de *campo*, *habitus* e *conhecimento praxiológico* de Bourdieu; o *conceito de paradigma* de Kuhn, no que diz respeito à fase estrutural pré-paradigmática de uma disciplina e a definição, de acordo com a autora da tese, de sistema médico complexo de Luz. Buscou-se aprofundar os aspectos históricos da constituição do campo médico homeopático através do conceito de campo. Traça as práticas, as estratégias e relações institucionais dentro da homeopatia utilizando-se da idéia de *habitus*. Por fim, a autora delinea o campo do conhecimento homeopático, recorrendo a uma comparação entre o período

pré-paradigmático, vivido no passado pela física óptica, com o período atual vivido pelo conhecimento homeopático.

- 3) Valendo-se do conceito de *campo científico* de Pierre Bourdieu, **Marcos C. Maio** analisa a carreira acadêmico-profissional de Raimundo Nina Rodrigues, no artigo *A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica*, publicado nos Cadernos de Saúde Pública;11(2):226-37, em 1995. A carreira desse médico representa para o autor um exemplo claro do processo de especialização do campo médico e da caracterização desse espaço como um lugar de confrontos e embates devidos à estrutura de relações sociais ali presentes.
- 4) **Sônia Maria Soares**, em sua tese apresentada à Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, para a obtenção do grau de doutor, com o título *Práticas terapêuticas não-alopáticas no serviço público de saúde: caminhos e descaminhos: estudo de caso etnográfico realizado na Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte*, em 2000, intenta compreender a cultura das práticas não-alopáticas no serviço público de saúde, tomando como objeto o Programa de Práticas Não-Alopáticas implantado em 1994 pela Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte. Esse programa possibilitou a oferta de acesso à homeopatia, acupuntura e medicina antroposófica.

A autora afirma:

“tratar-se de um estudo de caso etnográfico fundamentado na antropologia interpretativa, tendo como foco central o conceito de cultura de Geertz, a noção de habitus e o conceito de campo proposto por Bourdieu”.

Temas como a medicina não-alopática, as práticas terapêuticas não-alopáticas como uma cultura emergente no serviço público, a realidade das práticas terapêuticas não-alopáticas no serviço público de saúde foram trabalhados durante a tese. Nela, os profissionais não convencionais descrevem os dramas, dilemas e conflitos vivenciados durante o rito de passagem da prática médica ocidental à prática médica não-alopática.

- 5) Esse artigo, das autoras **Márcia Faria Westphal, Maria Cecília Focesi Pelicioni e Mara de Mello Faria**, *Recursos institucionales en salud y el "Habitus" de los grupos poblacionales receptores: el caso del Programa Nacional de Erradicación del Aedes aegypti en el Brasil* - apesar de ter sido publicado em espanhol, na revista *Fermentum*; 8(22):86-108, em 1998 - trata de um caso e de um programa brasileiro, de extinção do mosquito da dengue. Através da técnica de grupo focal, buscou-se elencar o conteúdo temático retido por um grupo de leitores do material educativo utilizado na campanha de erradicação daquele mosquito.

Além desses trabalhos, há dois outros que se referem a livros publicados e que aparecem indexados a essa base de dados citada anteriormente, coisa desejável, mas, por algum motivo, não muito comum de ocorrer.

O primeiro é: Comportamentos sexuais, práticas sexuais, habitus, trabalho erótico: uma contribuição ao estudo das sexualidades, de **Elizabeth Moreira dos Santos**, capítulo publicado em Czeresnia, Dina. *AIDS: ética, medicina e biotecnologia*. São Paulo : HUCITEC, 1995. p.77-100.

O segundo, de **Aluísio Gomes da Silva Júnior**, intitulado *Modelos tecnoassistenciais em saúde: o debate no campo da saúde coletiva*, publicado em São Paulo : HUCITEC, em 1997. Esse livro trata da formulação de modelos tecnoassistenciais em saúde dentro do *campo* científico denominado saúde coletiva, no Brasil. Utiliza a abordagem metodológica de Bourdieu (1976), através do conceito de campo científico e, em conjunto, da análise do discurso de Foucault, para analisar três propostas: SILOS-Bahia, "Saudicidade"-Curitiba e "Em defesa da vida"-LAPA/UNICAMP.

Considerando a importância assumida pelo debate sobre o termo saúde coletiva, retomaremos alguns pontos sobre a discussão desse conceito, que parece ser um tema recorrente e recente dentro dessa área da medicina que envolve a confluência dos elementos coletivos e dos fatores individuais na determinação da etiologia da doença.

Com esse objetivo, assumiremos esse espaço social, engendrado através dos fluxos e refluxos dos movimentos e momentos sociais, como um *campo* social no sentido epistemológico de Pierre Bourdieu.⁴²

A definição de *campo*, como é comumente apresentada, de forma geral e fora de seu contexto teórico, reduz sobremaneira o pensamento desse autor sobre a dinâmica dos campos. Como forma de enriquecer essa temática, tomaremos esse conceito em elaboração e aplicação dentro da saúde coletiva, de forma a avaliar sua adequação.

Uma questão parece ter voltado à baila nesse campo de saber chamado saúde coletiva - após ter conseguido um grau de institucionalização e legitimidade, verificável através do nível da produção de políticas, práticas e conhecimentos teóricos - é a questão sobre o *estado da arte* desse campo, e mais, qual é o objeto de que se ocupa a saúde coletiva. Questionar o presente significa reavaliar o passado (mesmo recente) e propor novos caminhos. Portanto, almejamos aqui realizar esse pequeno balanço, ainda que de forma geral.

Dentre os autores que usaram a teoria de Bourdieu dentro da área no Brasil, destacaremos alguns que contribuíram para o debate sobre o campo da saúde coletiva e assim, descortinaram a pertinência dessa temática. Dessa maneira, aparecem ao mesmo tempo como pesquisadores na vertente das ciências sociais aplicadas ao entendimento das práticas da saúde e também como agentes atuando através de estratégias individuais - ou grupais - no campo mais vasto da saúde coletiva.

De conformação recente, a saúde coletiva detém especificidades inerentes a sua constituição e que estão ligadas diretamente ao contexto social e histórico da qual ela é fruto, o momento da luta pela redemocratização da sociedade brasileira e de resgate de parte do projeto nacional.

Quando Campos afirma que a institucionalização “*tem bloqueado a reconstrução crítica de seus próprios saberes e práticas, provocando uma crise de identidade*”, parece conceber o processo de enraizamento da saúde coletiva, da maneira

⁴² Bourdieu, Pierre. *Questions de Sociologie*. Paris: Minuit, 1980.

como se realizou, como algo negativo e bloqueador da criatividade e das inovações no campo.⁴³

Essa tomada de posição epistemológica e política, ao mesmo tempo em que denega o papel das teorias por si mesmas, propõe uma tomada de posição ideológica (e no fundo teórica): percebe-se algo de prescritivo no discurso desse autor sobre núcleos e campos. Devemos lembrar que o caráter político das lutas no interior do campo pela sua delimitação e pela definição do que é cientificamente legítimo ou ilegítimo já está presente no próprio conceito de campo.

Sem dúvida, a institucionalização e a formação das estruturas estruturadas no campo da saúde coletiva mostram um grau de controle e formalização inerente à autonomização do campo.

Ainda que inserida num movimento maior de institucionalização das ciências humanas, a autonomização do campo da saúde coletiva traduziu-se na criação de programas de pós-graduação a partir de 1970 - Faculdade de Saúde Pública da USP; 1971 - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto; em 1973, na Faculdade de Medicina da USP e Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia; em 1974, o curso do Instituto de Medicina Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Também há o surgimento, dentro da sociedade, de instituições não públicas que atuaram e foram as responsáveis pela delimitação e fortalecimento da saúde coletiva, como o Cebes, em 1976 e a Abrasco, em 1979.

Apesar dessas estruturas estruturadas comportarem-se como estruturantes, serem núcleos duros de conhecimento, serem mutáveis e não mutantes, elas representaram uma solidificação da história coletiva dos movimentos sociais que as instituíram. A perda de plasticidade destas estruturas é o resultado dos descaminhos dos movimentos "errantes" dentro da sociedade, tornados aberrantes graças às grandes forças da nova ordem mundial em conjunto com os agentes sociais modernos.

⁴³ Campos, Gastão Wagner de Souza. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 5 (2), p. 219-230, 2000.

Nunca é demais lembrar que estamos em plena crise dos estados nacionais e nosso incipiente “Welfare State” já está sendo desmontado, senão liquidado. O momento, portanto, é de refluxo dos movimentos sociais, dentre eles o movimento que desaguou na constituição do SUS e acalentou o ideal da equidade social, pelo menos quanto ao atendimento à saúde. Nossa época, parece sofrer o que Habermas chamou de “*esgotamento das energias utópicas*” e assistir ao descontrole dos instrumentos criados pela razão iluminista para gerir a natureza e a sociedade.⁴⁴

No entanto, a existência de *corpus* de conhecimento, entendidos como um acúmulo devido aos produtos do trabalho de intelectuais, artistas e criadores, produtos esses inseridos dentro de um universo simbólico; *corpus* gerados por grupos sociais em luta concorrencial, significa um grau de coesão conjuntural dentro de um campo ideológico entre pessoas com objetivos, saberes e práticas muito semelhantes.

Nesse sentido, concordamos com Campos quando afirma que a saúde coletiva constitui-se como um *corpus* em relação à medicina em geral e ao modelo biomédico, contando com uma ideologia comum, um arsenal delimitado no referencial epidemiológico e no instrumental das ciências sociais, aliados à herança dos conhecimentos da medicina preventiva e da saúde pública.

Por outro lado, ressaltamos que as proposições iniciais quanto ao objeto da Saúde Coletiva alteraram-se no decorrer do tempo. Se, quando da formação e autonomização desse espaço de uma *práxis* diferenciada, o objeto aparecia como uma disciplina científica bem delimitada, posteriormente a própria definição inicial do objeto muda.

De forma geral, podemos afirmar como válida a definição de Paim e Almeida Filho, quando assumem o ponto de vista de que:

*“o trabalho teórico-epistemológico empreendido mais recentemente aponta a saúde coletiva como um campo interdisciplinar e não propriamente como uma disciplina científica, muito menos uma ciência ou especialidade médica.”*⁴⁵

⁴⁴ Habermas, Jürgen. A Nova Intransparência: A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos CEBRAP*, 18, setembro 1987, p. 103-114.

⁴⁵ Paim, Jairnilson S. e Filho, Naomar de Almeida. Saúde Coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? *Rev. Saúde Pública*, 32(4): p. 299-316, 1998.

Por outro lado, a sua complexidade interna, suas ramificações em políticas públicas, planejamento, métodos de avaliação e outras apontam para a conformação da saúde coletiva como um grande campo de conhecimentos e práticas, inserido no campo intelectual.

Por sua vez, o campo intelectual está submetido, em maior ou menor grau e de acordo com sua autonomia relativa, a um campo de poder, socialmente delimitado a partir da correlação de forças historicamente dada.

Nessas relações entre *corpus* (ou núcleos) e campos, está presente a disputa de poder entre grupos, através de suas ideologias e propostas teóricas, conceituais ou estéticas. Estão presentes os indivíduos, com suas estratégias diferenciadas e diferenciais, investindo seus capitais sociais, simbólicos ou econômicos. No entanto, apesar da diversidade entre esses agentes, todos se apossam das regras do jogo e incorporam-nas, mesmo para contestá-las e mudá-las, e estabelecem um consenso mínimo, a *illusio*.

Assim, discutir se, em um determinado momento, um campo apresenta-se flexível e permeável às demandas sociais ou as demandas internas, significa estudar historicamente esse campo. A conformação do campo dependerá da maneira histórica como esse campo foi construído, com dispositivos de controle mais ou menos rígidos. Ao meu ver, não se pode contestar a existência de regras e ritos de entrada nos diversos campos, seja ele político, artístico, da medicina ou da saúde pública ou da sociologia em saúde.

Por outro lado, não há, em muitas das discussões sobre a saúde coletiva, instâncias mediadoras entre o campo e o indivíduo. O que Bourdieu propõe ao falar em *habitus*, tema muito caro a esse pesquisador, é estabelecer justamente essa mediação entre as estruturas sociais tais como as vemos e a subjetividade dos agentes, inseridos no mundo social. O *corpus* seria um dos elementos presentes no *habitus* de um grupo (ou *ethos*), porém não se confundindo com ele, pois o *habitus* compreende uma visão de mundo que transcende um conjunto codificado de práticas e saberes.

Dessa forma, o conceito de núcleo proposto por Campos parece tocar a mesma problemática daquele de *habitus*, salvo que, para Bourdieu, *corpus* não significa um grande conceito operatório, largamente tematizado, e aparece com alguma raridade em sua obra: nesse caso, sobretudo com um sentido mais geral e de uso comumente filosófico, onde

significa reunião, conjunto, classe, coletânea ou corpo de textos de uma doutrina. Um uso desse conceito pode ser encontrado no trecho seguinte, referente ao tratamento que Bourdieu dá à relação entre o campo intelectual e o do poder:

*“Antes, é preciso situar o **corpus** assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as relações entre a posição deste **corpus** neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu”.*⁴⁶

Essa relação é mediada pelo *habitus* de classe. A proposta do autor é situar um *habitus* específico de um autor ou de uma escola, construtores de um *corpus* literário (ou uma obra singular), tendo sempre em vista a relação que o campo intelectual onde atua aquele autor (ou autores) estabelece com o campo do poder.

Concluindo: assim colocadas, em termos de conflito e de luta, as renovadas discussões sobre o campo da saúde coletiva, podemos perceber que, afinal, o objeto de estudo desse campo continua multifacetado, onde as ciências sociais e a sociologia da saúde estão fortemente representadas, sendo que a busca e a disputa pela definição desse objeto são o resultado, entre outras coisas, das disputas internas pelo monopólio da prática legítima da ciência, ou o que se entende hegemônico em um determinado momento desse campo intelectual.

Pode-se concordar que *“as ciências sociais não realizaram a ‘esperada’ síntese paradigmática, promovendo uma articulação interdisciplinar entre os campos social e biológico”*, se apanharmos o ponto de vista de Carvalho.⁴⁷

Ainda, de que não existe uma lógica de subordinação do modelo clínico ao modelo social. No entanto, não se deve esquecer que as forças que atuam na determinação das formas de se fazer a clínica - empresas de saúde, políticas neoliberais, indústria de medicamentos - são poderosas e realizam de forma intensa a crítica às novas formas de fazer e saber, perpassando o campo da saúde coletiva de forma transversal e reafirmando o modelo biomédico, que longe está de ter sido reavaliado e perdido sua hegemonia.

⁴⁶ Bourdieu, Pierre. Campo do Poder, Campo Intelectual e *Habitus* de Classe. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

⁴⁷ Carvalho, E.M.F. Os dilemas e desafios da saúde coletiva: andando na vida num contexto *Morte e Vida Severina*. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 5 (2), p.233-236.

Ainda assim, poderíamos concordar parcialmente com algumas análises que indicam algumas pistas para essa ausência de um projeto acadêmico unificado, capaz de fazer frente às demandas por resolução dos grandes problemas sociais. Quando analisa a emergência e o período posterior a instituição da saúde coletiva, Patrícia Ribeiro aponta, fazendo eco a outros autores, três possibilidades:

- *Dependência acentuada, da produção acadêmica, de fontes estatais de financiamento, via projetos de pesquisa;*
- *Grande ênfase dada, no campo, à atuação política e a conseqüente colocação em segundo plano da produção teórica, subordinada à lógica política;*
- *Desvio epistemológico decorrente da ênfase na saúde coletiva, durante sua fase constitutiva, em uma produção alinhada ao modelo estrutural-marxista, formador de um discurso científico macrosociológico e generalista, distante das demandas práticas do campo.*⁴⁸

Dessa forma, estando as discussões epistemológicas embebidas e revestidas de sobredeterminações políticas, onde estão investidos os interesses dos agentes - no sentido libidinal do termo - é perfeitamente aceitável e desejável que se estabeleçam diálogos entre as diferentes áreas (ou núcleos de saberes) presentes no campo, como forma de enriquecimento dos debates e de formulação de novas teorias.

No entanto, é fundamental deixarmos claro de qual ponto de análise e marco teórico falamos. Ao mesmo tempo, explicitarmos que criando teoria, mesmo se de grande qualidade e aplicada a um campo como o da saúde coletiva, fazemos sociologia baseando-nos nas obras teóricas de outros teóricos, como Pierre Bourdieu, mesmo que seja para realizarmos uma sociologia crítica dessa sociologia.

De qualquer maneira, autorizados por esse esforço realizado sobre esse material documental e empírico, estabeleceremos, no próximo capítulo, um aprofundamento teórico e conceitual, à luz dos resultados assim obtidos e de nosso esforço de pesquisa sobre a vasta obra de Pierre Bourdieu.

⁴⁸ Ribeiro, Patrícia Tavares. *A instituição do campo científico da Saúde Coletiva no Brasil*. 1991.190 p. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.



CONCLUSÕES AS IMPLICAÇÕES DA PRAXIOLOGIA

Mas a excelência na deliberação é uma forma de correção na deliberação e portanto devemos investigar primeiro o que é a deliberação e quais são os objetos de deliberação.

Aristóteles, Ética a Nicômacos.

Introdução

Nesse momento, apontaremos os principais aspectos tratados neste trabalho e, em seguida, destacaremos os pontos fundamentais deste estudo.

Entranhamo-nos nas origens e desenvolvimento do pensamento social francês, recortando o espaço do desenvolvimento da sociologia como uma disciplina dentre todas aquelas das ciências do homem, tentando demonstrar a extrema importância do pensamento de Pierre Bourdieu e de seus resultados teóricos dentro dessa tradição. Em seguida, delineamos as origens do campo da sociologia da saúde na França e suas especificidades e ligações com o campo sociológico como um todo.

Acompanhamos, no segundo capítulo, a gênese dos conceitos de *habitus* e *campo*, e posteriormente a sua sistematização em uma teoria geral dos campos, inserida na *teoria da práxis* e, então, desenvolvi uma exposição em torno desses conceitos capitais de Pierre Bourdieu. Pretendi deixar patente a mudança, no tempo, dos conceitos e a sucessiva complexidade de sua construção teórica.

Dessarte, o contraponto entre as primeiras formulações e as últimas obras do autor serviu para mostrar a coerência entre sua postura acadêmica e a forma de apresentação dos resultados de suas pesquisas.

Em seguida, ao tomarmos a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* como objeto de análise, através de seus artigos sobre a sociologia médica, buscamos encontrar as contribuições do grupo de pesquisas de Pierre Bourdieu na área de nosso interesse.

O coroamento dessa estratégia - a criação de uma revista sob seus auspícios e de seu grupo - foi discutido quando expendemos tempo em torno de uma análise mais detalhada dos conteúdos e dos conceitos usados nessa publicação.

A seguir, discutimos algumas das influências de Bourdieu e sua escola na área da saúde em pesquisas brasileiras.

No Brasil essa sociologia da saúde espalhou-se, enraizou-se e institucionalizou-se principalmente no interior do campo médico, e mais, a sociologia médica/da saúde está comumente e fundamentalmente associada ao campo da saúde coletiva. Encontramos

algumas peculiaridades dessa sociologia e optamos por apresentar nestas conclusões uma conclusão ampliada da praxiologia.

Neste capítulo, tentaremos uma síntese tanto da teoria quanto das implicações práticas dessa teoria, e para tanto, vamos sugerir como hipótese o paralelismo entre a praxiologia e as teorias de médio alcance, como forma heurística de abordar a obra de Bourdieu e extraímos então grandes linhas de pesquisa, sugeridas pela própria construção interna dessa teoria mais geral e pelo desenvolvimento histórico do campo. Uma delas, a **lógica da retenção**, relativa ao *corpo*. Uma segunda, uma **lógica de mediação**, caracterizada por excelência pelo *habitus*. Por último, uma **lógica de classificação ou distinção**, devida ao campo ou estrutura social que é interiorizada pelos indivíduos, e que nos remete aos *estilos de vida*.

A teoria e seu alcance

Neste momento, um tema a ser discutido deve ser, sem dúvida, a estratégia prática e a justificativa científica para um procedimento acumulativo dos resultados do autor estudado, apontando aqui, uma hipótese orientadora de nosso estudo.

Não há como afirmar com segurança quanto à estratégia de Bourdieu e por quais caminhos ela se construiu se não aceitarmos suas declarações sobre essa estratégia, realizadas *post festum*. Mas se houvesse a necessidade de apontar essa estratégia, uma grande possibilidade de escolha seria a do desenvolvimento de uma *teoria de médio alcance*, nos moldes de Robert K. Merton.¹

Apesar de haver dito e escrito, mais de uma vez, ter claramente como alvo de críticas a idéia de que a sociologia norte-americana era o modelo maduro de ciência, com seu triunvirato hegemônico Lazarsfeld-Parsons-Merton, Bourdieu detectava então nessa ortodoxia dos anos cinquenta três possibilidades: a *grande teoria*, a *estatística empírica* e as *teorias de médio porte*. Ele afirma que foi “*contra isso que eu me bati quando entrei na sociologia*”, a saber, a dominação ortodoxa norte-americana.

¹ Seguiremos a discussão do autor presente em *Sociologia, Teoria e Estrutura* – especialmente o capítulo II: Sobre as teorias sociológicas de médio alcance, p. 51-83, São Paulo: Mestre Jou, 1970.

A grande crítica vai ao pensamento teórico que nasce do ambiente de gabinete, sem vínculos com os procedimentos metodológicos, ou seja, com os procedimentos da prática empírica de pesquisa. Essas compilações teóricas de cunho epistemológico, no estilo de Parsons e sua grande teoria, mostravam-se para Bourdieu como simples compilações e classificações didáticas, próprias para o ensino somente. A epistemologia deve ser entendida como uma reflexão com vistas a entender a prática científica em seus erros e acertos. Seu contraponto, a metodologia pela metodologia, era exemplificado por Lazarsfeld e definida por Bourdieu como “*catálogo de preceitos que não têm que ver nem com a epistemologia, nem com a teoria científica*”.² Dessa maneira estabeleceu-se a dicotomia teoria/metodologia e entre pesquisa empírica e estudos teóricos.

Portanto, esse era o panorama da sociologia, traduzido na hegemonia norte-americana e na sua legitimidade científica, durante a formação de Bourdieu. No entanto, a recusa de realizar um trabalho com metodologia rígida e estatística – empirismo – e a recusa em criar grandes teorias, acaba, a meu ver, por desaguar em um meio termo virtuoso. Essa tese, defenderemos a seguir.

Essa temática era muito presente durante os anos de formação de Pierre Bourdieu. O próprio autor afirma que “*o par Parsons-Lazarsfeld (e, entre os dois, Merton e suas teorias de médio alcance) constitui um espécie de **holding** « científico » socialmente muito poderoso, que reinou na sociologia mundial durante trinta anos*”.³

Essa perspectiva da origem dessa nova hegemonia científica foi trazida à tona por T. H. Marshall, durante uma conferência proferida na London School Economics, onde ele conclama à criação de “*degraus sociológicos de médio alcance*”.⁴

Essa discussão que se espalhou a partir da sociologia norte-americana, hegemônica e muito atuante no cenário mundial, versou sobre os objetivos da ciência naquele momento. Naquela altura, Merton podia afirmar com segurança:

“*Hoje, nossa tarefa principal consiste em desenvolver teorias especiais aplicáveis a objetos conceituais limitados - (...) – mais do que procurar imediatamente a estrutura conceitual total, própria a produzir estas e outras teorias de médio alcance*”.⁵

² Bourdieu, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

³ Idem.

⁴ Marshall, T. H. *Sociology at the Crossroads*, Londres: Heinemann, 1963. Apud Merton, op. cit, p. 63.

⁵ Robert K. Merton, *Sociologia, Teoria e Estrutura*, São Paulo: Mestre Jou, 1970.

Isso correspondia a uma mudança significativa na maneira de se fazer ciência social, pois o abandono das chamadas grandes teorias tinha assim se iniciado.

Para Merton, uma teoria é um conjunto fortemente relacionado e de dupla implicação, necessária para gerar hipóteses e uniformidades empíricas. Por outro lado, uma *teoria de médio alcance* é uma possibilidade intermediária entre as hipóteses de trabalho cotidianas e as grandes teorias unificadoras e que poderiam explicar as regularidades presentes na sociedade.

Seguindo nessa temática, Merton propõe dois caminhos simultâneos a serem seguidos como forma de acumular conhecimento e transpor as barreiras entre diferentes objetos de pesquisa, atingindo um grau de maturidade necessário à criação de “*esquemas grandes e eficazes de sociologia*”. O primeiro, desenvolver teorias especiais (de médio alcance) que originem hipóteses de trabalho verificáveis empiricamente. O segundo, desenvolvendo um esquema de conceitos paulatinamente mais geral que consolide uma teoria de maior poder explicativo. Essas propostas tentam evitar que:

“A rota para os esquemas grandes e eficazes de sociologia só ficará obstruída – **como aconteceu nos albores dessa ciência** – se cada sociólogo carismático tentar desenvolver seu próprio sistema geral da teoria. A persistência nessa tendência, só pode conduzir à ‘balcanização’ da sociologia, com cada um dos seus principados governado por um sistema teórico próprio” [grifos meus].⁶

Aqui fica bem delineado o paralelismo entre a proposta de Bourdieu, concernente a uma generalização teórica posterior ao trabalho de pesquisa e a idéia de *teorias de médio alcance*. Essa identificação também pode ser percebida através de outras características da *teoria da práxis*, que tocam muito profundamente a problemática do médio alcance ou dos degraus médios. Por esse motivo estenderemos com mais vagar essa comparação, portadora de grandes virtudes heurísticas.

Robert Merton sumariza sua discussão sobre as *teorias de médio alcance* em torno de oito pontos principais, descrevendo os atributos principais dessas teorias. Estas características serão expostas literalmente e comparadas com a *teoria da práxis* como

⁶ Idem, p. 63.

forma de enfatizarmos as confluências entre esses autores e os modos de abordagem da prática teórica.⁷

- As teorias de médio alcance consistem de conjuntos limitados de pressupostos, dos quais se derivam logicamente hipóteses específicas, confirmadas pela investigação empírica.

No caso da teoria da práxis, os conceitos básicos de sua confecção teórica - *habitus* e *campo* – eram vistos pelo autor como uma “*construção provisória elaborada para o trabalho empírico e por meio dele, ganha menos com a polêmica teórica do que com a confrontação com novos objetos*”.⁸

Sendo ambos muito antigos, tanto quanto a teoria da práxis, os conceitos de *habitus* e de *campo* caminharam *pari passu* a construção do cabedal teórico de Pierre Bourdieu.

- Essas teorias não se mantêm isoladas, mas são consolidadas em redes mais vastas de teoria (...).

Na teoria da práxis, fica patente um aumento da complexidade e acumulação crescente de conceitos, categorias e temáticas que por métodos comparativos ganham uma dimensão mais geral e globalizada, sem tornar-se uma teoria puramente teórica.

- Essas teorias são suficientemente abstratas para tratarem de diferentes esferas de comportamento e estruturas sociais, ultrapassando assim as simples descrições ou generalizações empíricas.

Esse ponto guarda uma impressionante ressonância com o trecho onde Bourdieu descreve a gênese de seus conceitos, e passa a discorrer sobre a sua teoria geral dos campos. Vale a pena transcrever a passagem:

*“A teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho) evitando assim todas as formas de reducionismo, (...).”*⁹

⁷ Robert K. Merton, *Sociologia, Teoria e Estrutura*, São Paulo: Mestre Jou, 1970.

⁸ Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 59.

⁹ Idem, p. 69.

- Esse tipo de teoria derruba as distinções entre os problemas microsociológicos, evidenciados nas pesquisas de pequenos grupos, e os problemas macrosociológicos, salientados em estudos comparativos de mobilidade social e de organização formal, e da interdependência das instituições sociais.
- Os sistemas de teoria sociológica total – (...) – mais representam orientações teóricas gerais, do que sistemas rigorosos e estreitos (...).

Aqui, com a intenção de elucidar um ponto, poderíamos citar Bourdieu quando afirma que *“diferente da teoria teórica ... a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e ação só revelado no trabalho empírico em que se realiza.”*¹⁰

- Daí resulta que muitas teorias de médio alcance estão em consonância com uma variedade de sistemas de pensamento sociológico.

De fato, a teoria da práxis absorve criticamente aspectos relevantes de vários autores, podendo ser lida, sob diversos aspectos, em consonância com as grandes teorias clássicas, até novas abordagens presentes na tradição sociológica.

O próprio Bourdieu, acusado por usar vários autores como fonte teórica, procura deixar patente que sua utilização busca uma reativação do pensamento de autores inseridos em uma tradição científica que não pode ser desprezada.

O autor propõe, então, uma justa atitude para com a tradição teórica, que consiste em:

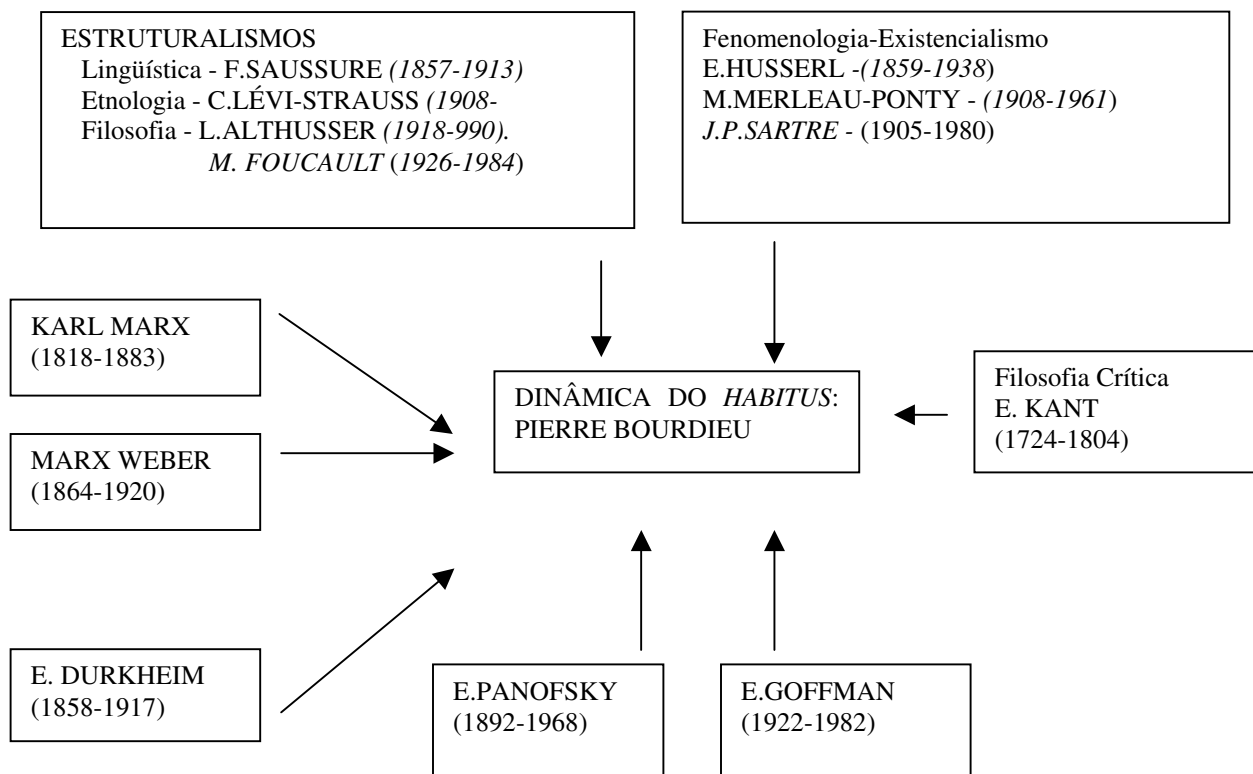
*“... afirmar, ao mesmo tempo, a continuidade e a ruptura, a conservação e a superação, em se apoiar em todo o pensamento disponível sem temer a acusação de seguidismo ou de ecletismo, para ir além dos antecessores, ultrapassados assim por uma utilização nova dos instrumentos para cuja produção eles contribuíram”.*¹¹

¹⁰ Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*, p. 59.

¹¹ Idem, p. 63.

Para tanto, vale citar o quadro seguinte, traduzido e adaptado de um livro que pretende oferecer uma visão global da sociologia como disciplina científica e que dedica um capítulo à dinâmica do *habitus* e à praxiologia:¹²

Quadro 8. As fontes da dinâmica do *habitus*



¹² Durand, Jean-Pierre e Weil, Robert (org.). *Sociologie Contemporaine*. Paris : Vigot, 1989, p.190.

Da mesma maneira, o próximo ponto mantém uma grande semelhança com os trabalhos de Bourdieu e seu grupo. Diversas vezes esse autor afirmou preferir a pesquisa empírica a elaboração teórica sem bases seguras ou sem um apoio profundo em sucessivas aplicações de um conteúdo conceitual ao mundo social.

- A orientação de médio alcance envolve a especificação de ignorância. Em vez de proclamar um conhecimento que está de fato ausente, reconhece expressamente o que ainda deve ser aprendido, a fim de preparar os fundamentos para um conhecimento ainda maior.

Essa afirmação encontra uma grande ressonância com a denúncia contra a “**tentação ao profetismo**”, de Pierre Bourdieu, presente nos seus escritos sobre a arte de fazer ciência: a sociologia, por exigência de seu objeto - o mundo social - e de seus instrumentos - a linguagem comum - está sujeita a indagações quanto ao futuro e assim, de estabelecer - por conta dessa demanda - uma relação perigosa com o público, próxima daquela entre o profeta e seus seguidores.¹³ Ultrapassar esse limite, projetando possibilidades além dos limites da capacidade de análise científica da sociologia, é um risco a ser evitado.

- As teorias de médio alcance constituem tipicamente uma linha direta de continuidade com o trabalho dos formuladores teóricos clássicos.

Nesse ponto específico, há uma dissonância entre os autores, pois para Bourdieu:

*“(a) compilação puramente teórica (quer dizer, alheia a toda aplicação) de algumas grandes obras (Durkheim, Pareto, Weber, etc), reduzidas a sua dimensão **teórica** ou, melhor, professoral, ou ainda, mais perto de nós, um ecletismo de manual e de compilação, pecam por uma profunda artificialidade que menos explicam que confundem o mundo social”.*¹⁴

Assim, a justificativa da retomada dos clássicos está ligada à retomada da problemática proposta por um clássico, com o objetivo de confrontar através de pesquisas empíricas a pertinência desses problemas teóricos. Como foi apontado anteriormente,

¹³ Ver, nessa temática, o item 5: A tentação do profetismo, no livro *Le Métier de Sociologue*.

¹⁴ Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 24.

retomar a problemática e os instrumentos de um autor clássico não significa retomar, integralmente e sem mediações, a teoria daquele autor, mas, sim, fazer uma clivagem empírica dos temas relevantes e atuais.

Se analisarmos com vagar os pontos básicos de uma teoria de médio alcance, como proposta por Merton, salta aos olhos a constatação de que a sociologia de Bourdieu preenche muitos dos requisitos de uma teoria desse tipo. Tentaremos esboçar algumas linhas de tratamento dessa teoria de médio alcance de Bourdieu, ainda que de forma incompleta.

Três lógicas centrais da teoria da práxis

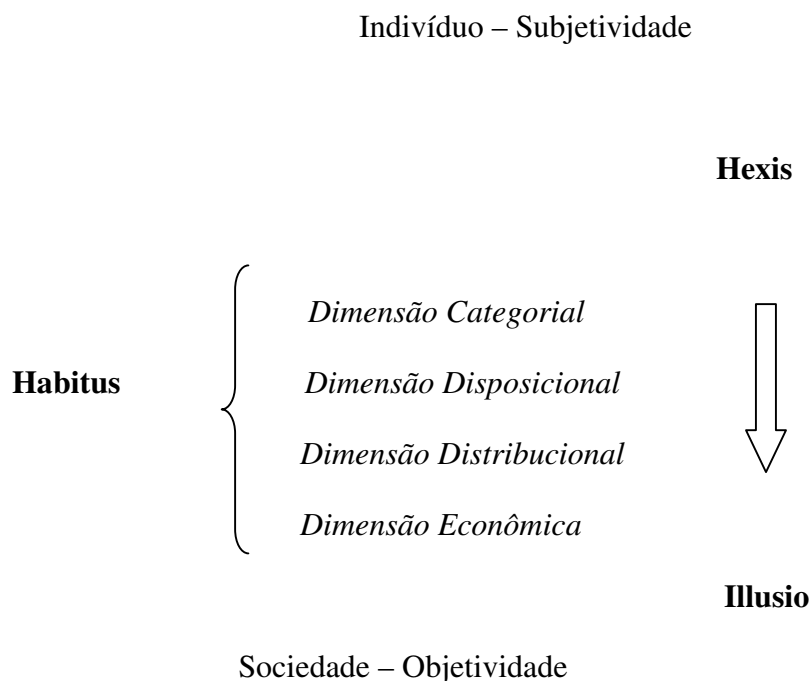
Depois de estudados os conceitos capitais e a forma tradicional de se apresentar a obra de Bourdieu, afirmamos provisoriamente que esse cabedal teórico desaguou em um conjunto mais vasto e consistente de teorias, a saber, uma teoria de escopo médio.

Essa teoria é o resultado da tentativa de suplantar uma série de antinomias teóricas (subjetivo/objetivo, simbólico/prático, língua/fala, etc), que, na visão do autor, eram mais uma construção artificial que correspondiam, no mais das vezes, a antinomias reais dentro do campo intelectual. Fazendo uma analogia com Marx, o espaço social apresentava-se invertido, de acordo com os interesses e os *habitus* dos pesquisadores imersos no campo, quando na realidade essas antinomias não existem de fato. Os agentes sociais não são esquizofrênicos e não representam o mundo de forma contraditória, pois tal apreensão da realidade impediria que realizassem qualquer ato. Em resumo, essa suplantação das contradições é um fator básico para a ação humana e para a prática, mesmo que, na subjetividade dos indivíduos, o mundo apresente-se sob a forma de aporias, como no caso dos intelectuais e dos cientistas sociais.

Portanto, essa teoria praxiológica guarda implicações que caracterizam uma *segunda natureza*, pressupostos básicos sem os quais ela não mantém sua higidez e congruência. Essas implicações mantêm-se no limite de três lógicas distintas:

- 1) Lógica da *retenção*: trata-se da absorção de formas corporais e de posturas, que, a longo prazo, acabam por tornar-se um sistema operatório, um sistema visível de conhecimento e reconhecimento, uma *substância*, com qualidades sensíveis e explicitáveis, capazes de dar uma visão de conjunto do indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Essa sedimentação pressupõe a ação no tempo, traz implícita a história. Pressupõe a incorporação, o tornar-se corpo. Essa materialização pode ser chamada de *capital físico ou corporal*, correspondente a uma disposição e a uma trajetória individual, mas também uma dimensão coletivizada, de grupo. Esse poder de retenção é um poder basicamente corporal, ainda que não se conheçam os mecanismos dessa capacidade de memorização física.
- 2) Lógica da *mediação*: essa lógica apresenta-se estreitamente ligada a categorias mediadoras. A passagem entre o individual e o coletivo, do subjetivo ao objetivo, ocorre através de instâncias mediadoras. No caso da teoria da práxis, a instância por excelência é o *habitus*, conceito que exerce um papel decisivo dentro das análises sociais, mesmo quando não explicitamente colocado. O *habitus* tende a ser um conceito elástico, quase um axioma a partir do qual é possível construir trabalhos empíricos de monta. Sua caracterização é difícil, e requer uma quantidade complexa de indicadores e variáveis. Além disso, é um conceito que atravessa o espaço social em um contínuo que vai do individual ao coletivo, de *hexis corporal* a *illusio*, conforme quadro a seguir.

Quadro 9. Habitus como um contínuo entre o indivíduo e a sociedade.



3) Lógica da *classificação*: indica um caráter ativo, de projeção e julgamentos de valor. Pressupõe uma incorporação prévia de critérios, mas essencialmente apresenta-se como um espaço de estratégias, de iniciativas, de livre arbítrio. É o espaço por excelência da atuação individual e criativa, de uma margem de manobra através da qual os indivíduos projetam sua especificidade e sua criatividade. Ainda que marcada pelo peso do passado – os homens fazem história, mas não a fazem como querem – essas estratégias abrem um leque de possibilidades para as mudanças sociais. A idéia de *projeto*, de Sartre, encontra aqui um reflexo, mesmo mais atenuado e mediatizado pelo *habitus* incorporado pelo indivíduo.

Essa lógica classificatória implica em conteúdos relacionais. Implica, portanto, a idéia de relações sociais. Implica, também, a idéia de interações sociais, sobretudo *interações simbólicas*, no sentido de Goffman. Mas, acima de tudo, implica interações sociais dentro de um espaço social específico e histórico, carregado de significados e relações desiguais entre agentes portadores de diferentes capitais sociais. Implica, por fim, em um *campo*, eivado de diferenças de posição e estruturado.

Assim, estas três lógicas interpenetram-se, mas possuem uma virtude heurística evidente: permitem uma coerência interna nas análises do mundo social. Mesmo que o objeto de estudo concentre-se em um dos pólos, é possível e desejável integrá-lo em uma teoria maior, ainda que não seja uma grande teoria.

Partindo, então, das lógicas expostas acima, ensaiaremos uma análise do instrumental teórico e operatório de Bourdieu, agora com vistas a explorar as implicações de suas posições sobre o fazer sociológico quando transposto ao campo de uma sociologia específica, a sociologia da saúde.

Em busca de uma Sociologia do Corpo

Não por acaso, este trecho toca na temática da ética de honra dos camponeses da Cabila. Em sua sociologia da Argélia, Bourdieu está claramente preocupado com as mudanças que ocorrem no indivíduo quando exposto a uma transformação nas estruturas sociais, sobretudo uma mudança radical das estruturas econômicas. Por isso, o autor descortina profundamente a ética de honra dessas sociedades e constata uma forte dimensão impensada desse *ethos*: boa parte do comportamento dos indivíduos reflete uma estratégia de sobrevivência em um novo mundo, com uma lógica diferente; no entanto, outra parte significativa apresenta-se como um *ethos* incorporado, como uma *hexis* corporal.

Aqui se apresenta, com toda sua grandeza e miséria, a lógica da *retenção* corporal e a sua capacidade de manter o incorporado, mesmo quando a própria estrutura social que foi incorporada cessa de existir.

Quando descreve as formas de comportamento dos argelinos, sua postura corporal, seu modo de se locomover, suas ações físicas, Bourdieu retoma uma tradição de estudos que remonta a Marcel Mauss, com seus textos sobre as técnicas do corpo.

Não por acaso, quando resolve realizar um esboço de uma teoria da prática, em um momento já de sistematização de suas teorias, Bourdieu descreve a aquisição do *habitus* a partir da incorporação da *hexis* corporal, de maneira prática e sem atingir o uso da linguagem. Essa primeira educação acontece pela absorção, através das relações sociais, de uma matriz de práticas contidas em um código:

*“A hexis corporal fala imediatamente à motricidade, enquanto esquema postural que é ao mesmo tempo singular e sistemático, pois é solidário de todo um sistema de técnicas do corpo e de instrumentos, e carregado de uma miríade de significações e de valores sociais: as crianças são particularmente atentas, em todas as sociedades, a esses gestos ou essas posturas onde se exprime, a seus olhos, tudo aquilo que caracteriza um adulto, um caminhar, uma postura de cabeça, caretas, maneiras de sentar-se, de manejar instrumentos, cada vez associados a um tom de voz, a uma forma de falar e, - como poderia ser de outra forma? – a todo um conteúdo de consciência”.*¹⁵

Percebe-se claramente uma solução de continuidade entre esse aprofundamento analítico e a tradição sociológica inaugurada por Durkheim, em seu período derradeiro de trabalho e que aponta uma inflexão fecunda em sua obra, aquela sobre *As formas elementares da vida religiosa*. Os conceitos imbricados nos estudos de religião de Durkheim foram posteriormente desenvolvidos por Mauss e dão azo a uma série de pesquisas dentro de uma mesma perspectiva teórica.

Em sua célebre introdução à obra de Marcel Mauss, Claude Lévi-Strauss aborda com felicidade os pontos pertinentes de sua teoria e ressalta as linhas de pesquisa inauguradas por aquele autor. Em geral, o grande interesse a presidir esses estudos é aquele referente à *relação entre o indivíduo e o grupo social* ao qual ele pertence.

Seguindo esse raciocínio, Lévi-Strauss discerne como proeminentes, além da que liga sociologia e psicologia, duas grandes temáticas. Uma primeira, muito pertinente, é a que gira em torno da medicina psicossomática, união do biológico e das imagens mentais socialmente construídas, ou melhor, do físico e do simbólico; em síntese, do fisiológico e do social. O trabalho inaugural de Mauss nessa temática é *Essai sur l’Idée de Mort*, retomado e explorado atualmente, sobretudo dentro da antropologia.

Uma segunda frente de estudos é a que trafega na busca das formas que tomam os movimentos corporais, os modos de higiene, as posturas, os gestos, a maneira de olhar, falar, enfim, tudo o que se refere ao corpo, quando o indivíduo sofre os condicionamentos

¹⁵ Bourdieu, Pierre. *Esquisse d’une Théorie de la Pratique*. Genève: Droz, 1972, p. 190.

de sua sociedade, ordem social que lhe impõe um sistema postural comum. Esse resultado histórico e coletivo individualiza-se em cada agente social, apesar das regularidades passíveis de serem estudadas.

Portanto, não por acaso, o acento antropológico que havia em Bourdieu à época fez um grande eco com essa temática. Seus primeiros trabalhos buscaram justamente definir um *ethos* de grupo, traduzido em um senso de honra, em termos de uma *hexis* corporal. Posteriormente, Bourdieu debita esse trabalho de inculcação de uma *hexis* corporal à instância da educação primária, realizada primordialmente pela família e grupo social. Em seguida, essa educação primária passa pelo trabalho pedagógico, institucionalizado no sistema de ensino. Essa continuidade de estudos, passando das sociedades semi-tribais, sem um trabalho pedagógico institucionalizado, a exemplo da escola, às sociedades com instituições encarregadas desse trabalho pedagógico básico, é um fato marcante na obra desse autor.

De qualquer forma, o resultado de tal trabalho de inculcação reside em alcançar um comportamento em consonância com as estruturas sociais, sem ser uniformizado em regras definitivas. Esse raciocínio fica patente, pelo menos no caso do corpo, tanto em Bourdieu quanto em Mauss. Comparemos dois trechos, começando pelo primeiro autor:

*“Se todas as sociedades (e, coisa significativa, todas as ‘instituições totalitárias’, como disse Goffman, que pensam realizar um trabalho de ‘deculturação’ e de ‘reculturação’) investem uma tal atenção aos detalhes aparentemente os mais insignificantes da atitude, da postura, das maneiras corporais e verbais, é que, tratando o corpo como uma memória, elas lhe confiam sob uma forma abreviada e prática, a bem dizer memotécnica, os princípios fundamentais do arbitrário cultural”.*¹⁶

É esclarecedor perceber os paralelos entre essas propostas. Mauss afirma que *“a educação da criança é plena daquilo que chamamos de detalhes, mas que são essenciais.”* Isso mostra o caráter sistemático, estrutural da transmissão das técnicas do corpo e da relação do indivíduo com ele. Ou ainda: *“em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos da educação dominam”.*

¹⁶ Bourdieu, Pierre. *Esquisse d’une Théorie de la Pratique*. Genève: Droz, 1972, p. 197.

Como concordaria mais tarde Bourdieu, a exemplo da passagem assinalada, Mauss demonstra que a conformação das pequenas particularidades é o campo de batalha em torno da inculcação da regularidade das estruturas sociais. E conclui: “*em suma, não existe talvez **maneira natural** no adulto*”.¹⁷ Mas, além da educação, um outro ponto aqui é mais impressionante. Justamente aquele concernente a uma razão prática coletiva, a uma natureza social das disposições humanas, em suma, do *habitus*.

Mauss, após descrever uma série de observações sobre técnicas do corpo, afirma:

*“Eu tive então, durante muitos anos, esta noção da natureza social do ‘habitus’. Eu insisto que se perceba que eu digo em bom latim, compreendido na França, ‘habitus’. A palavra traduziu, infinitamente melhor que ‘hábito’ [habitude], a ‘hexis’, o ‘adquirido’ e a ‘faculdade’ de Aristóteles (que era um psicólogo). Ele não designa esses hábitos metafísicos, esta memória misteriosa, assunto de livros ou de curtas e famosas teses. Esses hábitos variam não só simplesmente com os indivíduos e suas imitações, eles variam sobretudo de acordo com as sociedades, as educações, as conveniências e os modos, os prestígios. **É preciso ver aí as técnicas e o trabalho da razão prática coletiva e individual, lá mesmo onde não vemos normalmente mais que a alma e suas faculdades de repetição** [grifos meus]”.*¹⁸

Para que se veja além de manifestações da alma e suas faculdades, necessário seria encontrar conceitos mediadores entre o recôndito, o pessoal, o irracional, o não consciente e o universo social. Na passagem do social ao conteúdo social dentro dos indivíduos, inserido, marcado, incrustado no agente, forçoso era encontrar esses mediadores. Nesse caso, tanto Mauss quanto Bourdieu tomaram o corpo como esse mediador prático entre o simbólico e o social.

¹⁷ Mauss, Marcel. Les techniques du corps. In : *Sociologie et Anthropologie*. 4 ed., Paris : PUF, 1968. Precedido de : Introduction a l’oeuvre de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss, p 375, 369 e 370, respectivamente.[grifos do autor].

¹⁸ Mauss, Marcel. Les techniques du corps, p 369 e 370.

De qualquer forma, essa temática do corpo exerceu forte influência no universo teórico inicial de Bourdieu, ocupando um grande espaço, a par de um grande esforço, no programa de pesquisas deste autor. Além da sociologia da Argélia, esse autor buscou um aprofundamento sobre o objeto da saúde – o corpo, dando guarida a uma área temática no CSE, sob o rótulo de Centro de Sociologia da Educação e da Cultura, onde se aninhavam pesquisadores como Luc Boltanski, sob sua direção. Apesar de atuar como diretor de pesquisas, a parceria de Bourdieu com Boltanski se manteve por longo tempo e frutificou em trabalhos conjuntos. Esse pesquisador estava voltado para o estudo sistemático de pesquisas estatísticas e de revistas especializadas no que ele chama de “*sociologia do corpo: consumo médico, alimentação, alcoolismo, higiene, sexualidade, controle da natalidade, esportes, férias, tratamentos de beleza, etc*”.¹⁹

Apesar de não ter publicado nenhum texto diretamente sobre a área, Bourdieu parece ter sempre levado em conta o interesse de seus colaboradores no tocante à saúde: em conjunto com Yves Winkin, prefaciou um livro de Aaron Cicourel, autor que escreve sobre um tema publicado inicialmente em 1985 sob a forma de artigo - *Raisonnement et diagnostic: le rôle du discours et de la compréhension clinique en médecine* - na *Actes de la recherche en sciences sociales*, referente ao diagnóstico médico e a relação de interação discursiva que se estabelece entre ele e o paciente.²⁰

Salvo novos achados, encerram-se por aí as relações diretas entre Pierre Bourdieu e as pesquisas na área da sociologia da saúde. Apesar de ter estado a um passo de se imiscuir nesse campo, através da sociologia do corpo, suas pesquisas tomam um rumo maior em direção à sociologia da cultura e dos intelectuais, e assim, passam ao largo dessa temática.

No entanto, as contribuições de seu grupo de pesquisa como um todo, e particularmente aqueles que publicaram na revista cuja direção estava a seu cargo, apontam para uma exploração extremamente inovadora em relação a essa temática.

¹⁹ Boltanski, Luc. *As classes sociais e o corpo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 111.

²⁰ Cicourel, Aaron. *Le raisonnement médical : une approche socio-cognitive*. Paris : Seuil, 2002.

Em busca de uma sociologia das representações sociais

Apesar da importância da sociologia do corpo na *teoria da práxis*, fica faltando uma vasta gama de fenômenos, chamados de simbólicos e de significação, infensos a uma explicação puramente corporal. Como explicar a arte, a magia, a escola, enfim, a cultura, somente com essas formas primitivas de classificação? Seria lícito acreditar que seriam necessários mecanismos eficazes e capazes de realizar a transmutação entre diferentes esferas, entre o indivíduo e categorias coletivas. Esse poder de realizar a ligação só pode ser atribuído a uma lógica de *mediação*, atualizada através de um *habitus*.

Seria curioso entender as respostas da tradição sociológica francesa, sobretudo Durkheim e Mauss, e posteriormente Bourdieu, a essa questão.

Para Bourdieu, esse sistema simbólico toma a forma de uma disposição, uma atitude, uma matriz reprodutora não consciente, mas que tem um peso grande no indivíduo e joga um grande papel na educação e na reprodução social, em suma, um *habitus*.

Em Mauss, as técnicas do corpo explicam-se por estarem encampadas pela vida simbólica do espírito humano, por um sistema simbólico, responsável por um “*trabalho de taxonomia psico-sociológico*” e por uma “*classificação precisa*”.²¹ Esse trabalho de taxonomia realizado pelo universo simbólico, por esse mundo simbólico, remonta às formas primitivas de classificação das sociedades. Essas formas primitivas, responsáveis pela ordenação do mundo e pela criação das categorias de entendimento e de explicação desse mundo, são oriundas de uma realidade *sui generis* de cada sociedade, realidade historicamente dada. Quando discute as formas primitivas, Mauss discute essencialmente o conceito de *representações sociais*, na tradição que ajudou a elaborar com Durkheim, que afirmou:

“Ao contrário, se, como pensamos, as categorias são representações essencialmente coletivas, traduzem antes de tudo estados da coletividade: elas dependem da maneira pela qual esta é constituída e organizada, de sua morfologia, de suas instituições religiosas, morais, econômicas, etc”.²²

²¹Mauss, Marcel. Les techniques du corps. In : *Sociologie et Anthropologie*. 4 ed., Paris : PUF, 1968. Precedido de : Introduction a l’oeuvre de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss, p. 372.

²² Durkheim, Emile. *Durkheim*, Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1984, p. 157.

O conceito de representação assume em Durkheim algumas características básicas:

- A base material, chamada de morfologia social, causa e conforma as idéias, que assumem uma autonomia relativa em relação às condições materiais da sociedade;
- As representações sociais são coletivas e *sui generis*, portanto objetivas por si mesmas, pois são conformadas historicamente.
- As representações coletivas exercem coerção sobre os indivíduos e, apesar de sofrerem suas ações, independem desses indivíduos.

Essas concepções exprimem-se na seguinte passagem:

*“A sociedade é uma realidade **sui generis**; tem seus caracteres próprios que não são encontrados, ou não são sob a mesma forma encontrados, no resto do universo. As representações que a exprimem têm pois um conteúdo inteiramente diferente das representações puramente individuais e pode-se ter certeza, por antecipação, que as primeiras acrescentam qualquer coisa às segundas.*

*A própria maneira pela qual se formam umas e outras leva-as a diferenciar-se. As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço mas no tempo também; para fazê-las, uma multiplicidade de espíritos diversos associaram, misturaram e combinaram suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí sua experiência e sua sabedoria. (...)”.*²³

A retomada da temática das representações coletivas é um capítulo novo da história das idéias. Apesar de não ser um conceito recente, uma teoria das *representações sociais* só se desenvolveu nas últimas décadas, sobretudo dentro da vertente mais sociológica da Psicologia Social.

Essa retomada, realizada pelo viés da sociologia, iniciou-se com o estudo de Serge Moscovici, *La Psychanalyse: son image et son public*, em 1961. Ao aprofundar uma análise no campo da sociologia do conhecimento sobre a psicanálise, esse autor substitui o

²³ Durkheim, Emile. *Durkheim*, Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1984, p.157-158.

conceito de representação coletiva por representação social. É o que afirma Farr, ao discorrer sobre o trabalho de Moscovici:

*“Moscovici afirma que a noção de representação coletiva de Durkheim descreve, ou identifica, uma categoria coletiva que deve ser explicada a um nível inferior, isto é, em nível da Psicologia Social. É aqui que surge a noção de representação social de Moscovici. Ele também julga mais adequado, num contexto moderno, estudar representações sociais do que estudar representações coletivas. O segundo conceito era um objeto de estudo mais apropriado num contexto de sociedades menos complexas, que eram do interesse de Durkheim. As sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Há, nos dias de hoje, poucas representações que são verdadeiramente coletivas”.*²⁴

A temática das representações sociais tem se revelado um campo prodigioso de pesquisas inovadoras e instigantes. Em geral, a antropologia tomou para si o papel de entender as formas que tomam as idéias dos sujeitos sociais.

Dentro da sociologia, esse tipo de estudos sempre tomou um caráter suspeito, pois se firmou no arcabouço metodológico em torno do preceito que afirma que se deve romper radicalmente com as pré-noções e com os dados obtidos pela declaração dos sujeitos sociais. Esse tipo de sociologia sempre foi tratado como uma sociologia espontânea, pré-científica.

Como afirmam diversos autores, uma inflexão forte se fez sentir a partir dos anos 70 e assistimos a volta do sujeito recalcado. Dentre outros, podemos citar Herzlich:

“Mas, curiosamente, em fins dos anos 70, uma mudança de perspectiva bastante surpreendente operou-se na sociologia. Assistimos a uma crise profunda dos esquemas explicativos globais, fundados sobre o primado das determinações sócio-econômicas. O 'sujeito' - sua experiência, o sentido que ele dá à sua ação - tornou-se um objeto de estudo de máxima legitimidade. Ao mesmo tempo, o

²⁴ Farr, Robert M. Representações Sociais: A Teoria e sua História. In: *Textos em representações sociais*, Guareschi, Pedrinho e Jovchelovitch, Sandra (org.). 7 ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

*sociólogo começou a interrogar-se sobre sua posição em relação ao objeto de sua pesquisa”.*²⁵

Essa inflexão tornou, de um momento para outro, os estudos de representação em um veio precioso de análises. A busca dos sujeitos sociais tomou a forma de uma corrida do ouro. Com o enfraquecimento das grandes teorias, passou-se à busca de teorias parciais, que dêem conta de realidades fragmentárias, em suma, teorias de médio alcance. Por isso:

*“A teoria das representações sociais vem ocupando amplos espaços no campo das ciências humanas contemporâneas, na medida em que permite preencher certas lacunas abertas pela chamada crise dos paradigmas e, se não consegue responder, pelo menos contribui para a formulação de novas hipóteses para velhos problemas”.*²⁶

Não foi diferente quanto ao campo da saúde e, sem dúvida, tem a antropologia atuado como ponta de lança, introduzindo esses estudos nesse campo científico, havendo atualmente um acréscimo desse tipo de pesquisas no Brasil.

Como consequência das aplicações da categoria entendida como representações sociais dentro do campo da saúde, podemos estender essa categoria à dimensão do adoecimento, da saúde, da morte e das visões de mundo que informam ao indivíduo tanto suas ações práticas quanto as suas concepções a respeito do *binômio doença e saúde*. Assim, de acordo com Minayo, algumas consequências podem ser apontadas:

- *Esse binômio constitui metáforas privilegiadas de explicação da sociedade;*
- *Esse binômio possui um status privilegiado enquanto representação significativa, vinculada à própria existência humana e à idéia de vida e morte; expressa atitudes, comportamentos e visões de mundo.*
- *Saúde/doença é um fenômeno com um esquema interno de explicações, relativamente autônomo dentro da sociedade, com uma concentração de*

²⁵ Herzlich, Claudine. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. *PHYSIS-Revista de Saúde Coletiva*, vol. 1, nº 2, 1991.

²⁶ Domingos Sobrinho, Moisés. "Habitus" e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. In: Moreira, Antonia Silva Paredes e Oliveira, Denize Cristina de (org.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*, Editora AB, 1998. p. 117.

*poder e de saber nas mãos de grupos sociais dominantes, passando assim pelas contradições sociais da sociedade capitalista.*²⁷

Constata-se atualmente um recrudescimento e retomada dos estudos teóricos nessa linha, dentro da sociologia, evidenciados pela constatação do volume de publicações de trabalhos com análises dentro dessa abordagem, além de uma valorização da releitura dos clássicos das ciências sociais que abordaram o tema das representações.

Se o tema das representações ganhou tal força e amplitude dentro das ciências sociais, é imprescindível captar a maneira como foi apreendida essa questão dentro da teoria da práxis.

Sem dúvida, as representações sociais são um conceito ou uma categoria de análise que alinham-se em um plano mediato, operando em termos práticos como um mecanismo que permite a passagem do coletivo, da estrutura ao individual, ao subjetivo. Mas, se como vimos, o *habitus* realiza uma lógica de mediação, esse papel é muito próximo do papel exercido pelas representações.

Do que foi abordado, vale resgatar a consonância entre o conceito de representações e de *habitus*. A própria responsável por uma retomada e aprofundamento dos estudos em torno das representações na França, Claudine Herzlich, afirma claramente que “*aliás, se poderia afirmar que, exceto talvez pelo peso conferido ao passado, a noção de habitus não se afasta totalmente da de representação social*”.²⁸

De fato, o conceito de *habitus* apresenta distinções em relação ao de representações e essas distinções apontam para categorias que exercem a mesma função sem serem idênticas.

A **primeira** delas, apontada pela autora, liga-se à temporalidade. O *habitus* é o resultado histórico de uma inculcação social, de uma interiorização realizada em algum ponto da primeira educação e que correspondia às homologias estruturais entre o espaço social e o grupo social no qual estava inserido o indivíduo. Portanto, esse *habitus* primário corresponde a um momento fotográfico da trajetória individual, cujas marcas profundas jamais serão apagadas, senão parcialmente, sob a influência de outras socializações

²⁷ Minayo, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento*, São Paulo: Hucitec, 1992. Ver as colocações finais do capítulo 3, p. 196, onde ela discute a categoria representações sociais e a prática da saúde.

²⁸ Herzlich, Claudine. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. *PHYSIS-Revista de Saúde Coletiva*, vol. 1, nº 2, 1991. p. 29.

posteriores. Dessa maneira, a atuação via *habitus* ocorre no presente, sob as luzes de um passado petrificado e que corresponde a um determinado momento histórico, tanto individual como coletivo.

Uma **segunda** distinção é aquela referida ao caráter ativo do *habitus*. O *habitus* é mais que um repositório coletivo de construções sociais, coletivo e *sui generis*. Ele atua como uma gramática gerativa, criando um repertório variado e que varia de acordo com os espaços sociais nos quais o indivíduo está inserido.

Podemos apontar uma **terceira** e fundamental distinção: o *habitus* só pode se tornar inteligível através de suas manifestações ativas, através da aplicação de sua gramática gerativa a objetos e coisas. As representações são o resultado de um processo coerente que dá sentido às ações e aos discursos dos agentes sociais, e são, em geral, apreendidas como um resultado e uma manifestação do coletivo nos indivíduos.

De muitas maneiras, essa problemática situa-se no ponto nodal da relação entre o individual e o coletivo, da mesma forma que os trabalhos de Bourdieu buscaram clarificar justamente esse ponto. Nesse sentido, concordamos com Sobrinho quando afirma que “*a teoria das representações sociais contribui, assim, no nosso entender, para enriquecer o estudo das identidades coletivas, quando articulada com os conceitos de campo e de habitus desenvolvidos pela praxiologia de Bourdieu*”.²⁹ As representações são, assim, manifestações de um *habitus* e dessa forma podem ser fertilmente apreendidas e estudadas.

Essa digressão, apesar de teórica e de parecer afastar-nos do nosso objeto, a sociologia da saúde e a revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, é fundamental por motivos demonstrados na análise dos conteúdos temáticos e dos conteúdos conceituais daquela publicação.

Em busca de uma teoria da distinção

Por fim, uma última temática salta à nossa frente ao lidarmos com a praxiologia de Bourdieu: aquela referente às relações diferenciais dos indivíduos imersos em um espaço social comum e cujas estruturas foram incorporadas desigualmente. E mais, foram

²⁹ Domingos Sobrinho, Moisés. “*Habitus*” e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. op cit, p. 120.

desigualmente traduzidas em escalas e sistemas de apreciação e de julgamento da realidade. Essa retradução, referenciada e baseada em posições homólogas dentro do espaço social, acaba sendo investida em objetos reais, em atividades, em práticas, em julgamentos e gostos. Esse investimento obedece a uma lógica da distinção e se traduz em um resultado classificatório.

Esse universo relacional é exemplificado com a publicação de *La Distinction*, quando entramos no cerne da sociedade moderna, com suas necessidades distributivas do status social.

Para Weber, as distinções entre classes sociais realiza-se através da posição de cada indivíduo na estrutura produtiva e assim econômica. Mas somente essa posição não é suficiente para explicar os grupos sociais dentro de uma sociedade. Em seus termos:

*“Em contraste com a ‘situação de classe’ determinada apenas por motivos econômicos, desejamos designar como ‘situação de status’ todo componente típico do destino dos homens, determinado por uma estimativa específica, positiva ou negativa, da honraria.”*³⁰

Por fim, somente o mundo econômico em Weber não explica satisfatoriamente as relações sociais dos indivíduos e muito menos a forma como se relacionam entre si. Para tanto, devemos considerar os grupos sociais em suas interações simbólicas, referenciadas por uma honra comum. De forma mais clara:

*“Simplicando, poderíamos dizer, assim, que as ‘classes’ se estratificam de acordo com suas relações com a produção e aquisição de bens; ao passo que os ‘estamentos’ se estratificam de acordo com os princípios de seu consumo de bens, representado por ‘estilos de vida’ especiais.”*³¹

Essa vertente weberiana dos trabalhos do autor parte em busca das caracterizações dos grupos sociais dentro da sociedade. Essa sociedade é vista como uma rede de relações, onde o que impera é a lógica distintiva, instrumento classificador de diferenças, estruturado no passado e cuja ação acontece no presente, através das escolhas

³⁰ Weber, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro : Guanabara-Koogan, 1982. p. 218.

³¹ Weber, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro : Guanabara-Koogan, 1982. p. 226.

personais. Essas escolhas estabelecem uma regularidade e demonstram um esquema gerador comum.

Essa linha de raciocínio de Bourdieu concorda sobremaneira com as posições de Weber acerca das honras estamentais, quando afirma:

“No conteúdo, a honra estamental é expressa normalmente pelo fato de que acima de tudo um estilo de vida específico pode ser esperado de todos os que desejam pertencer ao círculo.”³²

Apesar de não tratar do campo do consumo dos bens da saúde, por assim chamar as necessidades básicas como também as quase supérfluas de cuidados médicos, podemos apelar para o que o autor chama de “princípio de homologia funcional e estrutural”. Esse princípio faz com que exista grande consonância entre o campo de produção de um bem e a lógica do campo de consumo desse mesmo bem. As oposições que se estabelecem no campo de produção e consumo de “bens de saúde” partilham do mesmo tipo de homologia dos outros campos sociais, ou seja, organizam-se e estruturam-se de acordo com as oposições historicamente dadas dentro do campo das classes sociais, oposição entre dominantes e dominados. Ainda, dentro de cada classe social, o campo divide-se em frações dominantes e dominadas. No caso do campo social, o campo intelectual representa a fração dominada da classe dominante e o próprio campo intelectual sofre a influência do campo do poder, o campo político.

Se há homologia entre as divisões entre dominantes e dominados, dentro dos campos sociais, certamente o campo da saúde é um espaço social por excelência para extrairmos objetivamente as homologias entre os grupos sociais. Uma maneira proposta na teoria da práxis é exatamente através do estudo da lógica da distinção, aplicada por ele aos produtos culturais. Apesar de não se tratar de um bem cultural, a lógica do consumo dos bens médicos organiza-se em torno da lógica social de classificação dos grupos sociais.

³² Idem. p. 219.

O raciocínio do autor assim se exprime:

*“Se é verdade que, como tentamos estabelecer, a classe dominante constitui um espaço relativamente autônomo cuja estrutura é definida pela distribuição entre seus membros de diferentes espécies de capital, cada fração sendo caracterizada propriamente por uma certa configuração desta distribuição à qual corresponde, por intermédio dos habitus, um certo estilo de vida, que a distribuição do capital econômico e a distribuição do capital cultural entre as frações apresenta estruturas simétricas e inversas e que as diferentes estruturas patrimoniais estão, com a trajetória escolar, na base do habitus e das escolhas sistemáticas que ele produz em todos os domínios da prática e cujas escolhas comumente reconhecidas como estéticas são uma dimensão, devemos reencontrar essa estruturas no espaço dos estilos de vida, ou seja, nos diferentes sistemas de propriedades onde se exprimem os diferentes sistemas de disposições”.*³³

As expressões desse *habitus* são sinais visíveis, manifestações sistemáticas, constantes, das homologias entre campos diversos. Essas manifestações, sempre relacionais e referidas mutuamente, acabam por sedimentar um esquema, um sistema de símbolos e signos de distinção. Esse sistema relacional, cuja existência distingue socialmente os agentes sociais, assume formas explícitas em torno de gostos, valores e julgamentos, inclusive estéticos.

Assim, a ligação entre uma teoria da distinção social e a saúde tornou-se - nas últimas décadas - extremamente bem vinda, pois permite explicar e explicitar os valores de grupos sociais dentro de sociedades cada vez mais fragmentárias e nas quais o consumo detém um poder classificatório relevante.

Como exemplo, a partir de 1978, os países europeus ligados à Organização Mundial da Saúde envolveram-se em uma estratégia regional de promoção a saúde, traduzida pelo lema “Saúde para Todos”. Na reunião de 1984 gerou-se um documento onde seis temas sobressaíram: **equidade, promoção à saúde, participação da comunidade,**

³³ Bourdieu, Pierre. *La distinction* :critique sociale du jugement. Paris : Minuit, 1979. p. 293.

cooperação multisetorial, atenção primária e cooperação internacional. Essa posição leva a afirmações como essa:

*“É óbvio a partir disso que a sociologia e outras ciências sociais têm um papel significativo a exercer para fomentar o progresso no espírito da “saúde para todos”. As contribuições principais das ciências sociais são definir quais processos na sociedade incrementam, e quais não, um desenvolvimento da saúde das pessoas e tentar encontrar soluções que podem ser recomendadas aos governantes”.*³⁴

Portanto, a importância de estudos na área da saúde que nos levem além do modelo centrado no biológico está patente. Ao mesmo tempo, mais que nunca, o comportamento individual em face de saúde dentro do contexto das sociedades modernas é a tônica da resolução das doenças da modernidade, sobretudo com a mudança do perfil epidemiológico das sociedades modernas.

Os Estilos de Vida como expressão do habitus

Essas abordagens centradas nas práticas dos sujeitos como fator determinante das necessidades médicas e como meio de evitar essas necessidades de cuidados médicos sugerem uma forte aproximação com as teorias sobre *estilo de vida*, mais precisamente estilo de vida saudável – *health lifestyles* – posta na ordem do dia das pesquisas na área da saúde.

O conceito de estilo de vida tem uma tradição vinda desde o início das teorias sociológicas. Passa por Simmel e Weber no começo do século, Bourdieu e Giddens já no final do século XX, se citarmos somente os mais conhecidos. De qualquer modo, nosso interesse focaliza os estudos de Bourdieu, cuja retomada das obras de Weber enfatiza exatamente o peso da sociedade – e suas estruturas – na determinação das chances que o indivíduo tem de realizar suas escolhas, feitas dentro de suas possibilidades objetivas.

³⁴ Asvali, Jo E. *Foreword*. In: Medical Sociology and the WHO'S Programme for Europe, *Soc. Sci. Med.* Vol 22, nº 2, 1986. p. 113.

Atualmente, na sociologia da saúde, ao definir estilos de vida saudáveis como “*padrões coletivos de comportamento relacionados com a saúde, baseado em escolhas sobre opções disponíveis às pessoas de acordo com suas chances de vida*”, alguns autores propõem um aprofundamento das teorias sobre estilos de vida, aplicando esses conceitos ao campo da saúde. No caso da teoria da práxis, as contribuições de Bourdieu são vistas, por esses autores citados, como mais relevantes no que concerne a duas maiores áreas:³⁵

- Identificação e caracterização do conceito de *habitus* como fomentador dos estilos de vida;
- Enfatizando o papel das estruturas sociais na gênese do *habitus* (e assim dos estilos) e desvelando a determinação das escolhas individuais pelas possibilidades objetivas.

Ainda segundo esses autores, a clássica separação entre chances de vida e escolhas de vida, presente na obra de Weber, é reduzida, senão eliminada, através da aplicação do conceito de *habitus*, que incorpora ambas as instâncias.

Esse metabolismo entre escolhas de vida e chances de vida é o mesmo que a relação entre escolhas subjetivas e possibilidades objetivas, longamente tematizada na obra de Bourdieu. Essa relação obedece à lógica da distinção e seus efeitos podem ser mensurados e estabelecidos através das manifestações de práticas e gostos traduzidos em um estilo de vida. Em suma, entre os efeitos resultantes da interação entre um *habitus* e um *campo*.

Sendo ambos muito antigos, tanto quanto a teoria da práxis, os conceitos de *habitus* e de *campo* acompanharam *pari passu* a construção do cabedal teórico de Pierre Bourdieu. O próprio autor afirma, sobre o conceito de *campo*:

*“Foi assim que a primeira elaboração rigorosa da noção saiu de uma leitura do capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft* consagrado à sociologia religiosa, leitura que, dominada pela referência permanente ao campo intelectual, nada tinha de comentário escolar. Com efeito, mediante uma crítica da visão interacionista das relações entre os agentes religiosos proposta por Weber que implicava uma*

³⁵ Cockerham, William C; Rütten, Alfred; Abel, Thomas. Conceptualizing Contemporary Health Lifestyles: Moving Beyond Weber. *The Sociological Quarterly*, vol. 38, nº 2, 1997. p. 329.

*crítica retrospectiva da minha representação inicial do campo intelectual, eu propunha uma construção do campo religioso como estrutura de relações objetivas que pudesse explicar a forma concreta das interações que Max Weber descrevia em forma de uma tipologia realista”.*³⁶

* * * * *

Desta forma, esse resultado específico da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* deve ser considerado como um indicador relativo da mudança no tratamento dos objetos sociológicos, mas não pode ser tomado como um fato definitivo.

Caberia, aqui, um estudo detalhado e comparativo entre as revistas sociológicas ou de ciências humanas francesas quanto à temática da sociologia da saúde, algo impossível de ser realizado com as condições materiais e de tempo que se dispõe no momento.

Quando Louis Pinto analisou uma longa série de aplicações do conceito de *campo* de Bourdieu, dentro de um programa mais sistemático de pesquisas, não destacou o campo da saúde, assinalando em seu estudo as temáticas referentes a:

*- Religião, alto clero, alta costura, produção cultural, produção científica, professores do ensino superior, alunos e instituições do ensino superior, empresas, habitação individual, burocracia estatal e campo político, direito, e por fim, o espaço social.*³⁷

Do exposto, verificamos que a presença da sociologia da saúde na vertente de Bourdieu não é de menor importância no conjunto de artigos selecionados e trabalhados. Constatamos, também, uma mudança de temática envolvendo o estudo sistemático das relações entre medicina e sociedade, partindo em geral de fora do ambiente médico. Como já havia sido apontado por Herzlich, a sociologia médica francesa tomou um caráter de sociologia *da* medicina e não as características de uma sociologia de atuação interna ao ambiente médico. Essa exterioridade talvez justifique os rumos mais acadêmicos e não aplicados das pesquisas publicadas na revista *Actes de la recherche en sciences sociales* no período estudado.

³⁶ Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Difel, 1989. p. 66.

³⁷ Pinto, Louis. *Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 68.

Após o estudo dos artigos presentes na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, podemos afirmar que o grande conceito que aparece e é trabalhado sistematicamente é o de *representações sociais*. É relevante pensarmos que essa ressurreição corresponde ao “*retorno do sujeito*” na sociologia contemporânea.

A meu ver, quando se busca entender o pensamento e as idéias “nativas”, daqueles que agem e estabelecem estratégias de ação, faz-se mister encontrar uma instância mediadora que possibilite realizar a transição entre estrutura ou organização social e o indivíduo. Nos trabalhos estudados, esse conceito de *representações sociais*, a despeito de uma razoável utilização do conceito de *habitus*, é que realiza e cumpre essa lógica de *mediação*.

No instrumental de Bourdieu, esse papel caberia ao conceito de *habitus*, que no entanto, tem uma frequência menor no conjunto dos artigos analisados. Isso somente acontece em cinco casos e aponta uma sub-utilização dessa mediação, mesmo se considerarmos os conceitos de *ethos* e *hexis*, que aparecem somente uma vez, como pares e partes do conceito de *habitus*, como soe acontecer nas obras de Bourdieu.

Essa mediação entre sujeito e estrutura social significa uma mediação entre um *habitus* e um campo: igualmente encontramos uma grande utilização do conceito de campo dentro do universo de artigos pesquisados.

Cabe ressaltar o aparecimento de um número interessante de estudos de *gênero*, em torno de 12 % do total de artigos e que apontam para uma vertente razoavelmente inexplorada da teoria de Bourdieu.

Outros conceitos como *medicalização* e *desclassificação* têm uma boa representatividade e apontam movimentos da prática médica dentro da sociedade.

Depois de analisado todo o material empírico, percebe-se que, dentre os conceitos do instrumental de Bourdieu, o conceito de campo, de longe, é o mais largamente utilizado, pois aporta possibilidades e hipóteses de trabalho vastas. Em geral, os autores da área têm utilizado esse conceito como plataforma teórica a partir da qual se realizam análises sobre objetos restritos e pontuais. Dessa maneira, o conceito permanece no campo

teórico, como pano de fundo ou como palco, dentro do qual se movimentam os atores sociais. Muitos pesquisadores perdem as características dinâmicas da noção de campo e governam suas pesquisas como se o campo fosse algo estruturado sincronicamente, suporte para o desenrolar da ação social. Depois de caracterizado o campo, os estudos partem em busca de outras abordagens, perdendo de vista o instrumental teórico em uso como arcabouço de base.

O conceito de *habitus* enfrenta dificuldades inerentes a sua origem e peculiaridade. Normalmente, esse conceito só consegue se estabelecer com clareza, quando buscamos as *manifestações* do *habitus*, muitas vezes intangíveis. A objetivação do *habitus* requer um apurado instrumento metodológico de pesquisa. Na pesquisa em ato, as condições para que isso ocorra não são fáceis de se estabelecer.

Os resultados aparecem agrupados na tabela 3:

Tabela 3. Distribuição dos conceitos presentes nos artigos de sociologia da saúde da *Actes de la recherche en sciences sociales*.

CONCEITOS	Nº	%
Representações sociais	18	35,3
Campo	11	21,6
Gênero	6	11,8
Habitus	5	9,8
Medicalização	3	5,9
Desclassificação	3	5,9
Estilo de Vida	2	3,9
Ethos	1	1,9
Hexis	1	1,9
Corpus	1	1,9
TOTAL	51	100 %

Por fim, uma ausência inesperada. Esperava-se um maior número de trabalhos que se inserissem na problemática dos estilos de vida, problemática essa estreitamente ligada a uma teoria da *distinção* social, tão bem elaborada na obra de Bourdieu. No nosso caso em particular, o tema dos *estilos de vida saudáveis*, profundamente ligado às doenças crônicas e aos agravos causados à saúde do homem moderno. Do total dos artigos, somente dois tomaram esse conceito como objeto, o que representa cerca de 4% do total. Talvez a lógica da busca por assistência a saúde esteja infensa a uma lógica distintiva, talvez esses resultados aparecem em outros lugares.

Considero realizada uma grande panorâmica das possibilidades inovadoras abertas pela teoria da práxis, sobretudo aquelas relacionadas aos conceitos de *habitus* e de *campo* e, por fim, relacionar as temáticas, presentes na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, com esses conceitos, com o fito de elencar possíveis caminhos e veredas alentadoras para a sociologia da saúde, e dessa maneira, contribuir para a promoção da saúde nas sociedades contemporâneas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- Actes de la recherche en sciences sociales*. Disponível em: <<http://www.ehess.fr/centres/cse/index.html>>. Acesso em: 25/05/2001.
- Asvali, Jo E. *Foreword*. In: Medical Sociology and the WHO'S Programme for Europe, *Soc. Sci. Med.* Vol. 22, nº 2, 1986.
- Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Livro II, 3. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- Ética a Nicômacos. Trad. de Mário da Gama Kury. 2 ed. Brasília: Edunb, 1992.
- Berthelot, Jean-Michel. *La Construction de la Sociologie*. Paris: PUF, 1991.
- Boas, Gláucia Villas. A Tradição Renovada. In: Bomeny, Helena e Birman, Patrícia (org.). *As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- Boltanski, Luc. *As classes sociais e o corpo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- Bomeny, Helena e Birman, Patrícia (org.). *As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- Bourdieu, Pierre.
- As Regras da Arte*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
 - A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
 - Ce que parler veut dire*. Paris : Fayard, 1982.
 - Esquisse d'une Théorie de la Pratique: précédé de trois études d'ethnologie Kabyle*. Genève: Droz, 1972.
 - Homo Academicus*. Paris : Minuit, 1984.
 - La Cause de la Science. Actes de la recherche en sciences sociales*, 106-107, 1995.
 - La distinction : critique sociale du jugement*. Paris : Minuit, 1979.
 - La reproduction*. Paris : Minuit, 1970.
 - Leçon sur la leçon*, Paris : Minuit, 1982.

- Le métier de sociologue*, Paris : Mouton, 1968.
- Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2/3, 1976.
- Méditations Pascaliennes*. Paris : Seuil, 1997.
- O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- Presentation. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, 1, janvier, 1975.
- Questions de Sociologie*. Paris : Minuit, 1980.
- Sociologie de l'Algérie*. Paris : PUF, 1961.
- & Boltanski, Luc; Castel, Robert; Chamboredon, Jean Claude. *Un Art Moyen : essai sur les usages sociaux de la photographie*. 2 ed. Paris : Minuit, 1965.
- & Darbel, Alain; Schnapper, D. *L'amour de l'art*. Paris : Minuit, 1969.
- & Darbel, Alain ; Rivet, J.P.; Seibel, C. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris : Mouton, 1964.
- & Passeron, Jean Claude.
- Les Héritiers*, Paris : Minuit, 1964.
- Les étudiants et leurs études*. Paris : Mouton, 1964.
- Burlandy, Luciene. *Saúde coletiva: Uma trajetória em questão*. 1993. 416 p. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- Burlandy, Luciene e Bodstein, Regina Cele de Andrade. Política e saúde coletiva: reflexão sobre a produção científica (1976-1992). *Cadernos de Saúde Pública*, 14(3): p. 543-54, jul.-set. 1998.
- Campos, Gastão Wagner de Souza. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 5 (2), p. 219-230, 2000.
- Campos, Juan e Miguel, Jesús M. de. Editorial Comment. *Soc. Sci. Med.* Vol. 16, p. 499-503, 1982.
- Canguilhem, George. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

Carvalho, E M F. Os dilemas e desafios da saúde coletiva: andando na vida num contexto *Morte e Vida Severina*. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 5 (2), p. 233-236.

Catani, Afrânio Mendes e Martinez, Paulo H. (org.). *Sete ensaios sobre o Collège de France*, São Paulo: Cortez, 2001.

Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. *As Ciências Sociais na América Latina*. São Paulo: Difel, 1965.

Cerqueira, Eli Diniz et alli. *O que se deve ler em ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1986.

Chenu, Alain. Une Institution sans intention : La sociologie en France depuis l'après-guerre. *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 141-142, mars 2002, p 46-61.

Claus, Lisbeth M. The Development of Medical Sociology in Europe. *Social Science and Medicine*, vol. 17, nº 21, p. 1591-1597, 1983.

Cockerham, William C; Rütten, Alfred; Abel, Thomas. Conceptualizing Contemporary Health Lifestyles: Moving Beyond Weber. *The Sociological Quarterly*, vol. 38, nº 2, p. 321-342, 1997.

Condorcet. *Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de L'esprit Humain*. Paris : Editions Sociales, 1971.

Costa, Nilson do Rosário. Ciencias Sociales y Salud: Consideraciones sobre el nacimiento del campo de la salud colectiva en Brasil. *Cuadernos Médico Sociales*, 62, 1992.

Crane, Diana. The Gatekeepers of Science: Some Factors Affecting the Selection of Articles for Scientific Journals. *The American Sociologist*, vol. 2, nº 4, 1967, p. 195-201.

CRBC, Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain. *Brésil, Le siècle des grandes transformations*. Garcia, Afrânio; Rivron, Vassili et Bouvier, Patrick (org.) In: CAHIERS DU BRESIL CONTEMPORAIN, nº 40 , 2000. Disponível em < <http://www.ehess.fr/centres/crbc/cbc-stat/sommaire.html>>. Acesso em: 25 mar 2001.

Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Cuin, Charles-Henry e Gresle, François. *História da Sociologia*. São Paulo: Ensaio, 1994.

Domingos Sobrinho, Moisés. "Habitus" e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas, p.117. In: Moreira, Antonia Silva Paredes e Oliveira, Denize Cristina de (org.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Editora AB, 1998.

Donnangelo, Maria Cecília e Pereira, Luiz. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, Duas Cidades: 1976.

Dosse, François. *História do Estruturalismo, vol II : O canto do cisne: de 1967 aos nossos dias*. Campinas : Unicamp, 1993-1994.

Durand, Jean-Pierre e Weil, Robert (org.). *Sociologie Contemporaine*. Paris :Vigot, 1989.

Durham, Eunice Ribeiro. A educação no governo de Fernando Henrique Cardoso. *Tempo Social*, vol. 11, nº 2 (outubro), São Paulo, 1999.

Durkheim, Emile. *Durkheim*, Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1984.

Faoro, Raimundo. Aqui Revolução era (e é) outra coisa. In: *A Revolução Francesa: 1789-1989*. IstoÉ/Senhor, São Paulo: Ed Três, 1989.

Fernandes, Florestan. *A Sociologia numa Era de Revolução Social*. 2 ed. (1 ed. data de 1962). Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Ferreira, Antonio Gomes. *Dicionário de Latim Português*. Porto: Porto Editora, 1997.

Foucault, Michel.

-*Naissance de la clinique*, 3 ed. Paris : PUF, 1963.

-*Microfísica do Poder*, 7 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Franco, S; Nunes, E D; Duarte, E; Breilh, J; Granda, E; Yépez, J; Costales, P e Laurell, C. *Debates en Medicina Social*, Quito: OPS, 1991.

Gomes, Sonia Pedrozo & Santos, Maria Aparecida de Lourdes Castro. Avaliação de um periódico na área de medicina tropical. *Ciência da Informação*, Brasília, vol. 30, nº 2, p. 91-100, maio/ago. 2001.

Guareschi, Pedrinho e Jovchelovitch, Sandra (org.). *Textos em representações sociais*. 7 ed., Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

- Habermas, Jürgen. A Nova Intransparência: A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos CEBRAP*, 18, p.103-114, setembro 1987.
- Hallewell, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985.
- Hegenberg, Leônidas. *Doença: um estudo filosófico*, Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- Herzlich, Claudine.
- A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. *PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva*, vol. 1, nº 2, 1991.
 - Sociology of health and illness in France, retrospectively and prospectively. *Soc. Sci. Med.* Vol. 20, nº 2, p. 121-122, 1985.
- Hobsbawm, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil - 1997. Rio de Janeiro: ed. Ministério Planejamento e Orçamento/IBGE, 1997.
- Kant, Immanuel. Prefácio à Segunda Edição. In: *Crítica da Razão Pura*, Kant. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- Kuhn, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Kullberg, Patricia. Social visions and social control: the evolution of medical thought in postwar Hungary. *Int J. of Health Services*, Vol. 16, nº 3, 1986.
- Labra, Maria Eliana. Política e medicina social no Chile: narrativas sobre uma relação difícil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VII (1): p. 23-47, mar. -jun. 2000.
- Lahelma, Eero & Riska, Elianne. The development of medical sociology in Finland. *Soc. Sci. Med.* Vol. 27, nº 3, p 223-229, 1988.
- Loyola, Maria Andréa. *Médicos e Curandeiros: Conflito Social e Saúde*. São Paulo: Difel, 1984.
- Maggie, Yvonne. Relação entre a pós-graduação e a graduação em Ciências Sociais: a discussão de um modelo. In: Bomeny, Helena e Birman, Patrícia (org). *As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

Masterman, M. A natureza de um paradigma. In: Lakatos, I. e Musgrove, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979.

Mauss, Marcel. Les techniques du corps. In : *Sociologie et Anthropologie*. 4 ed., Paris : PUF, 1968. Precedido de : Introduction a l'oeuvre de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss.

Merton, Robert. *Sociologia, Teoria e Estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

Miceli, Sérgio.

-Introdução: A Força do Sentido. In: Bourdieu, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

-O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: IDESP, 1995. Vol 2.

-Uma revolução simbólica. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 de janeiro de 2002. Caderno A3-Opinião, Coluna Tendências/Debates, p. 3.

Miceli, Sérgio (org.).

-A condição do trabalho intelectual. In: Catani, Afrânio Mendes e Martinez, Paulo H. (org.). *Sete ensaios sobre o Collège de France*, São Paulo: Cortez, 2001.

-*O Que ler na ciência social brasileira*. (1970-1995). Vol. 3, Ciência Política. São Paulo: Sumaré, 1999.

-*História das Ciências Sociais no Brasil*, 2 vol. São Paulo : IDESP, 1995.

Minayo, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento*, São Paulo: Hucitec, 1992.

Nisbet, Robert. *História da Idéia de Progresso*. Brasília, DF: UNB, 1985.

Nunes, Everardo Duarte.

-A Doença como processo Social. In: Canesqui, Ana Maria (org.) *Ciências Sociais e Saúde para o ensino Médico*. São Paulo : Hucitec, 2000.

-Saúde Coletiva: história de uma idéia e de um conceito. *Saúde e Sociedade*, 3 (2): p. 5-21, 1994.

-*Sociologia da Saúde*, São Paulo: Hucitec, 1999.

Oliveira, Lúcia Lippi. A Institucionalização do Ensino de Ciências Sociais. In: Bomeny, Helena e Birman, Patrícia (org). *As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

Ortiz, Renato.

-Durkheim: arquiteto e herói fundador. Mimeografado.

-A procura de uma sociologia da prática. In: *Grandes Cientistas Sociais, Pierre Bourdieu*, São Paulo: Ática, 1983.

Paim, Jairnilson S. e Filho, Naomar de Almeida. Saúde Coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? *Rev. Saúde Pública*, 32(4): p.299-316, 1998.

Pais, José. Das regras do método, aos métodos desregrados. *Tempo Social*, Rev. Sociol. USP, 8(1), maio de 1996.

Parsons, T. e Fox, R. Le soin au malade et la famille américaine urbaine. In: Steudler, François. *Sociologie Medicale*. Paris: Armand Colin, 1972.

Pinto, Louis.

-*Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

-Les Affinités Electives : les amis du Nouvel Observateur comme "Groupe Ouvert", *Actes de la Recherche*, nº 36-37, fevereiro-março, 1981.

Ribeiro, Patrícia Tavares. *A instituição do campo científico da Saúde Coletiva no Brasil*. 1991. 190p. Dissertação de mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

Ritzer, George. Sociology: a multiple paradigm science. *The American Sociologist*, vol. 10(3): p. 156-167, 1975.

Sayão, Luís Fernando. Bases de dados: a metáfora da memória científica. *Ciência da Informação*, vol. 25, nº 3, 1996.

Saint, Eric G. Changing Sociology and Politics of Medicine. *The Medical Journal of Australia*, January, 1981, n 1, p 15-18.

Schwartzman, Simon. O lugar das Ciências Sociais no Brasil dos anos 90. In: Bomeny, Helena e Birman, Patrícia (org). *As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

Stepke, Fernando Lolas; Florenzano, Ramón; Gyarmati, Gabriel; Trejo, Carlos (ed.) *Ciencias Sociales Y Medicina: perspectivas latinoamericanas*. Santiago do Chile, 1992.

Steudler, François.

-Le champ de la sociologie Médicale. In: *Sociologie Médicale*, Paris: Armand Colin, 1972.

-The State and Health in France. *Soc. Sci. Med.* Vol. 22, nº 2, p 211-221, 1986.

Straus, Robert. The Nature and Status of Medical Sociology, *American sociological review*, nº 22, p. 200-204, 1957.



ANEXOS

Anexo I

Artigos selecionados da *Actes de la recherche en sciences sociales*

1975

Número 1

Haute couture et haute culture

L'école obligatoire et l'invention de l'enfance anormale. **MUEL-DREYFUS Francine**. p.60-74

1978

Número 24

Le déclassement

La médicalisation de l'échec scolaire. De la pédopsychiatrie à la psychanalyse infantile. **PINELL Patrice & ZAFIROPOULOS Markos**. p.23-49

1979

Número 26-27

Classes d'âge et classes sociales

L'invention du «troisième âge» et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. **LENOIR Remi**. p.57-82

Jeunes agriculteurs et vieux paysans. Crise de la succession et apparition du «troisième âge». **CHAMPAGNE Patrick**. p.83-107

1982

Número 42

Classements scolaires et classement social

Drogues, déclassement et stratégies de disqualification. **ZAFIROPOULOS Markos & PINELL Patrice**. p.61-75

Número 43

Rites et fétiches

Cure des corps et cure des âmes. Les rapports entre les médecines et les religions dans la banlieue de Rio. **LOYOLA Maria Andréa**. p.3-45

Número 47-48

Éducation et philosophie

De la dangerosité au risque. **CASTEL Robert**. p.119-127

1984

Número 52-53

Le travail politique

Une bonne cause. Les Assises des retraités et des personnes âgées. **LENOIR Remi**. p.80-87

Número 54

Le savoir-voir

Le fantôme du médecin de famille. **MUEL-DREYFUS Francine**. p.70-71

Le succès mondain d'une fausse science: la physiognomonie de Johann Kaspar Lavater. **DUMONT Martine**. p.2-30

1985

Número 56

L'antisémitisme

Luttes professionnelles et antisémitisme: chronique de la montée du fascisme dans le corps médical hongrois, 1920-1944. **KOVÁCS Mária M.** p.31-44

Número 60

Images "populaires"

Les musées d'anatomie sur les champs de foire. **PY Christiane & VIDART Cécile.** p.3-10
Croyance populaire et discours savant: «langage du corps» et «communication non verbale». **WINKIN Yves.** p.75-78

Raisonnement et diagnostic: le rôle du discours et de la compréhension clinique en médecine. **CICOUREL Aaron V.** p.79-89

Número 62-63

L'illusion biographique

Le paradis perdu. **PINELL Patrice.** p.100-104

1986

Número 64

De quel droit ?

À propos des «médecines naturelles». **ELZIÈRE Pierre.** p.79-80

La professionnalisation de la psychologie sous le nazisme. **GEUTER Ulfried.** p.81

1987

Número 68

Épidémies, maladies, médecins

Les grandes épidémies et la civilisation des mœurs. **GOUDSBLOM Johan.** p.2-14

L'expérimentation sur l'homme comme pratique et comme représentation. **ISAMBERT François-André.** p.15-30

Médecine de la folie ou folie de médecins. Controverse à propos de la chirurgie sexuelle au XIXe siècle. **SCULL Andrew & FAVREAU Diane.** p.31-44

Fléau moderne et médecine d'avenir: la cancérologie française entre les deux guerres. **PINELL Patrice.** p.45-76

Identité sociale et gestion d'un risque de santé. Les homosexuels face au sida. **POLLAK Michael avec Marie-Ange Schiltz.** p.77-102

Número 69

Pouvoirs d'école-1

À propos de la découverte du virus du sida. Mécanismes de concurrence et de défense dans un conflit scientifique. **HEILBRON Johan & GOUDSMIT Jaap.** p.98-104

1988

Número 74

Recherches sur la recherche

Les transformations de l'élite médicale en France. **WEISZ George.** p.33-46

1994

Número 101-102

L'emprise du journalisme

L'information médicale sous contrainte. À propos du «scandale du sang contaminé».

CHAMPAGNE Patrick avec Dominique Marchetti. p.40-62

Número 104

Le commerce des corps

Bonnes à tout faire et prostituées dans la Hongrie d'ancien régime. **KARADY Victor.** p.3-17

L'industrie du plasma. **ANDERSON Leon & SNOW David A..** p.25-33

Le commerce des monstres. **BODGAN Robert.** p.34-46

Ni patients ni victimes. Pour une ethnographie de la violence politique. **KLEINMAN Arthur & DESJARLAIS Robert.** p.56-63

Mourir en silence. La violence ordinaire d'une ville brésilienne. **SCHEPER-HUGHES Nancy.** p.64-80

Le sida: savoir ordinaire et insécurité. **HAHN Alois, JACOB Rüdiger & EIRMBTER Willy H..** p.81-89

1995

Número 108

Histoire sociale des sciences sociales (2)

L'invention de l'échelle métrique de l'intelligence. **PINELL Patrice.** p.19-35

Número 110

Musique et musiciens

Orphée blessé. L'expérience de la douleur dans le monde professionnel du piano. **ALFORD Robert & SZANTO Andras.** p.56-65

1999

Número 128

Sur la Sexualité

Les significations sociales des actes sexuels. **BOZON Michel.** p.3-23

La femme sans sexualité et l'homme irresponsable. **SPENCER Brenda.** p. 29-33

La sexualité à l'épreuve de la médicalisation: le Viagra. **BAJOS Nathalie et BOZON Michel.** p. 34-37

Cent ans d'hétérosexualité. **GIAMI Alain.** p. 38-45

Une construction coloniale de la sexualité . A propos du multipartenariat hétérosexuel caribéen, **GIRAUD Michel.** p. 46-55

Bonheur dans le ghetto ou bonheur domestique. Enquête sur l'évolution des expériences homosexuelles. **ADAM Philippe.** p. 56 72

Anexo II

ARTIGOS SOBRE SOCIOLOGIA DO CORPO

1977

Número 14

Présentation et représentation du corps

Remarques provisoires sur la perception sociale du corps. **BOURDIEU Pierre avec Monique de Saint Martin**. P.51-54

Les usages sociaux du corps à Bali (Présentation d'Alban Bensa). **BATESON Gregory**. P.3-33

La ritualisation de la féminité. **GOFFMAN Erving**. P.34-50

1989

Número 80

L'espace des sports-2

Corps et âme. Notes ethnographiques d'un apprenti-boxeur. **WACQUANT Loïc J.D.**. p.33-67

1990

Número 83

Masculin/féminin-1

Le corps des femmes : l'intérieur et l'extérieur. **MERLLIÉ Françoise**. P.62-63

Número 104

Le commerce des corps

Le corps et le sacré. **BOURDIEU Pierre**. P.2

Notes de lecture. **WACQUANT Loïc J.D.**. p.47-55

Backstreets. Le marché de la prostitution. **BALAZS Gabrielle**. P.18-24

1999

Número 128

Sur la Sexualité

Lieux de rencontre et backs-rooms. **BUSSCHER Pierre-Olivier de, MENDES-LEITE Rommel et PROTH Bruno**. P. 24-28

Les usages explicites et implicites de la perspective des scripts dans les recherches sur la sexualité. Présentation de **Michel Bozon** et **Alain Giami**. **GAGNON John H.** P. 73-79

Leçons de choses **CHRISTIN Olivier**. P. 80-90

Anexo III
Actes de la recherche en sciences sociales
Lista de artigos por autor
(1975-2001)

A (15)

ABEL Antoine

L'intervention. 1981/38, p.42-48

ACCARDO Alain

Une faillite politique. Entretien avec un militant du PCF. 1993/96-97, p.80-86

ADAM Philippe

Bonheur dans le ghetto ou bonheur domestique? Enquête sur l'évolution des expériences homosexuelles. 1999/128, p.56-72

AGOSTI Giacomo

Les chefs-d'œuvre n'ont pas de prix. L'achat de la galerie Borghèse. 1987/66-67, p.91-94

AGOSTI Giovanni

Vicissitudes récentes de la monographie d'art. Réflexions italiennes (1982-1985). 1987/66-67, p.95-104

AGUILAR Yves

La Chartreuse de Mirande. Le monument historique, produit d'un classement de classe. 1982/42, p.76-85

AGULHON Maurice

Propos sur l'allégorie politique (En réponse à Eric Hobsbawm). 1979/28, p.27-32

ALFORD Robert & SZANTO Andras

Orphée blessé. L'expérience de la douleur dans le monde professionnel du piano. 1995/110, p.56-65

ALGAZI Gadi

Violence, mémoire et pouvoir seigneurial à la fin du Moyen Age. 1994/105, p.26-28

ALLO Eliane

L'émergence des probabilités. 1984/54, p.77-81

Un nouvel art de gouverner: Leibniz et la gestion savante de la société par les assurances. 1984/55, p.33-40

Les dernières paroles du philosophe: dialogue entre Georges Dumézil et Michel Foucault à propos du souci de l'âme. 1986/61, p.83-88

ALPERS Svetlana

L'œil de l'histoire. L'effet cartographique dans la peinture hollandaise au XVII^e siècle. 1983/49, p.71-101

ALVIM Rosilene & LEITE LOPES José Sergio

Familles ouvrières, familles d'ouvrières. 1990/84, p.78-84

ANDERSON Leon & SNOW David A.

L'industrie du plasma. 1994/104, p.25-33

ANDRIEU Jacques

Les journalistes sur la place Tian'anmen: acteurs ou voyeurs? 1994/101-102, p.119-128

ANHEIM Etienne

Culture de cour et science de l'État. 2000/133, p.40-47

B(55)

BAD Maria

Les limites du dicible. 1986/61, p.52-54

BAJOMI Iván & BRUSZT László

À la recherche des clivages occultés. Un conflit universitaire en Hongrie. 1991/86-87, p.58-68

BAJOS Nathalie & BOZON Michel

La sexualité à l'épreuve de la médicalisation: le Viagra. 1999/128, p. 34-37

BALAZS Gabrielle

Les facteurs et les formes de l'expérience du chômage. 1983/50, p.69-83

La réhabilitation. Entretien avec un locataire de HLM. 1991/90, p.76-83

Backstreets. Le marché de la prostitution. 1994/104, p.18-24

BALAZS Gabrielle & FAGUER Jean-Pierre

Jeunes à tout faire et petit patronat en déclin. 1979/26-27, p.49-55

Un conseil de classe très particulier. 1986/62-63, p.115-117

À l'école de l'entreprise. Bac d'entreprise et transformation de l'esprit maison. 1987/69, p.86-92

"Que deviendront-ils?". Les effets sociaux de la caméra. 1991/86-87, p.92-98

Une nouvelle forme de *management*, l'évaluation. 1996/114, p.68-78
BALAZS Gabrielle & PIALOUX Michel
Crise du travail et crise du politique. 1996/114, p.3-4
BALAZS Gabrielle & SAYAD Abdelmalek
La violence de l'institution. Entretien avec le principal d'un collège de Vaulx-en-Velin. 1991/90, p.53-63
BALBASTRE Gilles
Une information précaire. 2000/131-132, p.76-85
BANCAUD Alain
Une "constance mobile": la haute magistrature. 1989/76-77, p.30-48
BANDIER Norbert
Man Ray, les surréalistes et le cinéma des années 20. 1991/88, p.48-60
BARETS Paul
Journal de grève. Notes de terrain. 1996/115, p.3-26
BATESON Gregory
Les usages sociaux du corps à Bali (Présentation d'Alban Bensa). 1977/14, p.3-33
BAUDELOT Christian & CARTIER Marie
La lecture au collège et au lycée: de la foi du charbonnier à une pratique sans croyance. 1998/123, p.25-44
BAXANDALL Michael
L'œil du Quattrocento. 1981/40, p.10-49
BEAUD Stéphane
Les "bacs pro". La "désouvriérisation" du lycée professionnel. 1996/114, p.21-29
BECKER Howard S.
Biographie et mosaïque scientifique. 1986/62-63, p.105-110
BECKETT Katherine & HARDING David
Système pénal et marché du travail aux États-Unis. 1998/124, p.27-33
BENSA Alban
Quand les Canaques prennent la parole. Entretien avec Pierre Bourdieu. 1985/56, p.69-83
BENSON Rodney
La logique du profit dans les médias américains. 2000/131-132, p.107-115
BERTHO Catherine
L'invention de la Bretagne. Genèse social d'un stéréotype. 1980/35, p.45-62
BERTRAND Jean-Pierre *et al.*
Programme de recherche. La médiation des formes. 1989/78, p.105-107
BIAGIOLI Mario
Galilée bricoleur. 1992/94, p.85-105
BIANCO Lucien & CHANG-MING Hua
La population chinoise face à la règle de l'enfant unique. 1989/78, p.31-40
BIDOU-ZACHARIASEN Catherine
De la "maison" au salon. Des rapports entre l'aristocratie et la bourgeoisie dans le roman proustien. 1994/105, p.60-70
BIGGART Nicole W.
Affaires de famille. Les sociétés de vente à domicile aux États-Unis. 1992/94, p.27-40
BILLETER Jean-François
Contribution à une sociologie historique du mandarinat. 1977/15, p.3-29
BODGAN Robert
Le commerce des monstres. 1994/104, p.34-46
BOIGEOL Anne
La formation des magistrats: de l'apprentissage sur le tas à l'école professionnelle. 1989/76-77, p.49-64
BOIME Albert
Les hommes d'affaires et les arts en France au XIX^e siècle. 1979/28, p.57-75
BOLLACK Jean & WISMANN Heinz
Heidegger l'incontournable. 1975/5-6, p.157-161
BOLLACK Jean
Ulysse chez les philologues. 1975/5-6, p.9-35
Note sur l'épisode des Planctes. 1976/2-3, p.173-176
BOLTANSKI Luc

La constitution du champ de la bande dessinée. 1975/01, p.37-59
 Les usages sociaux de l'automobile: concurrence pour l'espace et accidents. 1975/02, p.25-49
 Pouvoir et impuissance: projet intellectuel et sexualité dans le *Journal d'Amiel*. 1975/5-6, p.80-108
 Note sur les échanges philosophiques internationaux. 1975/5-6, p.191-199
 L'encombrement et la maîtrise des "biens sans maître". 1976/1, p.102-109
 Les cadres autodidactes. 1978/22, p.3-23
 Taxinomies sociales et luttes de classes. La mobilisation de "la classe moyenne" et l'invention des "cadres". 1979/29, p.75-105
 L'université, les entreprises et la multiplication des salariés bourgeois (1960-1975). 1980/34, p.17-44
 America, America... Le plan Marshall et l'importation du *management*. 1981/38, p.19-41
 & BOLTANSKI Luc
 Le titre et le poste: rapports entre le système de production et le système de reproduction. 1975/02, p.95-107
 Le fétichisme de la langue. 1975/04, p.2-32
 La critique du discours lettré. 1975/5-6, p.4-8
 La lecture de Marx: quelques remarques critiques à propos de *Quelques remarques critiques à propos de "Lire le Capital"*. 1975/5-6, p.65-79
 L'ontologie politique de Martin Heidegger. 1975/5-6, p.109-156
 Le langage autorisé. Note sur les conditions sociales de l'efficacité du discours rituel. 1975/5-6, p.183-190
 Le sens pratique. 1976/1, p.43-86
 La production de l'idéologie dominante. 1976/2-3, p.4-73
 BOLTANSKI Luc & DARRE Yann et SCHILTZ Marie-Ange
 La dénonciation. 1984/51, p.3-40
 BONELLI Laurent
 Une seconde famille. Un collège d'enseignement privé. 1979/30, p.47-64
 Renseignements généraux et violences urbaines. 2001/136-137, p.95-103
 BONVIN François
 Une seconde famille. Un collège d'enseignement privé. 1979/30, p.47-64
 L'école catholique est-elle encore religieuse? 1982/44-45, p.95-108
 BONVIN François & FAGUER Jean-Pierre
 Une génération d'autodidactes. 2000/134, p.76-84
 BOTZ Gerhard & POLLAK Michael
 Survivre dans un camp de concentration. Entretien avec Margareta Glas-Larsson. 1982/41, p.3-28
 BOUHEDJA Salah, CHRISTIN Rosine et GIVRY Claire
 Un placement de père de famille. La maison individuelle: spécificité du produit et logique du champ de reproduction. 1990/81-82, p.6-33
 BOUHEDJA Salah et GIVRY Claire
 Un contrat sous contrainte. 1990/81-82, p.34-5
 BOURDIEU Marie-Claire
 Goûts de femmes. 1976/5, p.82-88
 BOURDIEU Pierre
 L'invention de la vie d'artiste. 1975/02, p.67-93
 Le champ scientifique. 1976/2-3, p.88-104
 Les modes de domination. 1976/2-3, p.122-132
 Un jeu chinois. Notes pour une critique sociale du jugement. 1976/4, p.91-101
 La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques. 1977/13, p.3-43
 Remarques provisoires sur la perception sociale du corps. 1977/14, p.51-54
 Questions de politique. 1977/16, p.55-89
 Une classe objet. 1977/17-18, p.2-5
 Sur l'objectivation participante. Réponses à quelques objections. 1978/23, p.67-69
 Classement, déclassement, reclassement. 1978/24, p.2-22
 Les trois états du capital culturel. 1979/30, p.3-6
 Le capital social. 1980/31, p.2-3
 Lettre à Paolo Fossati à propos de la *Storia dell'arte italiana*. 1980/31, p.90-92
 Le mort saisit le vif. 1980/32-33, p.3-14
 Le Nord et le Midi: contribution à une analyse de l'effet Montesquieu. 1980/35, p.21-25
 L'identité et la représentation. Éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région. 1980/35, p.63-72

La représentation politique. Éléments pour une théorie du champ politique. 1981/36-37, p.3-24
 Décrire et prescrire. Note sur les conditions de possibilité et les limites de l'efficacité politique. 1981/38, p.69-73
 Épreuve scolaire et consécration sociale. Les classes préparatoires aux Grandes écoles. 1981/39, p.3-70
 Les rites d'institution. 1982/43, p.58-63
 Vous avez dit "populaire"? 1983/46, p.98-105
 Les sciences sociales et la philosophie. 1983/47-48, p.45-52
 Espace social et genèse des "classes". 1984/52-53, p.3-14
 La délégation et le fétichisme politique. 1984/52-53, p.49-55
 Le hit-parade des intellectuels français ou qui sera juge de la légitimité des juges? 1984/52-53, p.95-100
 Effet de champ et effet de corps. 1985/59, p.73
 La science et l'actualité. 1986/61, p.2-3
 L'*illusion* biographique. 1986/62-63, p.69-72
 La force du droit. Éléments pour une sociologie du champ juridique. 1986/64, p.3-19
Habitus, code et codification. 1986/64, p.40-44
 Variants et invariants. Éléments pour une histoire structurale du champ des Grandes écoles 1987/70, p.3-30
 Penser la politique. 1988/71-72, p.2-3
 Un signe des temps. 1990/81-82, p.2-5
 Droit et passe-droit. Le champ des pouvoirs territoriaux et la mise en œuvre des règlements 1990/81-82, p.86-96
 La domination masculine. 1990/84, p.2-31
 Le champ littéraire. 1991/89, p.3-46
 Introduction à la socioanalyse. 1991/90, p.3-5
 L'ordre des choses. Entretien avec deux jeunes gens du nord de la France. 1991/90, p.7-19
 Une vie perdue. Entretien avec deux agriculteurs béarnais. 1991/90, p.29-36
 Une mission impossible. Entretien avec Pascale Raymond, chef de projet dans le nord de la France. 1991/90, p.84-94
 L'école et la cité. 1992/91-92, p.86-96
 Hommage à Michael Pollak. 1992/94, p.106-107
 Esprits d'État. Genèse et structure du champ bureaucratique. 1993/96-97, p.49-62
 À propos de la famille comme catégorie réalisée. 1993/100, p.32-36
 L'emprise du journalisme. 1994/101-102, p.3-9
Libé vingt ans après. 1994/101-102, p.39
 Les Jeux olympiques. Programme pour une analyse. 1994/103, p.102-103
 Le corps et le sacré. 1994/104, p.2
 Stratégies de reproduction et modes de domination. 1994/105, p.3-12
 Piété religieuse et dévotion artistique. Fidèles et amateurs d'art à Santa Maria Novella. 1994/105, p.71-74
 La cause de la science. 1995/106-107, p.3-10
 Deux séminaires (Paris-Göttingen). 1995/106-107, p.101-107
 Sur les rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France (entretien avec Lutz Raphael). 1995/106-107, p.108-122
 Des familles sans nom. 1996/113, p.3-5
 La double vérité du travail. 1996/114, p.89-90
 De la maison du roi à la raison d'État. Un modèle de la genèse du champ bureaucratique 1997/118, p.55-68
 Le champ économique. 1997/119, p.48-66
 Une révolution conservatrice dans l'édition. 1999/126-127, p.3-28
 L'inconscient d'école. 2000/135, p.3-5

BOURDIEU Pierre & BOLTANSKI Luc

Le titre et le poste: rapports entre le système de production et le système de reproduction. 1975/02, p.95-107
 Le fétichisme de la langue. 1975/04, p.2-32
 La critique du discours lettré. 1975/5-6, p.4-8
 La lecture de Marx: quelques remarques critiques à propos de *Quelques remarques critiques à propos de "Lire le Capital"*. 1975/5-6, p.65-79
 L'ontologie politique de Martin Heidegger. 1975/5-6, p.109-156
 Le langage autorisé. Note sur les conditions sociales de l'efficacité du discours rituel. 1975/5-6, p.183-190

Le sens pratique. 1976/1, p.43-86
 La production de l'idéologie dominante. 1976/2-3, p.4-73
 BOURDIEU Pierre, BOUHEDJA Salah et GIVRY Claire
 Un contrat sous contrainte. 1990/81-82, p.34-5
 BOURDIEU Pierre, BOUHEDJA Salah, CHRISTIN Rosine et GIVRY Claire
 Un placement de père de famille. La maison individuelle: spécificité du produit et logique du champ de reproduction. 1990/81-82, p.6-33
 BOURDIEU Pierre et BOUVERESSE Jacques
 L'actualité de Karl Kraus. 2000/131-132, p.119-126
 BOURDIEU Pierre & CHAMPAGNE Patrick
 Les exclus de l'intérieur. 1992/91-92, p.71-75
 BOURDIEU Pierre, CHRISTIN Olivier & WILL Pierre-Etienne
 Sur la science de l'Etat. 2000/133, p.3-12
 BOURDIEU Pierre & CHRISTIN Rosine
 La construction du marché. Le champ administratif et la production de la "politique du logement". 1990/81-82, p.65-85
 BOURDIEU Pierre & DELSAUT Yvette
 Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie. 1975/01, p.7-36
 Pour une sociologie de la perception. 1981/40, p.3-9
 BOURDIEU Pierre & SAINT-MARTIN Monique de
 Les catégories de l'entendement professoral. 1975/03, p.68-93
 Anatomie du goût. 1976/5, p.2-112
 Le patronat. 1978/20-21, p.3-82
 La sainte famille. L'épiscopat français dans le champ du pouvoir. 1982/44-45, p.2-53
 Agrégation et ségrégation. Le champ des Grandes écoles et le champ du pouvoir. 1987/69, p.2-50
 Le sens de la propriété. La genèse sociale des systèmes de préférences. 1990/81-82, p.52-64
 BOURDIEU Pierre & WACQUANT Loïc
 Sur les ruses de la raison impérialiste. 1998/121-122, p.109-118
 BOURGOIS Philippe
Homeless in El Barrio. La vie d'un *dealer* portoricain de Harlem. 1992/93, p.59-68
 Une nuit dans une *shooting gallery*. Enquête sur le commerce de la drogue à East Harlem 1992/94, p.59-78
 La mobilisation ethnique 1993/99, p.53-64
 Résistance et autodestruction dans l'apartheid américain. 1998/120, p.60-68
 BOURGON Jérôme
 "Sauver la vie". 2000/133, p.32-39
 & BOURMAUD Pascale
 Les sciences sociales en Espagne. 1990/83, p.67-68
 & BOUSSARD Bruno
 "Comment vous-êtes vous connus?" (2). Code patent, code latent. 1987/70, p.87-92
 BOUVERESSE Jacques
 L'animal cérémoniel: Wittgenstein et l'anthropologie. 1977/16, p.43-54
 BOUVERESSE Jacques et BOURDIEU Pierre
 L'actualité de Karl Kraus. 2000/131-132, p.119-126
 BOZON Michel
 Les significations sociales des actes sexuels. 1999/128, p.3-23
 & BOZON Michel
 La sexualité à l'épreuve de la médicalisation: le Viagra. 1999/128, p. 34-37
 BRENNEIS Donald
 À propos des *Research Proposals*. 1988/74, p.82
 & BREUER Heinrich Th.
 SV Sodingen: le dernier club de banlieue. Le football ouvrier dans la Ruhr. 1994/103, p.52-55
 BRESLAU Daniel
 Robert Park et l'écologie humaine. 1988/74, p.55-63
 L'école de Chicago existe-t-elle? 1988/74, p.64-65
 La science, le sexisme et l'École de Chicago. 1990/85, p.94-95
 BRIAN Éric

Citoyens américain, encore un effort si vous voulez être républicains. 2001/138, p. 47-55
 BRIAN Éric & JAISSE Marie
 Unités et identités. Notes sur l'accumulation scientifique. 1988/74, p.66-75
 BRIAND Jean-Pierre & CHAPOULIE Jean-Michel
 L'enseignement primaire supérieur des garçons en France, 1918-1942. 1981/39, p.87-111
 BRINT Steven & KARABEL Jérôme
 Les *community colleges* américains et la politique de l'inégalité. 1991/86-87, p.69-84
 BROCHIER Christophe
 Un paradis perdu. 1992/91-92, p.76-85
 Des jeunes corvéables. L'organisation du travail et la gestion du personnel dans un fast-food. 2001/138, p.73-84
 BROCCOLICHI Sylvain
 Des jeunes corvéables. L'organisation du travail et la gestion du personnel dans un *fast-food*. 2001/138, p.
 BROMBERGER Christian & MARIOTTINI Jean-Marc
 Le rouge et le noir; un derby turinois. 1994/103, p.79-89
 BRUBAKER Rogers
 L'éclatement des peuples à la chute des empires. Approche historique et comparative. 1993/98, p.3-19
 De l'immigré au citoyen. Comment le *jus soli* s'est imposé en France à la fin du XIX^e siècle. 1993/99, p.3-25
 & BRUSZT László
 À la recherche des clivages occultés. Un conflit universitaire en Hongrie. 1991/86-87, p.58-68
 BRUXELLES S., DUCROT O., FOUQUIER E, GOUAZE J., REIS NUNES G. dos et REMIS A.
 Mais occupe-toi d'Amélie. 1976/6, p.47-62
 BRYANT Christopher G.A.
 Le positivisme instrumental dans la sociologie américaine. 1989/78, p.64-74
 BURAWOY Michael
 Peindre le socialisme. 1988/75, p.75-82
Making nonsense of Marx: le marxisme revu par l'individualisme méthodologique. 1989/78, p.61-63
 BUSSCHER (de) Pierre-Olivier, MENDES-LEITE Rommel et PROTH Bruno
 Lieux de rencontre et back-rooms. 1999/128, p. 24-28
 C(33)
 CALHOUN Craig
 Pour rendre le capitalisme respectable. 1989/78, p.75-78
 Quelques réflexions sur une révolution. Champ intellectuel, champ du pouvoir et "démocratie" en Chine. 1992/95, p.26-36
 & CALHOUN Craig Jackson
 Intérêt, rationalité et culture : à propos d'un récent débat sur la théorie de l'action. 1989/78, p.41-60
 CAM Pierre
 Juges rouges et droit du travail. 1978/19, p.2-27
 CARLOTTI François
In memoriam. 1986/62-63, p.111-114
 & CARTIER Marie
 La lecture au collège et au lycée: de la foi du charbonnier à une pratique sans croyance. 1998/123, p.25-44
 CASTEL Robert
 La "guerre à la pauvreté" aux États-Unis: le statut de l'indigence dans une société d'abondance. 1978/19, p.47-60
 De la dangerosité au risque. 1983/47-48, p.119-127
 CASTELNUOVO Enrico
 L'histoire sociale de l'art. Un bilan provisoire. 1976/6, p.63-75
 CASTELNUOVO Enrico & GINZBURG Carlo
 Domination symbolique et géographie artistique dans l'histoire de l'art italien 1981/40, p.51-72
 CENTLIVRES Pierre & Micheline
 Et si on parlait de l'Afghanistan? Entretien avec Pierre Bourdieu. 1980/34, p.2-16
 CEZARD Michel, GOLLAC Michel & ROUGERIE Catherine
 L'ordinateur outil de travail et bien culturel. 2000/134, p. 22-29
 CHALMERS Martin
 Les écrivains allemands en Grande-Bretagne. 1999/130, p 81-85

CHAMBOREDON Jean-Claude

Sociologie de la sociologie et intérêts sociaux des sociologues. 1975/02, p.2-20

Marché de la littérature et stratégies intellectuelles dans le champ littéraire 1975/04, p.41-43

La restauration de la mort. Objets scientifiques et phantasmes sociaux. 1976/2-3, p.78-87

Peinture des rapports sociaux et invention de l'éternel paysan: les deux manières de Jean-François Millet. 1977/17-18, p.6-28

CHAMBOREDON Jean-Claude & FABIANI Jean-Louis

Les albums pour enfants. Le champ de l'édition et les définitions sociales de l'enfance. 1977/13-14, p.60-79, 55-74

& CHANG-MING Hua

La population chinoise face à la règle de l'enfant unique. 1989/78, p.31-40

CHAMPAGNE Patrick

Les paysans à la plage. 1975/02, p.21-24

La restructuration de l'espace villageois. 1975/03, p.43-67

La fête au village. 1977/17-18, p.73-84

Jeunes agriculteurs et vieux paysans. Crise de la succession et apparition du "troisième âge". 1979/26-27, p.83-107

La manifestation. La production de l'événement politique. 1984/52-53, p.18-41

La reproduction de l'identité. 1986/65, p.41-64

Capital culturel et patrimoine économique. Le cas de l'agriculture bressane. 1987/69, p.51-66

Le cercle politique. Usages sociaux des sondages et nouvel espace politique. 1988/71-72, p.71-97

L'heure de vérité: une émission politique très "représentative". 1988/71-72, p.98-101

Notes sur quelques développements récents de la sociologie en Union soviétique. 1990/83, p.68-72

La construction médiatique des "malaises sociaux". 1991/90, p.64-75

La loi des grands nombres. Mesure de l'audience et représentation politique du public. De la doxa à l'orthodoxie politologique. 1994/101-102, p.10-24

avec Dominique Marchetti. L'information médicale sous contrainte. À propos du "scandale du sang contaminé". 1994/101-102, p.40-62

Les sondages, le vote et la démocratie. 1995/109, p.73-92

Le médiateur entre deux *Monde*. 2000/131-132, p.8-29

& CHAMPAGNE Patrick

Les exclus de l'intérieur. 1992/91-92, p.71-75

CHAPOULIE Jean-Michel

La compétence pédagogique des professeurs comme enjeu de conflits. 1979/30, p.65-85

& L'enseignement primaire supérieur des garçons en France, 1918-1942. 1981/39, p.87-11

CHARLE Christophe

L'expansion et la crise de la production littéraire (2^e moitié du XIX^e siècle). 1975/04, p.44-65

Situation sociale et position spatiale. Essai de géographie sociale du champ littéraire à la fin du XIX^e siècle. 1977/13, p.45-59

Les milieux d'affaires dans la structure de la classe dominante vers 1900. 1978/20-21, p.83-96

Région et conscience régionale en France. 1980/35, p.37-43

Naissance d'un grand corps. L'Inspection des finances à la fin du XIX^e siècle. 1982/42, p.3-17

Le champ universitaire parisien à la fin du XIX^e siècle. 1983/47-48, p.77-89

Le beau mariage d'Emile Durkheim. 1984/55, p.45-49

Pour une histoire sociale des professions juridiques à l'époque contemporaine. Note pour une recherche. 1989/76-77, p.117-119

Savoir durer: la nationalisation de l'École libre des sciences politiques, 1936-1945. 1991/86-87, p.99-105

France et Allemagne. Deux histoires contrastées. 1992/93, p.69-74

État et magistrats. Les origines d'une crise prolongée. 1993/96-97, p.39-48

Intellectuels, *Bildungsbürgertum* et *professions* au XIX^e siècle. 1995/106-107, p.85-95

Légitimités en péril. Éléments pour une histoire comparée des élites et de l'État en France et en Europe occidentale (XIX^e-XX^e siècles). 1997/116-117, p.39-52

Des sciences pour un empire culturel. 2000/133, p.89-95

CHARTIER Roger

Science sociale et découpage régional. Note sur deux débats (1820-1920). 1980/35, p.27-36

CHAUNCEY George

Gay New York. 1998/125, p.9-14
 CHRISTIE Nils
 Éléments de géographie pénale. 1998/124, p.68-74
 CHRISTIN Olivier
 Iconographie de l'iconoclasme. À propos de la mutilation du portail de la cathédrale de Bourges (1562). 1988/75, p.50-53
 L'État moderne et la guerre (1550-1750). 1993/96-97, p.63-66
 Le May des orfèvres. Contribution à l'histoire de la genèse du sentiment esthétique. 1994/105, p.75-90
 Sortir des guerres de Religion. L'autonomisation de la raison politique au milieu du XVI^e siècle. 1997/116-117, p.24-38
 Leçons de choses. 1999/128, p.80-90
 La formation étatique de l'espace savant. 2000/133, p.53-61
 CHRISTIN Olivier, BOURDIEU Pierre & WILL Pierre-Etienne
 Sur la science de l'Etat. 2000/133, p.3-12
 & CHRISTIN Rosine
 La construction du marché. Le champ administratif et la production de la "politique du logement". 1990/81-82, p.65-85
 CHRISTIN Rosine
 Travail de nuit. Entretien avec Danielle G., employée dans un centre de tri postal à Paris. 1991/90, p.20-28
 Première génération. Entretiens avec un professeur de lettres d'un collège de la banlieue parisienne. 1991/90, p.37-52
 CHRISTIN Rosine et GIVRY Claire
 Un placement de père de famille. La maison individuelle: spécificité du produit et logique du champ de reproduction. 1990/81-82, p.6-33
 CICOUREL Aaron V.
 Raisonnement et diagnostic: le rôle du discours et de la compréhension clinique en médecine. 1985/60, p.79-89
 CLARK William
 Parades académiques .Contribution à l'économie politique des Livrets universitaires. 2000/135, p.6-24
 CLAWSON Dan
Politics is money. 2000/138, p. 34-46
 COHEN Yves
 L'invention des techniciens sociaux. Du commandement social après juin 1936 chez Peugeot. 1996/114, p.30-43
 COLLIOT-THÉLÈNE Catherine
 Le matérialisme historique a aussi une histoire 1984/55, p.15-21
 COLLOVALD Annie
 Identité(s) stratégique(s). 1988/73, p.29-40
 Les désordres sociaux et la violence urbaine. 2001/136-137, p.104-114
 COMAROFF John L. & Jean
 Le fou et le migrant. Travail et peine dans la conscience historique d'un peuple sud-africain. 1992/94, p.41-58
 COMBESSIE Jean-Claude
 Marché du travail et dynamique des valeurs. La cueillette du coton en Andalousie. 1982/41, p.73-85
 COOKSON Peter W. & PERSELL Caroline H.
 Pensionnats d'élite. Ethnographie d'une transmission de pouvoir.2001/138, p. 56-65
 COOPER-RICHET Diana
 La librairie étrangère à Paris au XIX^e siècle. Un milieu perméable aux innovations et aux transferts. 1999/126-127, p.60-69
 & COROUGE Christian
 Chronique Peugeot. 1984/52-53, 54, p.88-95, 57-69. 1985/57-58, 60, p.108-128, 72-74
 & COUSQUER Jean-Yves
 Mariage et relations familiales dans l'aristocratie rurale: deux entretiens. 1980/31, p.22-34
 COUTANT Isabelle
Statu quo autour d'un squat. 2001/136-137, p.27-37
 CUCHE Denys

Traditions populaires ou traditions élitistes? Rites d'initiation et rites de distinction dans les Écoles d'arts et métiers. 1985/60, p.57-67

D(29)

DALAI Marisa & MULAZZANI Germano
L'espace impossible de Bramante. Étude sur le cycle des hommes d'armes. 1978/23, p.37-50

DAMAMME Dominique
Genèse sociale d'une institution scolaire. L'École libre des sciences politiques. 1987/70, p.31-46

DANNEPOND Geneviève
Pratique pédagogique et classes sociales. Étude comparée de trois écoles maternelles. 1979/30, p.31-45

DARNTON Robert
Dialogue à propos de l'histoire culturelle. Entretien avec Pierre Bourdieu et Roger Chartier. 1985/59, p.86-93
"La France, ton café fout le camp!". De l'histoire du livre à l'histoire de la communication. 1993/100, p.16-26

& DARRE Yann et SCHILTZ Marie-Ange
La dénonciation. 1984/51, p.3-40

DASSA Sami & MAILLARD Dominique
Exigences de qualité et nouvelles formes d'aliénation. 1996/115, p.27-37

DAVID Jean-Michel
Eloquentia popularis et urbanitas. Les orateurs originaires des villes italiennes à Rome à la fin de la République. 1985/60, p.68-71

DEFRANCE Jacques
Esquisse d'une histoire sociale de la gymnastique (1760-1870). 1976/6, p.22-46
"Donner" la parole. La construction d'une relation d'échange. 1988/73, p.52-66
Un schisme sportif: clivages structurels, scissions et oppositions dans les sports athlétiques, 1960-1980. 1989/79, p.76-91
Une approche anthropologique du sport olympique par John Mac Aloon. 1989/80, p.74-75

DELL William
St Dominic's: an ethnographic note on a Cambridge College. 1987/70, p.74-78

DELSAUT Yvette
L'économie du langage populaire. 1975/04, p.33-40
Le double mariage de Jean Céliste. 1976/4, p.3-20
À propos d'un syndicalisme exemplaire. 1986/61, p.4-6
Carnets de socioanalyse-1. L'inforjetable. 1988/74, p.83-88
Carnets de socioanalyse-2. Une photo de classe. 1988/75, p.83-96

& DELSAUT Yvette
Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie. 1975/01, p.7-36
Pour une sociologie de la perception. 1981/40, p.3-9

DE NORA Tia
Beethoven et l'invention du génie. 1995/110, p.36-45

DENIS Vincent
Entre police et démographie. 2000/133, p.72-78

& DESJARLAIS Robert
Ni patients ni victimes. Pour une ethnographie de la violence politique. 1994/104, p.56-63

DESROSIÈRES Alain
Marché matrimonial et structure des classes sociales. 1978/20-21, p.97-107

DEZALAY Yves
Le droit des faillites: du notable à l'expert. La restructuration du champ des professionnels de la restructuration des entreprises. 1989/76-77, p.2-29
Multinationales de l'expertise et "dépérissement de l'État". 1993/96-97, p.3-20

DEZALAY Yves & GARTH Bryant
Le "*Washington Consensus*". Contribution à une sociologie de l'hégémonie du néolibéralisme. 1998/121-122, p.3-22
Droits de l'homme et philanthropie hégémonique. 1998/121-122, p.23-41

DEZALAY Yves, SARAT Austin & SILBEY Susan
D'une démarche contestataire à un savoir méritocratique: éléments pour une histoire sociale de la sociologie juridique américaine. 1989/78, p.79

DINI Vittorio
 Maradona, héros napolitain. 1994/103, p.75-78

DIRKX Paul
 La presse littéraire parisienne et les "amis belges" (1944-1960). 1996/111-112, p.110-121
 Les obstacles à la recherche sur les stratégies éditoriales. 1999/126-127, p.70-74

DUBOIS Jacques
 Naissance du récit policier. 1985/60, p.47-55

DUBUISSON Daniel
 L'ésotérisme fascisant de Mircea Eliade. 1995/106-107, p.42-51

DUCROT O., FOUQUIER E, GOUAZE J., REIS NUNES G. dos et REMIS A.
Mais occupe-toi d'Amélie. 1976/6, p.47-62

DUHAMELLE Christophe
 L'héritage collectif. Vocation, patrimoine et famille dans la noblesse rhénane aux XVII^e et XVIII^e siècles. 1994/105, p.37-45

DUMAZEDIER Joffre
 À propos de l'étude de Michael Pollak sur "Paul Lazarsfeld, fondateur d'une multinationale scientifique". 1984/55, p.49-53

DUMONT Martine
 À propos d'une expérience fétichiste de l'échec scolaire à Brazzaville. 1982/43, p.47-57
 Le succès mondain d'une fausse science: la physiognomonie de Johann Kaspar Lavater. 1984/54, p.2-30

DUNNING Eric & SHEARD Kenneth
 La séparation des deux rugbys. 1989/79, p.92-107

DURAND José Carlos
 Négociation politique et rénovation de l'architecture: Le Corbusier au Brésil. 1991/88, p.61-77

DURAND Pascal et WINKIN Yves
 Des éditeurs sans édition. Genèse et structure de l'espace éditorial en Belgique francophone. 1999/130, p 48-65

DUROY Lionel
 Embauché dans une usine. 1996/115, p.38-47

DUSTER Troy & WELLMAN David
 Le fantôme de Frantz Fanon. 1988/71-72, p.135-136

DUVAL Julien
 Concessions et conversions à l'économie. 2000/131-132, p.56-75

E(6)
 & EIRMBTER Willy H.
 Le sida: savoir ordinaire et insécurité. 1994/104, p.81-89

ELIAS Norbert
 Sport et violence. 1976/6, p.2-21
 Remarques sur le commérage. 1985/60, p.23-29

ELZIÈRE Pierre
 À propos des "médecines naturelles". 1986/64, p.79-80

ENCREVÉ Pierre
 La liaison sans enchaînement. 1983/46, p.39-66
 Fils de pasteur ou enfants de pasteur(s)? 1986/62-63, p.81-82
 "C'est Reagan qui a coulé le billet vert". La dérivation généralisée. 1988/71-72, p.108-128

ENCREVÉ Pierre & FORNEL Michel
 Le sens en pratique. Construction de la référence et structure sociale de l'interaction dans le couple question/réponse. 1983/46, p.3-30

ENGBERSEN Godfried
 Sans-papiers. Les stratégies de séjour des immigrés clandestins. 1999/129, p.26-38

ERÖS Jerenc, KOVÁCS András & LÉVAI Katalin
 "Comment j'en suis arrivé à apprendre que j'étais juif". 1985/56, p.63-68

F(21)
 & FABBRI Paolo
 La rhétorique de la science. Pouvoir et devoir dans un article de science exacte. 1977/13, p.81-95

FABIANI Jean-Louis

Introduction à l'œuvre de Francis D. Klingender. 1978/23, p.19-22

Les programmes, les hommes et les œuvres. Professeurs de philosophie en classe et en ville au tournant du siècle. 1983/47-48, p.3-20

L'opposition à la chasse et l'affrontement des représentations de la nature. 1984/54, p.81-84

Savants appliqués: l'agriculture et ses sciences aux États-Unis. 1986/64, p.84-85

La télé au pays. Production locale des images et représentation politique. 1988/71-72, p.102-107

& FABIANI Jean-Louis

Les albums pour enfants. Le champ de l'édition et les définitions sociales de l'enfance. 1977/13-14, p.60-79, 55-74

FACH Wolfgang

Le dilemme puritain. Crise de la famille et démission de l'État. 1996/113, p.56-62

FAGUER Jean-Pierre

Le baccalauréat E et le mythe du technicien. 1983/50, p.85-96

Les effets d'une "éducation totale". Un collège jésuite, 1960. 1991/86-87, p.25-43

FAGUER Jean-Pierre & BONVIN François

Une génération d'autodidactes. 2000/134, p.76-84

& FAGUER Jean-Pierre

L'invention du style brésilien. Sport, journalisme et politique au Brésil. 1994/103, p.27-35

& FAGUER Jean-Pierre

Jeunes à tout faire et petit patronat en déclin. 1979/26-27, p.49-55

Un conseil de classe très particulier. 1986/62-63, p.115-117

À l'école de l'entreprise. Bac d'entreprise et transformation de l'esprit maison. 1987/69, p.86-92

"Que deviendront-ils?". Les effets sociaux de la caméra. 1991/86-87, p.92-98

Une nouvelle forme de *management*, l'évaluation. 1996/114, p.68-78

Une génération d'autodidactes. 2000/134, p.76-84

FANTASIA Rick

Dictature *sur* le prolétariat Stratégies de répression aux États-Unis. 2001/138, p.3-18

FASSIN Éric

Politiques de l'histoire: *Gay New York* et l'historiographie homosexuelle aux États-Unis. 1998/125, p.3-8

Homosexualité et mariage aux États-Unis. Histoire d'une polémique. 1998/125, p.63-73

FAUCONNIER Gilles

Comment contrôler la vérité. Remarques illustrées par des assertions dangereuses et pernicieuses en tout genre. 1979/25, p.3-22

FAURE Jean-Michel

Les "fouteux" de Voutré. 1989/80, p.68-73

FAURE Jean-Michel & SUAUD Charles

Les enjeux du football. 1994/103, p.3-6

Un professionnalisme inachevé. Deux états du champ du football professionnel en France, 1963-1993. 1994/103, p.7-26

& FAVREAU Diane

Médecine de la folie ou folie de médecins. Controverse à propos de la chirurgie sexuelle au XIX^e siècle. 1987/68, p.31-44

FITZPATRICK Sheila

L'usage bolchevique de la "classe". Marxisme et construction de l'identité individuelle. 1990/85, p.70-80

FLAIG Egon

Repenser le politique dans la République romaine. 1994/105, p.13-25

FLIGSTEIN Neil

Rhétorique et réalités de la "mondialisation". 1997/119, p.36-47

FONTAINE Laurence

Ceux qui partent et ceux qui restent. Les pratiques successorales dans l'Oisans. 1994/105, p.29-36

FORNEL Michel de

Légitimité et actes de langage. 1983/46, p.31-38

& FORNEL Michel de

Le sens en pratique. Construction de la référence et structure sociale de l'interaction dans le couple question/réponse. 1983/46, p.3-30
 & FOSSÉ-POLIAK Claude
 Les loubards. 1983/50, p.49-67
 Les usages sociaux de la lecture. 1998/123, p.3-24
 FOUQUIER E, GOUAZE J., REIS NUNES G. dos et REMIS A.
Mais occupe-toi d'Amélie. 1976/6, p.47-62
 FOURNIER Marcel
 Marcel Mauss et Heidegger. Une lettre inédite de Marcel Mauss à Roger Caillois du 22 juin 1938. 1990/84, p.87
 FOURNIER Marcel, GINGRAS Yves & MATHURIN Creutzer
 L'évaluation par les pairs et la définition légitime de la recherche. 1988/74, p.47-54
 FOURNIER Pierre
 Deux regards sur le travail ouvrier. À propos de Roy et Burawoy, 1945-1975. 1996/115, p.80-93
 FRANÇOIS Étienne
 L'histoire en Allemagne après la chute du mur. 1995/106-107, p.96-100
 FREEMAN Richard B.
 Le modèle économique américain à l'épreuve de la comparaison. 1998/124, p.36-48
 FRIDENSON Patrick
 Les ouvriers de l'automobile et le sport. 1989/79, p.50-62
 FULCHER Jane F.
 Style musical et enjeux politiques en France à la veille de la Seconde Guerre mondiale. 1995/110, p.22-35
G(40)
 GAGNON John H.
 Les usages explicites et implicites de la perspective des scripts dans les recherches sur la sexualité. *Présentation de Michel Bozon et Alain Giami.* 1999/128, p.73-79
 GAMBONI Dario
 Méprises et mépris. Éléments pour une étude de l'iconoclasme contemporain. 1983/49, p.2-28
 Odilon Redon et ses critiques. Une lutte pour la production de la valeur. 1987/66-67, p.25-34
 GANTENBEIN Max
 Un métier de rêve: regards dans les coulisses du métier de consultant. 1993/98, p.69-80
 GARCIA Afranio Jr
 Libres et assujettis: la transition des travailleurs dépendants aux travailleurs libres dans le Nord-Est du Brésil. 1986/65, p.14-40
 Les intellectuels et la conscience nationale au Brésil. 1993/98, p.20-33
 La construction interrompue. Celso Furtado, la guerre froide et le développement du Nordeste. 1998/121-122, p.52-61
 GARCIA Marie-France
 La construction sociale d'un marché parfait: le marché au cadran de Fontaines-en-Sologne. 1986/65, p.2-13
 GARCIA Sandrine
 La fraude forcée. 1997/118, p.81-91
 GARLAND David
 Les contradictions de la "société punitive": le cas britannique. 1998/124, p.49-67
 GARRIGOU Alain
 Le secret de l'isoloir. 1988/71-72, p.22-45
 L'initiation d'un initiateur: André Siegfried. 1995/106-107, p.27-41
 & GARTH Bryant
 Le "*Washington Consensus*". Contribution à une sociologie de l'hégémonie du néolibéralisme. 1998/121-122, p.3-22
 Droits de l'homme et philanthropie hégémonique. 1998/121-122, p.23-41
 GAXIE Daniel
 Au-delà des apparences... Sur quelques problèmes de mesure des opinions. 1990/81-82, p.97-112
 GEAY Bertrand
 Espace social et "coordinations". Le mouvement des instituteurs de l'hiver 1987. 1991/86-87, p.2-24
 GEBAUER Gunter

Le nouveau nationalisme sportif. 1994/103, p.104-107
 GEBAUER Gunter & WULF Christoph
 Les jeux de la violence. 1989/79, p.63-75
 GENET Jean-Philippe
 La genèse de l'État moderne: enjeux et bilan d'un programme de recherche. 1997/118, p.3-18
 GERLACH Markus & SCHALKE Claudia
 Le paysage éditorial allemand. 1999/130, p. 29-47
 GERNET Jacques
 Le changeant et l'immuable. Quelques réflexions à propos de la Chine. 1993/100, p.27-31
 Le pouvoir d'État en Chine. 1997/118, p.19-27
 GEUTER Ulfried
 La professionnalisation de la psychologie sous le nazisme. 1986/64, p.81
 GHEORGHIU Mihai Dinu
 "La sociologie roumaine contemporaine". 1984/55, p.68-70
 Les intellectuels et la dictature. 1990/85, p.38-53
 La construction littéraire d'une identité nationale. Le cas de l'écrivain roumain Liviu Rebreanu (1885-1944). 1993/98, p.34-44
 GIAMI Alain
 Cent ans d'hétérosexualité. 1999/128, p.38-45
 GIERL Martin
 De la croyance religieuse à la croyance scientifique. 1998/123, p.86-94
 GIET Sylvette
 20 ans d'amour en couverture. 1985/60, p.17-22
 GINGRAS Yves
 Un air de radicalisme. Sur quelques tendances récentes en sociologie de la science et de la technologie. 1995/108, p.3-17
 GINGRAS Yves & MATHURIN Creutzer
 L'évaluation par les pairs et la définition légitime de la recherche. 1988/74, p.47
 & GINZBURG Carlo
 Domination symbolique et géographie artistique dans l'histoire de l'art italien 1981/40, p.51-72
 GINSBURG Faye D.
 La représentation de la fonction maternelle (*nurturance*) dans les mouvements féministes américains. 1990/84, p.49-56
 GIRAUD Michel.
 Une construction coloniale de la sexualité . A propos du multipartenariat hétérosexuel caribéen, 1999/128, p.46-55
 GISLER Dany
 Corps, langage, politique. Une expérience d'alphabetisation en Guadeloupe. 1980/32-33, p.105-110
 et GIVRY Claire
 Un contrat sous contrainte. 1990/81-82, p.34-5
 et GIVRY Claire
 Un placement de père de famille. La maison individuelle: spécificité du produit et logique du champ de reproduction. 1990/81-82, p.6-33
 GODECHOT Olivier
 Le marché du livre philosophique. 1999/130, p. 11-28
 GODECHOT Olivier, HASSOUN Jean-Pierre & MUNIESA Fabian
 La volatilité des livre postes. 2000/134, p. 46-55.
 GOFFMAN Erving
 La ritualisation de la féminité. 1977/14, p.34-50
 La condition de félicité. 1986/64-65, p.63-78
 La communication en défaut. 1993/100, p.66-72
 GOLLAC Michel, CEZARD Michel & ROUGERIE Catherine
 L'ordinateur outil de travail et bien culturel. 2000/134, p. 22-29
 GOLLAC Michel & KRAMARZ Francis
 L'informatique comme pratique et comme croyance. 2000/134, p.4-21
 GOLLAC Michel & VOLKOFF Serge

Citius, altius, fortius. L'intensification du travail. 1996/114, p.54-67

GOODY Jack

Civilisation de l'écriture et classification ou l'art de jouer sur les tableaux. 1976/1, p.87-101

GORGEU Armelle & MATHIEU René

Les ambiguïtés de la proximité. Les nouveaux établissements d'équipement automobile. 1996/114, p.44-53

GOUAZE J., REIS NUNES G. dos et REMIS A.

Mais occupe-toi d'Amélie. 1976/6, p.47-62

GOUDSBLOM Johan

Les grandes épidémies et la civilisation des mœurs. 1987/68, p.2-14

& GOUDSMIT Jaap

À propos de la découverte du virus du sida. Mécanismes de concurrence et de défense dans un conflit scientifique. 1987/69, p.98-104

GOUIRIR Malika

Une institutrice et ses « petits étrangers ». 1999/129, p.2-14

GRAFTON Antony

De *polyhistor* en philologue. 2000/135, p.25-38

GRIGNON Claude

L'enseignement agricole et la domination symbolique de la paysannerie. 1975/01, p.75-97

Le paysan inclassable. 1975/04, p.82-87

Tristes topiques. 1976/1, p.32-42

L'art et le métier: école parallèle et petite bourgeoisie. 1976/4, p.21-46

Sur les relations entre les transformations du champ religieux et les transformations de l'espace politique. 1977/16, p.3-34

GRIGNON Claude & SAINT MARTIN Monique de

De la propagation de la foi dans les réformes. 1975/02, p.94

GROJNOWSKI Daniel

Une avant-garde sans avancée. Les "Arts incohérents", 1882-1889. 1981/40, p.73-86

L'âne qui peint avec sa queue. Boronali au Salon des indépendants, 1910. 1991/88, p.41-47

GUILLEMEN Alain

Aristocrates, propriétaires et diplômés. La lutte pour le pouvoir local dans le département de la Manche, 1830-1875. 1982/42, p.33-60

Pouvoir de représentation et constitution de l'identité sociale. 1984/52-53, p.15-17

"Doucement, c'est tout de même une femme". Remarques sur le statut de la violence dans les manifestations paysannes. 1984/52-53, p.42-48

H(16)

& HADAS Miklos

Football et antisémitisme en Hongrie. 1994/103, p.90-101

HADDAB Mustapha

Les moniteurs de l'enseignement primaire en Algérie. 1979/30, p.19-30

HADDAB Zoubida

Les variantes de la morale. La petite bourgeoisie et les manuels scolaires. 1979/30, p.7-18

HADJINICOLAOU Nicos

La Liberté guidant le peuple de Delacroix devant son premier public. 1979/28, p.3-26

HAHN Alois

Contribution à la sociologie de la confession et autres formes institutionnalisées d'aveu. 1986/62-63, p.54-68

HAHN Alois, JACOB Rüdiger & EIRMBTER Willy H.

Le sida: savoir ordinaire et insécurité. 1994/104, p.81-89

HALLE Morris

Remarques sur la révolution scientifique en phonologie, 1926-1930. 1988/74, p.89-96

HALVORSEN Rune Sander & PRIEUR Annick

Le droit à l'indifférence: le mariage homosexuel. 1996/113, p.6-15

& HARDING David

Système pénal et marché du travail aux États-Unis. 1998/124, p.27-33

HASKELL Francis

Les musées et leurs ennemis. 1983/49, p.103-106

HASSOUN Jean-Pierre, GODECHOT Olivier & MUNIESA Fabian
 La volatilité des livre postes. 2000/134, p. 46-55.

HEILBRON Johan
 Particularités et particularismes de la sociologie aux Pays-Bas. 1988/74, p.76-81

HEILBRON Johan & GOUDSMIT Jaap
 À propos de la découverte du virus du sida. Mécanismes de concurrence et de défense dans un conflit scientifique. 1987/69, p.98-104

HEINICH Nathalie
 "Quelle vanité que la peinture". 1979/28, p.77-78

Lettre à *Actes de la recherche* à propos de l'article de Nicos Hadjinicolaou . 1980/31, p.89-90

La perspective académique. Peinture et tradition lettrée: la référence aux mathématiques dans les théories de l'art au XVII^e siècle. 1983/49, p.47-70

L'aura de Walter Benjamin. Note sur L'œuvre d'art à l'ère de sa reproductibilité technique. 1983/49, p.107-109

La storia dell'arte italiana. 1984/52-53, p.114-115

Classements sociaux. 1984/55, p.70-71

À propos de l'exposition Watteau. 1985/59, p.94

HENRY Odile
 Entre savoir et pouvoir. Les professionnels de l'expertise et du conseil. 1992/95, p.37-54

Henry Le Chatelier et le taylorisme. 2000/133, p.79-88

HOBBSAWM Eric
 Sexe, symboles, vêtements et socialisme. 1978/23, p.2-18

Qu'est-ce qu'un conflit ethnique? 1993/100, p.51-57

HOLT Richard
 La tradition ouvriériste du football anglais. 1994/103, p.36-40

HUGHES Everett
 Le drame social du travail. 1996/115, p.94-99

I(2)

INAGA Shigemi
 La réinterprétation de la perspective linéaire au Japon (1740-1830) et son retour en France (1860-1910). 1983/49, p.29-45

ISAMBERT François-André
 L'expérimentation sur l'homme comme pratique et comme représentation. 1987/68, p.15-30

J(7)

JACOB Rüdiger & EIRMBTER Willy H.
 Le sida: savoir ordinaire et insécurité. 1994/104, p.81-89

& JAISSON Marie
 Unités et identités. Notes sur l'accumulation scientifique. 1988/74, p.66-75

& Jean
 Le fou et le migrant. Travail et peine dans la conscience historique d'un peuple sud-africain. 1992/94, p.41-58

JOINET Béatrice
 Le "plateau" et le "terrain". 2000/131-132, p.86-91

JOLY Hervé
 Le choix du dauphin. Règles de succession managériale dans les grandes entreprises chimiques allemandes. 1994/105, p.52-59

JULIA Dominique
 La naissance du corps professoral. 1981/39, p.71-86

Une réforme impossible. Le changement de cursus dans la France du XVIII^e siècle. 1983/47-48, p.53-76

JURT Joseph
 De l'analyse immanente à l'histoire sociale de la littérature: à propos des recherches littéraires en Allemagne depuis 1945. 1989/78, p.94-101

L'itinéraire de Heidegger. 1989/80, p.76-80

La romanistique allemande sous le Troisième Reich: attentistes, résistants, émigrés. 1991/86-87, p.125-128

La nouvelle Allemagne: quels symboles? 1993/98, p.45-58

L'"intraduction" de la littérature française en Allemagne. 1999/130, p.86-89

K(17)

KAELBLE Hartmut

La recherche européenne en histoire sociale. 1995/106-107, p.67-79

KAENEL Philippe

Le plus illustre des illustrateurs... Le cas Gustave Doré (1832-1883). 1987/66-67, p.35-46

KALINOWSKI Isabelle

Critique de la raison: une anthologie philosophique de l'*Aufklärung* allemande. 1996/111-112, p.125-128

KARABEL Jérôme

Harvard et le critère du mérite. 2000/135, p.63-75

& KARABEL Jérôme

Les *community colleges* américains et la politique de l'inégalité. 1991/86-87, p.69-84

KARADY Victor

Les professeurs de la République. Le marché scolaire, les réformes universitaires et les transformations de la fonction professorale à la fin du XIX^e siècle. 1983/47-48, p.90-112

Les juifs de Hongrie sous les lois antisémites. Étude d'une conjoncture sociologique, 1938-1943. 1985/56, p.3-30

Les conversions des juifs de Budapest après 1945. 1985/56, p.58-62

Vers une théorie sociologique des mariages interconfessionnels: le cas de la nuptialité en Hongrie sous l'Ancien Régime. 1985/57-58, p.47-68

Juifs et luthériens dans le système scolaire hongrois. 1987/69, p.67-85

Bonnes à tout faire et prostituées dans la Hongrie d'ancien régime. 1994/104, p.3-17

Les Juifs et les États-nations dans l'Europe contemporaine (XVIII^e-XIX^e siècles). 1997/118, p.28-54.

Les Juifs et la violence stalinienne. 1997/120, p.3-31

La république des lettres des temps modernes. L'internationalisation des marchés universitaires occidentaux avant la Grande Guerre. 1998/121-122, p.92-103

Les Juifs dans l'édition hongroise avant 1945. 1999/130, p.66-76.

KARADY Victor & HADAS Miklos

Football et antisémitisme en Hongrie. 1994/103, p.90-101

KARADY Victor & KEMÉNY István

Les juifs dans la structure des classes en Hongrie: essai sur les antécédents historiques des crises d'antisémitisme du XX^e siècle. 1978/22, p.25-59

Antisémitisme universitaire et concurrence de classe: la loi du *numerus clausus* en Hongrie entre les deux guerres. 1980/34, p.67-97

KARADY Victor & VARI Stéphane

Facteurs sociaux-culturels de la réussite au baccalauréat en Hongrie. Quelques hypothèses. 1987/70, p.79-82

Durkheim et les débuts de l'ethnologie universitaire. 1988/74, p.23-32

Le renouveau des travaux socio-historiques sur les juifs du Centre-Est européen. 1990/83, p.73-77

Les juifs et le "placement pierre" en Hongrie autour de 1930. 1990/85, p.81-93

Une "nation de juristes". Des usages sociaux de la formation juridique dans la Hongrie d'Ancien Régime. 1991/86-87, p.106-124

KATZ Jack

Le droit de tuer. 1997/120, p.45-59

KATZ Michael B.

À l'ombre du marché. Histoire récente de la réforme du *Welfare*. 1996/115, p.100-101

KEMÉNY István

La chaîne dans une usine hongroise. 1978/24, p.62-77

& KEMÉNY István

Les juifs dans la structure des classes en Hongrie: essai sur les antécédents historiques des crises d'antisémitisme du XX^e siècle. 1978/22, p.25-59

Antisémitisme universitaire et concurrence de classe: la loi du *numerus clausus* en Hongrie entre les deux guerres. 1980/34, p.67-97

KLATZMANN Joseph

Population ouvrière et vote communiste à Paris. 1981/36-37, p.83-86

KLEINMAN Arthur & DESJARLAIS Robert

Ni patients ni victimes. Pour une ethnographie de la violence politique. 1994/104, p.56-63

KLINENBERG Eric.

Information et production numérique. 2000/23, p.67-76
 KLINGENDER Francis D.
 Joseph Wright de Derby, peintre de la révolution industrielle. 1978/23, p.23-36
 Le sublime et le pittoresque. 1988/75, p.2-13
 KOCKA Jürgen
 L'histoire sociale de la RDA. 1995/106-107, p.80-84
 KORR Charles
 Une rhétorique de la famille. *West Ham United*. 1994/103, p.56-61
 KOVÁCS András
 La question juive dans la Hongrie contemporaine. 1985/56, p.45-57
 KOVÁCS András & LÉVAI Katalin
 "Comment j'en suis arrivé à apprendre que j'étais juif". 1985/56, p.63-68
 KOVÁCS Mária M.
 Lutttes professionnelles et antisémitisme: chronique de la montée du fascisme dans le corps médical hongrois, 1920-1944. 1985/56, p.31-44
 KRAMARZ Francis & GOLLAC Michel
 L'informatique comme pratique et comme croyance. 2000/134, p.4-21
 L(37)
 LABA Roman
Solidarité et les luttes ouvrières en Pologne, 1970-1980. 1986/61, p.7-33
 LABOV William
 La langue des paumés. 1977/17-18, p.113-129
 Le changement linguistique. Entretien avec Pierre Bourdieu et Pierre Encrevé. 1983/46, p.67-71
 La chute. 1985/60, p.11-16
 La théorie linguistique à l'épreuve de la justice. 1989/76-77, p.104-114
 Peut-on combattre l'illettrisme? Aspects sociolinguistiques de l'inégalité des chances à l'école. 1993/100, p.37-50
 LABROUSSE Ernest
 Entretiens. Présentation de Christophe Charle. 1980/32-33, p.111-125
 LAÉ Jean-François & MURARD Numa
 Célibataire à la rue. 1996/113, p.31-39
 LAGRAVE Rose-Marie
 Recherches féministes ou recherches sur les femmes? 1990/83, p.27-39
 LAKS Bernard
 Langage et pratiques sociales. Étude sociolinguistique d'un groupe d'adolescents. 1983/46, p.73-97
 LAMBERTI Maria Mimita
 Du réalisme et du fromage de Brie. 1987/66-67, p.79-89
 LAMOUREUX Christian
 Qualification des hommes et procédures administratives. 2000/133, p.26-31
 LANFRANCHI Pierre
 Mekloufi, un footballeur français dans la guerre d'Algérie. 1994/103, p.70-74
 LAPOSTOLLE Christine
 Plus vrai que le vrai. Stratégie photographique et Commune de Paris. 1988/73, p.67-76
 LARDINOIS Roland
 Peut-on classer la famille hindoue? 1985/57-58, p.29-46
 Les luttes de classement en Inde. 1985/59, p.78-83
 Louis Dumont et la science indigène. 1995/106-107, p.11-26
 Le sacrifice des femmes en Inde. 1996/113, p.85-89
 L'invention de Tocqueville. 2000/135, p.76-87
 LATOUR Eliane de
 Les ghettomen. Les gangs de rues à Abidjan et San Pedro. 1999/129, p.68-84
 LATOUR Bruno & FABBRI Paolo
 La rhétorique de la science. Pouvoir et devoir dans un article de science exacte. 1977/13, p.81-95
 LAZUECH Gilles
 Le processus d'internationalisation des grandes écoles françaises. 1998/121-122, p.66-76
 LEBARON Frédéric

Les fondements sociaux de la neutralité économique. Le Conseil de la politique monétaire de la Banque de France. 1997/116-117, p.69-90

La dénégarion du pouvoir. Le champ des économistes français au milieu des années 1990. 1997/119, p.3-26.

L'impérialisme de l'économie. Éléments pour une recherche comparative. 1998/121-122, p.104-107

Rompre avec les idées reçues. 1999/129, p. 3-4

LECHIEN Marie-Hélène.

L'impensé d'une réforme pénitentiaire. 2001/136-137, p.15-26

LEFEBVRE Bruno

Espaces professionnels et flux tendus. 1996/114, p.79-88

LEHMANN Bernard

L'envers de l'harmonie. 1995/110, p.3-21

LE PAPE Marc & VIDAL Claudine

L'école à tout prix. Stratégies éducatives dans la petite bourgeoisie d'Abidjan. 1987/70, p.64-73

LE STRAT Claire

Le processus Un échange de services paradoxal. 2001/136-137, p.49-61

& LÉVAI Katalin

"Comment j'en suis arrivé à apprendre que j'étais juif". 1985/56, p.63-68

LE VAN-LEMESLE Lucette

L'économie politique à la conquête d'une légitimité, 1896-1937. 1983/47-48, p.113-117

LÉGER Danièle

Les utopies du "retour". 1979/29, p.45-63

LEITE LOPES José Sergio & FAGUER Jean-Pierre

L'invention du style brésilien. Sport, journalisme et politique au Brésil. 1994/103, p.27-35

LEITE LOPES José Sergio & MARESCA Sylvain

La disparition de "la joie du peuple": Notes sur la mort d'un joueur de football. 1989/79, p.21-36

& LEITE LOPES José Sergio

Familles ouvrières, familles d'ouvrières. 1990/84, p.78-84

LE MAREC Yannick

Relire Thompson, *La Formation de la classe ouvrière anglaise*, trente ans après. 1993/100, p.73-79

LENOIR Remi

L'invention du "troisième âge" et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. 1979/26-27, p.57-82

Notes pour une histoire sociale du piano. 1979/28, p.79-82

La notion d'accident du travail: un enjeu de luttes. 1980/32-33, p.77-88

Une bonne cause. Les Assises des retraités et des personnes âgées. 1984/52-53, p.80-87

L'effondrement des bases sociales du familialisme. 1985/57-58, p.69-88

Transformations du familialisme et reconversions morales. 1985/59, p.3-47

Groupes de pression et groupes consensuels. Contribution à une analyse de la formation du droit. 1986/64, p.30-39

Réponses et répondant: analyse d'une correspondance politique. 1988/73, p.2-28

L'État et la construction de la famille. 1992/91-92, p.20-37

La parole est aux juges. Crise de la magistrature et champ journalistique. 1994/101-102, p.77-84

L'invention de la démographie et la formation de l'État. 1995/108, p.36-61

La famille, une affaire d'État. Les débats parlementaires concernant la famille (1973-1978). 1996/113, p.16-30

Savoir et sciences d'État: généalogie et démographie. 2000 /133, p.96-98

L'État et les classes sociales en URSS, 1929-1933. 1976/1, p.2-31

Aux prises avec le stalinisme. Quelques réflexions historiques. 1982/43, p.71-82

LEPENIES Wolf

Contribution à une histoire des rapports entre la sociologie et la philosophie 1983/47-48, p.37-44

LINDNER Rolf & BREUER Heinrich Th.

SV Sodingen: le dernier club de banlieue. Le football ouvrier dans la Ruhr. 1994/103, p.52-55

LINHART Robert

L'établi. 1978/19, p.29-45

LINK Jürgen

La réunification allemande comme événement symbolique. 1993/98, p.59-61

LIPP Carola
 Histoire sociale et *Alltagsgeschichte*. 1995/106-107, p.53-66

LOIRAND Gildas
 De la chute au vol: genèse et transformations du parachutisme sportif. 1989/79, p.37-49

LORDON Frédéric
 Le désir de "faire science". 1997/119, p.27-35

LOUREIRO Maria Rita
 L'ascension des économistes au Brésil. 1995/108, p.70-78
 L'internationalisation des milieux dirigeants au Brésil. 1998/121-122, p.42-51

LOYOLA Maria Andréa
 Cure des corps et cure des âmes. Les rapports entre les médecines et les religions dans la banlieue de Rio. 1982/43, p.3-45

LUCEY Michael
 Drôles de cousins. 1998/125, p.50-62

LÜDTKE Alf
 Ouvriers, *Eigensinn* et politique dans l'Allemagne du XX^e siècle. 1996/113, p.91-101
M(40)

MABILLE Anne-Marie
 Lettre à *Actes de la recherche* à propos de la composition sociale des jurys d'assises. 1980/32-33, p.126-127

MACCOBY Eleanor E.
 Le sexe, catégorie sociale. 1990/83, p.16-26

MACHEREL Claude
 Le mystère de Mister Dudding. 1989/78, p.24-30

& MAILLARD Dominique
 Exigences de qualité et nouvelles formes d'aliénation. 1996/115, p.27-37

MAIREY Françoise & OSORIO Manuel
 Dialogues avec un métis. 1984/52-53, p.101-104

MAMMERI Mouloud
 Dialogue sur la poésie orale en Kabylie. Entretien avec Pierre Bourdieu. 1978/23, p.51-66

MARCHETTI Dominique
 Les révélations du "journalisme d'investigation". 2000/131-132, p.30-40

MARESCA Sylvain
 Grandeur et permanence des grandes familles paysannes. 1980/31, p.35-61
 La représentation de la paysannerie. Remarques ethnographiques sur le travail de représentation des dirigeants agricoles. 1981/38, p.3-18
 De la "mère Denis" au "pétrole vert de la France". Notes pour une étude des images de la paysannerie. 1984/52-53, p.105-106
 Le théâtre de la profession. Le contrôle collectif de l'installation des jeunes agriculteurs. 1986/65, p.77-8

& MARESCA Sylvain
 La disparition de "la joie du peuple": Notes sur la mort d'un joueur de football. 1989/79, p.21-36

MARIN Louis
 La célébration des œuvres d'art. Notes de travail sur un catalogue d'exposition. 1975/5-6, p.50-64
 Pouvoir du récit et récit du pouvoir. 1979/25, p.23-43

& MARIOTTINI Jean-Marc
 Le rouge et le noir; un derby turinois. 1994/103, p.79-89

MARTIN Jean-Clément & SUAUD Charles
 Le Puy-du-Fou. L'interminable réinvention du paysan vendéen. 1992/93, p.21-37

MARTINS-RODRIGUES Arakcy
 Pratiques et représentations des petits fonctionnaires administratifs à Sao Paulo. 1988/73, p.85-93

& MARTINS-RODRIGUES Arakcy
 Réincarnations. Note de recherche sur une secte spirite de Brasilia. 1986/62-63, p.118-134

MARUANI Margaret
 L'emploi féminin à l'ombre du chômage. 1996/115, p.48-57

MASCLET Olivier
 Mission impossible. Ethnographie d'un club de jeunes. 2001/136-137, p.62-69

MASON Tony
Stanley Matthews, la genèse d'un symbole. 1994/103, p.62-69
& MATHURIN Creutzer
L'évaluation par les pairs et la définition légitime de la recherche. 1988/74, p.47-54
MATRINGE Denis
Les Sikhs dans la société indienne. 1986/61, p.65-7
& MATHIEU René
Les ambiguïtés de la proximité. Les nouveaux établissements d'équipement automobile. 1996/114, p.44-53
MAUGER Gérard
Précarisation et nouvelles formes d'encadrement populaire. 2001/136-137, p.3-4
Les politiques d'insertion. Une contribution paradoxale à la déstabilisation du marché du travail. 2001/136-137, p.5-14
MAUGER Gérard & FOSSÉ-POLIAK Claude
Les loubards. 1983/50, p.49-67
Les usages sociaux de la lecture. 1998/123, p.3-24
MAUSS Marcel
"Comme si...". 1997/116-117, p.105-106
MEIZOZ Jérôme
Le droit de "mal écrire". Trois cas helvétiques (XVIII^e-XX^e siècles). 1996/111-112, p.92-109
MELOSSI Dario
L'immigration et la construction d'une démocratie européenne. 1998/124, p.75-79
MEMMI Dominique
Savants et maîtres à penser. La fabrication d'une morale de la procréation artificielle. 1989/76-77, p.82-103
& MENDES-LEITE Rommel et PROTH Bruno
Lieux de rencontre et back-rooms. 1999/128, p. 24-28
MERINDOL Jean-Yves
Les universitaires et les élections professionnelles. 1991/86-87, p.85-91
MERLLIÉ Dominique
Psychologie et mobilité sociale. 1975/03, p.94-105
Remarques en marge de la note sur la population ouvrière et le vote communiste à Paris. 1981/38, p.63-67
Une nomenclature et sa mise en œuvre: les statistiques sur l'origine sociale des étudiants. 1983/50, p.3-47
"Comment vous êtes-vous connus?". Une expérience de codification multiple. 1985/57-58, p.89-92
La France des familles: usages de Le Play et de la cartographie. 1985/57-58, p.93-94
Que mesure la statistique? 1988/73, p.94-96
Le sexe de l'écriture. Note sur la perception sociale de la féminité. 1990/83, p.40-51
MERLLIÉ Dominique & BOUSSARD Bruno
"Comment vous êtes-vous connus?" (2). Code patent, code latent. 1987/70, p.87-92
MERLLIÉ Dominique & COUSQUER Jean-Yves
Mariage et relations familiales dans l'aristocratie rurale: deux entretiens. 1980/31, p.22-34
MERLLIÉ Françoise
Le corps des femmes: l'intérieur et l'extérieur. 1990/83, p.62-63
MICELI Sergio
Division du travail entre les sexes et division du travail de domination: une étude clinique des anatoliens au Brésil. 1975/5-6, p.162-182
& Micheline
Et si on parlait de l'Afghanistan? Entretien avec Pierre Bourdieu. 1980/34, p.2-16
MINARD Philippe
Volonté de savoir et emprise d'État. 2000/133, p.62-71
MOLLIER Jean-Yves
Les mutations de l'espace éditorial français du XVIII^e au XX^e siècle. 1999/126-127, p.29-38
MOLLIER Jean-Yves & SOREL Patricia
L'histoire de l'édition, du livre et de la lecture en France aux XIX^e et XX^e siècles. Approche bibliographique. 1999/126-127, p.39-59
MONTLIBERT Christian de
L'éducation morale des familles. L'extension du métier de puéricultrice 1980/32-33, p.65-76
MORAWSKA Ewa

Une vision "revisitée": les immigrés slaves vus par le *Pittsburgh Survey*. 1993/99, p.65-77

MOTTEZ Bernard

Réflexions sur quelques limites structurelles de la propagande et de la lutte antialcoolique à l'armée. 1975/01, p.98-101

Les blessures de la guerre. 1975/03, p.41-42

MOUNIER Jean-Pierre

Du corps judiciaire à la crise de la magistrature. 1986/64, p.20-29

MUEL-DREYFUS Francine

L'école obligatoire et l'invention de l'enfance anormale. 1975/01, p.60-74

Les instituteurs, les paysans et l'ordre républicain. 1977/17-18, p.37-61

L'initiative privée. Le "terrain" de l'éducation spécialisée. 1980/32-33, p.15-49

Le fantôme du médecin de famille. 1984/54, p.70-71

MUEL-DREYFUS Francine & MARTINS-RODRIGUES Arakcy

Réincarnations. Note de recherche sur une secte spirite de Brasilia. 1986/62-63, p.118-134

& MULAZZANI Germano

L'espace impossible de Bramante. Étude sur le cycle des hommes d'armes. 1978/23, p.37-50

MUNIESA Fabian , GODECHOT Olivier & HASSOUN Jean-Pierre

La volatilité des livre postes. 2000/134, p. 46-55

& MURARD Numa

Célibataire à la rue. 1996/113, p.31-39

MURRAY Bill

Celtic et Rangers. Les Irlandais de Glasgow. 1994/103, p.41-51

N(6)

NADAU Thierry

L'Alltagsgeschichte. 1990/83, p.64-66

NEVEUX Hugues

Pouvoirs informels et réseaux familiaux dans les campagnes européennes au XVI^e siècle. 1993/96-97, p.67-79

NIANE Boubacar

Des énarques aux managers. Note sur les mécanismes de promotion au Sénégal. 1991/86-87, p.44-57

Le transnational, signe d'excellence. Le processus de disqualification de l'État sénégalais dans la formation des cadres .1992/95, p.13-25

NOIRIEL Gérard

L'histoire de l'immigration en France. Note sur un enjeu .1984/54, p.72-76

NORD Philip

Les origines de la Troisième République en France (1860-1885). 1997/116-117, p.53-68

NYE Robert A.

De l'honneur nobiliaire à l'honorabilité bourgeoise. Les origines de la masculinité moderne. 1994/105, p.46-51

O(8)

OEUVRARD Françoise

"Démocratisation" ou élimination différée? 1979/30, p.87-97

OFFERLÉ Michel

Le nombre de voix. Électeurs, partis et électoral socialiste à la fin du XIX^e siècle en France. 1988/71-72, p.4-21

OKAYAMA Shigeru

Déplacements et transpositions. Introduction à une lecture globale de *Divagations*. 1996/111-112, p.85-91

OLIVERA Philippe

Le sens du jeu. Aragon entre littérature et politique (1958-1968). 1996/111-112, p.76-84

OOMS Herman

Les capitalistes confucéens. 1989/80, p.81-86

De la religion tokugawa à l'idéologie tokugawa. 1989/80, p.87-92

& OSORIO Manuel

Dialogues avec un métis. 1984/52-53, p.101-104

ORIF Mustapha

De l'"art indigène" à l'art algérien. 1988/75, p.35-49

ÖSTERBERG Dag
 Les limites musicales d'un choix politique. Grieg et le nationalisme norvégien. 1995/110, p.46-55
 P(33)

PALLIDA Salvatore
 La criminalisation des migrants. 1999/129, p.39-49

PANAYOTOPOULOS Nikos
 Les "grandes écoles" d'un petit pays. Les études à l'étranger: le cas de la Grèce. 1998/121-122, p.77-91

PANOFISKY Erwin
 Galilée critique d'art. 1987/66-67, p.2-24

PARIENTE Jean-Claude
 Grammaire générale et grammaire générative. 1975/5-6, p.36-49

PARK Jihang
 Les caractéristiques des militantes britanniques pour le droit de vote des femmes au début du siècle 1990/84, p.57-62

PAROT-LOCATELLI Françoise
 Réflexions critiques sur la thérapie comportementale. 1978/19, p.67-76

& PAVIS Fabienne
 Romance et ethos populaire. La vie et l'œuvre de Denise Roux, auteur de la presse populaire féminine. 1998/123, p.65-85

PENEFF Jean
 Carrières et trajectoires sociales des patrons algériens. 1982/41, p.61-72
 Une biographie d'inventeur, Clément Ader. 1995/108, p.62-69

PÉNISSON Pierre
 Fils de pasteur. 1986/62-63, p.73-80

PERSELL Peter W. & COOKSON Caroline H.
 Pensionnats d'élite. Ethnographie d'une transmission de pouvoir. 2001/138, p. 56-65

PÉRU Jean-Michel
 Une crise du champ littéraire français. Le débat sur la "littérature prolétarienne" (1925-1935). 1991/89, p.47-65

PETERSON Richard A.
 La fabrication de l'authenticité: la *country music*. 1992/93, p.3-20

PIALOUX Michel
 Jeunes sans avenir et travail intérimaire. 1979/26-27, p.19-47
 Stratégies patronales et résistances ouvrières. La "modernisation" des ateliers de finition aux usines Peugeot de Sochaux (1989-1993). 1996/114, p.5-20

PIALOUX Michel & COROUGE Christian
 Chronique Peugeot. 1984/52-53, 54, p.88-95, 57-69. 1985/57-58, 60, p.108-128, 72-74

& PIALOUX Michel
 Crise du travail et crise du politique. 1996/114, p.3-4

PINÇON Michel
 Un patronat paternel. 1985/57-58, p.95-102
 avec Paul Rendu. Un ouvrier désenchanté. 1986/62-63, p.93-99

PINELL Patrice
 Le paradis perdu 1986/62-63, p.100-104
 Fléau moderne et médecine d'avenir: la cancérologie française entre les deux guerres. 1987/68, p.45-76
 L'invention de l'échelle métrique de l'intelligence. 1995/108, p.19-35

PINELL Patrice & ZAFIROPOULOS Markos
 La médicalisation de l'échec scolaire. De la pédopsychiatrie à la psychanalyse infantile. 1978/24, p.23-49

& PINELL Patrice
 Drogues, déclassement et stratégies de disqualification. 1982/42, p.61-75

PINTO Josiane
 Une relation enchantée: la secrétaire et son patron. 1990/84, p.32-48
 Les secrétaires et la nouvelle économie des bureaux. 2000/134, p.62-65

PINTO Louis
 L'armée, le contingent et les classes sociales. 1975/03, p.18-41.
 Les affinités électives. Les amis du *Nouvel Observateur* comme "groupe ouvert". 1981/36-37, p.105-124

L'école des philosophes. La dissertation de philosophie au baccalauréat. 1983/47-48, p.21-36
 "C'est moi qui te le dis". Les modalités sociales de la certitude. 1984/52-53, p.107-108
 La vocation de l'universel. La formation de la représentation de l'intellectuel vers 1900. 1984/55, p.23-32
 Un regard sur la sociologie en Hongrie. 1986/61, p.48-51
 Une fiction politique: la nation. À propos des travaux de Jenö Szücs. 1986/64, p.45-50
 Graphique et science d'entreprise. 1987/69, p.93-97
 Du "pépin" au litige de consommation. Une étude du sens juridique ordinaire. 1989/76-77, p.65-81
 L'émoi, le mot, le moi. Le discours sur l'art dans le "musée égoïste" du *Nouvel Observateur*. 1991/88, p.78-101
Tel Quel. Au sujet des intellectuels de parodie. 1991/89, p.66-77
 La doxa intellectuelle. 1991/90, p.95-100
 La gestion d'un label politique: la consommation. 1992/91-92, p.3-19
 Le journalisme philosophique. 1994/101-102, p.25-38
 La dénégation de l'origine. Hermann Cohen, de la sociologie à la philosophie transcendante. 1995/109, p.41-59
 Épreuves et prouesses de l'esprit littéraire. 1998/123, p.45-64
 L'inconscient scolaire des philosophes. 2000/135, p.48-57
 POLIAK F. Claude & PAVIS Fabienne
 Romance et ethos populaire. La vie et l'œuvre de Denise Roux, auteur de la presse populaire féminine. 1998/123, p.65-85
 POLLAK Michael
 La planification des sciences sociales. 1976/2-3, p.105-121
 Paul F. Lazarsfeld, fondateur d'une multinationale scientifique. 1979/25, p.45-59
 Une sociologie en acte des intellectuels: les combats de Karl Kraus. 1981/36-37, p.87-103
 Des mots qui tuent. 1982/41, p.29-45
 Projet scientifique, carrière professionnelle et stratégie politique. 1984/55, p.54-62
 Avec Nathalie Heinich. Le témoignage. 1986/62-63, p.3-29
 La gestion de l'indicible. 1986/62-63, p.30-53
 Un texte dans son contexte. L'enquête de Max Weber sur les ouvriers agricoles. 1986/65, p.69-75
 POLLAK Michael & SHILTZ Marie-Ange
 Identité sociale et gestion d'un risque de santé. Les homosexuels face au sida. 1987/68, p.77-102
 & POLLAK Michael
 Survivre dans un camp de concentration. Entretien avec Margareta Glas-Larsson. 1982/41, p.3-28
 PONTON Rémy
 Naissance du roman psychologique. 1975/04, p.66-81
 Les images de la paysannerie dans le roman rural à la fin du XIX^e siècle. 1977/17-18, p.62-71
 L'éducation morale des ruraux. Un manuel de lecture de l'école primaire. 1985/57-58, p.103-107
 POPOVIC Alexandre
 Les musulmans de Bosnie-Herzégovine, mise en place d'une guerre civile. 1997/116-117, p.91-104
 PORTES Alejandro
 La mondialisation par le bas. L'émergence des communautés transnationales. 1999/129, p.15-25
 POTIN Yann
 L'Etat et son trésor. 2000/133, p.48-52
 POUILLON François
 L'ombre de l'Islam. Les figurations de la pratique religieuse dans la peinture orientaliste du XIX^e siècle. 1988/75, p.24-34
 POUPEAU Franck
 Professeurs en grève. Les conditions sociales d'un mouvement de contestation enseignant. 2001/136-137, p.83-92
 POUTRIN Isabelle & BOURMAUD Pascale
 Les sciences sociales en Espagne. 1990/83, p.67-68
 POWELL Michael J.
 La nouvelle presse juridique et les métiers du droit. 1994/101-102, p.63-76
 PRÉVOT Jean
 À propos d'un livre de sociologie de l'éducation. Quelques remarques méthodologiques. 1984/55, p.63-68
 PRIEUR Annick

Little Boys in Mother's Wardrobe. Sur l'origine de l'homosexualité et de l'efféminement. 1998/125, p.15-29
 & PRIEUR Annick
 Le droit à l'indifférence: le mariage homosexuel. 1996/113, p.6-15
 & PROTH Bruno
 Lieux de rencontre et backs-rooms. 1999/128, p. 24-28
 PRUNIER-POULMAIRE Sophie
 Flexibilité assistée par ordinateur. 2000/134, p.29-36
 PUDAL Bernard
 Les dirigeants communistes. Du "fils du peuple" à "l'instituteur des masses". 1988/71-72, p.46-70
 PY Christiane & VIDART Cécile
 Les musées d'anatomie sur les champs de foire. 1985/60, p.3-10
 Q
 R (17)
 RAMBAUD Placide
 Les agriculteurs polonais à la conquête de leur identité. 1982/41, p.47-59
 RAMÉ Sébastien
 Journal d'un manifestant. 1988/73, p.41-51
 REBOUL Claude
 Déterminants sociaux de la fertilité des sols. 1977/17-18, p.85-112
 L'apprentissage familial des métiers de l'agriculture. 1981/39, p.113-120
 REIS NUNES G. dos et REMIS A.
Mais occupe-toi d'Amélie. 1976/6, p.47-62
 REMIS A.
Mais occupe-toi d'Amélie. 1976/6, p.47-62
 REYNAUD Bénédicte
 L'emprise des groupes. Sur l'édition française au début des années 1980. 1999/130, p.3-10
 RIOUT Denys
 Remarques sur les "Arts incohérents" et les "avant-gardes". 1981/40, p.87-88
 RIUTORT Philippe
 Le journalisme au service de l'économie. 2000/131-132, p.41-55
 ROGIN Michael
 La répression politique aux États-Unis. 1997/120, p.32-44
 ROLLINS Judith
 Entre femmes. Les domestiques et leurs patronnes. 1990/84, p.63-77
 ROSENAL Claude
 Les travailleurs de la preuve sur internet. 2000/134, p.37-44
 ROUBIEU Olivier
 Le journalisme et le pouvoir local. 1994/101-102, p.85-87
 ROUGERIE Catherine, CEZARD Michel & Michel GOLLAC
 L'ordinateur outil de travail et bien culturel. 2000/134, p. 22-29
 ROUILLÉ André
 Les images photographiques du monde du travail sous le Second Empire. 1984/54, p.31-43
 ROUSSEAU André
 Les classes moyennes et l'*aggiornamento* de l'Église. 1982/44-45, p.55-68
 Le jeune clergé des années 70. 1982/44-45, p.69
 L'action catholique ouvrière. 1982/44-45, p.70-71
 RUNDQUIST Angela
 Pompe en noir et blanc. Présentation officielle des dames à la cour de Suède. 1995/110, p.65-76
 RUPP Jan C.C.
 Les classes populaires dans un espace social à deux dimensions. 1995/109, p.93-98
 S(47)
 SAADA Anne
 Diderot revisité. 1998/123, p.95-100
 SABEAN David
 La conscience et la peur: qui a tué le pasteur? 1984/51, p.41-53
 SABELLI Fabrizio

Le rite d'institution, résistance et domination. 1982/43, p.64-69
 SAINT LAURENT Anne-France de
 Qui fait quoi ? 2000/134, p.56-61
 SAINT MARTIN Monique de
 Une grande famille. 1980/31, p.4-21
 Quelques questions à propos du pentecôtisme au Brésil. 1984/52-53, p.111-114
 Les stratégies matrimoniales dans l'aristocratie. Notes provisoires. 1985/59, p.74-77
 À propos d'une rencontre entre chercheurs. Sciences sociales et politique au Brésil. 1988/71-72, p.129-134
 La noblesse et les "sports nobles". 1989/80, p.22-32
 Les "femmes écrivains" et le champ littéraire. 1990/83, p.52-56
 SAINT MARTIN Monique de & GRIGNON Claude
 De la propagation de la foi dans les réformes. 1975/02, p.94
 & SAINT-MARTIN Monique de
 Les catégories de l'entendement professoral. 1975/03, p.68-93
 Anatomie du goût. 1976/5, p.2-112
 Le patronat. 1978/20-21, p.3-82
 La sainte famille. L'épiscopat français dans le champ du pouvoir. 1982/44-45, p.2-53
 Agrégation et ségrégation. Le champ des Grandes écoles et le champ du pouvoir. 1987/69, p.2-50
 Le sens de la propriété. La genèse sociale des systèmes de préférences. 1990/81-82, p.52-64
 SANCHEZ-JANKOWSKI Martin
 Les gangs et la presse. La production d'un mythe national. 1994/101-102, p.101-117
 SAPIRO Gisèle
 La raison littéraire. Le champ littéraire français sous l'Occupation (1940-1944). 1996/111-112, p.3-35
 Salut littéraire et littérature du salut. Deux trajectoires de romanciers catholiques: François Mauriac et Henry
 Bordeaux. 1996/111-112, p.36-58
 SARAT Austin & SILBEY Susan
 D'une démarche contestataire à un savoir méritocratique: éléments pour une histoire sociale de la sociologie
 juridique américaine. 1989/78, p.79
 SAYAD Abdelmalek
 El Ghorba: le mécanisme de reproduction de l'émigration. 1975/02, p.50-66
 Les trois "âges" de l'émigration algérienne en France. 1977/15, p.59-79
 Les enfants illégitimes. 1979/25, p.61-81, 1979/26-27, p.117-132
 Le foyer des sans-famille. 1980/32-33, p.89-103
 Du message oral au message sur cassette, la communication avec l'absent. 1985/59, p.61-72
 "Coûts" et "profits" de l'immigration. Les présupposés politiques d'un débat économique. 1986/61, p.79-82
 Naturels et naturalisés. 1993/99, p.26-35
 Immigration et « pensée d'État ». 1999/129, p. 5-14
 & SAYAD Abdelmalek
 La violence de l'institution. Entretien avec le principal d'un collège de Vaulx-en-Velin. 1991/90, p.53-63
 SCHALKE Claudia & GERLACH Markus
 Le paysage éditorial allemand. 1999/130, p.29-47
 SCHERRER Jutta
 Journal d'un été à Moscou. 1988/75, p.62-74
 Des intellectuels soviétiques face à la perestroïka. 1989/78, p.102-104
 L'érosion de l'image de Lénine. 1990/85, p.54-69
 SCHEPER-HUGHES Nancy
 Mourir en silence. La violence ordinaire d'une ville brésilienne. 1994/104, p.64-80
 SCHIFFRIN André
 Les presses universitaires américaines et la logique de profit. 1999/130, p.77-80.
 SCHILTZ Marie-Ange
 Le couple homosexuel: un ordinaire insolite. 1998/125, p.30-43
 & SHILTZ Marie-Ange
 Identité sociale et gestion d'un risque de santé. Les homosexuels face au sida. 1987/68, p.77-102
 La dénonciation. 1984/51, p.3-40
 SCHOLEM Gershom
 L'identité juive. Entretiens avec Jean Bollack et Pierre Bourdieu. 1980/35, p.3-19

SCHORSKE Carl E.
 Conflit de générations et changement culturel. *Réflexions sur le cas de Vienne*. 1979/26-27, p.109-116
 Vers les fouilles égyptiennes. *Freud explorateur des cultures occidentales*. 1992/95, p.2-12
 La formation et l'évolution de Gustav Mahler. 1993/100, p.5-15

SCHNEIDER Ulrich Johannes
 L'historicisation de l'enseignement de la philosophie dans les universités allemandes du XIX^e siècle. 1995/109, p.29-40

SCHULTE Régina
 Les incendiaires. 1984/51, p.55-66

SCHULTHEIS Franz
 Un inconscient universitaire fait homme: le *Privatdozent*. 2000/135, p.58-62

SCOTT Joan W.
 "L'ouvrière, mot impie, sordide...". Le discours de l'économie politique française sur les ouvrières (1840-1860). 1990/83, p.2-15

SCULL Andrew & FAVREAU Diane
 Médecine de la folie ou folie de médecins. Controverse à propos de la chirurgie sexuelle au XIX^e siècle. 1987/68, p.31-44

SEN Armatya
 Codes moraux et réussite économique. 1993/100, p.58-65

SERRE Delphine
 La "judiciarisation" des actes. Le signalement d' «enfant en danger » 2001/136-137, p.70-82

SERRY Hervé
 Les écrivains catholiques dans les années 20. 1998/124, p.80-87

SGARD Jean et TRUC Sylvie
 Notes sur les journalistes de l'Ancien Régime. 2000/131-132, p.116-118

& SHEARD Kenneth
 La séparation des deux rugbys. 1989/79, p.92-107

SHINN Terry
 Hiérarchies des chercheurs et formes des recherches. 1988/74, p.2-22

& SILBEY Susan
 D'une démarche contestataire à un savoir méritocratique: éléments pour une histoire sociale de la sociologie juridique américaine. 1989/78, p.79

SIMONIN Anne
 La littérature saisie par l'histoire. *Nouveau Roman et guerre d'Algérie* aux Éditions de Minuit. 1996/111-112, p.59-75

SIMONIN Anne & FOUCHÉ Pascal
 Comment on a refusé certains de mes livres. *Contribution à une histoire sociale du littéraire*. 1999/126-127, p.103-115

SINGLY François de
 Un cas de dédoublement littéraire. 1976/6, p.76-85

SIRACUSA Jacques
 Le montage de l'information télévisée. 2000/131-132, p.92-106

SKOCPOL Theda
 Formation de l'État et politiques sociales aux États-Unis. 1993/96-97, p.21-37

SMITH Barry
 L'Autriche et la naissance de la philosophie scientifique. 1995/109, p.61-71

SORÁ Gustavo
 La maison et l'entreprise. José Olympio et l'évolution de l'édition brésilienne. 1999/126-127, p.90-102

& SOREL Patricia
 L'histoire de l'édition, du livre et de la lecture en France aux XIX^e et XX^e siècles. *Approche bibliographique*. 1999/126-127, p.39-59

SOULIÉ Charles
 Anatomie du goût philosophique. 1995/109, p.3-28
 Précarité dans l'enseignement supérieur. *Allocataires et moniteurs en sciences humaines*. 1996/115, p.58-64
 Le classement des sans-abri. 1997/118, p.69-80

SOUTRENON Emmanuel

Faites qu'ils (s'en) sortent... A propos du traitement réservé aux sans-abri dans le métro parisien. 2001/136-137, p.38-48

SPENCER Brenda
La femme sans sexualité et l'homme irresponsable. 1999/128, p. 29-33

SPEZZAFERRO Luigi
À la recherche de la Renaissance. 1988/75, p.14-23

SPIGEL Lynn
La télévision dans le cercle de famille. 1996/113, p.40-55

SPIRE Alexis
De l'étranger à l'immigré. La magie sociale d'une catégorie statistique. 1999/129, p.50-56

STARK David
Visite en Hongrie: une innovation récente en organisation du travail. 1984/52-53, p.111
Politique de réformes et politique de l'entreprise. 1986/61, p.35-47
La sociologie dans son contexte. 1986/61, p.55
La valeur du travail et sa rétribution en Hongrie. 1990/85, p.3-19
Privatisation en Hongrie. Du plan au marché ou du plan au clan? 1990/85, p.20-37

SUAUD Charles
L'imposition de la vocation sacerdotale. 1975/03, p.2-17
Splendeur et misère d'un petit séminaire. 1976/4, p.66-90
Conversions religieuses et reconversions économiques. 1982/44-45, p.72-94
Le mythe de la base. Les États généraux du développement agricole et la production d'une parole paysanne. 1984/52-53, p.56-79
Espace des sports, espace social et effet d'âge: la diffusion du tennis, du squash et du golf dans l'agglomération nantaise. 1989/79, p.2-20
La force symbolique de l'État. La production politique d'une culture réfractaire en Vendée. 1997/116-117, p.3-23
& SUAUD Charles
Les enjeux du football. 1994/103, p.3-6
& SUAUD Charles
Le Puy-du-Fou. L'interminable réinvention du paysan vendéen. 1992/93, p.21-37
Un professionnalisme inachevé. Deux états du champ du football professionnel en France, 1963-1993. 1994/103, p.7-26

SULLIVAN Teresa H. , WARREN Elisabeth & WESTBROOK Jay Lawrence
Une prospérité précaire. Sur les situations financières critiques dans la classe moyenne. 2001/138, p.19-33

SZANTO Andras
Orphée blessé. L'expérience de la douleur dans le monde professionnel du piano. 1995/110, p.56-65

SZELENYI Ivan
La position de l'intelligentsia dans la structure de classe des sociétés socialistes d'État. 1978/22, p.61-74

SZÜCS Jenő
Sur le concept de nation. Réflexions sur la théorie politique médiévale. 1986/64, p.51-62

T(11)

TAMAGNE Florence
Histoire comparée de l'homosexualité en France, en Angleterre et en France dans l'entre-deux-guerres. 1998/125, p.44-49

TARDIEU Julie
Le centenaire de Rimbaud. 1999/126-127, p.116-119

TAVARÈS Jean
La « synthèse » chrétienne : dépassement vers l' »au-delà ». 1980/34, p.45-65
Le Centre catholique des intellectuels français. Le dialogue comme négociation symbolique. 1981/38, p.49-62

TCHEREDNITCHENKO Galina
Un espace réservé : les écoles spéciales de langues étrangères en Union soviétique. 1993/98, p.63-68

TEESE Richard
Le conservatisme social du marché universitaire australien. 1987/70, p.83-86

THÉRY Irène
Savoir ou savoir-faire. L'expertise dans les procédures d'attribution de l'autorité parentale post-divorce. 1989/76-77, p.115-117

- THÉVENOT Laurent
Une jeunesse difficile. Les fonctions sociales du flou et de la rigueur dans les classements. 1979/26-27, p.3-18
- THIESSE Anne-Marie
L'éducation sociale d'un romancier. Le cas Eugène Sue. 1980/32-33, p.51-63
Les infortunes littéraires. Carrières des romanciers populaires à la Belle Époque. 1985/60, p.31-46
- THIESSE Anne-Marie & CHMATKO Natalia
Les nouveaux éditeurs russes. 1999/126-127, p.75-89
- THOMPSON Edward P.
Modes de domination et révolutions en Angleterre. 1976/2-3, p.133-151
- TRÉANTON Jean-René
Critique de la critique. Échange à propos d'un compte rendu. 1986/61, p.92
- TRUC Sylvie et SGARD Jean
Notes sur les journalistes de l'Ancien Régime. 2000/131-132, p.116-118
- U
V(II)
& VARI Stéphane
Facteurs sociaux-culturels de la réussite au baccalauréat en Hongrie. Quelques hypothèses. 1987/70, p.79-82
Durkheim et les débuts de l'ethnologie universitaire. 1988/74, p.23-32
Le renouveau des travaux socio-historiques sur les juifs du Centre-Est européen. 1990/83, p.73-77
Les juifs et le "placement pierre" en Hongrie autour de 1930. 1990/85, p.81-93
Une "nation de juristes". Des usages sociaux de la formation juridique dans la Hongrie d'Ancien Régime. 1991/86-87, p.106-124
- VASCONCELLOS Maria Drosile
L'internationalisation des écoles de gestion au Brésil. 1998/121-122, p.62-65
- VERDÈS-LEROUX Jeannine
Le patronage philosophique. 1975/04, p.88-97
Pouvoir et assistance : cinquante ans de service social. 1976/2-3, p.152-172
Les « exclus ». 1978/19, p.61-65
L'art de parti. Le parti communiste français et ses peintres (1947-1954). 1979/28, p.33-55
Champ scientifique et champ politique. 1981/36-37, p.25-31
Une institution totale auto-perpétuée : le parti communiste français. 1981/36-37, p.33-63
Les invariants du parti communiste français. 1981/36-37, p.65-81
- VERGER Annie
Note sur une utopie artistique. 1976/2-3, p.74-77
L'artiste saisi par l'école. Classements scolaires et « vocation » artistique. 1982/42, p.19-32
L'art d'estimer l'art. Comment classer l'incomparable. 1987/66-67, p.105-121
Le champ des avants-gardes. 1991/88, p.2-40
- VERNIER Bernard
Émigration et dérèglement du marché matrimonial. 1977/15, p.31-58
La circulation des biens, de la main-d'œuvre et des prénoms à Karpathos : du bon usage des parents et de la parenté. 1980/31, p.63-87
Stratégies matrimoniales et choix d'objet incestueux. Dot, diplôme, liberté sexuelle, prénom. 1985/57-58, p.3-27
Fétichisme du prénom et choix d'objet incestueux. 1985/59, p.84
Fétichisme du nom, échanges affectifs intra-familiaux et affinités électives. 1989/78, p.2-17
La théorie populaire des ressemblances familiales à Karpathos : sur la genèse sociale des perceptions. 1989/78, p.18-23
Représentation mythique du monde et domination masculine chez les Pomaques grecs. 1998/125, p.74-98
- & VIDAL Claudine
L'école à tout prix. Stratégies éducatives dans la petite bourgeoisie d'Abidjan. 1987/70, p.64-73
- & VIDART Cécile
Les musées d'anatomie sur les champs de foire. 1985/60, p.3-10
- VIGUIER Frédéric
« L'Amérique, ça marche ». Notes sur une agence d'emploi privé à New-York. 2000/138, p. 66-72

VILLETTE Michel

L'accès aux positions dominantes dans l'entreprise. 1975/04, p.98-101

Psychosociologie d'entreprise et rééducation morale. 1976/4, p.47-65

La carrière d'un cadre de gauche après 1968. 1979/29, p.64-74

Une technologie sociale d'ingénieur-conseil. 1984/54, p.45-56

L'ingénierie sociale : une forme de la sociabilité d'entreprise. 1992/91-92, p.49-60

La relation salarié-entreprise dans l'iconographie d'entreprise 1992/91-92, p.61-69

& VOLKOFF Serge

Citius, altius, fortius. L'intensification du travail. 1996/114, p.54-67

VON ALLMEN Malik

Les rapports de parenté comme rapports de production symbolique. Stratégies matrimoniales en Algérie. 1985/59, p.49-60

W(18)

WACQUANT Loïc J.D.

Communautés canaques et société coloniale. Notes complémentaires sur la « question canaque ». 1986/61, p.56-64

Différence ethnique et différences sociales dans les écoles primaires de Nouvelle-Calédonie. 1987/70, p.47-63

Un mythe savant : la « modernisation » de la Nouvelle-Calédonie. 1988/73, p.77-84

Corps et âme. Notes ethnographiques d'un apprenti-boxeur. 1989/80, p.33-67

The Zone. Le métier de *hustler* dans un ghetto noir américain. 1992/93, p.39-58

De la « terre promise » au ghetto. La grande migration noire américaine, 1916-1930. 1993/99, p.43-51

« Désordre dans la ville ». Note bibliographique. 1993/99, p.79-82

Le gang comme prédateur collectif. 1994/101-102, p. 88-100

Notes de lecture. 1994/104, p.47-55

(Re)poser le problème noir américain. 1996/111-112, p.122-124

Un mariage dans le ghetto. 1996/113, p.63-84

La généralisation de l'insécurité salariale en Amérique. Restructurations d'entreprises et crise de reproduction sociale. 1996/115, p.65-79

La tentation pénale en Europe. 1998/124, p.3-6

L'ascension de l'État pénal en Amérique. 1998/124, p.7-26

Des « ennemis commodes ». Étrangers et immigrés dans les prisons d'Europe. 1999/129, p.63-67

WACQUANT Loïc J.D. & CALHOUN Craig Jackson

Intérêt, rationalité et culture : à propos d'un récent débat sur la théorie de l'action. 1989/78, p.41-60

& WACQUANT Loïc

Sur les ruses de la raison impérialiste. 1998/121-122, p.109-118

WAQUET Françoise

Parler. La disparition historiographique de la parole magistrale. 2000/135, p.39-47

WARREN Elisabeth, SULLIVAN Teresa H. & WESTBROOK Jay Lawrence

Une prospérité précaire. Sur les situations financières critiques dans la classe moyenne. 2001/138, p. 19-33

WASER Anne-Marie

Le marché des partenaires. Étude de trois clubs de tennis. 1989/80, p.2-21

La genèse d'une politique sportive. L'exemple du tennis. 1992/91-92, p.38-48

WATT Ian

L'institution du compte rendu. 1985/59, p.85-86

WEBER Max

Enquête sur la situation des ouvriers agricoles à l'Est de l'Elbe. Conclusions prospectives. 1986/65, p.65-69

WEISZ George

Les transformations de l'élite médicale en France. 1988/74, p.33-46

& WELLMAN David

Le fantôme de Frantz Fanon. 1988/71-72, p.135-136

WESTBROOK Jay Lawrence, SULLIVAN Teresa H. & WARREN Elisabeth

Une prospérité précaire. Sur les situations financières critiques dans la classe moyenne. 2001/138, p. 19-33

WESTERN Bruce, BECKETT Katherine & HARDING David

Système pénal et marché du travail aux États-Unis. 1998/124, p.27-33

WILL Pierre-Etienne

Science et sublimation de l'Etat. 2000/133, p.13-25
 WILL Pierre-Etienne, BOURDIEU Pierre & CHRISTIN Olivier
 Sur la science de l'Etat. 2000/133, p.3-12
 WILLENER Alfred
 Le Concerto pour trompette de Haydn. 1988/75, p.54-61
 WILLIAMS Raymond
 Plaisantes perspectives. Invention du paysage et abolition du paysan. 1977/17-18, p.29-36
 WILLIS Paul
 L'école des ouvriers. 1978/24, p.50-61
 WINKIN Yves
 Éléments pour une histoire sociale des sciences sociales américaines. Une chronique. 1984/52-53, p.108-110
 Éducation et ethnographie de la communication. 1984/52-53, p.115-116 Éléments pour une histoire sociale
 des sciences sociales américaines. Entretien avec Erving Goffman. 1984/54, p.85-87
 La Fondation Macy et l'interdisciplinarité. 1984/54, p.87-90
 Travail ethnographique et objectivation. 1984/55, p.41-45
 Croyance populaire et discours savant: "langage du corps" et "communication non verbale". 1985/60, p.75-78
 George W. Stocking, Jr. et l'histoire de l'anthropologie. 1986/64, p.81-84
 Goffman et les femmes. 1990/83, p.57-61
 WINKIN Yves & DURAND Pascal
 Des éditeurs sans édition. Genèse et structure de l'espace éditorial en Belgique francophone. 1999/130, p 48-63
 & WISMANN Heinz
 Heidegger l'incontournable. 1975/5-6, p.157-161
 & WULF Christoph
 Les jeux de la violence. 1989/79, p.63-75
 WITTGENSTEIN Ludwig
 Remarques sur *Le Rameau d'or* de Frazer. 1977/16, p.35-42

X

Y(2)

YACINE Tassadit
 Hommage à Abdelmalek Sayad. 1998/123, p.101-103
 YMONET Marie
 Les héritiers du *Capital*. L'invention du marxisme en France au lendemain de la Commune. 1984/55, p.3-14

Z(4)

ZAFIROPOULOS Markos & PINELL Patrice
 Drogues, déclassement et stratégies de disqualification. 1982/42, p.61-75
 & ZAFIROPOULOS Markos
 La médicalisation de l'échec scolaire. De la pédopsychiatrie à la psychanalyse infantile. 1978/24, p.23-49
 ZARCA Bernard
 Artisanat et trajectoires sociales. 1979/29, p.3-26
 L'Ami du trait. L'itinéraire d'un compagnon-charpentier. 1979/29, p.27-43
 La vie militante d'un peintre en lettres: l'idéologie contre l'entreprise. 1986/62-63, p.83-92
 ZELIZER Viviana
 Repenser le marché. La construction sociale du "marché aux bébés" aux États-Unis, 1870-1930. 1992/94, p.3-26
 ZOLBERG Aristide R.
 Chemins de la faim, chemins de la peur. Les migrations internationales en perspective historique. 1993/99, p.36-42